



*Angelo Agostini*

AS AVENTURAS DE

ON  
HÔ-  
UIM  
É  
CAIPORA

Os Primeiros Quadrinhos Brasileiros  
1869 – 1883

Pesquisa, organização e introdução  
*Athos Eichler Cardoso*



EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL  
*Volume 44*



AS AVENTURAS DE  
NHÔ-QUIM & ZÉ CAIPORA







*Angelo Agostini*

AS AVENTURAS DE

ON  
HÔ-  
UIM  
É  
CAIPORA

Os Primeiros Quadrinhos Brasileiros

1869 – 1883

Pesquisa, organização e introdução

*Athos Eichler Cardoso*



EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL  
*Volume 44*

EDIÇÕES DO  
SENADO FEDERAL

Vol. 44

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

**Mesa Diretora do Senado Federal**  
Biênio 2013/2014

Senador Renan Calheiros  
*Presidente*

Senador Jorge Viana  
*1º Vice-Presidente*

Senador Romero Jucá  
*2º Vice-Presidente*

Senador Flexa Ribeiro  
*1º Secretário*

Senador Ângela Portela  
*2º Secretário*

Senador Ciro Nogueira  
*3º Secretário*

Senador João Vicente Claudino  
*4º Secretário*

**Suplentes de Secretário**

Senador Magno Malta  
Senadora Jayme Campos

Senador João Durval  
Senador Casildo Maldaner

**Conselho Editorial**

Senador José Sarney  
*Presidente*

Joaquim Campelo Marques  
*Vice-Presidente*

Carlos Henrique Cardim  
*Conselheiro*

Carlyle Coutinho Madruga  
*Conselheiro*

Raimundo Pontes Cunha Neto  
*Conselheiro*

AS AVENTURAS DE NHÔ-QUIM & ZÉ CAIPORA – *Angelo Agostini*  
Projeto Gráfico e Capa: Josias Wanzeller da Silva

© Senado Federal, 2013

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70168-970 – Brasília – DF

CEDIT@cegraf.senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/web/publicacoes/conselho>

ISBN: 978-85-7018-492-4

Agostini, Angelo.

As Aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883/Angelo Agostini; pesquisa, organização e introdução Athos Eichler Cardoso. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.  
202 p. il.

1. História em quadrinhos, Brasil. I. Cardoso, Athos Eichler.  
II. Título. III. Série.

CDD 809.0222

# SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDIÇÃO	7
PALAVRAS DO EDITOR	11
AGRADECIMENTOS	13
PREFÁCIO	15
UM RETRATO DA GENTE BRASILEIRA	17
NHÔ-QUIM E ZÉ CAIPORA <i>por Athos Eichler Cardoso</i>	19
ANGELO AGOSTINI	21
AS AVENTURAS DE NHÔ-QUIM	22
AS AVENTURAS DE ZÉ CAIPORA	24
AS TEMÁTICAS DE ZÉ CAIPORA	26
A CRIAÇÃO DO MITO	27
A IMPORTÂNCIA DE ZÉ CAIPORA	30
CONCLUSÃO	32
AS AVENTURAS DE “NHÔ-QUIM”, OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE	33
AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA	63
GLOSSÁRIO	193
FONTES E BIBLIOGRAFIA	197

---

Dedico este álbum à memória de *Vicente Machado*,  
um alagoano que viveu comprometido com a preservação da  
memória nacional.

*Athos Eichler Cardoso*



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDIÇÃO

As imagens deste álbum foram digitalizadas diretamente dos originais das coleções de revistas encadernadas *Vida Fluminense*, *O Malho* e *Don Quixote*. As duas primeiras encontram-se na biblioteca da Fundação da Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e a última foi gentilmente emprestada pela Sra. Magdala Machado, residente na Capital Federal.

Os capítulos de *Nhô-Quim*, desenhados num grande painel, ocupavam as duas páginas centrais da *Vida Fluminense* e, conseqüentemente, as cópias das imagens nas dobraduras ficaram severamente prejudicadas. A coleção, pelo tempo e manuseio, apresentava folhas danificadas, exigindo um longo e cuidadoso trabalho de restauração digital.

O problema repetiu-se com os capítulos de *Zé Caipora* na revista *Don Quixote*, solucionado com menos esforço, em virtude do melhor estado de conservação do periódico.

Em *O Malho*, Ângelo Agostini desenhou a história do Caipora em folhas separadas, o que muito facilitou a digitalização e reprodução. Entretanto, a partir do capítulo 48, abandonou o padrão de duas páginas, lado a lado cada capítulo, passando a apresentá-lo geralmente em uma. Tal



modificação acarretou, na montagem do álbum, uma página em branco. Como solução, para evitar um estranhamento maior na seqüência da narrativa, optou-se por redistribuí-lo de forma que ocupasse duas páginas.

O capítulo 69 necessita, também, explicação específica por apresentar sério defeito de impressão no original que prejudicou a tiragem inteira d'*O Malho*, pois o exemplar pesquisado na Fundação Gilberto Freire, em Recife, apresentava imperfeição semelhante.

Ainda em *O Malho*, é preciso informar que alguns capítulos originais foram impressos em cores monocromáticas azul, verde, magenta e sépia o que não se fez nesta edição.

Para maior facilidade de leitura, o texto foi totalmente digitado, pois em *Nhô-Quim* há oito capítulos manuscritos de difícil compreensão. A grafia e colocações pronominais foram atualizadas, bem como alguns sinais de pontuação que têm hoje emprego bastante elástico, de difícil precisão; tudo, porém, sem rigor excessivo, para respeitar o texto original, o estilo e a época vivida e retratada pelo autor. Com esse objetivo, manteve-se a ênfase dada às palavras e às frases impressas com maiúsculas ou em itálico. Ressalte-se aos leitores que, nem Agostini, nem Cândido de Aragonês Faria, que continuou a desenhar a história de *Nhô-Quim* na *Vida Fluminense*, enfatizavam de uma maneira disciplinada ou mesmo criteriosa aquilo que queriam destacar. Assim é comum observar que o escrito num capítulo em itálico ou caixa alta em outro, era anotação usual. Mesmo nas leituras das tiras, quando passou a desenhar os quadrinhos de *Zé Caipora* em uma página, ele mudou arbitrariamente a seqüência dos quadrinhos de cima para baixo, quando o tradicional, na cultura ocidental, é fazê-lo da esquerda para a direita. Isso aconteceu nos capítulos 46, 67 e 68 cujos quadrinhos, nesta edição, foram recolocados na posição costumeira.

Conservaram-se, ainda, palavras, frases e interjeições francesas, língua, que na Corte brasileira de 1869, tinha presença muito significativa.

Sempre que possível, deslocou-se o bloco do texto correspondente ao quadrinho, de forma a evitar que a dobra das páginas prejudicasse a leitura e afastou-se o intervalo das letras das palavras que com ela coincidissem.





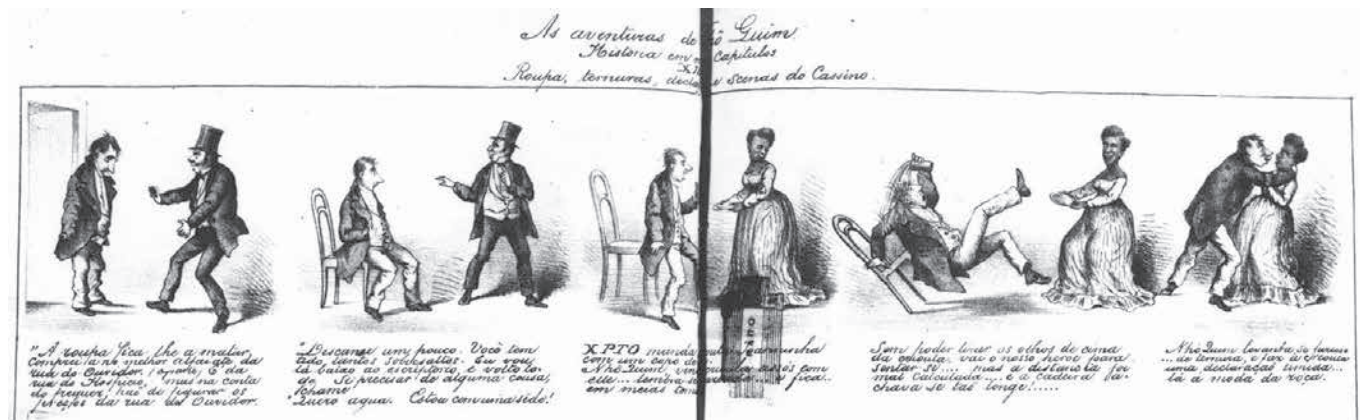
Quanto aos títulos, quer das histórias, que no caso do *Zé Caipora* teve três diferentes, quer dos capítulos, que originalmente apresentavam uma razoável variedade de letras e outros pequenos detalhes, procurou-se padronizá-los. O mesmo aconteceu com a numeração que ficou sendo romana.

Em suma, trabalhou-se não só no tratamento digital da imagem como também para tornar o texto completamente legível e facilitar ao máximo seu entendimento, o que não seria possível se a edição fosse simplesmente fac-similada.

Para satisfazer o interesse do leitor detalhista, reproduzem-se a seguir tiras de capítulos dos originais de *Nhô-Quim* e de *Zé Caipora*, incluindo o da 1ª edição do último, publicada, a partir de 27 de janeiro de 1883, na *Revista Ilustrada*. São cópias fac-similadas, sem tratamento digital para que se tenha idéia da dificuldade na restauração.



Nhô-Quim, desenho de Agostini – *Vida Fluminense*



Nhô-Quim, desenho de Faria – *Vida Fluminense*







Primeira edição – Revista Ilustrada



Terceira edição – Don Quixote



Continuação da história – O Malho



## PALAVRAS DO EDITOR

Jornalista popular do século XIX pela sua combatividade pela cidadania e direitos humanos, Angelo Agostini já tem consolidada sua presença na visão dos historiadores brasileiros.

Além dessa postura ativista e solidária, Agostini destacou-se pelo desenho, pela ilustração, pela pintura e pelas caricaturas do regime escravagista e do próprio Imperador que se tornaram antológicas na iconografia brasileira.

Sua criatividade e capacidade técnica impressionam quando desenha em litografia duas histórias em quadrinhos, reconhecidas pelos pesquisadores como as primeiras de longa duração, publicadas no Brasil – *As Aventuras de Nhô-Quim* (1869) e *As Aventuras do Zé Caipora* (1883) – listadas, também, entre as pioneiras do âmbito mundial.

Ainda que se venha, aos poucos, recuperando e divulgando a importância política e cultural de Agostini, sua produção artística é desconhecida do grande público brasileiro.



As histórias em quadrinhos são componentes importantes da cultura popular do passado e ainda hoje, embora ameaçadas pela TV e pelos jogos eletrônicos, continuam manuseadas pelas crianças e adultos e analisadas por intelectuais. Disputadas pela indústria cultural, vários de seus heróis, como *Batman* e *Super-Homem*, foram incorporadas ao imaginário global.

Nos Estados Unidos, *O Menino Amarelo* (1895), de Richard F. Outcault, é tido como a primeira tira moderna por integrar texto e ilustração, utilizando o “balão”. A mídia, tanto a americana, como a estrangeira, não se cansa de promovê-lo e sua imagem é bem conhecida pelo destaque que lhe é dado na literatura especializada. Em 1995, ano do seu centenário, mereceu um luxuoso volume, relatando seu histórico e aventuras.

Agora, *Nhô-Quim* e *Zé Caipora*, o primeiro pelo pioneirismo, e o segundo, pelo inusitado do desenho e da temática, terão a oportunidade de serem comparados com o *Menino Amarelo* e outras personagens de quadrinhos famosos do repertório universal. E por certo valorizados como merecem.

O Conselho Editorial do Senado sente-se orgulhoso pela contribuição mais efetiva e audaciosa na divulgação de Angelo Agostini: o álbum inédito contendo a coletânea de suas duas principais histórias em quadrinhos.

Narrativas extremamente populares na sua época, *Nhô-Quim* e *Zé Caipora* estão eivados de brasilidade, já que retratam com grande realismo os aspectos humanos e geográficos da nossa terra ao ponto de Herman Lima, grande estudioso da caricatura brasileira, ter comparado Agostini ao pintor Rugendas.

Certamente a publicação desta obra contribuirá para divulgar a rica e variada literatura existente na comunidade da língua portuguesa.

Brasília, fevereiro de 2002.



Senador Lúcio Alcântara

Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal (1997-2002)





## AGRADECIMENTOS

Agradeço o singular acolhimento, trabalho ou inspiração de todos que possibilitaram, de forma direta ou indireta, a realização desta obra, em especial:

A Vicente Machado (*in memoriam*) que me apresentou a Nhô-Quim e Zé Caipora. Sua viúva, Magdala, e seu filho, Mário, que ao longo do tempo continuaram me apoiando.

Ao amigo Jorge Brito, bibliógrafo, alfarrabista, o maior incentivador desta publicação.

Aos artistas e técnicos que colocaram corações, mãos e mentes na preparação e impressão deste album: Josias Wanzeller da Silva, J. Álvares e tantos outros da Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal.

À Professora e Mestra em Comunicação Social, Auristela Gutman de Carvalho, pelo valioso auxílio na pesquisa dos originais.

Aos bibliotecários: Pedro Tortima do I.H.G.B.; Maria Irene, Beatriz, Conchita e Regina, da Fundação Casa de Rui Barbosa; Nora, da



Biblioteca da Universidade de Brasília; Anco Márcio e Raquel, da Fundação Joaquim Nabuco, pelo eficiente atendimento.

Ao Vice-Presidente do Conselho Editorial, Joaquim Campelo Marques, que acompanhou de perto a editoração deste álbum enriquecendo-o com valiosas sugestões, e a Afonso Celso Machado Neto, assessor do Presidente, pelo apoio.

Aos Professores Doutores Sônia Bibe Luyten, Antônio Luiz Cagnin e Flávio Alcântara Calazans; aos colegas de turma do Colégio Farroupilha de Porto Alegre, Jorge Barwinkel, Francisco Araújo, Hiron Goidanich, e da Academia Militar, Waldir Damaso, todos renomados pesquisadores. E outros tantos estudiosos dos quadrinhos como: Aimar, Cassal, Diamantino, Federighi, Felgueiras, Furst, Godoy, Guimarães, Jô Soares, Kenzo, Kern, Lucchetti, Mazzini, Ofeliano, Rontani, Sérgio Augusto, Siruga, e os velhos mestres Armando Sgarbi, Solon e Cléo Severino, pelo exemplo de persistente amor ao gênero.

Ao Professor David Kunzle, do Departamento de História da Arte da Universidade da Califórnia, Los Angeles; Jean-Pierre Mercier, conselheiro técnico do Museu de Quadrinhos de Angoulême, França; Robert C. Harvey, diretor do FRYE Museu de Arte, Washington; e Thierry Groensteen, ex-diretor do Museu de Angoulême, pela gentileza com que receberam a notícia sobre a publicação das histórias de Angelo Agostini.

A Edina, minha esposa, pela colaboração e paciência com que aturou o Zé Caipora durante tanto tempo.

Finalmente, mas não menos importante, os meus agradecimentos calorosos ao Embaixador da Itália, Michelangelo Jacobucci, pelo honroso prefácio, e ao Senador Lúcio Alcântara, o principal responsável por tornar realidade um sonho acalentado há muitos anos.



## PREFÁCIO

Quantas páginas foram escritas, até agora, para descrever a sociedade e o caminho que o homem percorre em cada época! Páginas e páginas nas quais os adjetivos e as locuções se perseguem, nem sempre com serenidade, para tornar bem clara a visão que o autor tem da análise por ele mesmo efetuada sem, todavia, permitir que o leitor consiga extrair da leitura uma imagem nítida.

Folheiem as páginas desenhadas com mão firme e feliz por Angelo Agostini que, entre o fim do século dezenove e o começo do século vinte, retratou com ironia e exatidão os próprios contemporâneos e a palpitante sociedade carioca.

Entrando no costume e decifrando a psicologia dos seus personagens, ele consegue em poucas linhas, dar a idéia dos valores predominantes naquele período, juntando nas suas “figurinhas” e no “Zé Caipora” a interpretação em chave simpática e imediata dos acontecimentos.

Italiano crescido no Brasil, Agostini lembra com os seus desenhos falantes o “Senhor Bonaventura”, que nos primeiros anos do século passado divertia e instruía a nativa Itália com as suas legendas.



O paciente trabalho de colecionar os materiais e as publicações, levado à frente com muita dedicação pelo Coronel Athos Cardoso, nos permite atualmente desfrutar do trabalho do jornalista e caricaturista ítalo-brasileiro, incluído entre os pais fundadores da revista em quadrinho moderna que, de outra forma, seria destinada a ficar dispersa entre os vários acervos e bibliotecas.

Se muitos contemporâneos têm apreciado os êxitos da pesquisa sociológica e da suave ironia de Angelo Agostini, nós nos tornamos, a partir de agora, admiradores do pesquisador que nos deu novamente a possibilidade de apreciar tal trabalho.

Brasília, agosto 2000



*Michelangelo Jacobucci*  
Embaixador da Itália



## UM RETRATO DA GENTE BRASILEIRA

O singular acolhimento dispensado à primeira edição da presente obra por leitores das mais diversas predileções, o acentuado interesse dos principais jornais do país na sua divulgação, a resenha publicada no *International Journal of Comic Art* (Vol. 5, Nº 1, Spring 2003) pelo mundialmente renomado David Kunzle, professor de Arte da Universidade da Califórnia, que a considerou “um tesouro desenterrado na América Latina”, contribuíram para o resgate nacional e internacional de Angelo Agostini e parte da sua gigantesca obra iconográfica.

Não bastasse essa série de manifestações positivas, dois fatos recentes tornaram imperativa a decisão de reeditá-la:

– Na Bienal do Livro 2003, realizada no Rio de Janeiro, em que o Conselho Editorial bateu o seu recorde de vendas, todos os exemplares de *As Aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora* foram adquiridos pelo público.

– No dia 24 de junho de 2003, no SESC POMPÉIA, em São Paulo, perante numeroso público composto dos melhores profissionais e





fãs do gênero, fomos premiados com o troféu HQ MIX 2002, considerado o “Oscar” dos quadrinhos brasileiros, na categoria *Valorização dos Quadrinhos*.

O belo troféu desta 15ª premiação do mercado nacional, confeccionado pelos artistas plásticos Olintho e Anália Tahara, representa os inesquecíveis personagens de Henfil: Zeferino, Bode Orelana e Graúna.

Estamos todos, Conselho Editorial, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, colaboradores e, sobretudo, os leitores brasileiros, felizes e orgulhosos pela edição comemorativa desta obra que comprovou sua sintonia com os anseios nacionalistas da nossa gente.

Brasília, fevereiro de 2005.

*Senador José Sarney*

Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal



*Troféu HQ MIX 2002*



# ONHÔ- UIM ZÉ CAIPORA

Athos Eichler Cardoso

**P**ergunte aos brasileiros quais são os heróis populares de ficção nacional, e a resposta restringe-se ao índio Peri. Os mais idosos podem citar Pedro Malazartes e, os intelectuais, Macunaíma. Herói de aventura só entre os nostálgicos, Jerônimo, o herói do sertão. Nem sempre foi assim. Se a pesquisa fosse feita entre 1883 e 1916, ao lado do herói de *O Guarani* (fig.1), seria citado um outro: Zé Caipora. Este álbum resgata-o, reeditando, pela primeira vez, o conjunto inédito dos 75 capítulos de suas aventuras. Ao mesmo tempo, consagra Angelo Agostini, seu talentoso criador, como o pai da história em quadrinhos de aventura realista.

Os estudiosos de quadrinhos internacionais, depois de uma certa polêmica, selecionaram como personagens mais representativos no período de 1798 a 1896: *Dr. Sintaxe* (fig.2), desenhado pelo inglês Thomas



Fig. 1



Fig. 2





Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7

Rowlandson em 1798. *Monsieur Vieux Bois* (fig. 3), criado em 1827 pelo suíço Rodolphe Topffer. *Monsieur Reac* (fig. 4), o primeiro personagem político, obra do fotógrafo Nadar, em 1848. *Max e Moritz* (fig. 5), os perversos alemãezinhos de Wilhelm Bush, publicados em álbuns em 1848. *Ally Sloper* (fig. 6), personagem vitoriano, o primeiro a aparecer regularmente na revista *Judy*, em 1867, desenhado por Charles Ross e sua mulher Marie Duval. *Famille Fenouillard* (fig. 7), criação do francês George Coulomb (Christophe) em 1889. Finalmente *Yellow Kid*, de Richard F. Outcault, em 1896, considerada pela crítica em geral como a primeira HQ moderna, por integrar o texto no desenho pelo balão.

Dessa relação é preciso realçar, pelo conjunto de suas obras, o professor Topffer, cujas “histoires en estampes” contêm, excetuando o balão, várias técnicas da moderna HQ e por isso é considerado o pai do gênero pelos europeus. O mesmo acontece, em escala menor, com Bush, cujas personagens e desenho muito pessoal são conhecidas universalmente e no Brasil receberam o nome de *Juca e Chico*.

Por falta de informação e divulgação, outras personagens não costumam ser citadas na literatura especializada, entre elas *Nhô Quim* (1869) e *Zé Caipora* (1883), ambas de Angelo Agostini.

A ausência de *Zé Caipora* e seu criador devem ser corrigidas. Este é um dos objetivos desta publicação. Alguma comparação visual entre o trabalho de Agostini e os demais levará qualquer especialista, isento ou mesmo leigo no assunto, a reconhecer essa necessidade. Porque, tanto o estilo como sua temática são de qualidade e inovadoras.

Antes mesmo de a *Famille Fenouillard*, as aventuras de *Zé Caipora* tinham desenhos realistas, enquanto as demais eram caricaturas. Quanto à temática, somente ele inovava com história de aventura dramática, as outras eram humorísticas ou satíricas, uma moda constante no século XIX.

Histórias semelhantes à de *Zé Caipora* só surgiriam na Inglaterra muito tempo depois, quando em 1920 a revista *Puck* começou a publicar *Rob, the Rover* (fig. 8), de autoria de Walter Booth, que também não fazia uso do balão.





## ANGELO AGOSTINI

Na escolha de uma figura tutelar para os direitos da cidadania brasileira, Angelo Agostini, ainda que italiano, seria nosso patrono. Nascido em Vercelli, Piemonte, em 8 de abril de 1843, passou a infância e a adolescência em Paris onde frequentou a Escola de Belas-Artes. Veio para o Brasil ainda jovem e não quis mais voltar para a Europa, naturalizando-se brasileiro. Passou algum tempo no Rio de Janeiro onde trabalhou como capataz na construção de uma estrada de rodagem que ligava o terminal da ferrovia Mauá-Raiz da Serra à cidade mineira de Juiz de Fora. Essa experiência colocou-o em contato com a geografia e a fauna da área que serviram de cenário para a sua principal HQ. Foi para São Paulo onde fundou a revista *O Diabo Coxo*, 1864, e *O Cabrião* (fig. 9), 1866. Em 1867, de volta ao Rio de Janeiro, trabalhou em *O Arlequim*, que no ano seguinte transformou-se em *A Vida Fluminense*, do qual foi diretor de 1869 a 1871. Agostini ainda trabalhou em *O Mosquito*, como diretor, até 1875, ano que fundou a *Revista Ilustrada*, sendo seu proprietário e diretor até 1888, quando parte para a Europa impelido por motivos pessoais. Retornou em 1895, criou o jornal *Don Quixote* e foi seu proprietário até 1903. Depois disso trabalhou como empregado na *Gazeta de Notícias*, na *Leitura para Todos* e em *O Malho*. Colaborou na revista infantil *O Tico-Tico*, cujo o desenho do título (fig. 10), muito elogiado pela crítica, é de sua autoria .

Agostini, com exceção de *O Malho*, era o homem chave das publicações onde trabalhava, mas foi nas páginas da *Revista Ilustrada* (fig.11) que se agigantou como o maior caricaturista, desenhista de retratos e alegorias, autor de reportagens ilustradas e articulista batalhador pelas causas democráticas que existiram no Segundo Império. Foi um dos maiores defensores da Abolição e seu jornal o principal registro histórico e iconográfico daquela época. *A Revista Ilustrada*, quando sob sua direção, era o único jornal totalmente independente, o de maior prestígio e o de maior circulação, um recorde de 4.000 assinantes. Ao longo de sua carreira foi aperfeiçoando seu método preferido de



Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10



Fig. 11



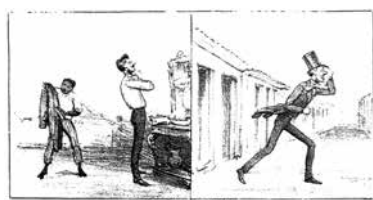


Fig. 12

reportagens, ilustrando-as como numa história em quadrinhos com texto explicativo abaixo do desenho. Essa técnica, para comunicar as notícias do dia-a-dia, emitir críticas políticas ou sociais, existia desde *O Cabrião*, quando, inconscientemente, começou a esboçar os personagens *Nhô Quim* e *Zé Caipora* (fig. 12), com o *phatos* dos azarados, sempre envolvidos em trapalhadas. Em 1869, com 26 anos de idade, iniciou a publicação de *As aventuras de Nhô-Quim*, ou *Impressões de uma viagem à Corte* – “História em muitos capítulos” ensaio para a sua obra-prima – *As Aventuras de Zé Caipora*.



Fig. 13

Angelo Agostini (Fig. 13) faleceu, um tanto esquecido, em 23 de janeiro de 1910. Entretanto, as principais revistas da época publicaram necrológios relembrando suas qualidades. Em outra ocasião José do Patrocínio sintetizou, numa frase simples, o ânimo cívico desse grande homem: “O mais brasileiro dos brasileiros.”



Fig. 14

## AS AVENTURAS DE NHÔ-QUIM

*As Aventuras de Nhô-Quim* foi a primeira história brasileira em quadrinhos de longa duração e uma das primeiras no âmbito mundial. Agostini desenhou os nove primeiros capítulos e os cinco restantes foram executados pelo seu companheiro de trabalho, Cândido A. de Faria (fig. 14), ilustrador e caricaturista com estilo e traço semelhantes, na *Vida Fluminense*.

A *Vida Fluminense* (fig. 15) era uma das tantas revistas periódicas que preenchiam o espaço jornalístico da Corte no Segundo Império, caricaturando os acontecimentos.

O primeiro capítulo de *Nhô-Quim* foi desenhado por Agostini em 30 de janeiro de 1869. No ano seguinte, em 8 de janeiro, a série foi interrompida sem final. Dois anos depois, em 6 de janeiro de 1872, Faria continuou a história, suspendendo-a em 12 de outubro do mesmo ano, sem conclusão.

Depois de trabalhar com sucesso em outras revistas brasileiras, produziu, em oficina própria, os primeiros cartazes publicitários de cinema para a Lumière e Pathé Frères em Paris, onde faleceu.



Fig. 15





Essa sobrevida de um personagem de história em quadrinhos por outros desenhistas é uma prática atual e *Nhô-Quim* foi um de seus precursores.

Em *As Aventuras de Nhô-Quim*, aproveitava-se das desventuras de um caipira rico, ingênuo, trapalhão e exilado na Corte pela família para tecer uma sucessão de críticas irreverentes aos problemas urbanos, modismos, costumes sociais e políticos da época. Comerciantes, imigrantes, artistas, prostitutas de luxo (fig. 16), candidatos, eleitores, autoridades e até um ou outro jornalista e caricaturista, desafeto de Agostini, é censurado nessa série de incidentes jocosos.

Tanto na França como na Inglaterra e outros países, criticava-se, de maneira parecida, a pureza e a ingenuidade do homem do campo frente ao impacto do transporte ferroviário (fig. 17), da fria recepção, do isolamento e dos problemas na cidade grande.

*Nhô-Quim*, no seu viés nacionalista, deu origem à figura folclórica do mineiro do interior que, pela primeira vez na capital, é ludibriado e acaba comprando... um bonde. Não deixa de representar o conflito entre a cultura rural e a cultura da cidade emergente.

O criador do nosso primeiro anti-herói humorístico, embora extremamente talentoso, era um jovem (fig. 18) com traço e criatividade em formação. Parece evidente que, europeu de origem, culto, falando italiano e francês, se mantivesse atualizado com o que ocorria na Europa pelas revistas recebidas do exterior. A temática e o traço, comparados à produção europeia, pouco têm de original. Mesmo assim é a nossa primeira história em quadrinhos de longa duração homenageada em selo dos Correios (fig. 19). A data inicial de sua publicação, 30 de janeiro, é hoje comemorada como o Dia do Quadrinho Nacional e “Angelo Agostini” passou a ser o nome do troféu que representa o mais importante prêmio, concedido pela AQC-SP, Associação De Quadrinhistas E Caricaturistas – São Paulo, aos trabalhos do gênero.



Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18



Fig. 19





fig. 20



fig. 21



fig. 22

## AS AVENTURAS DE ZÉ CAIPORA

Aos quarenta anos, Agostini – o homem certo no lugar certo – proprietário, editor e desenhista da *Revista Ilustrada*, dá o grande salto que vai lançá-lo na segunda década do século XX e, ao mesmo tempo, erguê-lo ao patamar de Topffer. Isso acontece quando, em 27 de janeiro de 1883, publica o primeiro capítulo de *As Aventuras de Zé Caipora* nas páginas centrais de seu periódico, num painel de 28 x 30 cm, em desenhos acadêmicos, litografados em preto e branco. Apesar de uma periodicidade sujeita a longos intervalos, publicou mais 23 capítulos até 1886. Nesse mesmo ano, face ao sucesso alcançado, imprimiu uma 2ª edição de *Zé Caipora* em fascículos (fig. 20), formato de álbum compreendendo seis capítulos cada um.

Na revista *Don Quixote* (fig. 21), uma 3ª edição é reeditada a partir do nº 125, de 1º de junho de 1901. Os 24 capítulos iniciais são redesenhados, modificando-se pequenos detalhes e o texto é agora impresso em letra tipográfica em vez de manuscrita como nas edições anteriores. Agostini prossegue a narrativa com mais onze capítulos inéditos.

Em *O Malho* (fig. 22), fundado em 1902, Agostini, agora empregado, desenha mais 40 capítulos inéditos a partir de 28 de dezembro de 1905. O último deles, nº 75, de 15 de dezembro de 1906, não apresenta desfecho como se a história fosse continuar, o que jamais aconteceu. Não houve explicações do motivo dessa interrupção.

Uma 4ª edição de *Zé Caipora*, “coleção” dos primeiros 35 capítulos publicados em *Don Quixote*, foi anunciada e vendida simultaneamente à publicação dos capítulos inéditos no *O Malho*.

O sucesso de Agostini com *As Aventuras de Zé Caipora* deveu-se a dois fatores principais: o traço realista e a temática de aventura que deram dimensão e conteúdo psicológico à narrativa.





A forma humana e os movimentos de linguagem corporal foram importantes para Agostini que transmitiu as emoções dos personagens, valendo-se das expressões faciais. A perícia com que desenhou o movimento das sobrancelhas, pálpebras, lábios e maçãs do rosto, essas *caras e bocas* (fig. 23) da gíria moderna, são características do seu trabalho realista que prescinde o texto para superar o baixo índice de alfabetização existente.



fig. 23

Agostini percebeu, no romance de aventura, a importância do herói que ultrapassa perigos em viagem ou missão importante. Que a história de aventura originou-se dos mitos e épicos da Antiguidade e que o herói, o mais simples dos arquétipos, vagueia no inconsciente coletivo. Foi tão grande a percepção desse simbolismo que Agostini criou a primeira heroína dos quadrinhos: Inaiá (fig. 24), a índia que encarna o mito das Amazonas, de Ariadne e de Diana, a caçadora, protetora e guia do Zé. Na viagem de Caipora havia um cenário propício à exaltação da aventura e do heroísmo e, certo de que o leitor participava do drama, da ação e do suspense, explorou sua necessidade de novos horizontes, desviando-se do humor, enfatizando a aventura.



fig. 24

José Corimba é um homem urbano. O apelido, *Zé Caipora*, fica claro pelas trapalhadas e aventuras iniciais marcadas pela falta de sorte.

O caipora é a pessoa malfadada. A crença vem dos caçadores fracassados que retornavam sem nenhuma caça, desculpando-se por terem visto o Caipora (fig. 25), personagem do folclore brasileiro que traz azar a quem o avista. Corimba, reconhecendo sua sina, faz questão de ser assim chamado. Fisicamente José Corimba é branco, compleição mediana, bem proporcionado, cabelos escuros, lisos, bigode fino, aparentando 30 anos de idade. O nariz, quase uma continuação da testa, é a principal característica do rosto oval e de queixo retraído, acentuada nos primeiros capítulos. No final da narrativa, seu rosto é normal dentro do aspecto imaginado por Agostini. Não segue o padrão de beleza esperado de um herói mas também não é feio; é no mínimo simpático. Financeira e socialmente, goza de bom *status*. Mora num



fig. 25





sobrado bem mobiliado, tem um criado negro e relações com a nobreza. É solteiro e sofisticado. Na cidade, veste-se com apuro e mesmo na intimidade é encontrado com um chambre de seda. No campo, usa casaco e calça listrada de casimira, chapéu de abas largas de fina palha e botas de cano alto e ainda uma capanga a tiracolo. Apesar das críticas contrárias que o confundem com o *Nhô-Quim*, é um homem elegante.

## AS TEMÁTICAS DE ZÉ CAIPORA

*As Aventuras de Zé Caipora* narram as desventuras e peripécias de um herói cômico, depois aventureiro e finalmente romântico. Essa seqüência não é rígida mas, de um modo geral, assim se apresenta:



fig. 26

Do capítulo 1 ao 11 é a fase cômica por excelência. Caipora apresenta-se como o anti-herói. Seu caráter é mostrado à luz de sua paixão por Amélia (fig. 26), a filha do Barão, e na falta de sorte que o acompanha na corte à mulher amada. Zé vai em ritmo de *commedia dell' arte* e farsa, numa série de situações constrangedoras que só termina quando adoece.



fig. 27

Do capítulo 12 ao 16 é a fase de transição entre o humor e a aventura. Zé viaja para o interior, primeiro de trem e depois de mula, por estradas perigosas, ladeadas de precipícios. É encurralado por boiadas (fig. 27), perde-se na mata, sobe em árvore para fugir, de galho em galho, da perseguição de uma onça. Seqüência memorável de quatorze imagens. Capturado por tribo selvagem e condenado à morte, é libertado por Inaiá, a filha do cacique, que foge com ele para a mata. Zé é ainda um covarde.



fig. 28

A fase basicamente aventureira é a que vai do capítulo 17 ao 47. Depois de muitas peripécias com perseguições de índios, lutas sangrentas, queda de cachoeira, ataque de sucuri e onça (fig. 28), Zé recupera-se de ferimentos na fazenda de amigos. Seu caráter mudou, agora é um herói.



Nos capítulos restantes, o romantismo vai preponderar. Um dia, lendo a notícia do casamento de Amélia, Zé apressa-se em voltar para o Rio, chegando a tempo de impedir a realização do matrimônio. A negativa da noiva, na hora do “sim”, provoca um escândalo e a ruína do pai que enfrentava problemas com credores, pensando até em suicídio. Num gesto magnânimo, Zé paga as dívidas de uma forma que não comprometa o nome do Barão. Ao retornar à fazenda, envolve-se em outra confusão e, preso injustamente, é acusado de falsificação de dinheiro (fig. 29). A história é interrompida sem desfecho. Além de herói, Zé é agora um cavalheiro.



fig. 29

## A CRIAÇÃO DO MITO

Agostini criou um herói que passou a ser um mito no inconsciente do povo brasileiro. Como explicar isso? Jacques Marny, um estudioso dos quadrinhos, adverte que “a criação do herói é multi-forme” e que “se encontra muitas vezes dependente de um contexto político, social e humano”. Segundo ele “um herói não nasce por acaso” e informa que “argumentistas e desenhistas são muito mais sensíveis do que os outros, às tendências de sua época”. Ora, ninguém mais ligado ao seu tempo do que Agostini. Seu instrumento é a *Revista Ilustrada*, caixa de ressonância da opinião pública, mais prestigiada, mais independente e de maior circulação.

Como literatura de massa, *Zé Caipora* já tinha seus ingredientes: o herói, as oposições míticas, a atualidade informativo-jornalística e a retórica culta.

Para passar do estágio mercantil para mito, o Caipora contou com a mídia (fig. 30), representada pela *Revista Ilustrada* que não pode ser menosprezada e com a informação “boca a boca”, tão importante na época. Sua imagem arquetípica e seu comportamento repetiram, em termos, os fenômenos constatados na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde *Sherlock Holmes* e *Annie*, a órfã, representavam a versão moderna de



fig. 30



heróis mitológicos ou folclóricos no inconsciente coletivo, encarnando ideais da sociedade.

O contexto brasileiro na época explica o surgimento desse personagem num Brasil com dificuldades de comunicação e índices de alfabetização e poder aquisitivo muito menores.

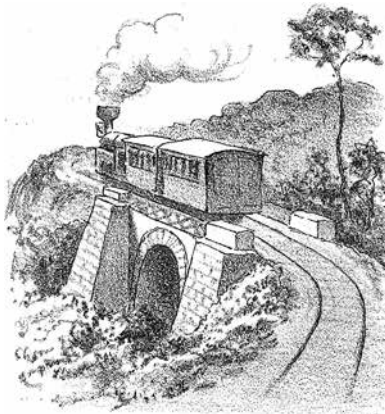


fig. 31

Em 1883, vivia-se um processo de modernização e urbanização com o desenvolvimento dos meios de transporte, comunicação e crédito bancário. Implantavam-se indústrias e a sociedade se transformava, influenciada pelas mudanças econômicas conseqüentes da exportação do café, algodão, cacau e borracha.

O trem (fig. 31) permitia um intercâmbio entre os produtos agrícolas e as idéias da Corte, facilitando o recebimento da *Revista Ilustrada* pelos assinantes dos vilarejos remotos.

Decorrente das atividades mercantis e administração pública surgia uma pequena e média burguesia nas cidades que cresciam, originando uma população que, urbanizando-se, abandonava as idéias tradicionais.

Nesse cenário nasce *Zé Caipora*.



fig. 32

É possível que um fator social importante para a criação do herói tenha sido a luta pela abolição da escravidão, na qual Agostini já se empenhava ardorosamente sem vislumbrar uma solução imediata em virtude da protelação irritante dos políticos.

Seu descontentamento com o governo imperial (fig. 32) e com a situação do país eram permanentes e ele dá indícios claros de sua motivação para criação do herói e do mito cinco anos depois, explicada na apresentação da 2ª edição das *As Aventuras de Zé Caipora* em fascículos, feita em 14 de janeiro de 1888.

*“Reeditando-as, tivemos por fim alegrar este bom povo, entristecidos pelas mazelas políticas e sociais, dessa nossa terra tão caipora como o impagável e heróico Zé.”*





*Zé Caipora* satisfaz os anseios secretos do homem da época que, sabendo-se frustrado e um joguete nas mãos do azar ou de um governo imperial ineficiente, sonhava revelar-se um herói.

No processo de criação do mito foram muito importantes os recursos engenhosos, fruto do seu talento de publicitário, que Agostini utilizou para manter o personagem em evidência durante os longos períodos em que a história não era publicada. Eles eram muito parecidos com as modernas técnicas de *marketing* e consistiam em aproveitar a palavra *caipora*, muito comum na época, e até hoje utilizada, para referir-se a incidentes negativos na vida diária em analogia com a má sorte do Zé.

As capas e páginas internas da *Revista Ilustrada* foram utilizadas para apresentar pequenas anedotas ilustradas referentes ao herói (fig. 33), à própria história em quadrinhos ou fatos relativos à Revista onde o personagem aparecia em destaque ou fazendo parte discreta da ilustração. Foi tal a exposição do herói que ele tornou-se seu personagem símbolo ao lado dos “mariolas”, adolescentes vestidos de curingas, que a representavam simbolicamente.

Por ocasião do 12º aniversário da *Revista* em 31 de dezembro de 1887, numa alegoria comemorativa (fig. 34) que ocupou as duas páginas centrais, *Zé Caipora* foi o principal destaque, confirmando a sua consagração junto ao público.

Como primeiro herói brasileiro dos quadrinhos a se transformar em mito, ocupou durante muito tempo o inconsciente coletivo nacional. Foi tão marcante que, mesmo depois de seu último capítulo, ao longo da década seguinte, serviu de inspiração para uma canção popular (fig. 35), quadros teatrais e dois filmes mudos.



fig. 33



fig. 34



fig. 35



## A IMPORTÂNCIA DE ZÉ CAIPORA

Jean Paul Crespelle, do *France Soir*, citado na *Sociologia dos Quadrinhos* de Jacques Marny, afirma que “dentro de mil anos os sociólogos não disporão de fontes mais seguras para estudarem os costumes e as idéias de nossa época, do que as histórias em quadrinhos. Estas são, ao mesmo tempo, o reflexo e o prolongamento da nossa civilização”.



fig. 36

*As Aventuras de Zé Caipora* dão a sensação de estar como um todo no Brasil. Suas aventuras são o único repositório iconográfico (fig. 36) seqüencial dos usos e costumes rurais e urbanos do fim do Segundo Império e do começo do século XX. Como documento antropológico e social, teria feito Gilberto Freire sorrir e fará Roberto Da Matta refletir sobre os novos dados apresentados.

São vitais a importância da mídia e dos editores na formação de heróis e seus reflexos na composição da identidade nacional. Como sintomática a presença de Agostini numa posição chave, como editor e desenhista para apresentar seu herói no espaço amplo e nobre das páginas centrais da revista.

*As Aventuras de Zé Caipora* foram o primeiro folhetim ilustrado e a primeira novela gráfica. Nem na Europa e nem nos Estados Unidos houve obra semelhante. Recuperá-la e difundi-la pela mídia, livros e revistas especializados, revolucionará a cronologia, a hierarquia e o mérito dos precursores da técnica da história em quadrinhos.



fig. 37

O mito do *Menino Amarelo* (fig. 37) como primeiro personagem da história em quadrinhos, atravessado na garganta de muitos estudiosos principalmente belgas e franceses, ficará abalado. *Zé Caipora* será a lenha na fogueira da contestação que ameaça extinguir-se por falta de combustível. Poderá o *Menino Amarelo* ser considerado o primeiro personagem e a primeira história em quadrinhos só porque tem balão e moldura? *Zé Caipora* mostra tudo o que as modernas histórias em



quadrinhos têm, antecipando-se em quase meio século às obras-primas de Hal Foster, com *Tarzan e Príncipe Valente* (fig. 38); Alex Raymond, com *Flash Gordon* e *Jim da Selvas*; e Roy Crane, com o *Capitão César*. Só não possui o balão, que os dois primeiros, também, não usaram.

Brian H. Kane, Professor de Ilustração no Columbus College of Art & Design e autor da biografia de Hal Foster, a quem considera o pai das tiras de aventuras, afirma que não existiam quadrinhos de aventuras realísticas nos Estados Unidos antes da publicação de *Tarzan* (fig. 39) em 1929.

Angelo Agostini integrou, pelo menos uma vez, o texto manuscrito com a ilustração na carta (fig. 40) recebida de Amélia como desejam os puristas. Inovou o que existia em história em quadrinhos, substituindo a caricatura pelos desenhos realistas e o humorismo pela aventura de ação. Foi o primeiro a explorar o suspense, deixando o leitor na expectativa até o capítulo seguinte. Interessante notar que os brasileiros, alfabetizados ou não, tiveram com *Zé Caipora* a oportunidade de diversão que os adultos e os jovens dos países mais adiantados só tiveram na década de 20.

Por tudo que se argumentou, cabe a Angelo Agostini o título de avô das tiras de aventura, como precursor da temática e, a *Zé Caipora*, o de primeiro herói brasileiro e universal do gênero. Como justa homenagem à mulher brasileira deve-se assinalar também que, tanto Inaiá, a índia, como Amélia, a sinhazinha branca, merecem a mesma denominação.



fig. 38



fig. 39



fig. 40





## CONCLUSÃO

Não surpreende o tempo que os brasileiros levaram para resgatar o primeiro herói dos quadrinhos de aventura e publicá-lo para conhecimento nosso e do mundo. O descaso do Estado, a pouca identificação da cidadania com o nacional, a visão comercial dos editores e a devastadora influência americana não incentivavam esse evento cultural, agora corrigido pela visão democrática do Senado Federal.

O Conselho Editorial do Senado, na boa hora em que se comemoram os 500 anos do descobrimento do Brasil, liberta do cativo, onde se encontrava, o primeiro herói das histórias em quadrinhos. Ele estava preso nas solitárias páginas de antigas revistas, em raras coleções confinadas a acervos públicos situadas em duas ou três capitais importantes do país. Ali, raramente recebia a visita de pesquisadores privilegiados que sabiam de sua existência e onde localizá-lo.

Este álbum é mais que um *habeas corpus*, é uma liberação justa e permanente, uma retomada inteligente de parte da nossa cultura popular e a recuperação do herói perdido que foi tão querido do povo brasileiro. Agora está livre, redimido, colocado ao alcance de toda a nossa sociedade. Mais ainda, com o apoio da mídia e da iniciativa privada poderá transformar-se em filme, série de televisão, desenho animado, jogo eletrônico. Por que não, em história em quadrinhos de época por algum artista brasileiro de talento como os que agora desenham heróis para revistas americanas?

*Zé Caipora* e seu criador, Agostini, estarão livres para viajar pelo mundo nas páginas das enciclopédias e revistas especializadas ou pela Internet. Ocuparão, certamente, o lugar que merecem ao lado dos pioneiros Topffer e Bush, no Olimpo dos quadrinhos.

O Brasil, até nas histórias em quadrinhos, tem um passado que faz parte da sua identidade.



AS AVENTURAS DE “NHÔ-QUIM”, OU  
IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE  
HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS



# AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

## Capítulo I



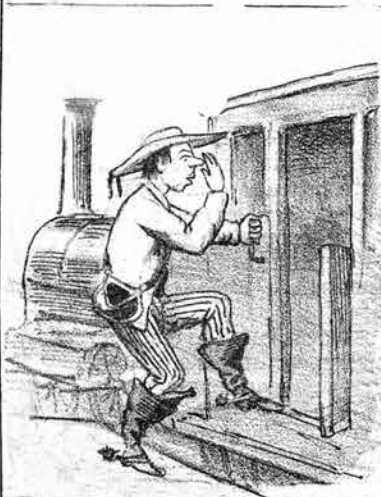
Nhô-Quim decide-se a deixar os lares paternos. Cobrem-no de beijos, abraços, conselhos e bênçãos!



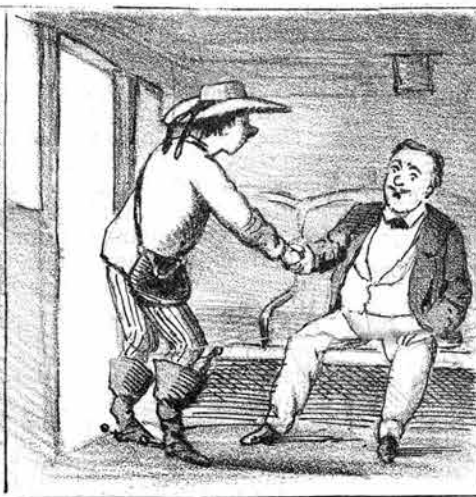
Montado no cavalinho ruço, diz o nosso herói o último adeus!



Leva três dias com o seu fiel Benedito.



Pelo sim e pelo não o nosso homem benze-se três vezes antes de entrar no trem.



E por causa das dúvidas, vai cumprimentando com delicadeza



e oferecendo um pedaço de queijo de Minas, que traz bem guardadinho na bota, e que pelo aroma parece queijo suíço.



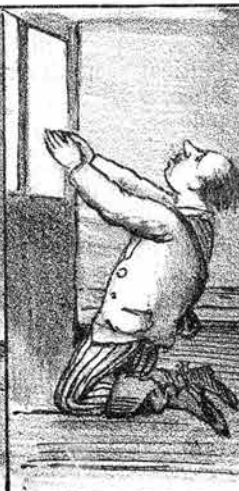
Nhô-Quim observa que em vagão não é PIOR; e que o mais ligeiro que o seu cavalinho



**ENTRADA NO TÚNEL GRANDE.** No 1º, minuto Nhô-Quim fica embatucado; no 2º, acha que o negócio vai-se complicando; no 3º pensa que não verá mais o sol; no 4º, suspeita que Sinhá Rosa casará com seu rival Manduca; no 5º, fica furioso; no 6º, pensa que o enterram vivo; no 7º, que o Diabo o carregou.



Nhô-Quim ao sair do túnel!



Rende graça à Providência pela sua salvação!...



Chega a Belém... Safa! Que café...

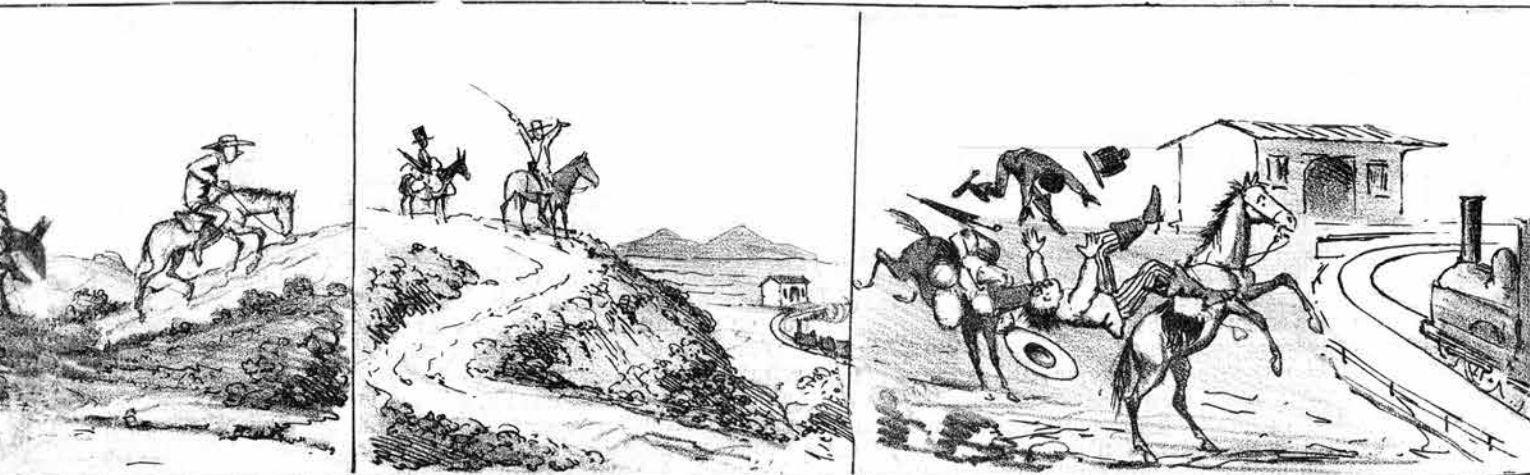


Nhô-Quim paga e pede o t



**HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(DE MINAS AO RIO DE JANEIRO)**

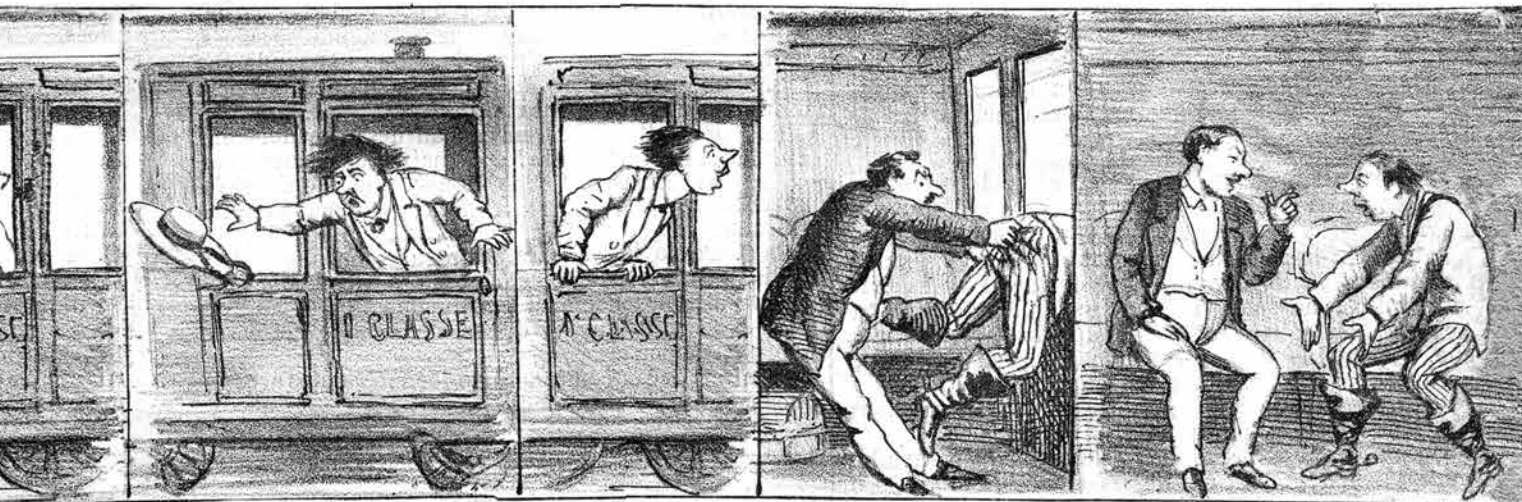
Nhô-Quim, jovem de 20 anos, filho único de gente rica porém honrada, enamorara-se de Sinhá Rosa, moça virtuosa, mas que... de louca nem um pires. O velho Quim, tendo só em vista a felicidade do pequeno, entende que mulher sem dinheiro é asneira; e por isso em lugar de mandar o filho plantar batatas (o que seria muito proveitoso na roça), resolve dar-lhe um passeio à Corte para distraí-lo.



...as co... mpletos a galgar morros, na companhia  
...dito.

Avista, afinal, a desejada estação. Nhô-Quim  
fica absorto.

E o cavalinho ruço muito admirado!



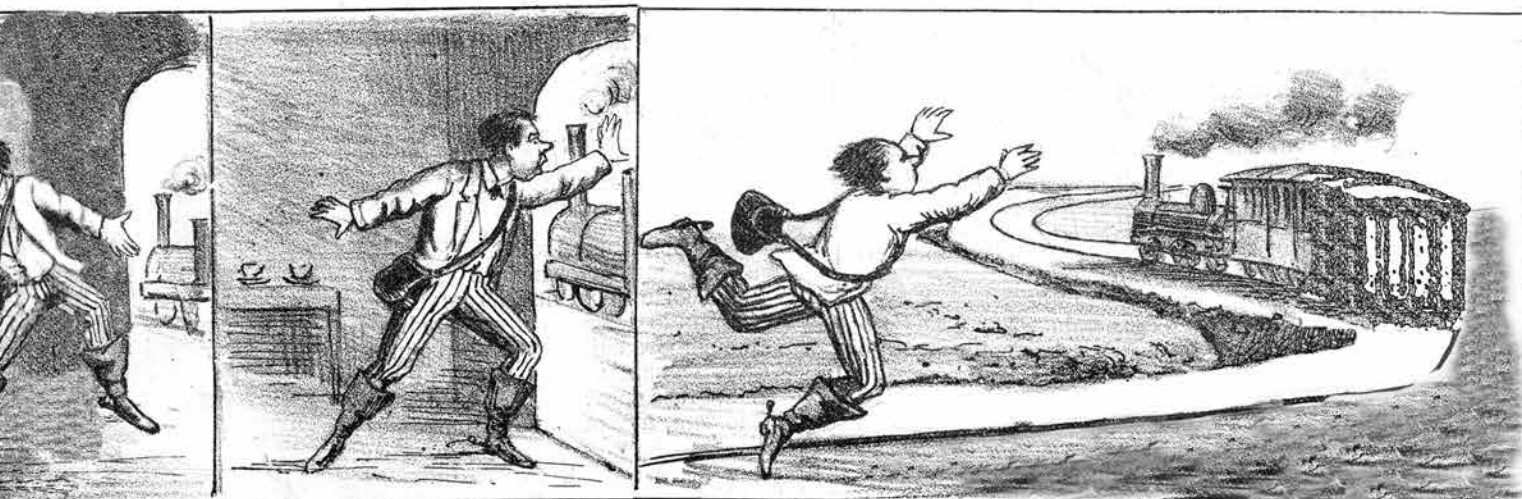
...serva... que a viagem  
...; e que o vapor anda  
...u cavalinh... o ruço.

tão ligeiro, que o vento...!!!

Nhô-Quim grita ao  
maquinista: *Munsiü, espere!  
Puxe a rédea da máquina...  
Lá se vai meu chapéu!*

Vendo que o trem continua,  
Nhô-Quim fica zangado e quer  
precipitar-se pela portinhola...

Nhô-Quim explica que o chapéu foi dado  
por Papai e a fita por Sinhá Rosa no dia de seus  
anos; mas a conversa é interrompida pela



...pede o troco.

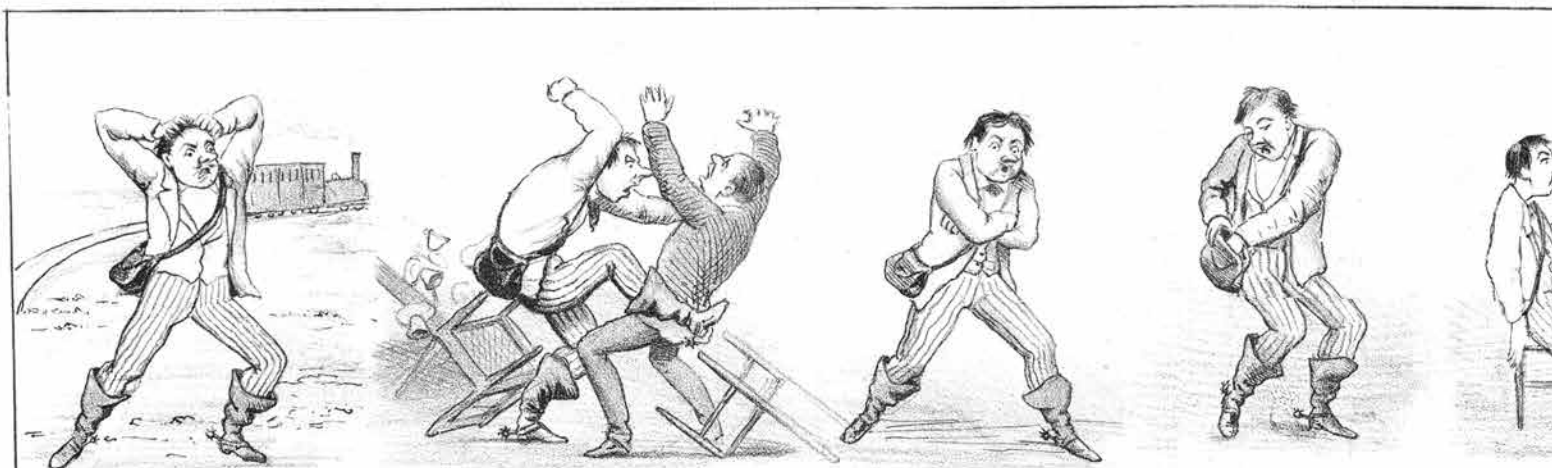
*Espere! Já vou indo!...  
Estou esperando o troco!*

*Lá se vai o trem!... Puxe a rédea, Munsiü!... Olha que sou eu!... Puxe a rédea!... Pare um pouco!...*



## AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítulo II

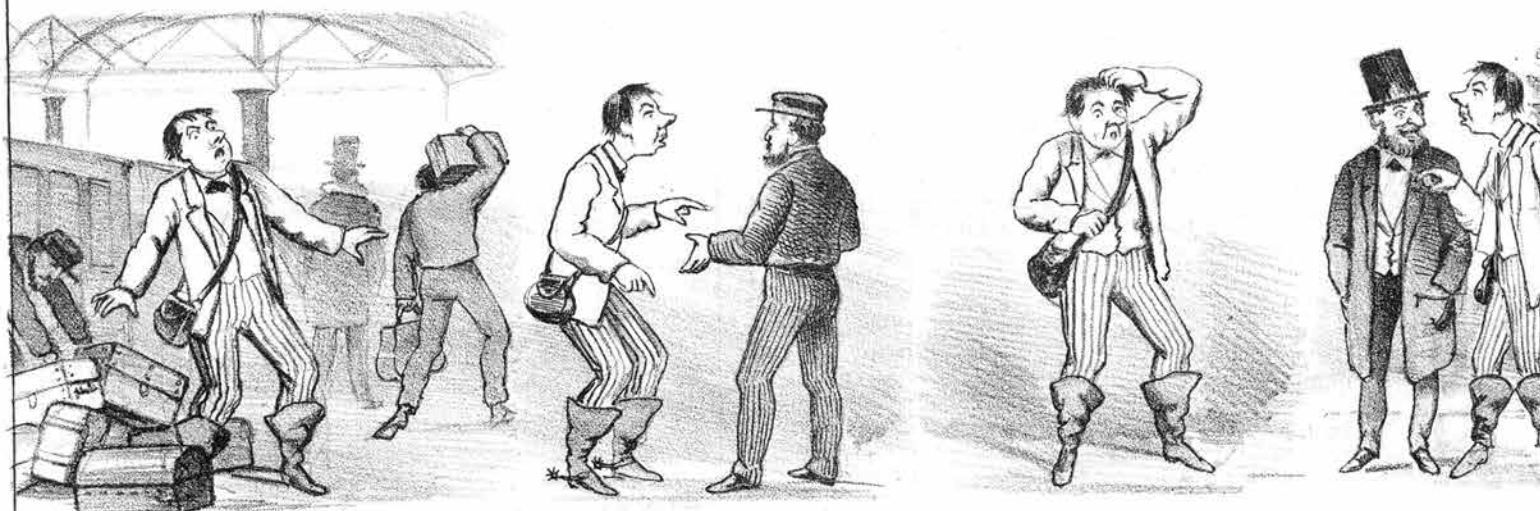


Nhô-Quim que não pôde apanhar o trem, e vendo-se separado do seu pajem Benedito, fica tão zangado, mas tão zangado...

que dá uma tremenda sova ao causador da sua desgraça.

Depois de passear na estação durante três horas seguidas,

lembra-se que tem cigarros



Nhô-Quim chega à estação do Campo de Santa Ana sem outra novidade a não ser a de ficar muito admirado diante do edifício.

Pergunta a todos os empregados onde está seu pajem Benedito.

Porém, não obtendo uma resposta satisfatória fica muito atrapalhado.

Nhô-Quim pergunta se a quem...  
carregar gente. Dizem-lhe que ad...



o cavalo, espantado, dispara pelo meio do Campo de Santa Ana

aonde atira com algumas lavadeiras de pernas ao ar.



HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(DE MINAS AO RIO DE JANEIRO)

A VIDA FLUMINENSE

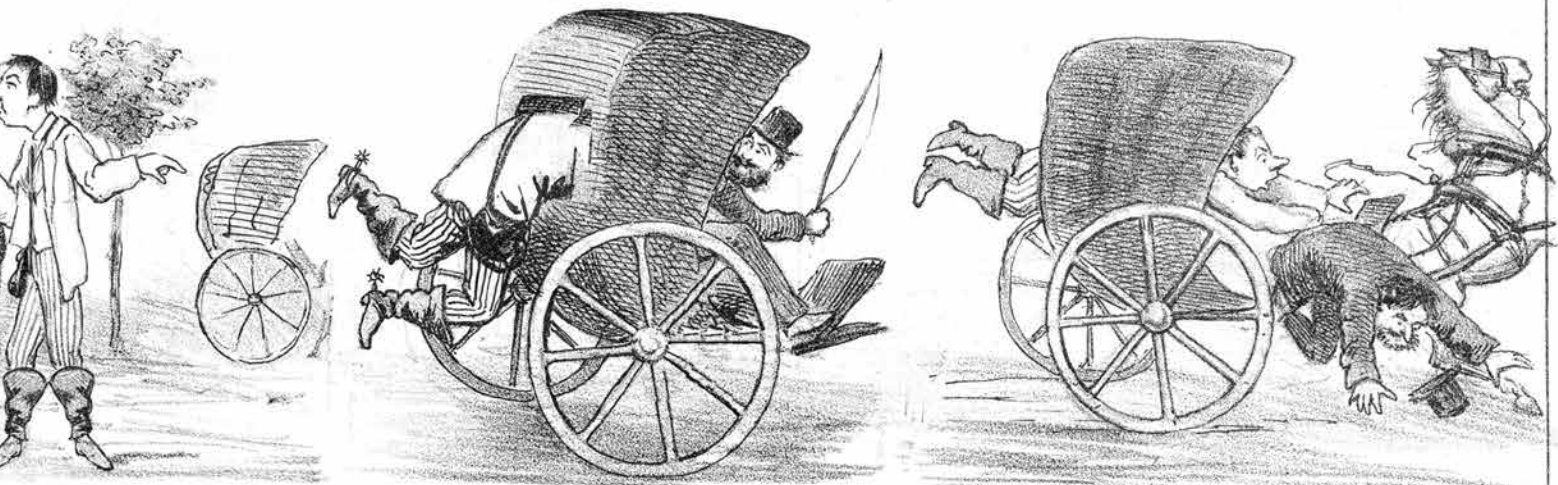


e põe-se a pitar. Nesta posição fica até o dia seguinte.

Nhõ-Quim que ouve de repente assobiar precipita-se, e vendo chegar o tão desejado trem

fica cheio de alegria e tão contente

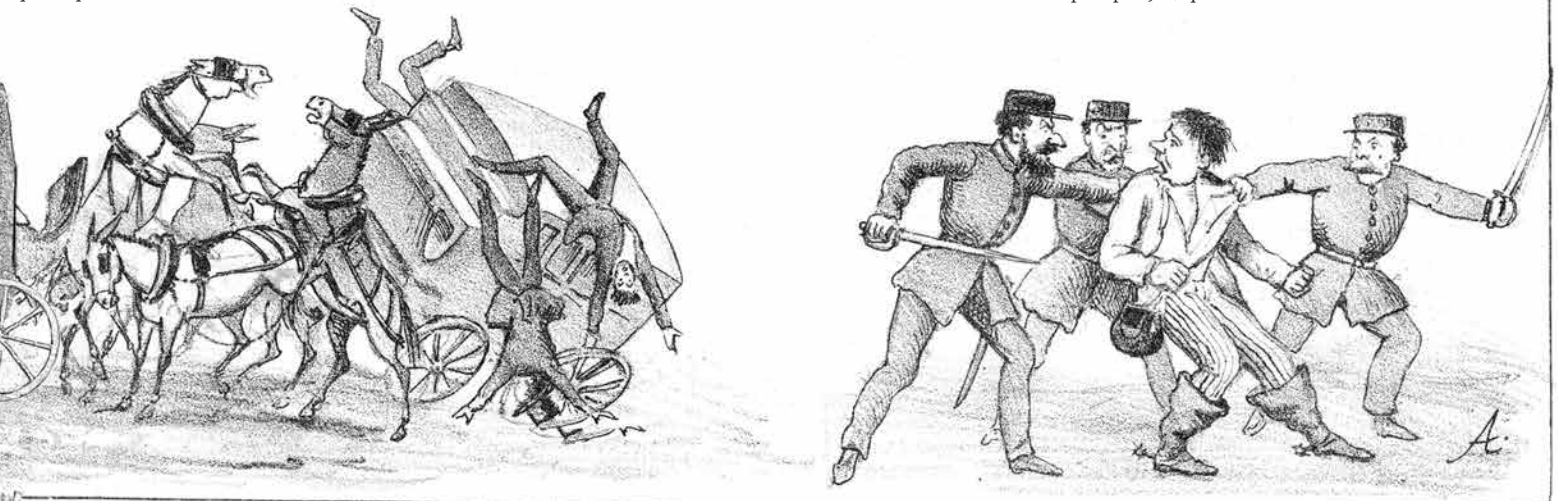
que desta vez não lhe vem à idéia de se benzer ao entrar no vagão.



Na se a aquele carro partido ao meio é para e que aquilo é um tîlburi.

Tendo-o chamado, nosso herói engana-se na porta.

O cocheiro, que julga que o freguês é doido, sai com tanta precipitação, que



Na Rua do Conde o negócio tornou-se mais sério. Tîlburi, gondoleiro, cavalo, burros e passageiros e Nhõ-Quim tudo ficou um angu.

Alguns urbanos que sobrevieram carregam com o pobre do Nhõ-Quim no xadrez.



## AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítulo III



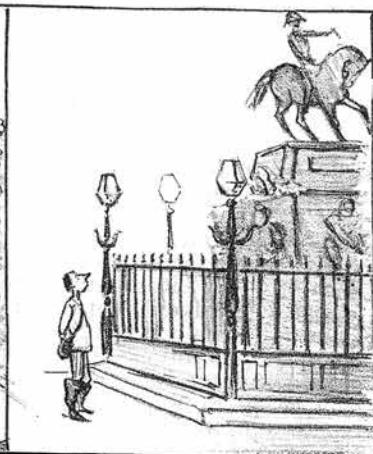
Nhô-Quim, depois de ter passado 24 horas na gaiola, onde meditou seriamente sobre as vicissitudes a que está exposta a mísera raça humana,



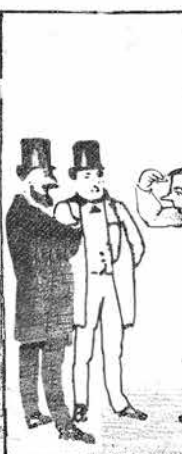
é posto em liberdade, por ter o Chefe julgado que o dano não fora feito *por querer*, como dizia o nosso ratão.



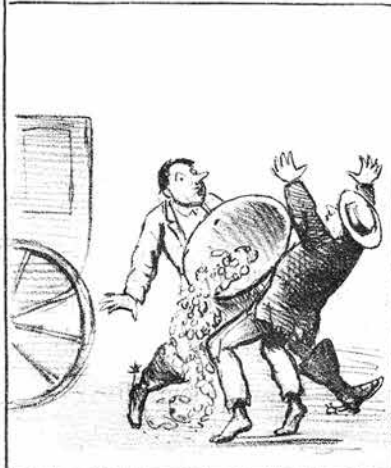
Chegando ao Largo do Rocio acha desnecessário procurar a porta, visto ser a *cerca muito cômoda para pular*.



O que mais faz pasmor ao nosso homem é a *pareceça*, que encontra entre o cavalo da estátua e o seu *cavalinho ruço*.



Vendo que o olhar para ele, o mentar, e só, então do chapéu...



e esbarra com um vendedor de balas!



Obrigam-no a pagar o dano causado. Nhô-Quim acha *despropositado* que na Corte se pague 5\$ por umas bolinhas de papel à toa.



Entra na Rua do Ouvidor. Vendo-a tão estreita, não acha *lá essas coisas, que dizem lá por fora*.



As vidraças de *Notre Dame* atraem-lhe a atenção. Nhô-Quim acha *tudo aquilo muito rico!!!*



Entra. A amabilidade e cortesia dos empregados põem-no em SÉRIE OS



E mais embatucado fica ainda, vendo diante de si uma mulher cortada pelo meio, andando à roda, e parecendo muito satisfeita da sua vida!!!



"*Por que será que o calçamento aqui é tão ruim, e lá no princípio da rua tão bom? Ah! É porque esta parte da rua é mais velha do que a outra.*"



Logo que sofre o primeiro encontro, Nhô-Quim acha que esta gente da Corte é *bem malcriada e que nem sequer pede licença para passar*.



Encostando-se à vidraça do "Grande Mágico", Nhô-Quim sentiu uma coisa!... Oh, que coisa!!! Santa Bárbara! São Jerônimo!!!... (Nhô-Quim não conhece a eletricidade).



Resmungando sem preceito, o homem até defronte da casa. A perfeição dos selins e o luxo trazem-lhe à idéia o seu caso sobre cujo espinhaço tão berço aqueles adornos!



HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(DO XADREZ DE POLÍCIA À RUA DO OUVIDOR)

A VIDA FLUMINENSE

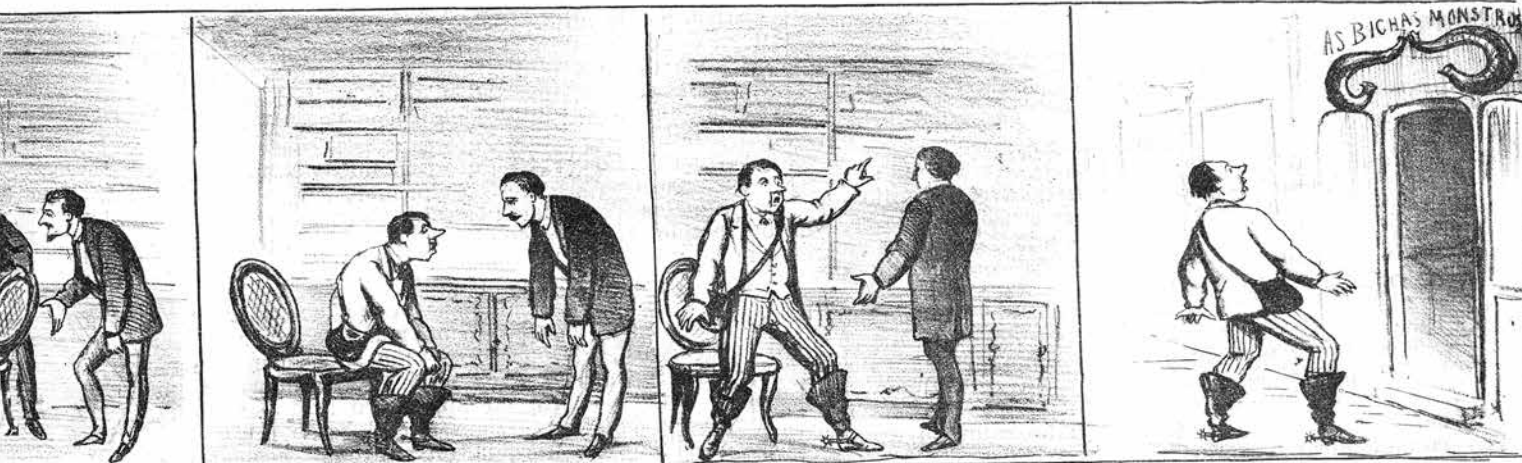


lo qu e todos estão a Informado do lugar, onde  
ra ele, quer cumpri-encontrará melhores chapéus,  
só, então, dá pela faltadirige-se à Rua do Ouvidor.  
l...

Ao passar pela esquina da  
Escola Central, Nhô-Quim fica  
horrorizado de ver que na Corte, e  
em pleno dia, se consente que os ho-  
mens... *Jesus... chii... que porqueira!!!*

Avistando as gôndolas, hesita o nosso  
herói em passar pelo meio delas, por lem-  
brar-se ainda da cena desastrosa da véspera.

Criando ânimo, sai  
com certa precipitação do  
meio daquele labirinto

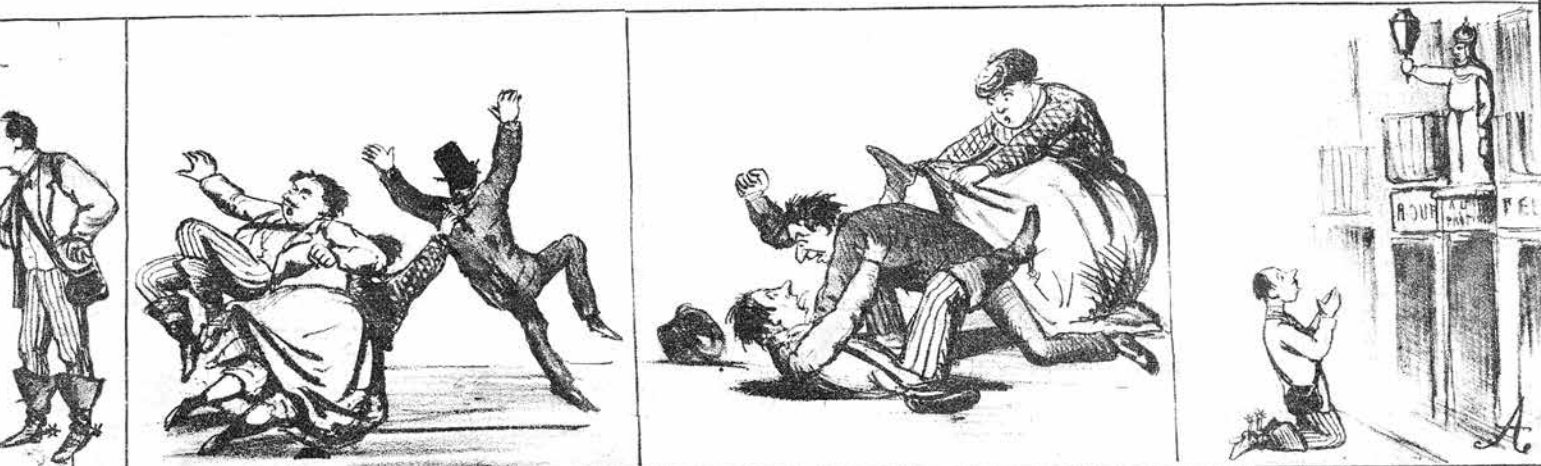


de e cortesia dos em-  
SÉRI OS embaraços.

Explica afinal que perdeu seu chapéu, e que  
quer *comprar outro, se não for muito caro.*

Nhô-Quim fica estupefato por saber que  
numa loja tamanha não há chapéus, e explica  
que o *Xico Bicudo, lá na sua terra, dele, vende cha-  
péus, sapatos, manteiga, roupa, e até ferraduras!!!*

Sem obter o que desejava, prossegue seu  
passeio, e *topa* com as - Bichas-Monstros.  
O homem embatuca deveras...



sem pre, chega o nosso  
te da casa do Lambert.  
ins e o luxo dos arreios  
o seu ca valinho ruço,  
ço tão bem assentariam

Uma senhora, que passava com seu marido,  
fica presa pela cauda do vestido nas esporas do  
nosso homem. Segue-se o inevitável trambolhão.

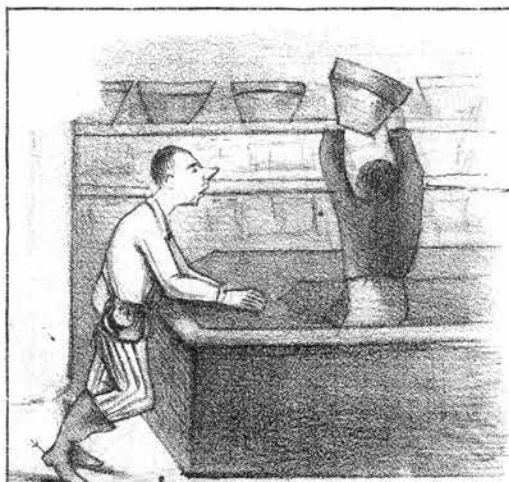
O marido, furioso, assenta em Nhô-Quim  
os mais valentes bofetões de que há notícia. Para  
desculpar-se, o pobre ratão repete sempre que *não  
foi por querer!!*

Desolado por tantas fatalidades,  
ao chegar defronte da loja do Profeta,  
Nhô-Quim ajoelha diante da imagem  
que toma por S. Nicolau, e pede-lhe que  
o livre de tamanho caiporismo!

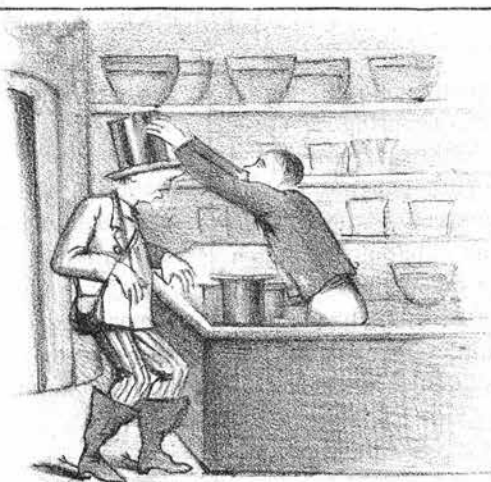


## AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítulo IV



Nhô-Quim, tendo descoberto por fim um chapeleiro, pede um à moda de Paris, porque lhe disseram que o fabricante os fazia muito bem feitos.



O primeiro não lhe serve por ser muito grande;



outro por ser muito pequeno.



O carcamano que julgou inútil gastar um pote inteiro de graxa, engraxou só a metade de cada bota. Nhô-Quim, porém, fica muito satisfeito



e entra no Carceller onde cumprimenta a todos os fregueses.



O nosso jovem admira-se do cumprimento de casa que vai de uma rua a outra.



Desejando ver qual a menor desconfiança e



Nhô-Quim, que reconhece o seu engano, fica estupefato de ver que ia pedir satisfação a si mesmo, e considera-se muito feliz em não se ter dado muitos socos, graças à intervenção do caixeiro.



Tendo-lhe dito que devia tomar um sorvete para se refrescar, nosso herói espera que lhe sirvam essa coisa que ele não conhece.



Nesse intervalo, apresenta-se o Castro Urso & C. que querem-lhe vender a sorte grande em troca de 22\$000.

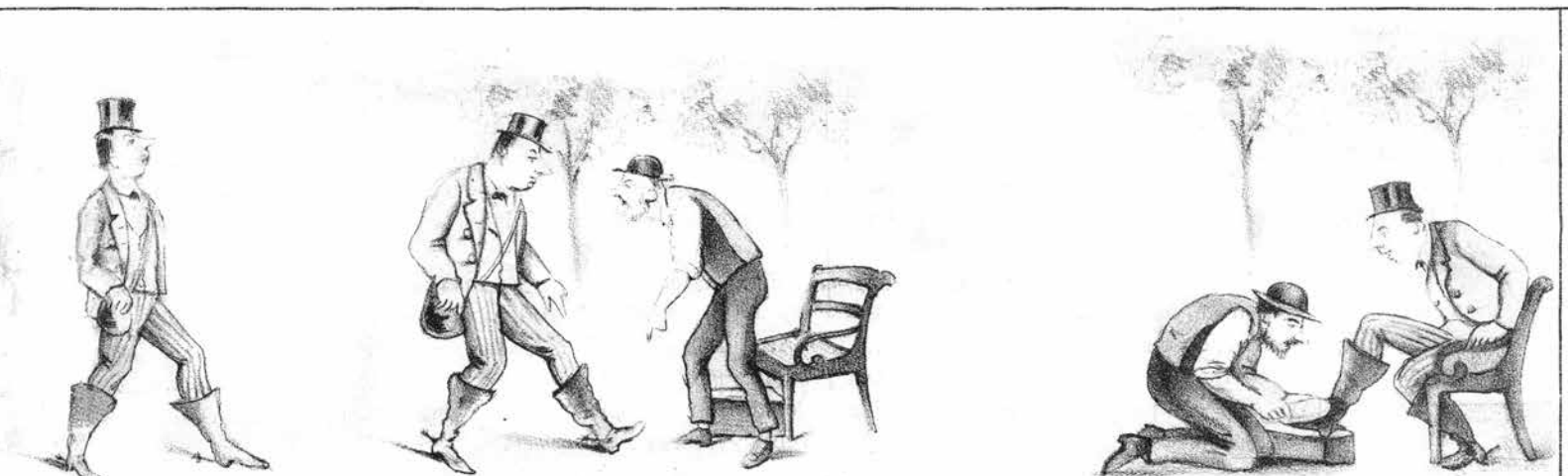


Nosso jovem que não quer se oferecer a 20\$000, julga que o melhor é fugir com os bilheteiros.



HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(NO CARCELLER)

A VIDA FLUMINENSE



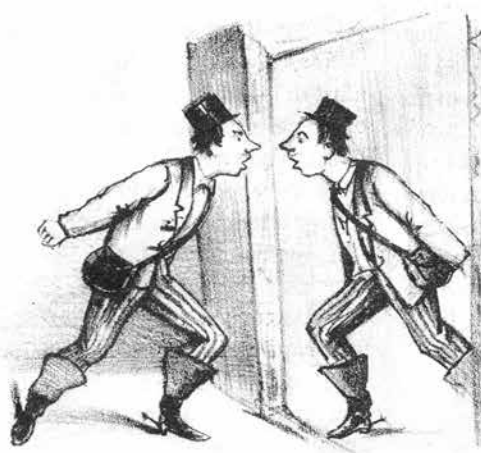
Depois de ter experimentado 30 ou 40, e moído a paciência do caixeiro, fica com um que lhe garantiram ser da última moda, e sai todo repimpado

até chegar à Rua Direita onde um carcamano se propõe a engraxar-lhe as botas.

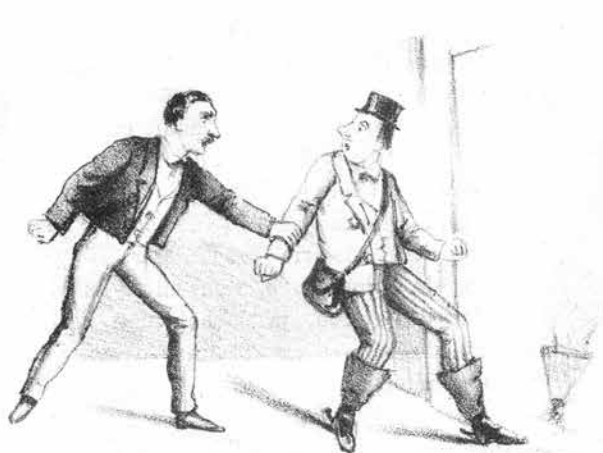
Nhô-Quim que vê outras pessoas fazerem-se engraxar, julga necessário seguir o exemplo dos outros e submete-se à operação da engraxomania.



o ver qual é essa outra rua nosso herói vai sem confiança e esbarra com o espelho!



Nhô-Quim, julgando que é um sujeito que lhe deu um empurrão para lhe impedir a passagem, pede-lhe satisfação.



Um caixeiro da casa intervém para evitar um conflito, que podia ocasionar graves prejuízos às algibeiras do patrão.



em que não pode compreender a troca de 20:000\$000 em troca de um sorvete que o querem debicar e correr com os outros.



Chega enfim a tal coisa que chamam sorvete. Nhô-Quim não sabe se aquilo come-se, ou se bebe.



Depois de ter reparado bem como fazia o seu vizinho, ataca o sorvete como se fora uma banana, e....!!!

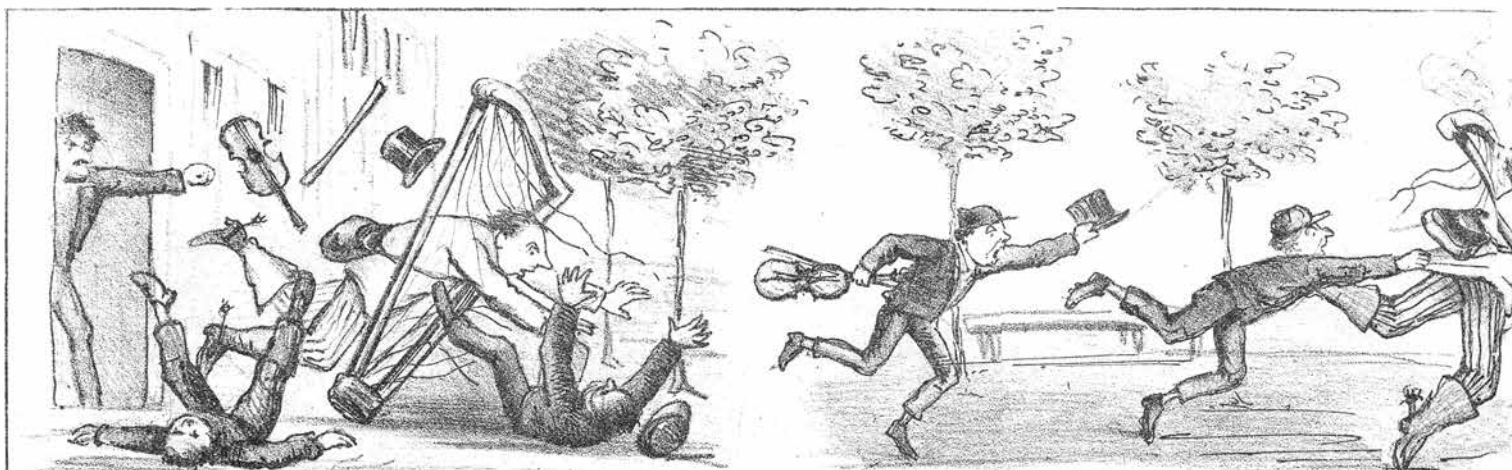


cheio de furor com essa feiticeira, nosso herói cai de pancadaria no caixeiro que o serviu.



## AS AVENTURAS DE “NHÔ-QUIM”, OU IMRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítulo V



Nhô-Quim achava-se tão exaltado ao sair do Carceller que não viu diante da porta um Tronconi e um Grawenstein que cantavam as glórias de Garibaldi, e do *macarroni*.

O coitado julga que lhe armaram uma ratoeira para prendê-lo, e foge espavorido. Um dos carcamanos, agarra-se a ele; o outro segue-os levando o chapéu do nosso herói.

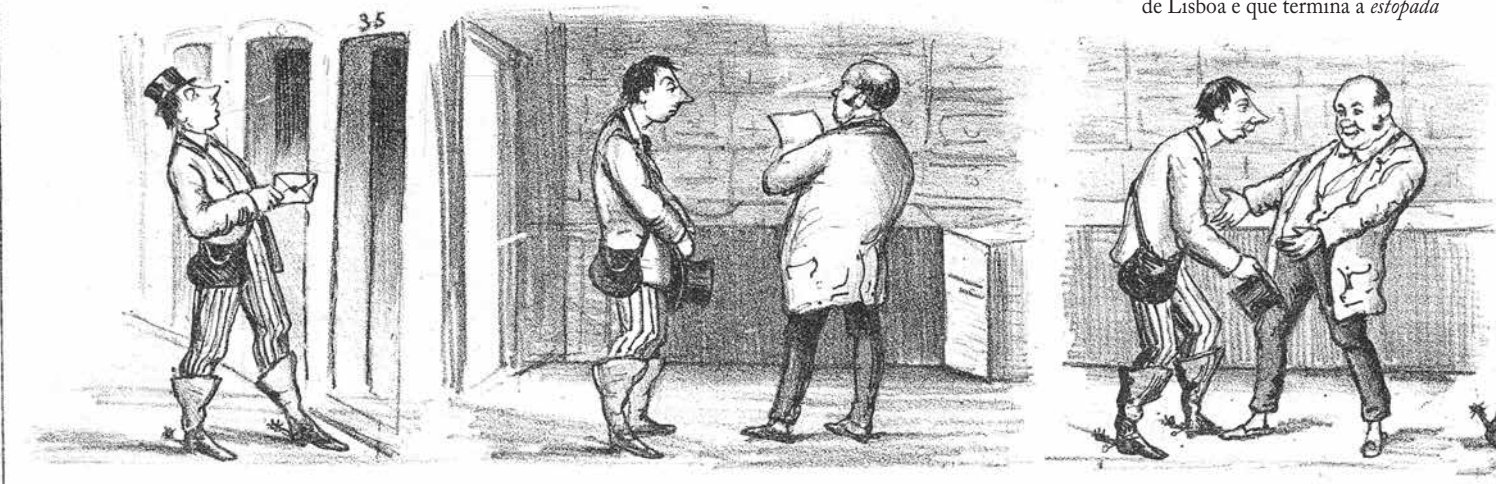


Convencendo-se afinal que abraçara a nuvem por Juno, isto é, que tomara o instrumento de Davi (que trazia enfiado ao pescoço), por uma ratoeira de *gente*, o infeliz mineiro paga as cordas rebentadas e resgata o chapéu.



Passando pela Praça do Comércio

e logo cumprimentado por certo indivíduo que começa a falar-lhe em ministérios, caídos pela força da sua pena, em pesos de medição impossível, em *bonds*, em vinhos de Lisboa e que termina a *estopada*



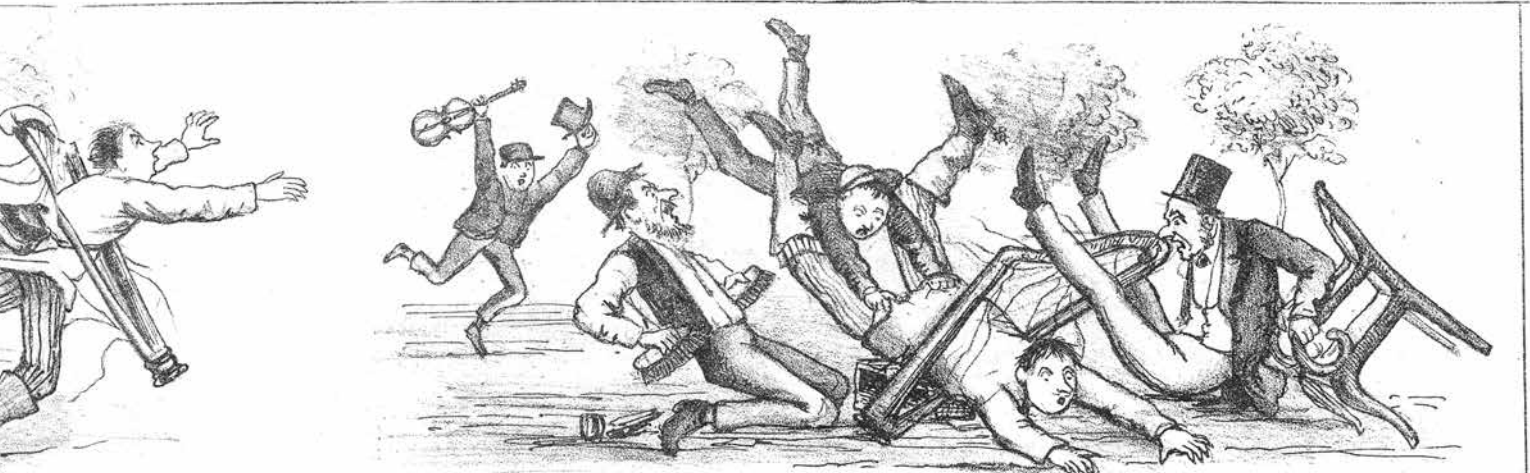
À força de passos e de perguntas, o nosso provinciano dá com a casa do correspondente de *Papai* para quem traz uma carta de recomendação... e ordens.

O Sr. X.P.T.O., julgando ver diante de si um mísero tropeiro recebe a carta com a *gravidade e seriedade* de um comissário que só faz caso de quem possui... de 400 contos para cima!...

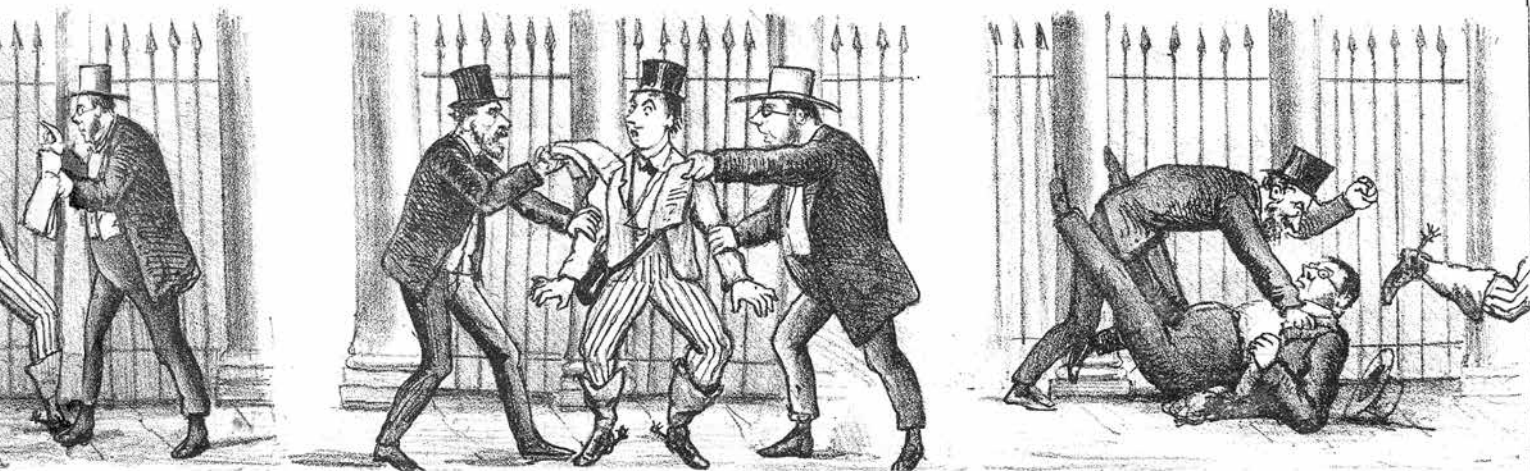
Porém, apenas lê as primeiras linhas e olha para a assinatura, o rosto torna-se risonho, e comicamente comovido exclama! *“Nos meus braços... em cima do meu coração... como sou feliz!...”*  
*“O filho do meu melhor amigo”* (À PARTE)  
*(Um freguês de 30 mil arrobas pesadas à farta, e que não deve um vintém!)* Nhô-Quim fica embatucado.



HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(NA RUA DIREITA)



Não sabendo mais onde meter a cabeça, Nhô-Quim mete, agora os pés na caixa de um engraxador, que ajoelhado diante do freguês, fazia jus à costumada espórtula.



aconselhando-o a empregar os seus capitais em ações da Estrada de Ferro de Petrópolis.

Neste momento intervém outro sujeito que oferece ações de um banco... com quatro pés.

O homem dos ministérios caídos, vendo perdido o fruto do seu discurso com a chegada do novo zangão, prorrope numa berraria, que logo se transforma em soco. Nhô-Quim aproveita o momento, e põe-se ao fresco.



O Sr. X.P.T.O., tornando-se cada vez mais carinhoso, apresenta o nosso herói às suas digna consorte e extremosa filha.

(À parte à mulher). "Manda fazer algum quitute de estrondo e um prato de couves à mineira. A feijoada que seja gorda e de caldo grosso; manda botar três libras de toucinho, e uma cabeça de porco inteira..."

Falando para a filha "Oh, rapariga... veste o teu vestido de seda preta... o dos domingos... o coque novo que não esqueça."



## AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítulo VI



Enquanto a mulher e a filha se penteavam o Sr. X.P.T.O. esfregava as mãos de contente, formando certo projetozinho...



Que comunicou à mulher, logo que a viu, recomendando-lhe muito segredo. A mulher jurou não contá-lo a ninguém.



Porém, mal Sinhá acabou de pôr seu coque novo, a mamãe apressou-se em confiar-lhe o segredo de papai, acrescentando que estas coisas devem ficar em família.



Nhô-Quim, que de nada desconfiava, ficara na sala, lembrando-se que a moça olhara para suas botas com ares de quem se ri, e encordoou com a coisa.



Para passar o tempo, Nhô-Quim começou a apreciar uns quadros da história de Inês de Castro.



O totó de Sinhá que o procurara em toda a casa, apenas o viu, deu-lhe imediatamente provas de sua simpatia...



Foi tal o barulho, que atraiu a atenção de toda a respeitável família X.P.T.O., que ficou com um nó na garganta vendo tamanho estrago, apesar de Nhô-Quim jurar que paga toda a avaria.

HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS

(EM CASA DO SR. X.P.T.O.)

A VIDA FLUMINENSE



Sinhá, que sentiu umas cócegas no coraçõzinho desabafou com tia Micaela, que é uma mucama muito calada.

A Micaela, que tem sua queda pelo Chico, revelou-lhe tudo e terminou dizendo: "Segredo! Olha que foi Sinhá moça que me contou, você não vai me comprometé!"

O Chico, que é levadinho da breca, foi logo pôr tudo no bico da mãe Joana, a qual desesperada por não ter a quem contar em casa, guarda-se para contar no dia seguinte ao Sôr Manel da Venda.

O miau-miau, que ouviu tudo, deu logo a entender o que havia ao totó de Sinhá, o qual sem se saber por que embirrou deveras com o negócio.



fazendo-lhe uma carícia muito ao vivo! Nhô-Quim que não estava habituado a recebê-las.... ali! Safou-se como pôde.

Procurou um refúgio, mas vendo que nem assim se livrava da sanha do diabo do totó,

pulou sobre a mesa, pondo tudo em estilhaços.



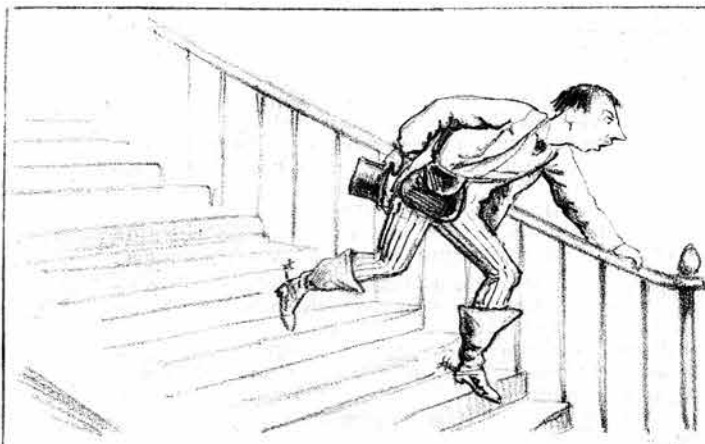
Depois de impor como condição a retirada do terrível totó, Nhô-Quim pula da mesa nos braços do Sr. X.P.T.O.

Nhô-Quim vendo que as carícias que lhe fizera totó chamam todas as vistas para suas calças, foge da sala disfarçando como lhe é possível a intempestiva janela aberta no seu... pavimento térreo.

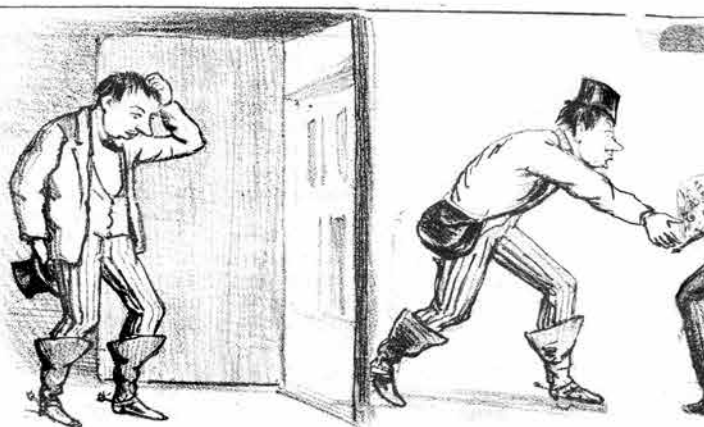


## AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítulo VII

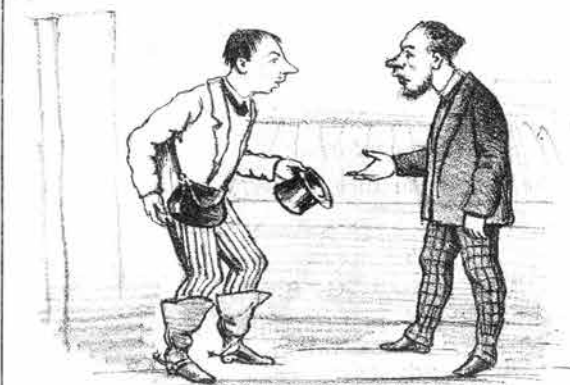


Nhô-Quim desce um pouco apressadamente as escadas da casa de Sr. X.P.T.O., envergonhado ainda da cena que se passara na sala.



Chegando, porém, à porta da rua, nosso herói que não deseja expor o seu... panorama às vistas do público, fica muito atrapalhado. Oh! maldito totó!

Um entregador de jornais entra na casa de Nhô-Quim, a quem surge uma ideia. Ele pita-se sobre o papel no qual ele vê sua desgraça.



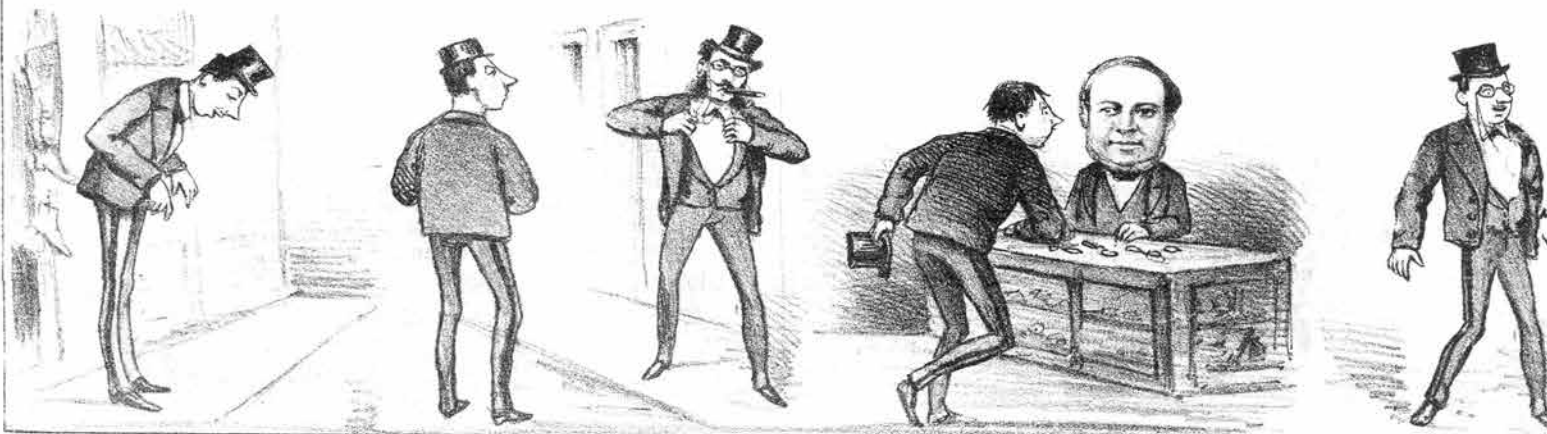
Nhô-Quim entra e diz ao mestre alfaiate que precisa de um par de calças.



Mestre alfaiate de fita em mão se aprontara a tomar a medida, porém no momento de levantar o paletó... *Oh! Horror! Que vejo, exclamou ele, o Dr. Semana e seu moleque!*



Nhô-Quim virando-se contou-lhe sua desgraça. O alfaiate ouvindo que aquilo era devido às graças do totó de Sinhá, filha do Sr. X.P.T.O., riu-se como um perdido.



O que o fez procurar uma casa de sapatos, de onde sai contemplando as botinas envernizadas que comprara.

Nhô-Quim acredita-se um verdadeiro leão, porém, vendo um dândi que levava uma espécie de óculos com fita, julga ser isso de grande necessidade

e dirige-se à casa do Sr. JMDR que lhe disseram ter grande sorte. Pede (não sabendo o nome) aquela coisa de vidro que se bota em cima do nariz dependurado por uma fita. O Sr. JMDR diz-lhe que aquilo chama-se *pince-nez*, que ninguém os tem tão bons como ele, e que sendo um homem muito industrial e útil ao país foi condecorado e admirado por suas obras até no estrangeiro, e mereceu os louvores dos Srs. Vilhena e Capanema.

Nhô-Quim ficou satisfeito com o discurso do grande dândi, porém, muito satisfeito com seu nariz o produto do Sr. JMDR, o país e admirado no



HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(NHÔ-QUIM, COMEÇA A CIVILIZAR-SE.... NO VESTUÁRIO)

A VIDA FLUMINENSE

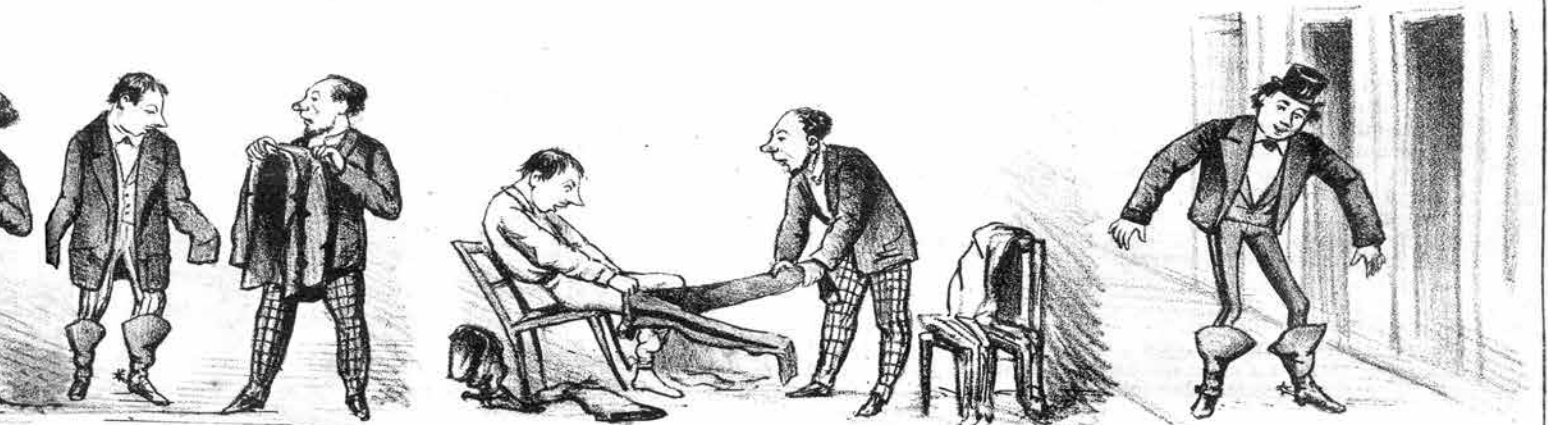


entra nessa ocasião.  
e uma idéia luminosa, preci-  
ele vê sua s alvação

e esconde-se atrás da porta da rua, onde  
não se sabe o que ele vai fazer.

Sai muito contente e por causa das  
dúvidas, ou com algum receio do vento,  
nosso jovem segura as abas do paletó.

Passando pela Rua do Hospício vê  
uma loja de alfaiate e compreende que  
chegou a ocasião de sair do apuro em que  
o botara o atrevido totó.

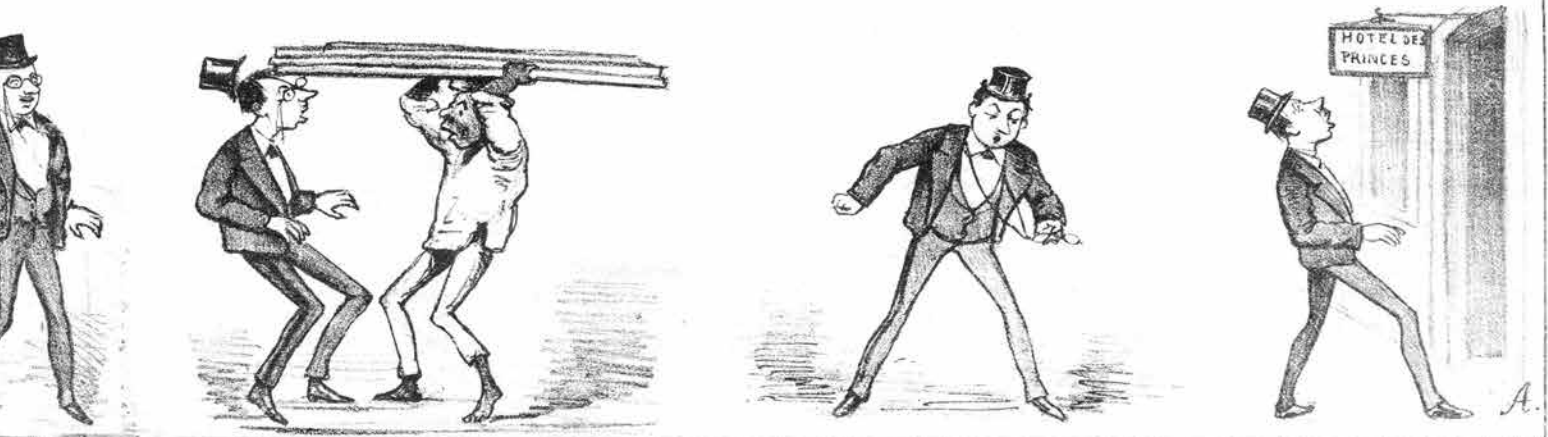


Mestre alfaiate resolvera Nhô-Quim a comprar  
um vestuário completo da moda depois de experi-  
mentado vários paletós

e várias calças que pela largura delas a muito custo pudera  
vestir.

Nhô-Quim sai muito satisfeito  
da aquisição, porém, um pouco em-  
baraçado com a roupa nova.

Nota, porém, que não deve mais  
usar as botas.



Quim ficara embatucado com  
do grande homem industrial,  
to satisfeito de possuir sobre o  
produto de um homem útil ao  
rado no estrangeiro.

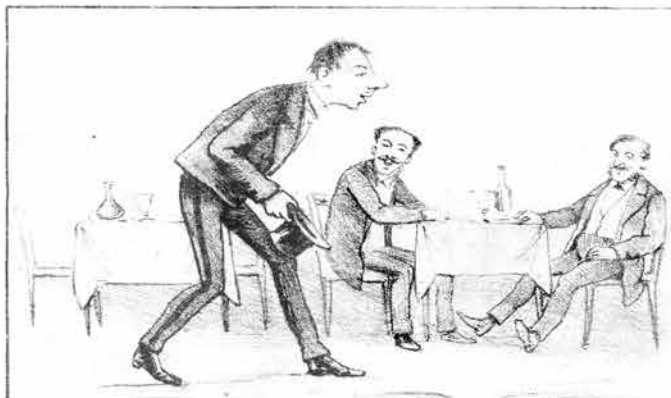
Indo passear ao Rocio Nhô-Quim  
esbarra com umas tábuas que carregava  
um negro de ganho.

Reconhecendo que o desagradável choque que  
sentira era devido ao tal *pince-nez* com o qual vê me-  
nos do que com os seus próprios olhos, sua vontade é  
esmigalhá-lo, porém, lembrando-se que é o produto  
de um homem útil ao país e que é moda,

entra num hotel para jantar por  
se sentir morto de fome.

## AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

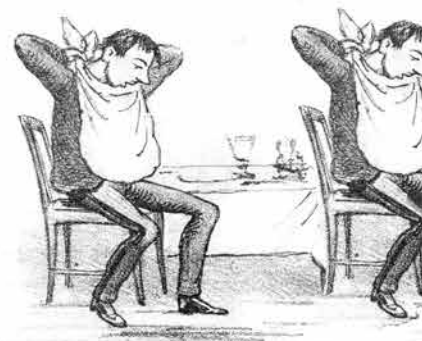
### Capítulo VIII



Nhô-Quim entra na sala do Hotel e cumprimenta os circunstantes



e dá a entender ao garçom que se apresenta, que quer jantar.



Senta-se e toma as cautelas precisas para não sujar a roupa nova.



Devorada a sopa, Nhô-Quim julga que o que se segue na lista deve ser o cozido e aponta a segunda linha o que muito admira o garçom



Porém muito mais admirado fica Nhô-Quim com o segundo tomo da sopa. Não teve remédio senão comê-la para mostrar que não se enganara.



Nhô-Quim que apontara para a terceira linha, perde as estribeiras vendo o garçom trazer a terceira sopa. Atira com a lista e brada: - *Acham que tenho cara de papa-sopa! Traga feijão, ouviu munsüü? Feijão!!!*



O garçom cumpriu a ordem, porém Nhô-Quim apenas deitou os olhos no prato, exclamou: - *O que é isto? Quatro grãos de feijão nadando num prato de água suja?! Sem cabeça de porco, nem entrecosto, nem lombo, nem toucinho ao menos!!!*



Chega o garçom. Nhô-Quim pergunta onde está o boi: - *Ei-lo.* - *Pois isto é que é um boi?!... Onde estão os chifres?...*



*Olha, seu munsüü, isto não chega nem para cova de um dente! Traga-me então mais 8 bois!!!*



Nhô-Quim que comera proporcionalmente seis ou sete coisas diferentes ficou empanturrado

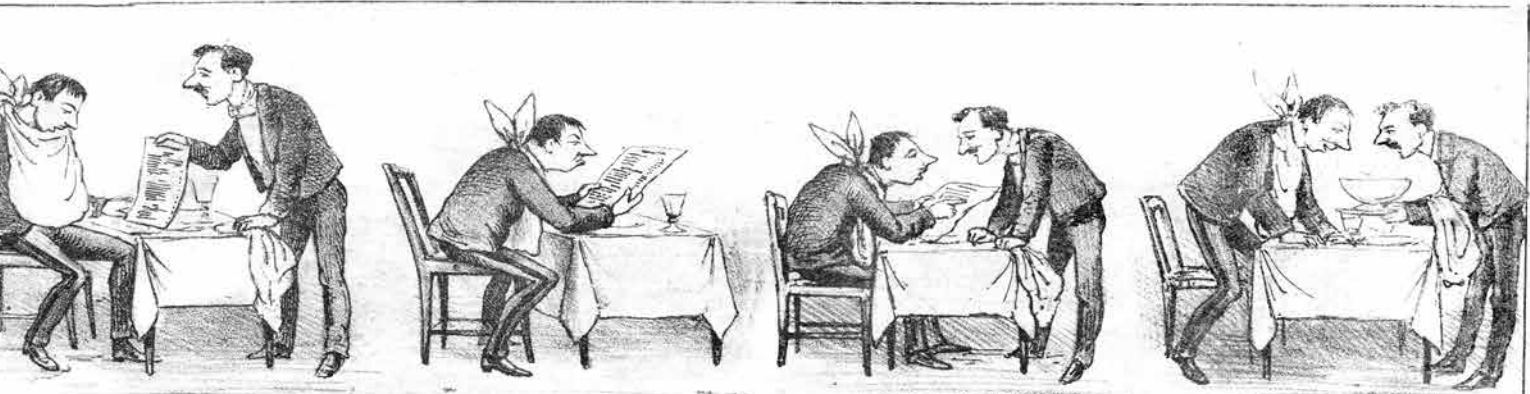


e pede a conta que acha uma tremendíssima ladroeira.

Nhô-Quim pelo que paga, crê piamente que comeu 8 bois, 8 carneiros, 8 porcos, 8 perus, etc. etc



HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(NO HOTEL DO S PRÍNCIPES)

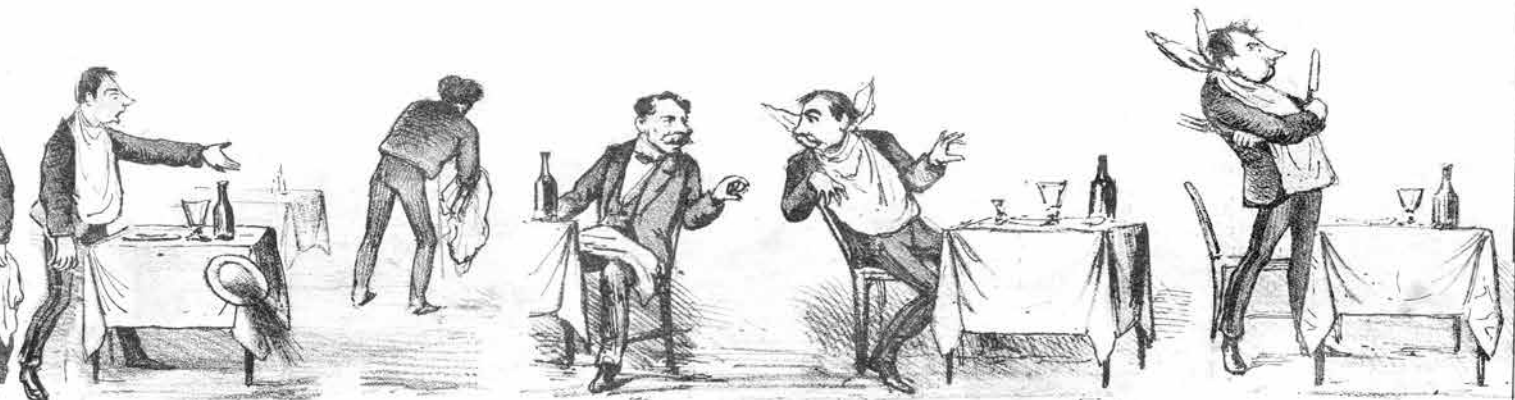


O garçom faz pasmar Nhô-Quim mostrando-lhe a lista do jantar, cousa nova para ele.

*-Em que diabo de lingua esta gente come! Não compreendo nem pitada!*

Nhô-Quim que não quer dar a conhecer que não entende, com medo de ser enganado diz ao garçom:  
*- Dê-me esta coisa daqui do princípio.*

Nhô-Quim vê com prazer chegar a sopa e fica orgulhoso por ter acertado com o que queria.

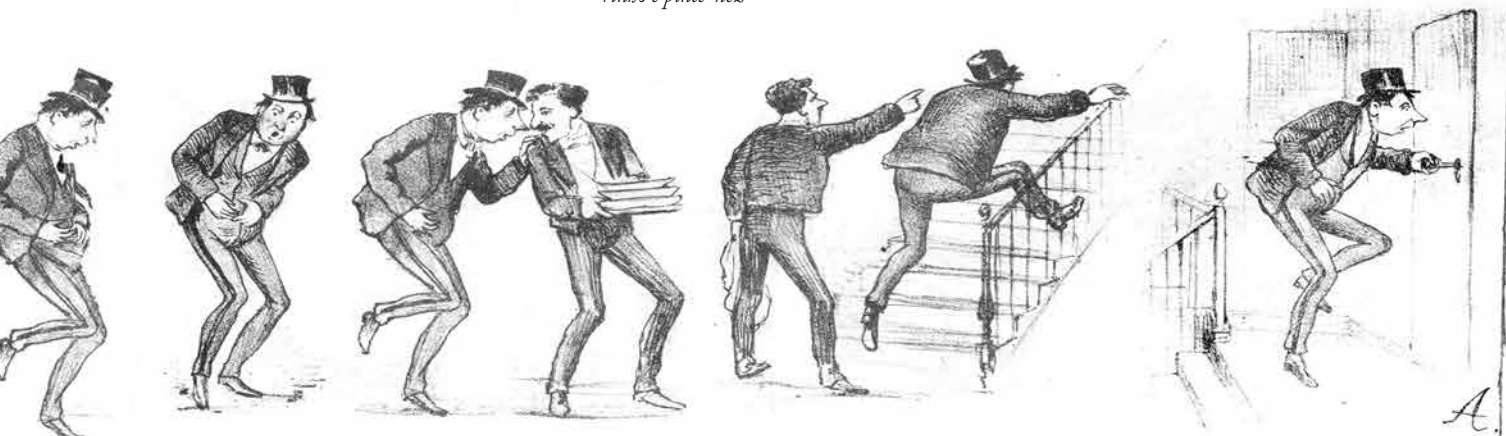


Nhô-Quim atira com o prato no chão e berra:  
*- Dê-me coisa que se coma, munsii! Estou com fome!!!*

O garçom saiu gritando: *" Un boeuf a la mode pour un!!! "*

Nhô-Quim, temendo que viesse outra sopa, pergunta a um vizinho o que significa o grito que deu o munsii. O vizinho, que é complacente, responde:  
*- Um boi à moda para um.*  
*- Um boi! À moda!?* Exclama Nhô-Quim, *um boi de colarinho e pince-nez*

*para eu comer*  
*É... o munsii decerto está caçoando comigo. Pois que venha com um boi que encontra um homem!*



Nhô-Quim levanta e acha que comprou as calças muito apertadas na barriga, e não sabe por que começa a sentir de repente certa dorzinha que o obriga a dizer duas palavras, bem baixinho ao garçom,

o qual lhe diz que é no segundo andar, à direita, indo pelo corredor esquerdo, há uma escadinha que vai ter a uma porta estreita...é aí.

Nhô-Quim, não subira, voara pelas escadas acima e entra por engano... Onde?  
No quarto de M<sup>l</sup>. X que, por felicidade, estava representando no Alcazar.

## AS AVENTURAS DE “NHÔ-QUIM”, OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítulo IX



Nhô-Quim não só achou o que procurava, mas também encontrou o que não esperava, isto é, uma boa cama, onde depois de despir-se, não tardou a ferrar no sono.



À meia-noite ouviu-se um grito horrível, que pôs em sobressalto todo o hotel. Era M<sup>lle</sup>. que, ao recolher-se ao seu quarto, ficara asfixiada... pelo terror, sentindo... uma impressão tão forte, que quase a lançara desmaiada no chão.



Aos hóspedes que acudiram disse M<sup>lle</sup>. cheia de indignação, que no seu quarto, e em cima da cama havia um homem... desconhecido.



Depois de esgravataram todos os recantos com a precisa cautela, vendo-se descoberto, Nhô-Quim não teve remédio senão sair do seu esconderijo.



Mas tão desesperado estava, que, empunhando a única arma que achou ao seu alcance, Nhô-Quim investiu contra seus desapiadados perseguidores,



Chegou o Sr. Inspetor. Estava salva a pátria! M<sup>lle</sup>. contou-lhe o negócio. O Sr. Inspetor, que pretende ser um finório, asseverou que o cujo, além de ladrão, devia por força ser um grande assassino e, por causa das dúvidas, além dos quatro urbanos que trazia consigo, mandou buscar mais seis.



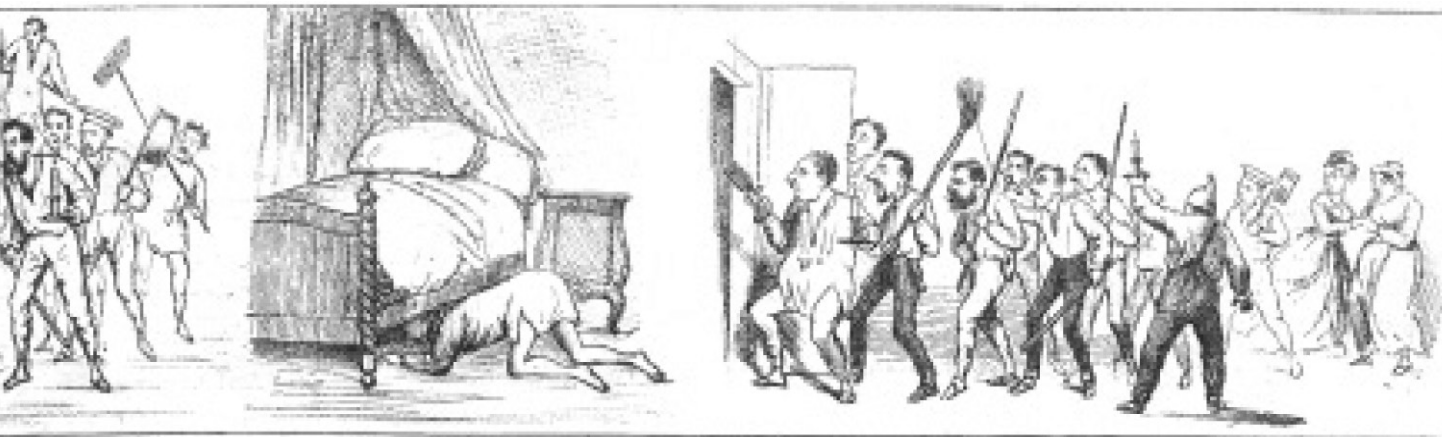
Nhô-Quim, que viu tudo pelo buraco da fechadura, sentiu profundamente que se tivesse esgotado... seu único meio de defesa, pelo que tratou, pela segunda vez, de esconder-se.

Chegou o desejado reforço. O Sr. Inspetor, depois de arrombada a porta, adiantou-se um passo, e impávido bradou: *“Em nome da lei, o intimo a que se renda sem resistência! Quando não eu apito e vem mais gente em meu auxílio. (Voltando-se para os urbanos). Vocês não saiam de ao pé de mim!”*



**HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(A RAZÃO POR QUE NHÔ-QUIM NÃO QUERIA QUE CONTÁSSEMOS O QUE  
LHE ACONTECEU NO QUARTO DE M<sup>LE</sup>..., OU TERRÍVEIS CONSEQUÊNCIAS  
DE UMA INDIGESTÃO)**

**A VIDA FLUMINENSE**



—*Isto aqui cheira-me a... ladroeira! É um ladrão que se introduziu no seu quarto, madame.* (observou fungando um judicioso circunstante).

Nhô-Quim acordou com o barulho e, desconfiando que o negócio era com ele, procurou pôr-se no quartel da segurança.

Reunidas mais de 30 pessoas, entre hóspedes, criados, cozinheiros, julgou-se por unanimidade que, entrando todos ao mesmo tempo e estando bem-armados, ninguém corria muito perigo, pelo que abriu-se a porta e 30 vozes bradaram: — *Saia, ladrão!*



os quais viram-se obrigados a ir logo curar com muita água e sabão as inúmeras feridas que receberam.

Mas como este mundo é de compensações, os perseguidores tiveram o gostinho de arrecadar a fatiota de Nhô-Quim para impossibilitar-lhe a fuga, até que chegasse o Sr. Inspetor de quartelão, que se foi chamar a toda pressa.

Nhô-Quim subia a serra com a subtração da sua roupa, o que o punha à fresca, quando ele tanto desejava pôr-se ao fresco!



Nhô-Quim não obedecendo à voz da autoridade, foi preciso dar uma busca em regra, até dentro das gavetas. Enfim deram com ele. Então o Sr. Inspetor perguntou com arrogância:

— *Que faz o senhor dentro desse guarda-roupa?*  
— *Estou... passeando, sim, senhor!*

A roupa de Nhô-Quim é entregue à autoridade que, incontinenti, passou a revista do estilo e deparou com uma carteira bem recheada, a qual se conheceu pelos papéis que continha, que era do próprio Nhô-Quim. À vista da carteira, M<sup>le</sup>. sentiu-se comovida e exclamou: *Bizarre!!!*

M<sup>le</sup>. disse consigo: — *Pois hei de deixar levar para a cadeia um homem que tem tanto dinheiro*” (e abraçando Nhô-Quim exclamou.) — *Monsieur l'inspecteur, largue o homem, é um perfeito cavalheiro; conheço-o muito... é inocente!*”  
Estupefação geral! *Tableau!*



## AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capít ulo X



Serenada a celeuma no Hotel dos Príncipes e estando Nhô-Quim sob a proteção de M<sup>lle</sup>. X, voltou o Inspetor e entregou a carteira ao nosso herói.



A sós com ele logo M<sup>lle</sup>. X inebriada pelo doce aroma da carteira começou a patentear-lhe seu... amor.



Nhô-Quim que não estava habituado a ser perseguido ficou muito verganhado. Nem era para menos.



M<sup>lle</sup>. X, pode alcançá-lo ainda... mas nem desta vez... conseguiu... convencê-lo.



Vendo perdida sua lógica, M<sup>lle</sup>. X resolveu-se a deixá-lo partir emprestando-lhe alguns trajes femininos.



inglês, ex-amante arrufado de M<sup>lle</sup> X, que vinha de Santos para fazer as pazes. Nhô-Quim enfiou!!



O inglês, enganado pelo vestido e xale, exclamou: - Oh, meu filhinha! e zás... pregou-lhe um beijo na face.



Nhô-Quim, insultado, furioso... levantou-se e zás... pregou-lhe dois murros nos queixos.



HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(NHÔ-QUIM CONSEGUE, AFINAL, SAIR DO HOTEL DOS PRÍNCIPES)



ituado a estas coisas ficou todo en-

Protestou, tapou os olhos com a fralda da camisa, chorou... e por fim procurou sair mais depressa do que tinha entrado.

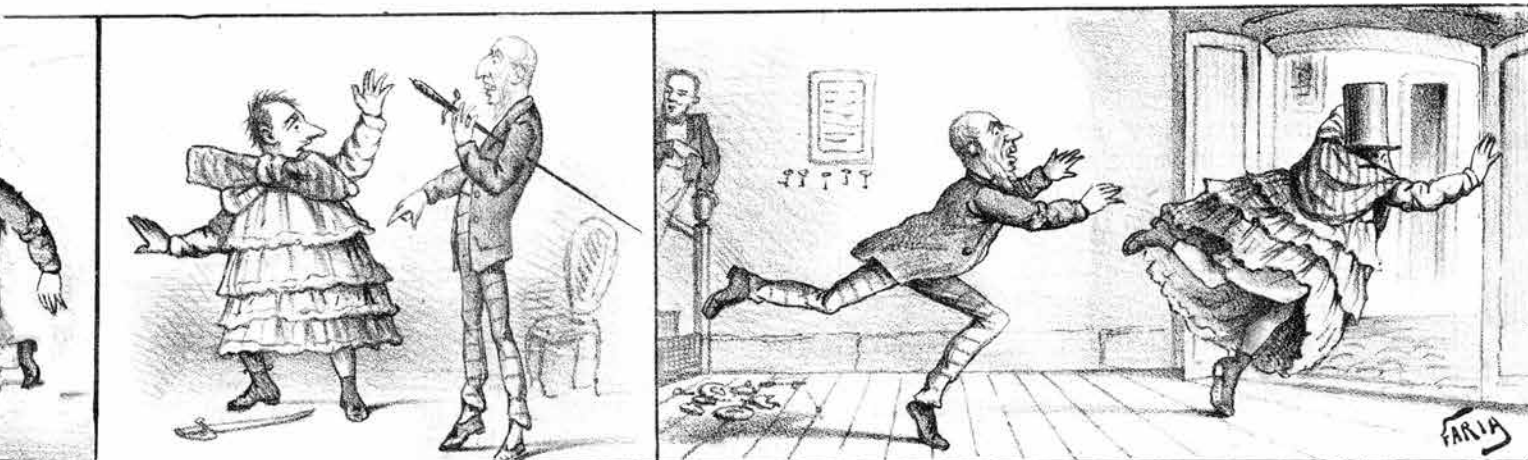
Mas a porta estava fechada... e a fechadura tão enferrujada...



Nhô-Qui vestiu-se e começou a pensar... como retribuiria a delicadíssima fineza de M<sup>lle</sup>. X.

Depois de pensar meia hora achou que o melhor era dar-lhe 50\$000 réis, e entregou uma nota de cem, pedindo o troco.

Enquanto M<sup>lle</sup>. X foi trocar o dinheiro surgiu na porta Mister Fux,



Fux perfilou-se, saiu muito teso, entrou ainda mais teso, trazendo um florete e uma espada curtinha.

Um duelo! Lá disto é que o nosso herói não quer saber... portanto põe na cabeça o chapéu do inglês... e safa-se!

FARIA



## AS AVENTURAS DE “NHÔ-QUIM”, OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítulo XI



Nhô-Quim fica muito espantado em ver que, na rua, todos olham para ele, rindo.

Muito lisonjeado por tais provas de simpatia, Nhô-Quim nem mais se lembra de que, graças ao vestido de M<sup>l</sup>. X, quase mudou de sexo.

Porém, ao passar no Castelões a janota Eduardo Garrido descarrega-lhe à queima-roupa.



Confusão, sopra o vento, levanta-se poeira e o nosso herói, envolvido nela, pôde a custo safar-se.



Mas, ao virar o canto da Rua Direita, esbarra no quiosque ali postado, e como o quiosque embora elegante, não é lá muito sólido...



Interrogado, Nhô-Quim conta a sua aventura. A autoridade prega-lhe um sermão sobre costumes e manda-o levar à casa do correspondente.



Ao sair da casa do subdelegado Nhô-Quim depara com o seu fiel Benedito na traseira do carro de uma cocote!!! Grita, torna a gritar... O moleque não ouve.



HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(NHÔ-QUIM ENCONTRA, AFINAL, O SEU FIEL BENEDITO)

A VIDA FLUMINENSE



a janotad a joga-lhe quatro chalaças e  
peima-roupa um obus de pilhérias.

Nhô-Quim fica furioso e para abrir passagem, dá furioso encontrão no Garrido. Este cai sobre  
um *flaneur* o qual, a seu turno vai cair sobre a modista mais *chic* da Rua do Ouvidor.



O habitante do quiosque, incomodado no seu *dolce far niente*,  
protesta energicamente contra o furacão agarrando-o... pelas saias.



Gritos, apitos, algazarra!... Sobrevém a urbana gente  
e lá vai Nhô-Quim à presença do subdelegado.



Apenas encontra uma caleça da praça, Nhô-Quim mete-se  
dentro e manda tocar para casa do Sr. X.P.T.O.

X.P.T.O., que de há muito o procurava afanosamente, recebeu-o  
de braços abertos, lágrima no olho... e sorriso nos lábios.

TARJA



## AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítulo XII



*"Pobre amigo! Eis o fruto da inexperiência! Cobia aqui um discurso, mas você precisa mais de roupa..."*



*Descanse. Vou buscá-la, mas até a minha volta, para que a minha família não saiba de nada, esconda-se naquele quarto.*



O nosso herói acha-se em frente à indecisão acomete-o. Qual d



Finalmente! Nhô-Quim despe as roupas femininas e põe-se a gosto. Mas ouvindo passos fora, fica atrapalhado.



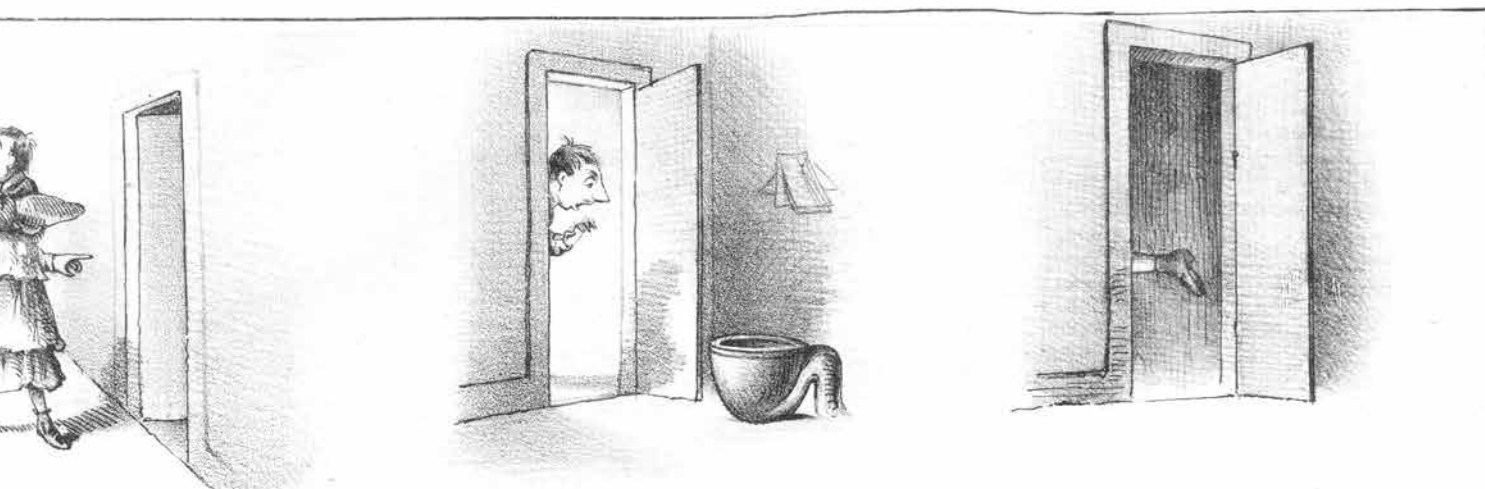
Sinhá, em cujo quarto se achava o nosso herói, vinha pôr uma jarra sobre a cômoda. Horror!  
-Um ladrão no meu quarto! Mamãe! Serafim!



Ao vê-lo assim ajaezado, todos recuam espavoridos. Pai Serafim larga o sabre e cai sobre a parceira Úrsula, que a seu turno vai cair sobre a crioula Joanhina, derrubando p  
É geral o grito: - Não é ladrão, é um tigre!!! Confusão, espanto, tableau.

HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(COMO O CORDEIRO PASSA ÀS VEZES POR TIGRE)

A VIDA FLUMINENSE



em frente de duas portas.  
Qual delas preferir?

Abre a primeira, mete o nariz dentro do quarto... e recua... (Pudera!)

Como na casa não pode haver tão perto um do outro dois quartos assim...iguais, Nhô-Quim embarafusta pela outra porta.



Aos gritos da moça, a família reuniu-se, e sabendo que há um ladrão no quarto de Sinhá, toma as necessárias precauções e para ali se dirige em atitude hostil.



Nhô-Quim, vendo que vai ser surpreendido, embrulha-se numa pele de tigre que servia de tapete, e naquele traje decente dispõe-se a serenar os ânimos.



abando por fim Sinhá e Mamãe que formavam a retaguarda.

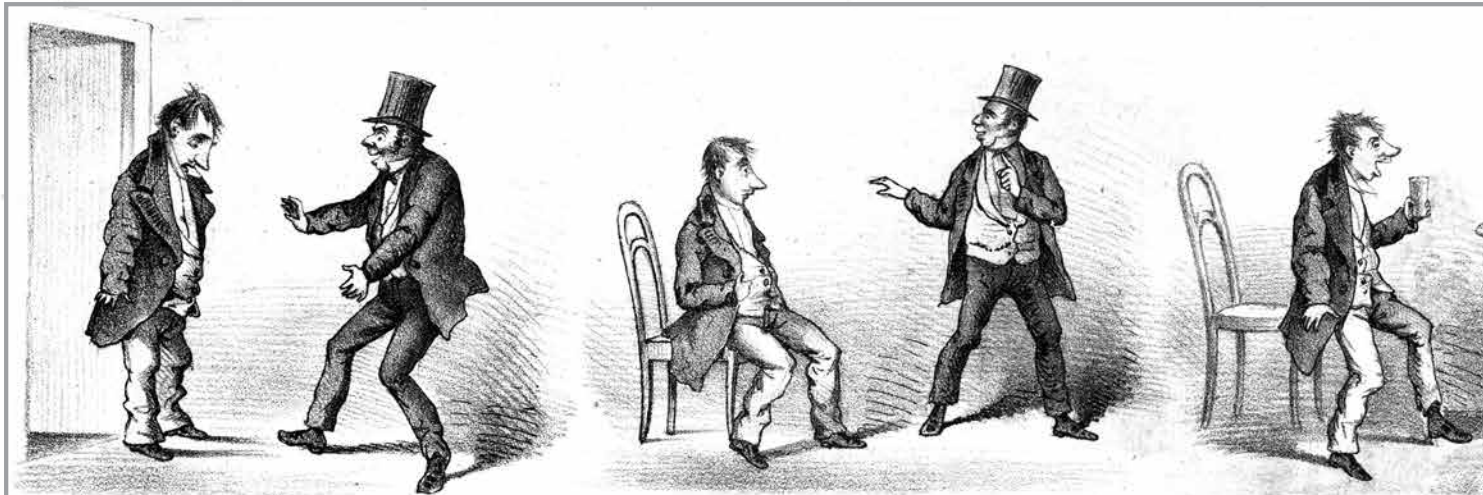


X.P.T.O. que chegara naquele momento brada:  
- Qual tigre, nem meio tigre. Safa tudo daqui para fora. Logo lhes explicarei esta embrulhada.



## AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítul o XIII



"A roupa fica-lhe a matar, comprei-a no melhor alfaiate da Rua do Ouvidor". (à parte).

É da Rua do Hospício, mas na conta do freguês não de figurar os preços da Rua do Ouvidor.

"Descanse um pouco. Você tem tido tantos sobressaltos. Eu vou lá em baixo ao escritório e volto logo. Se precisar de alguma coisa, chame."  
"Quero água. Estou com uma sede!"

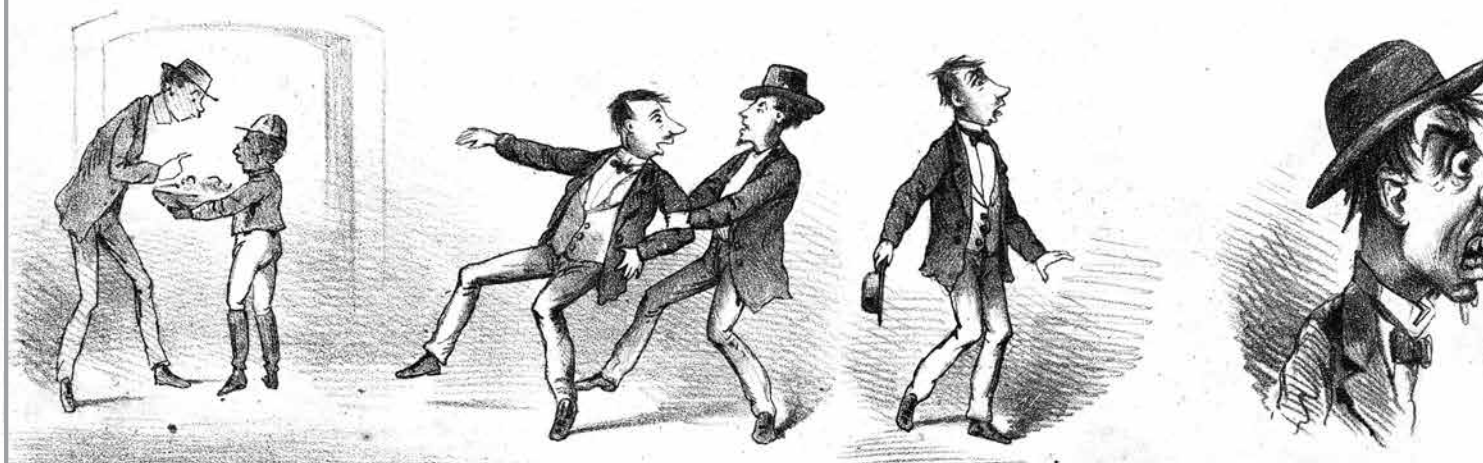
X.P.T.O. manda a criada  
Nhô-Quim vend o a  
fazenda... e fica... em meia



A repentina chegada do guarda-livros da casa põe termo à declaração e obriga a pudibunda crioula a dar as de vila-diogo.

"O senhor, um homem fino, querendo abraçar a Joana, quando há por aí tanta francesa de estadao!... Venha comigo ao Cassino, e verá."

"Pois sim, mas esta roupa está tão malfeita, não vê?..."



"Venha daí, Nhô-Quim! Você parece que viu passarinho verde?"  
"Qual! É o Benedito, o page que me deu papai e eu perdi cá na corte."  
"Isso é ilusão. Se fosse o Benedito, corria logo a abraçá-lo e a tomar-lhe a bênção."

Nhô-Quim entra no Cassino e vendo tanta luz, tanta gente e tanto luxo fica enbatacado...

Expressão... fisionômica de nosso herói vendo, ao levantar do pano, Melle Suzane.



HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(ROUPA, TERNURAS, DECLARAÇÃO E CENAS DO CASSINO)



...anda a crioula Joaquina com um copo de água.  
...vendendo a criada a sós com ele... lembra-se da  
...em meias tornas.

Sem poder tirar os olhos de cima da  
crioula, vai o nosso herói para sentar-se  
... mas a distância foi mal calculada... e a  
cadeira achava-se tão longe!...

Nhõ-Quim levanta-se furioso ...  
de ternura, e faz à crioula uma declaração  
tímida ...lá à moda da roça.



–“Entre no meu quarto e sirva-se  
do que encontrar. Para fazer conquistas é  
preciso andar chic.

– “Muito obrigado. Cá estou: mas  
olhe, não mande dizer nada ao papai.”

Ei-los a caminho do Cassino

Enquanto o guarda-livros vai tomar os bilhetes, os cambistas perseguem Nhõ-Quim que procura livrar-se deles... por meios... persuasivos.



...nica de  
...ntar do

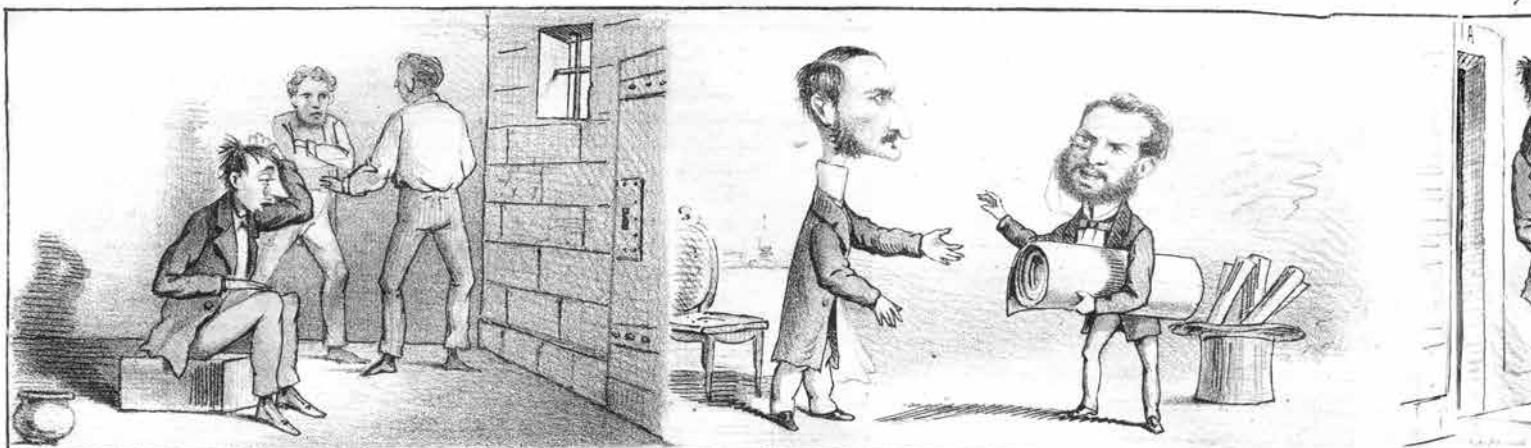
Expressão... fisionômica  
à entrada em cena do ator  
Martins.

Resultado. - Nhõ-Quim reconhece que o parodiaram e não está pelos autos. Salta por cima de todos e de tudo e ataca de frente o pobre do Martins, que ia tranquilamente começar a dizer o seu monólogo.



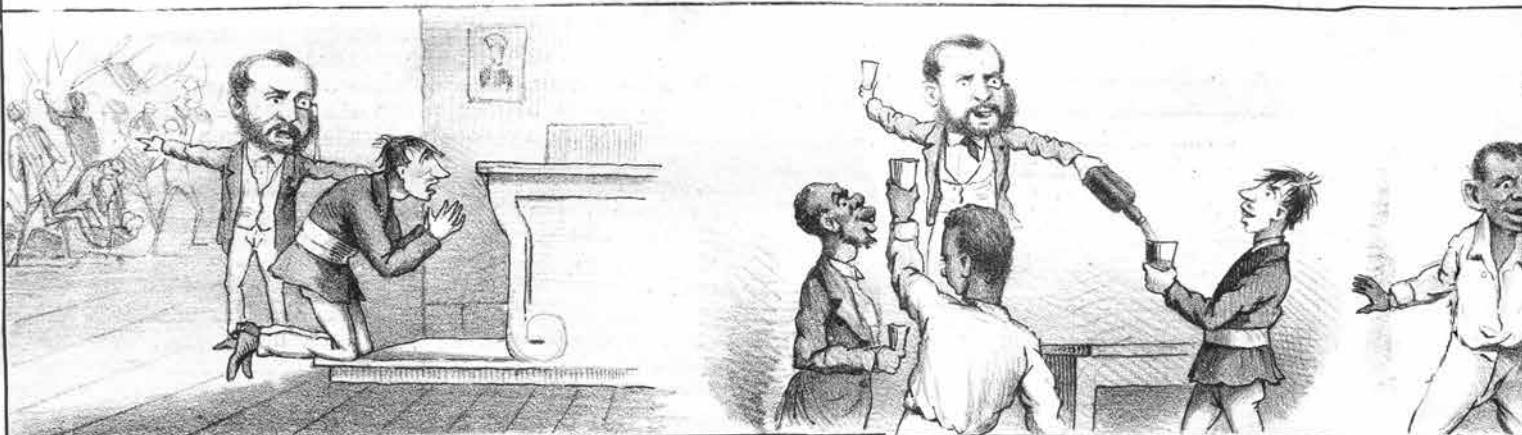
## AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

### Capítul o XIV



Após as cenas do Cassino, Nhô-Quim é recolhido ao xadrez, onde alguns capangas lhe põem nas nuvens o mérito de um advogado habilíssimo nas questões... de faca e calhau.

Apenas recebe o convite do nosso herói, o advogado diz: - "Mais um para a flor" e munido da indispensável papelada apresenta-se perante o Chefe.



"Então que é isso? Você veio aqui para guardar-me as costas e votar na gente boa, ou para rezar padre-nossos?"

"Você portou-se bem nos VIVAS. Refresque a goela que deve estar seca e não faça cerimônia. Enquanto durarem as eleições somos todos iguais, todos uns..."

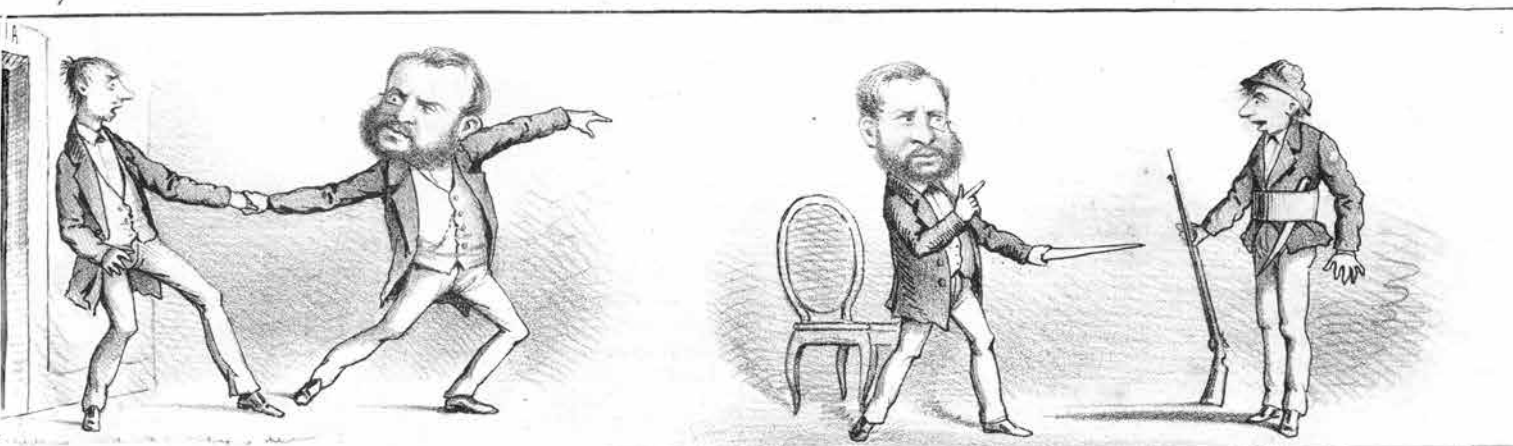


Nhô-Quim estava bêbado, e como o outro vinha embriagado pela esperança de obter matéria para duas atas,... não se viram, e o resultado foi Nhô-Quim ficar furioso e ferrar uma cabeçada mineira na pança paulista do emissário.

Este recorre ao expediente adotado em tais casos pelos grandes valentões, isto é, apita.

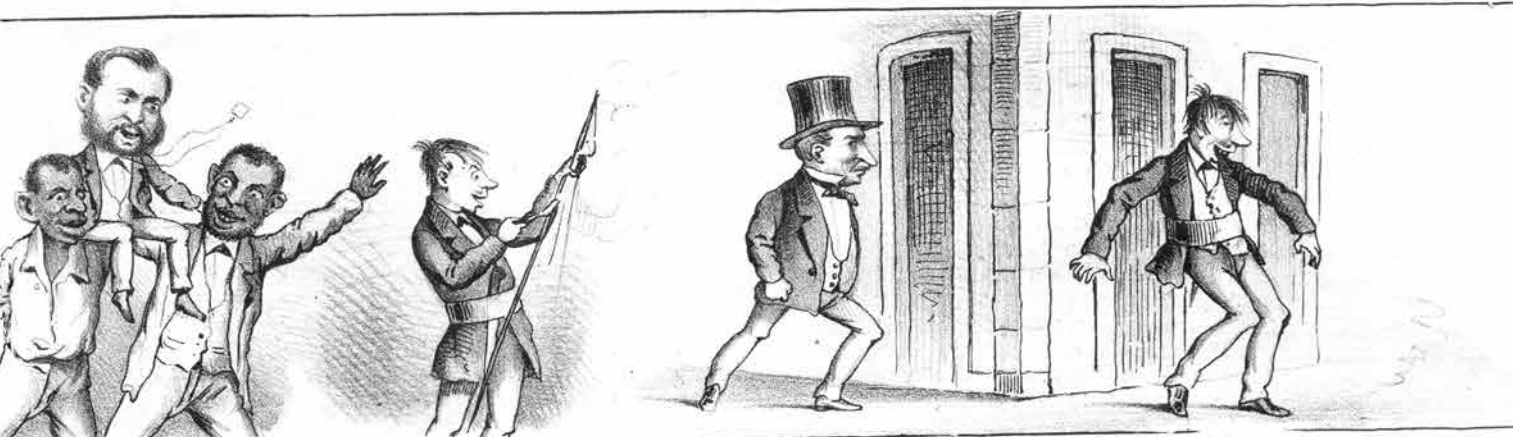


HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS  
(NHÔ-QUIM DÁ EM FÓSFORO ELEITORAL)



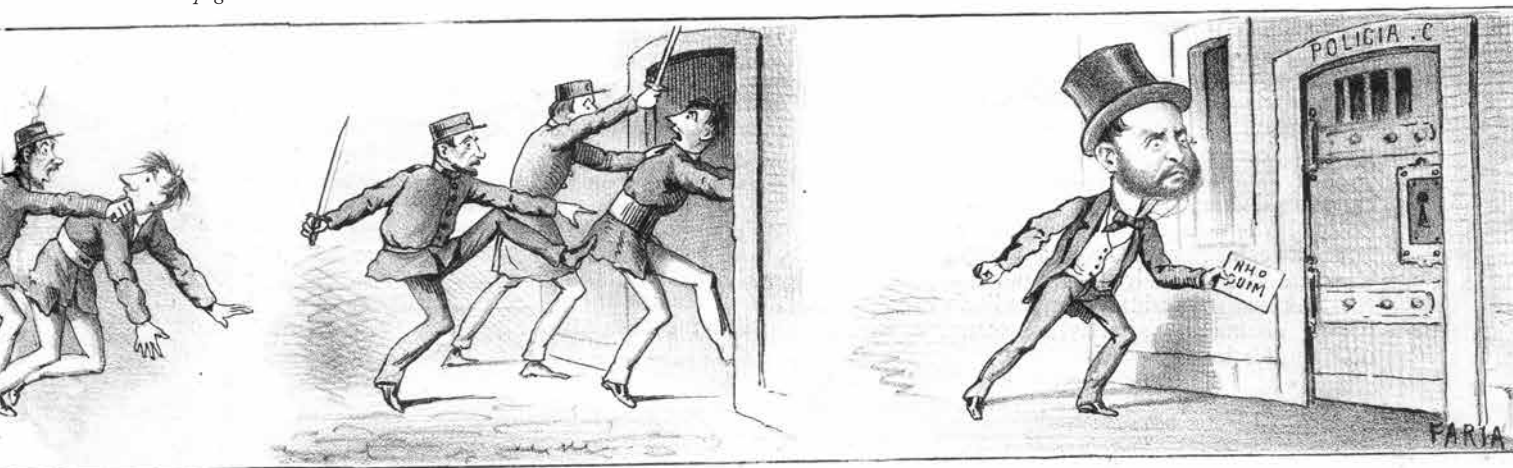
Vence o advogado e Nhô-Quim recupera a liberdade sob condição de entrar para a benemérita ordem... dos fósforos.

*"Se o livreiro da masmorra foi para que você me servisse de degrau, percebe? Arme-se, pois, e se lá na Glória quiserem ir-me ao pêlo, fogo neles, já viu?"*



- Viva o Sr. Duque (de quê?)!  
- Viva o Sr. Estrada Júnior!  
- Vivam as eleições!  
- Viva o pagode!...

Nhô-Quim sai de casa do glorioso candidato na ocasião em que um emissário do Clube da Reforma vinha a meio galope, meter o nariz... na urna da Glória.



Os urbanos ocorrem, e o nosso herói é pilhado no momento em que procurava safar-se.

*"Entre lá para dentro, seu tratante! E nada de resistir...aliás..."*

*"Irra com a tal polícia! Prender-me um gritador de estrondo no dia em que eu preciso mandar a flor da minha gente para S. José! Aqui anda a mão do governo; olá se anda..."*





# AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo I



– Vê lá! Se me faltar algum botão quebro-te a cabeça!  
– Não falta, não sinhô.



– Digam lá o que quiserem, mas um colarinho bem engomado e uma gravata bem posta é meio caminho andado na mais difícil conquista. Hoje, com certeza, ela declara-se!



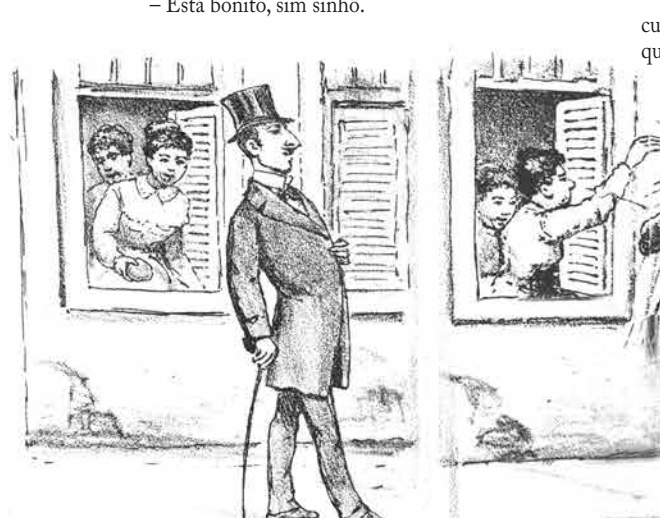
– Estou esplêndido! Quem ousará resistir-me? Que tal me achas, João?  
– Está bonito, sim sinhô.



Zé sai de casa muito satisfeito de sua vida e de seus colarinhos e mete-se num bonde de Botafogo.



João também sai e vai direitinho para a venda contar à criadagem da vizinhança tudo quanto seu amo fez.



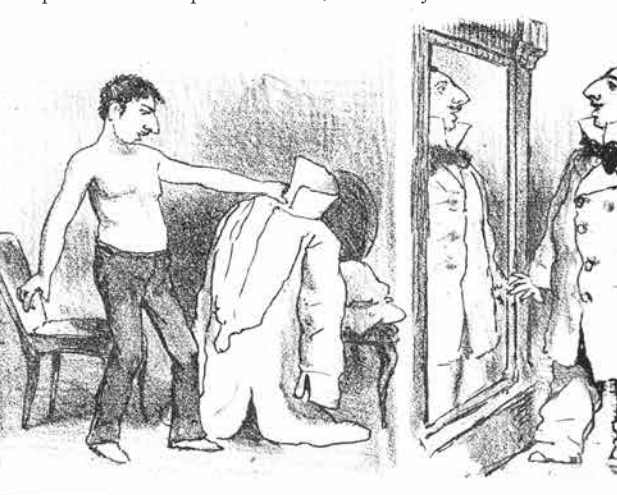
Zé apeia do bonde e dirige-se para o palacete da baronesa, onde o seu coração e o seu estômago devem, nesse dia, palpitar de contentamento.  
– Esse tipo está mesmo a pedir um limão, disse uma jovem...



O barão, que presenciara a molhadela, desceu e instou para que Zé subisse.  
– Mas nesse estado?  
– Eu dou-lhe roupa para se mudar!



E quase arrastado Zé subiu. Por maior caiporismo, toda a família estava no patamar da escada!  
Zé pensou que subia ao patíbulo!

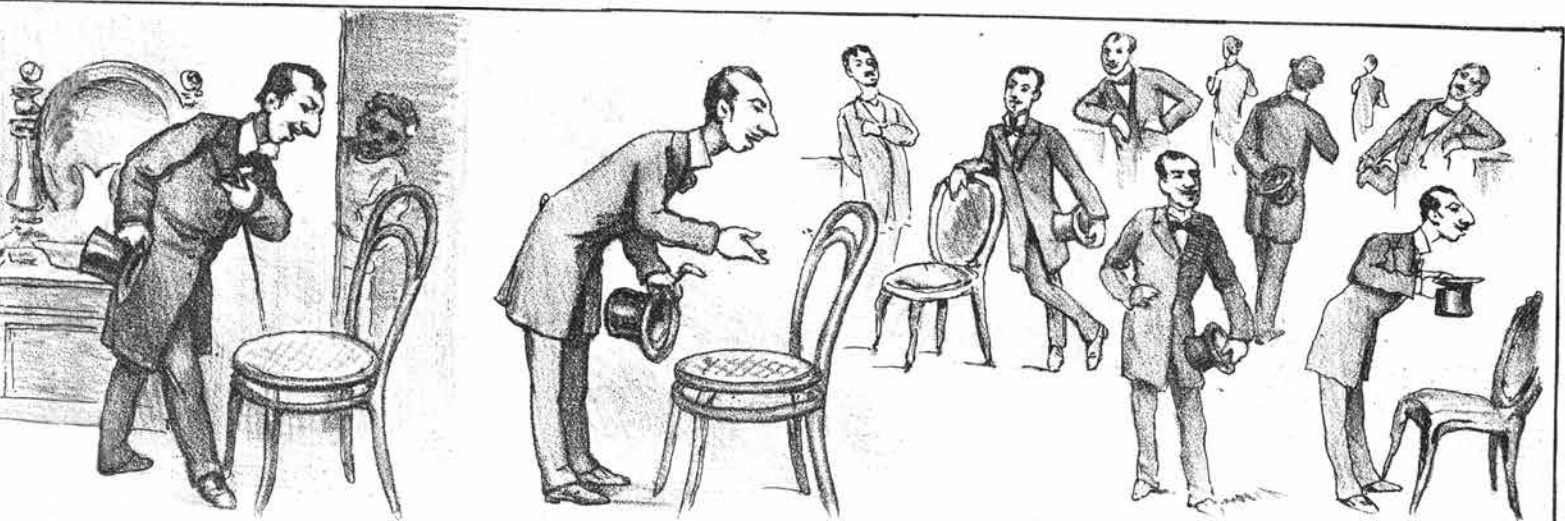


O barão levou-o para o seu quarto de vestir e deu-lhe a sua roupa.  
Zé estremeceu ao contemplá-la!

Depois de vesti do, o espelho e fica horr oriz...  
– Quer seco, qu e estou de uma elegância



**Zé é convidado a jantar em casa da baronesa de...**



Antes de sair, Zé ensaia, ao espelho, o melhor modo de entrar no salão da senhora baronesa e de cumprimentar as damas que lá estiverem, sobretudo a sua "ela", para quem toda a elegância é pouca e que presentemente é representada por uma cadeira.

Depois de ter estudado várias posições elegantes,



E zás!...

- Ora po...ço!  
- Atrrevidas! Grrr-  
randíssimas...etc.!

A resposta à descom-  
postura não se fez esperar.

Zé ficou num estado desgraçado!  
Vendo assim afogados a sua elegância e os seus castelos, correu a esconder-se no portão do palacete que estava perto, para ali esperar por um túburi que o levasse para sua casa.



vestido, ele olha para  
horrorizado!  
co, qu er molhado,  
elegância espantosa!

Zé amaldiçoa a sua sorte e julga-se o mais caipora dos mortais!  
- Ter-me ensaiado 2 horas antes, a deitar elegância para ela, e ver-me agora nesta triste figura!  
- Vamos jantar.

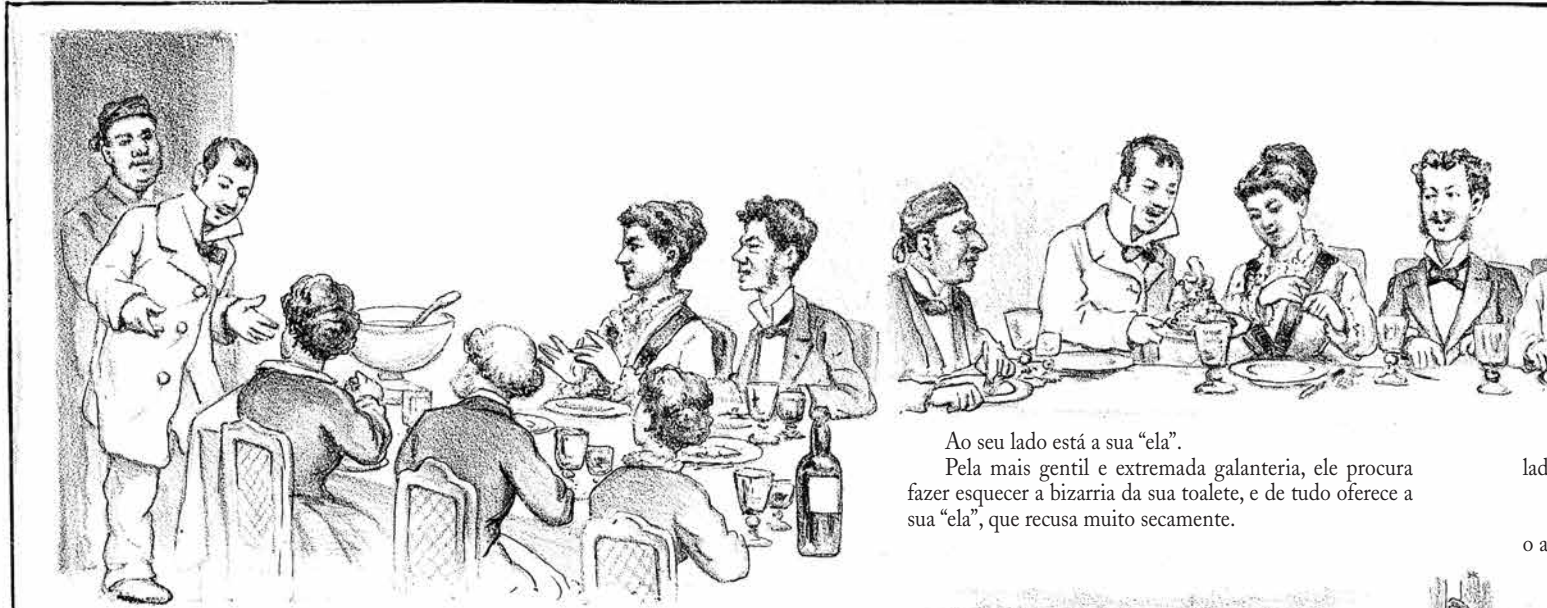
A palavra jantar fez o efeito de um pilha elétrica.  
Pelo amor de Deus, não me obrigue a esse sacrifício...  
- Sacrifício?  
- Estou indecente...  
- Indecente? Com a minha roupa?  
- Não é isso; perdoe... é que...

- Ora, deixe-se de luxo e vamos comer.  
Não podendo resistir, Zé é arrastado para a sala de jantar.



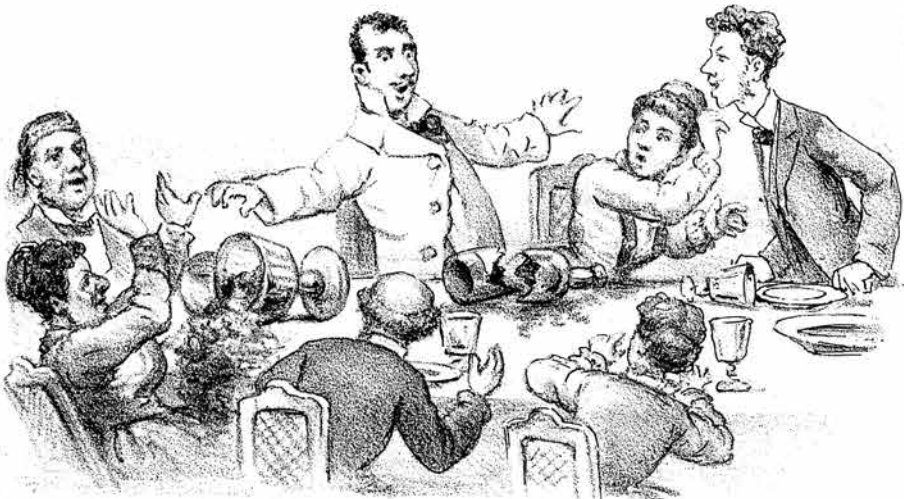
## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo II

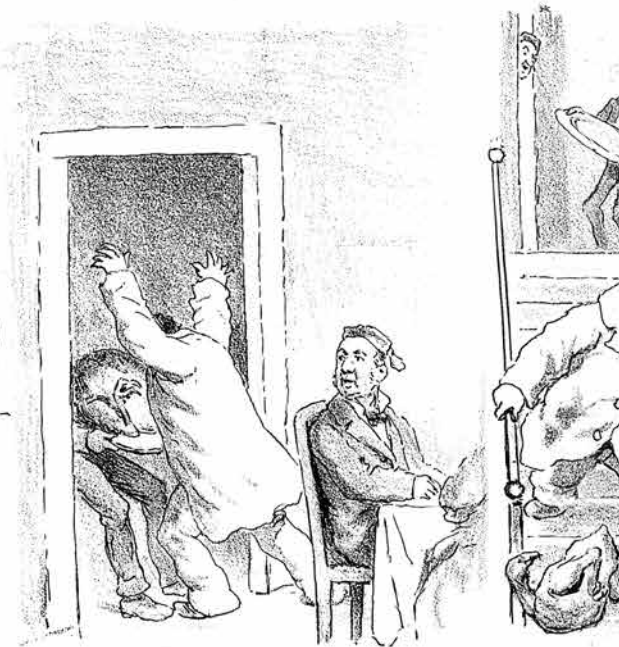


—Zé entra na sala de jantar. Uma gargalhada geral o recebe. Porém, criando ânimo e com um sorriso meio amarelo, resolve-se afinal a sentar-se à mesa.

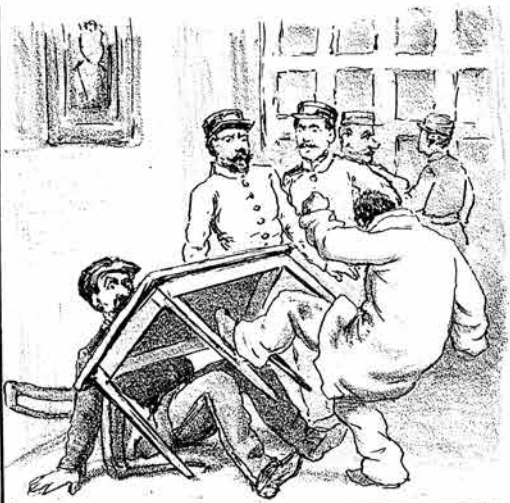
Ao seu lado está a sua “ela”.  
Pela mais gentil e extremada galanteria, ele procura fazer esquecer a bizzarria da sua toaleta, e de tudo oferece a sua “ela”, que recusa muito secamente.



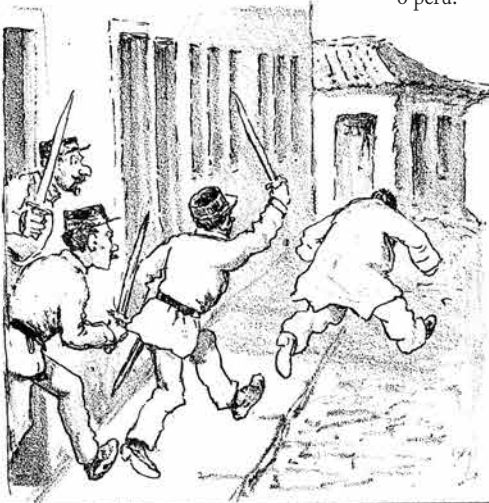
quebrou-se, inundando a toalha e salpicando de vinho o vestido da sua amada!  
Zé, não podendo reprimir um movimento de espanto, bate com o braço numa compoteira de doce de calda, que esparrama-se todo sobre o vestido da senhora baronesa! “Tableau!”



Zé, compreendendo que não havia desculpa possível, tratou de se pôr ao fresco e embarafustou pela porta, esbarrando com um criado que trazia o peru!



— Bêbado é ele, disse Zé para o oficial, e dando um valente pontapé na mesa,



pulou fora da estação e deitou a correr levando todos os urbanos atrás de si.



Chegando à esquina de uma rua, topou com um zé-pereira que ia passando e tal era a velocidade da corrida, que furou um bombo.



## Zé fica convencido de que um primo é muito pior e mais funesto do que um limão-de-cheiro



Zé nota que ela presta a um primo, que está do outro lado, interessada atenção.

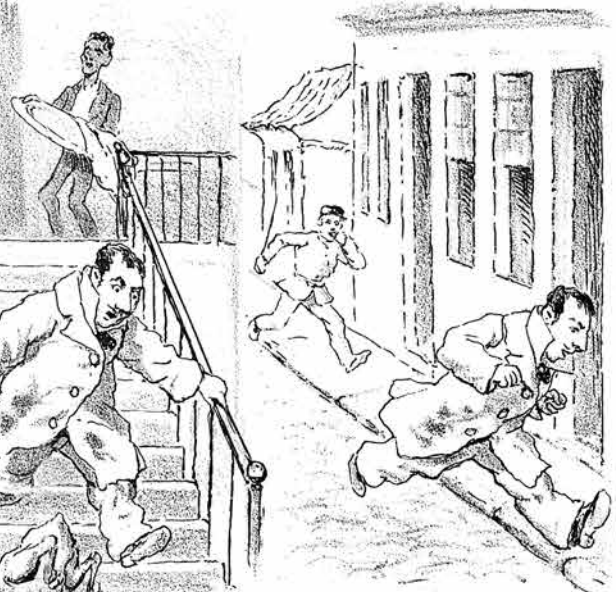
– Estes primos!

No entanto pensa consigo: ela me disse, outro dia, que o achava tolo e não podia suportá-lo.

– Oh! as mulheres!

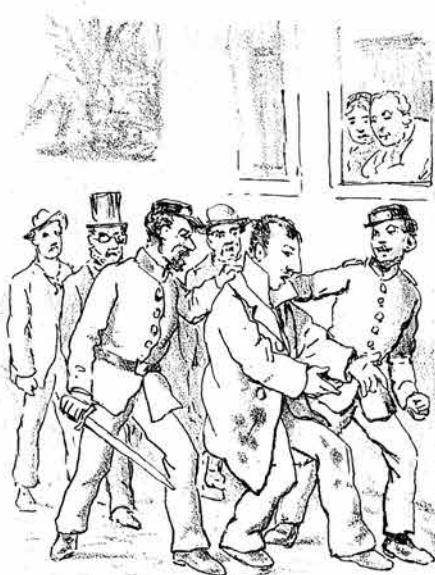
Zé começa a encavacar seriamente com o colóquio entre os primos, que de vez em quando abafam gargalhadinhas de mofa.

– Falam de mim com certeza... mas é preciso disfarçar e mostrar que não dou cavaco. Vou oferecer qualquer coisa.



Peru e Zé rolaram pela escada abaixo.

Uma vez na rua, Zé correu para apanhar um bonde. Um urbano, que tomara as nódoas de vinho por manchas de sangue, seguiu-o apitando.



Zé não tardou a ser preso. Debalde protesta que não cometeu assassinato algum. Zé é levado para o xadrez.



Os urbanos apareceram logo. Houve grande sarilho e todos os membros do zé-pereira foram



levados para o xadrez, abandonando no campo de batalha vários troféus carnavalescos e o bombo julgado imprestável.



Vinte minutos depois surgiu de dentro uma cabeça!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo III

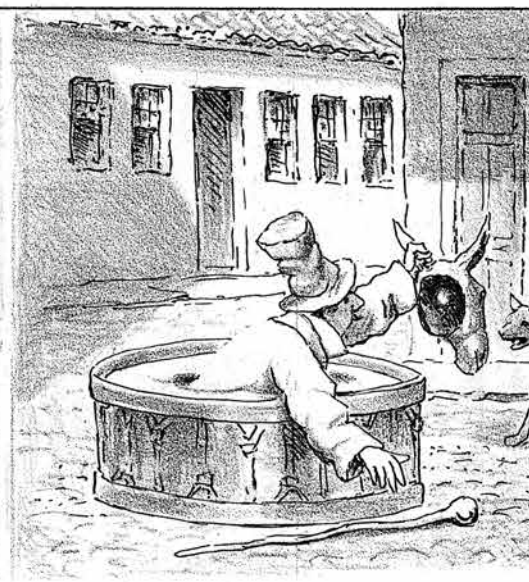


Chuviscava; Zé receando constirpar-se, apanha um chapéu que os carnavalescos abandonaram por ocasião do sarilho.

Por várias vezes tenta sair do esconderijo.



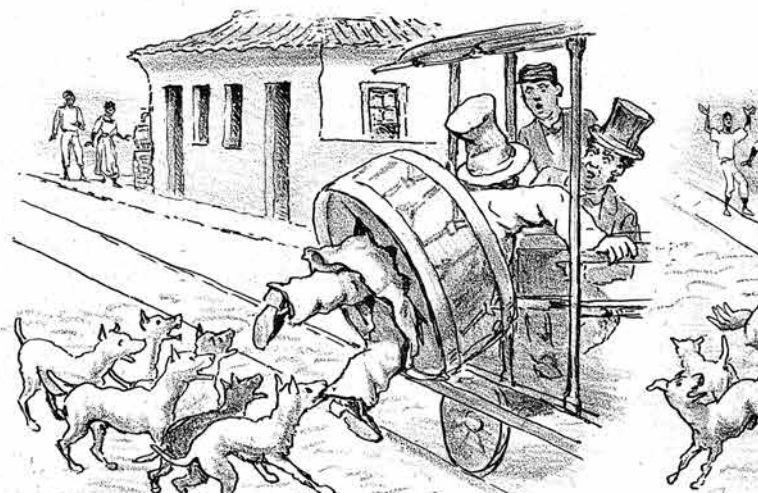
O medo, porém, de ser descoberto pela polícia o faz entrar de novo. Zé lastimava a sua sorte de ver-se transformado em cágado, quando de repente apareceu um cachorro a espia-lo.



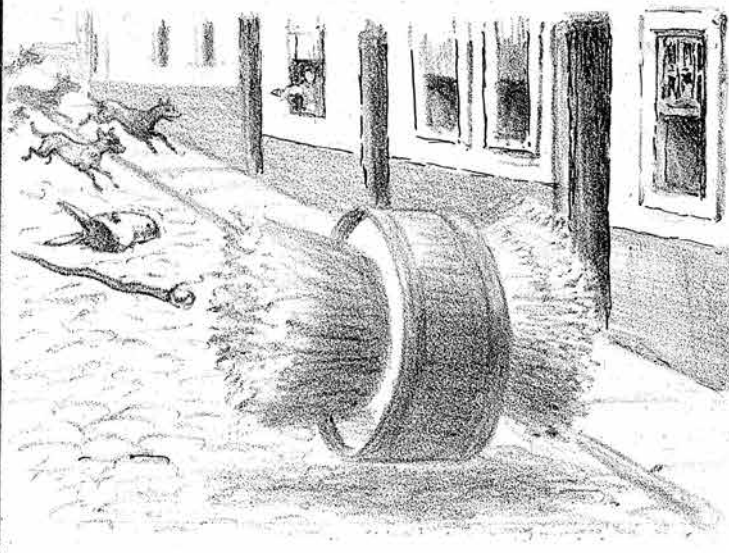
Incomodado com tal visita, Zé arma-se de coragem e uma máscara e um bastão que apanha a toda pressa.



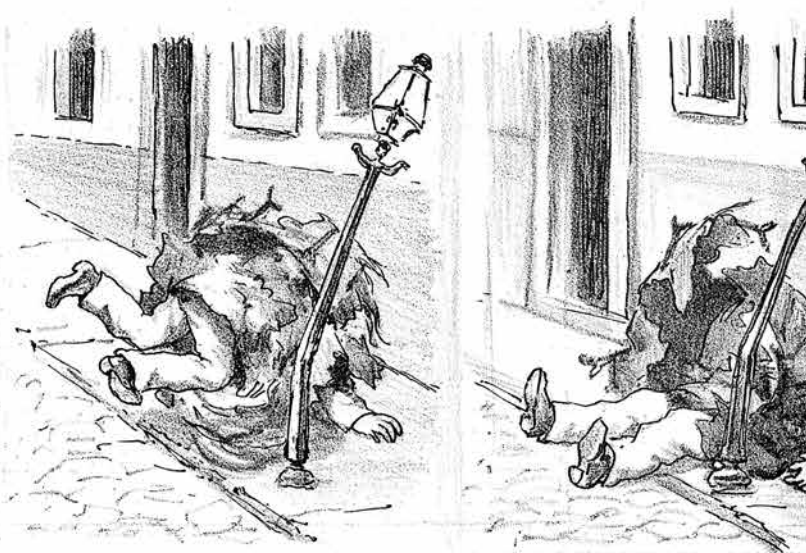
Receando que o ladrar de tantos cães viesse a chamar a atenção de algum urbano, Zé resolve retirar-se, colocando a máscara para não ser conhecido e conservando o bombo, como escudo protetor de suas canelas.



Vendo passar um bonde, tenta entrar nele para livrar-se da maldita matilha,



Zé caíra do alto de uma ladeira muito comprida, e em poucos minutos o bombo rolava com tanta velocidade, que os cachorros ficaram a perder de vista.

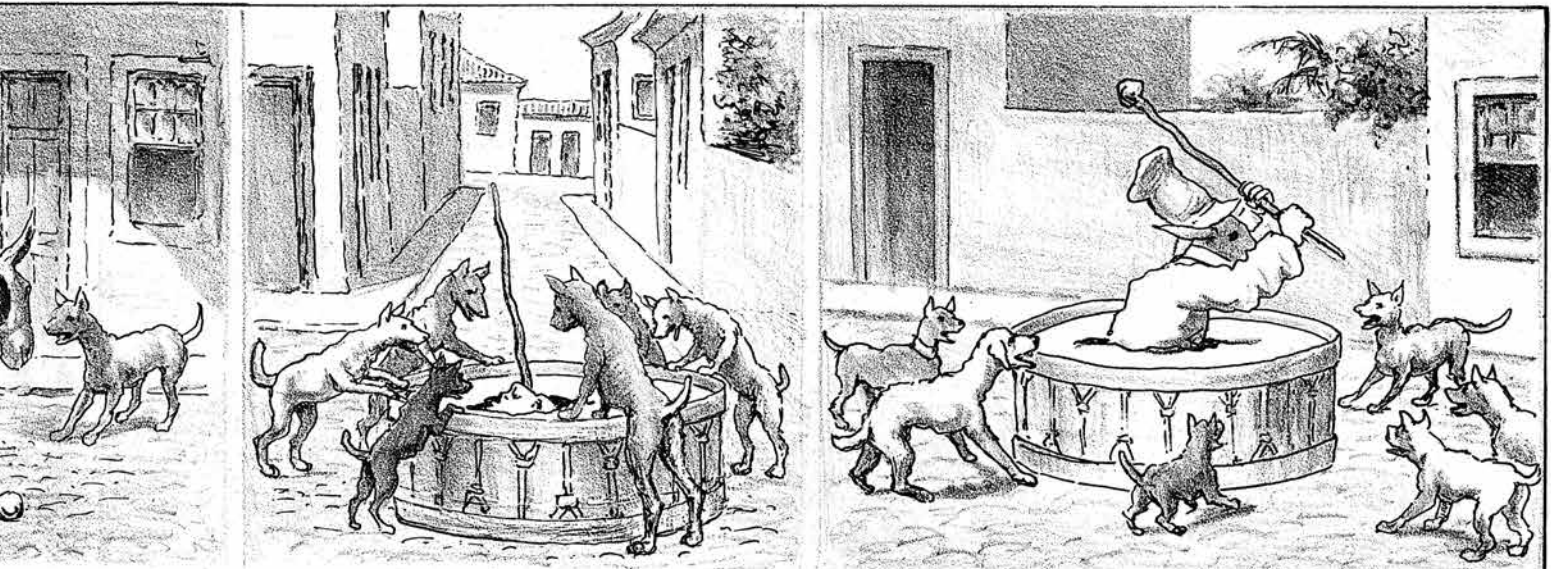


A catástrofe não tardou. Indo de encontro a um lampião, o bombo fez-se em pedaços!

E o pobre Zé Caipora esticado e sem sentidos ficou no meio da calçada!



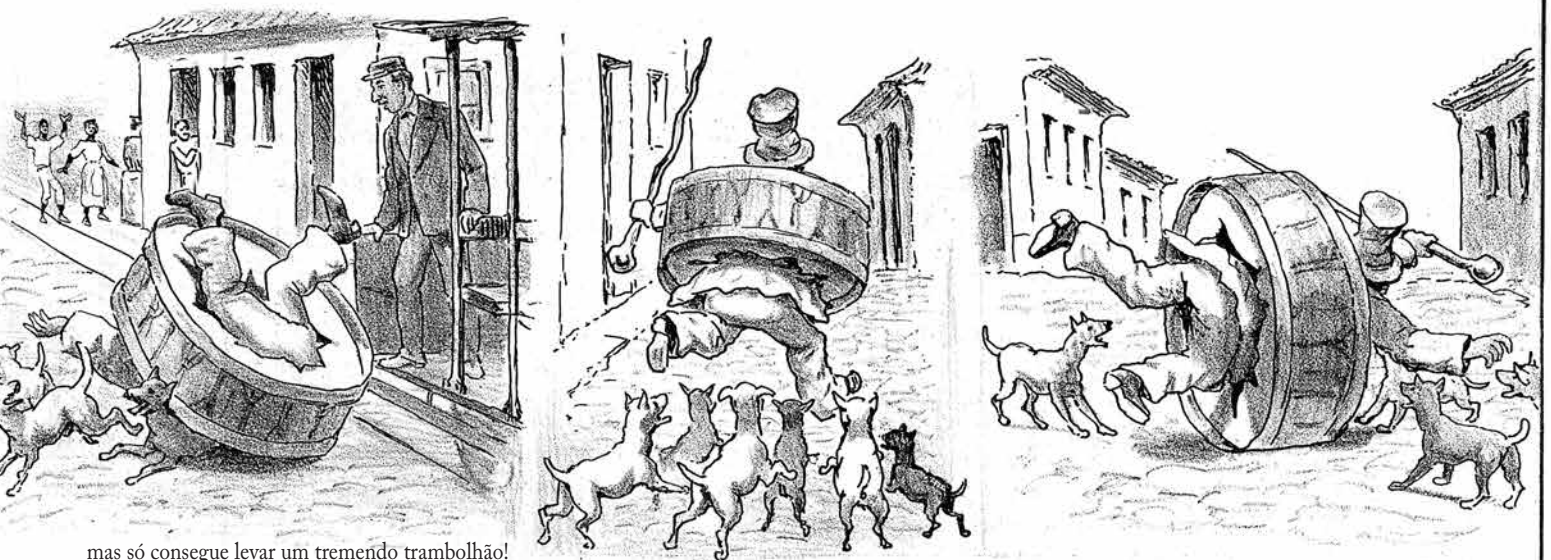
## Onde Zé reconhece que nem sempre os cachorros são amigos do homem



coragem e enxota o cão com essa.

Porém o latir do cão não tardou a juntar uns poucos deles. Diante de tamanha cachorrada, Zé encolhe-se no bombo, procurando, todavia, defender o seu nariz seriamente ameaçado.

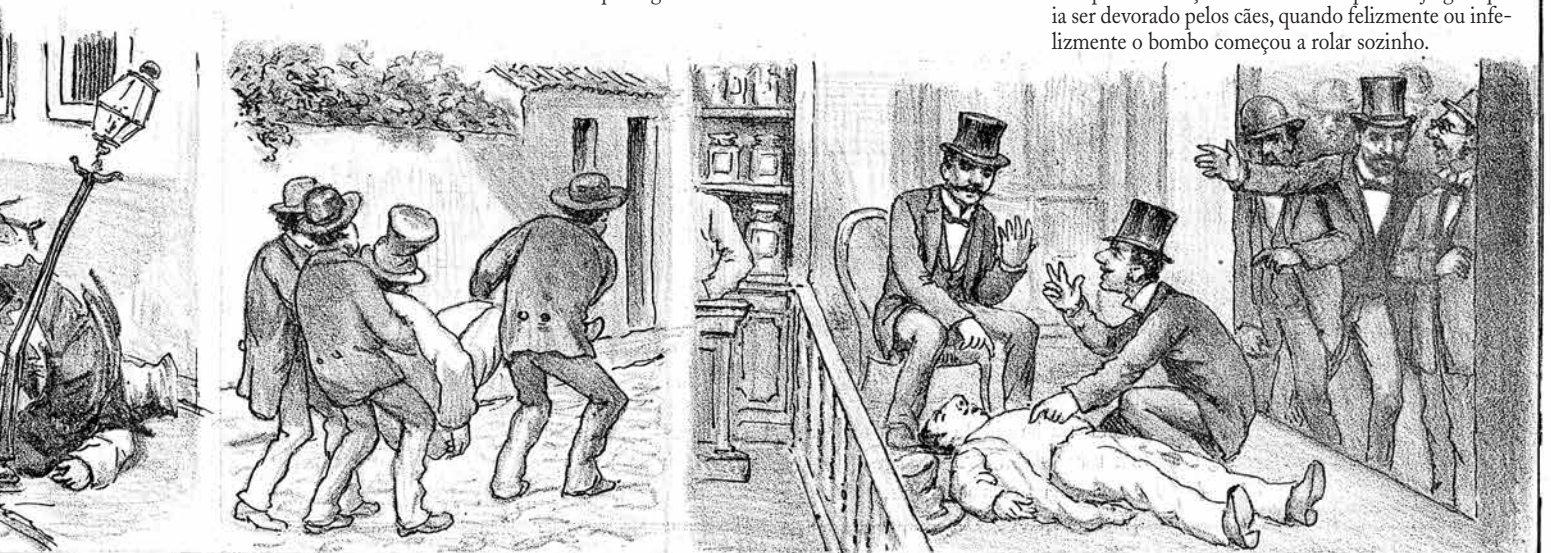
Afinal, perdendo a paciência, Zé levanta-se terrível e ameaçador! Os cachorros recuam, mas não se retiram, e um alarido de todos os diabos enche os ares.



mas só consegue levar um tremendo trambolhão!

Desesperado, deita outra vez a correr, sempre seguido dos malditos cachorros.

Infelizmente, escorrega e cai, ficando a espernear sem poder alcançar o chão com os pés. Zé julgou que ia ser devorado pelos cães, quando felizmente ou infelizmente o bombo começou a rolar sozinho.



Um as almas caridosas que iam passando, o carregaram para uma botica, para lhe prestarem os primeiros socorros.

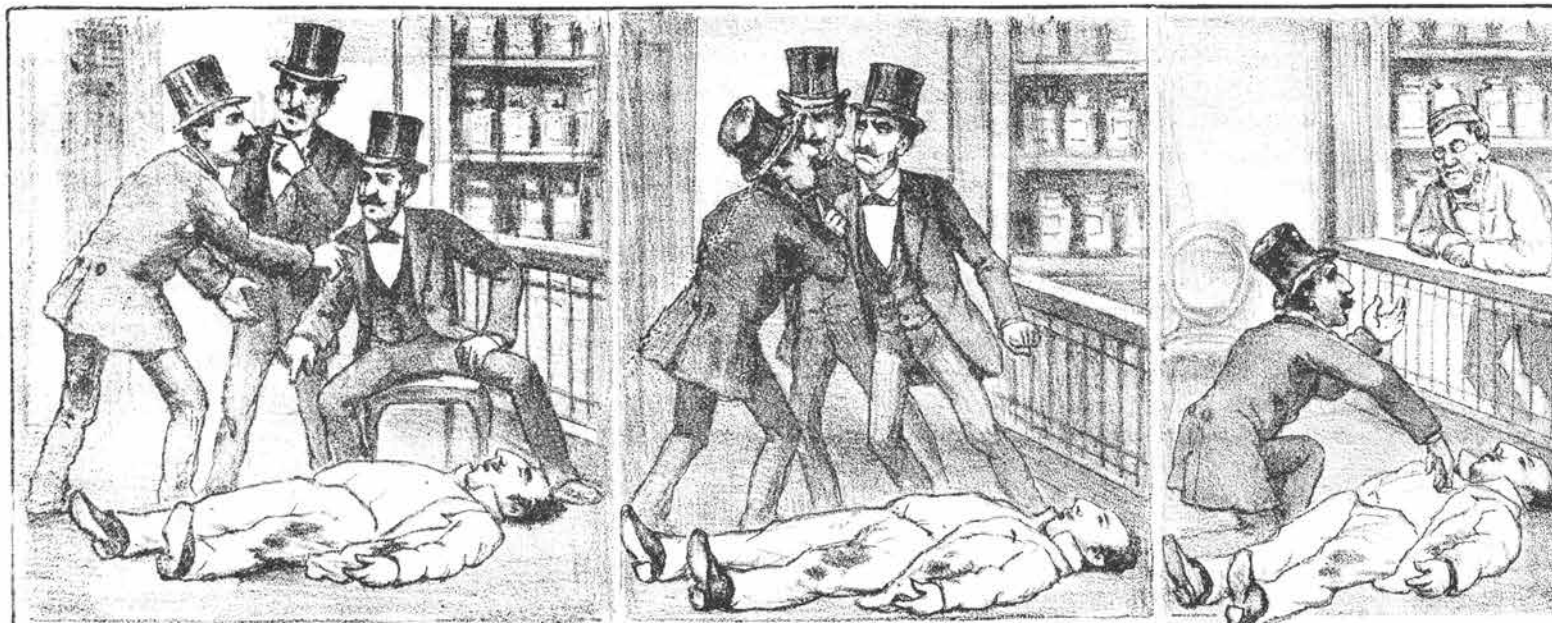
Apresentaram-se dois médicos.  
 – Tem quatro costelas quebradas e a espinha dors...  
 – O colega está enganado; são duas costelas quebradas e uma luxação da perna...

– Luxação! *C'est mon affaire*, disse de fora um indivíduo que procurava entrar. Era o Dr. Fort.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

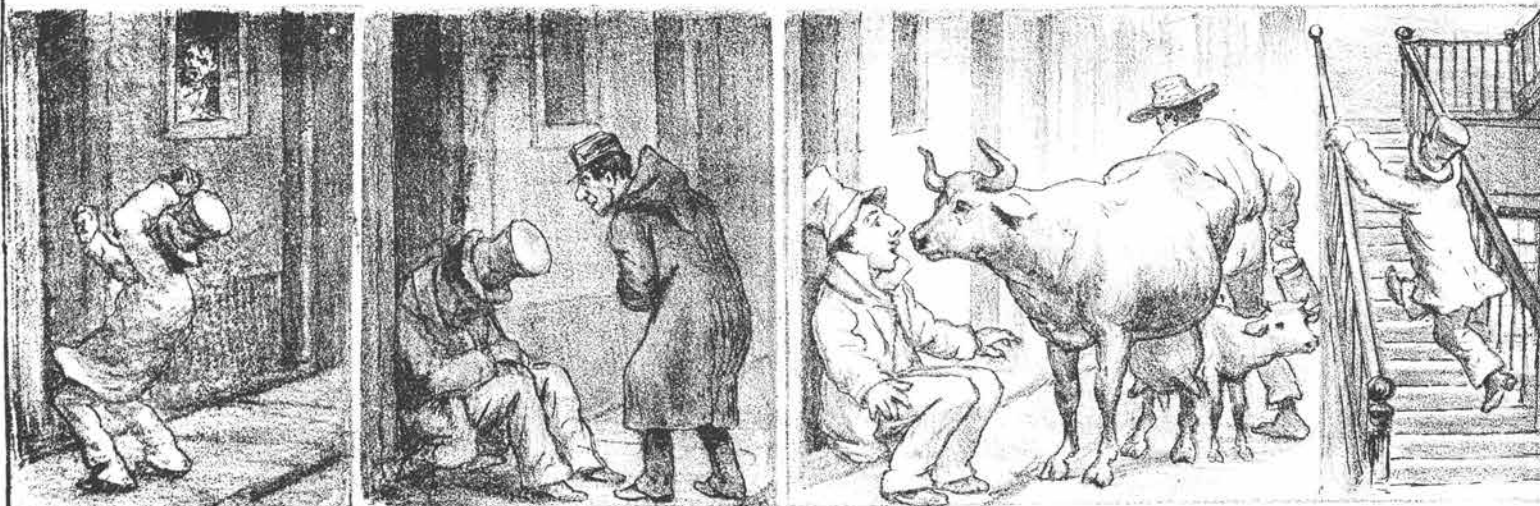
## Capítulo IV



Depois de ter examinado o pobre do Zé, o Dr. Fort disse:  
 - "É preciso fazer *une operation*."  
 - Não acho. Nem eu, dizem os colegas; e calorosa discussão se estabelece entre os três esculápios.

Afinal, não chegando a nenhum acordo, passaram à descompostura:  
 - O senhor é um charlatão!  
 - E os senhores não entendem disto.  
 - Pois tome conta do doente; nós vamos embora.

Nesse ínterim, Zé voltara a si, mas não se sentiu o Dr. apalpar muito as costelas e as tas na altura onde se costuma guardar a cartola perguntar ao boticário:  
 - Sabe se este moço tem dinheiro?  
 E como o boticário respondeu que não.



Porém, como as chaves estavam no paletó, e este em casa do barão, Zé não teve remédio senão bater à porta e tanto bateu que um vizinho gritou:  
 - Bata com a cabeça e não amole!

Vendo que ninguém abria, Zé sentou-se e adormeceu. O rondante reconhecendo-o como morador desse prédio, disse com seus botões:  
 - Que furiosa mona!

Sobre a madrugada, Zé despertou e a primeira coisa que viu, abrindo os olhos, foi uma cabeça chifruda a olhar para ele. Era a vaca de leite.

Abrindo-se afinal a porta, Zé trepa pela escada de cada acima,



Havia apenas uma hora que Zé descansava, quando uma rapariga veio-lhe trazer a roupa que ele deixara em casa do barão.

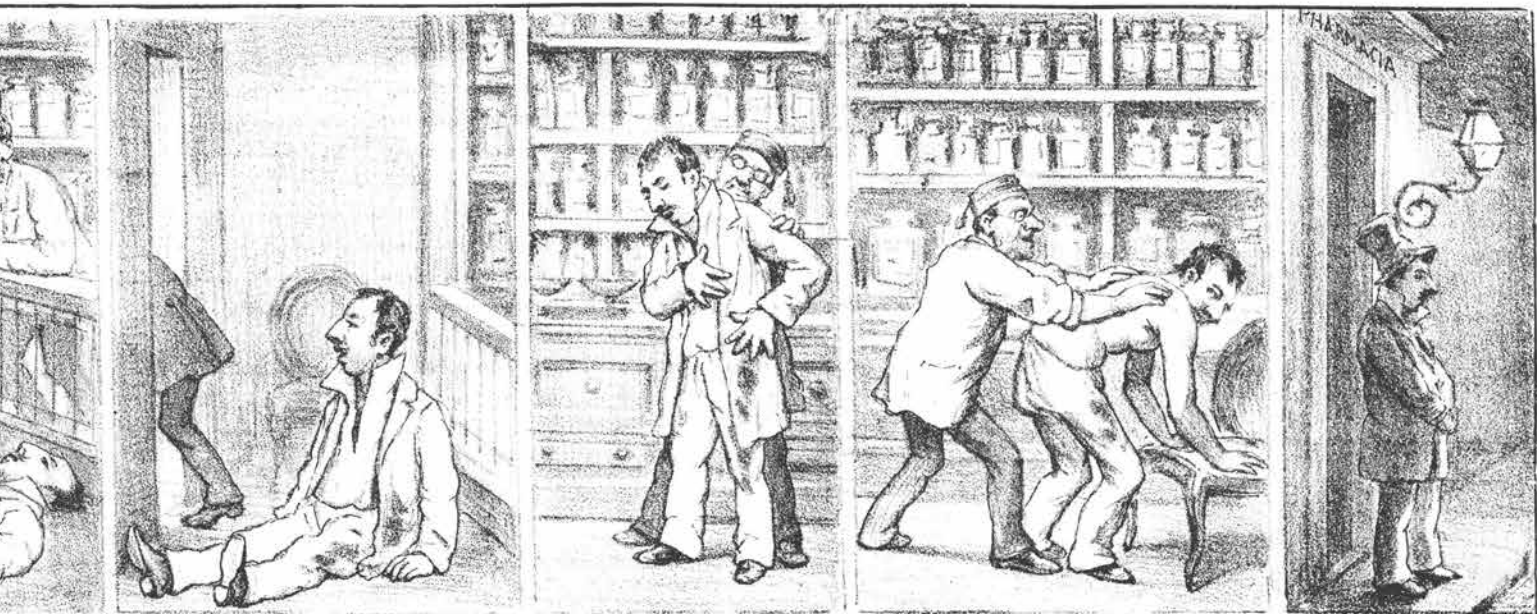
- Conta-me lá o que se passou, depois que eu saí.  
 - Eu não sei, não sinhô.  
 - Não seja tola; tome lá 1\$000 e fale.  
 - Mas, você não há de dizer que eu contei.

- Pois quando você fugiu, eu fui buscar o peru que tinha ido parar na rua.  
 - De mais a mais, essa!

- Quando subi, Sinhá moço muito zangadas porque o Sr. e vestido; mas acabaram rindo muito. O primo de Sinhá disse que você ficou cara de... Não ousou dizer...  
 - Diga sempre.



## Onde fica provado que uma boa esfregação de arnica vale mais do que três médicos



mas não se mexeu. Costelas esquerdas e direitas da carteira e ouviu-lhe o que não o conhecia,

o ilustre Dr. saiu logo resmungando: — "Operation gratuite... Ce n'est plus mon affaire." Zé tentou sentar-se, o que conseguiu sem muito custo.

Apalpou-se, e ele e o boticário convenceram-se que não havia nada de quebrado. Apenas umas leves contusões. O bombo suportara todo o choque.

Uma esfregação de arnica e um copo d'água puseram o nosso herói são como um pêro.

Saindo da botica, Zé pensou em ir direitinho para a sua casa. — Chegarei sem novidade?



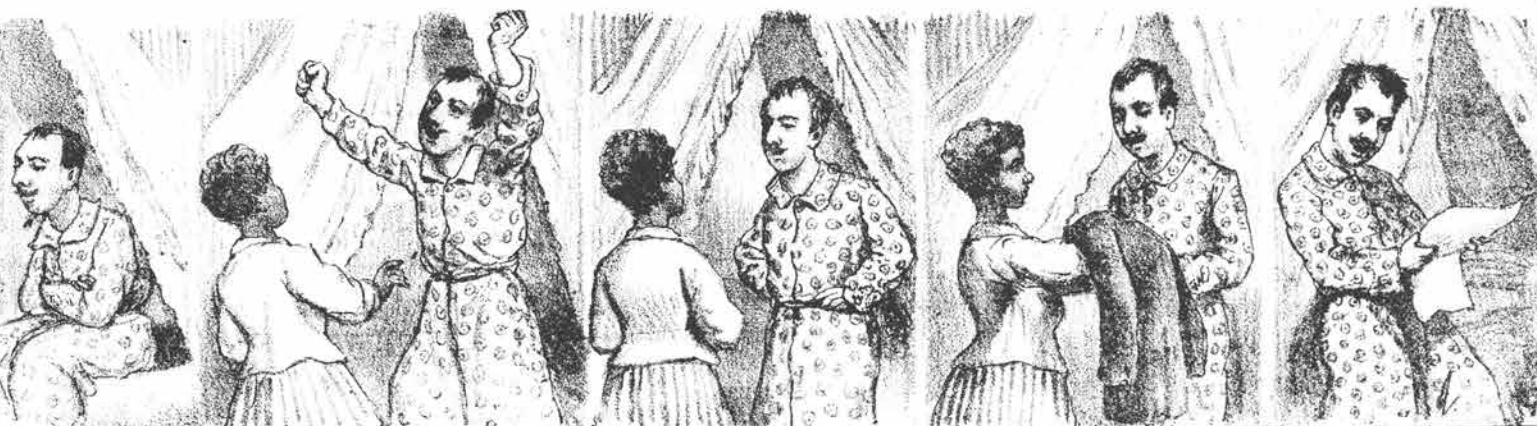
o-se afinal a repa pela es-

entra para o seu quarto, dá uma sova no moleque por tê-lo deixado ficar na rua,

despe a roupa do barão que atira para longe,

enfia-se no seu chambre

e precipita-se sobre a cama, onde se estende a sua vontade, soltando uns poucos de ahs! de plena satisfação. Ah! Ah!



nhá moça e Iaiá estavam o Sr. e stragou-lhes o arindo muito, porque o e você ficou com uma

— Disse que ficou com uma cara de... de pedaço de asno. — Oh! Prrrimo do diabo!

— E depois? — Depois, Sinhá moça e Iaiá foram mudar de vestido e levaram toda a noite a dançar. — Ah! E que mais?

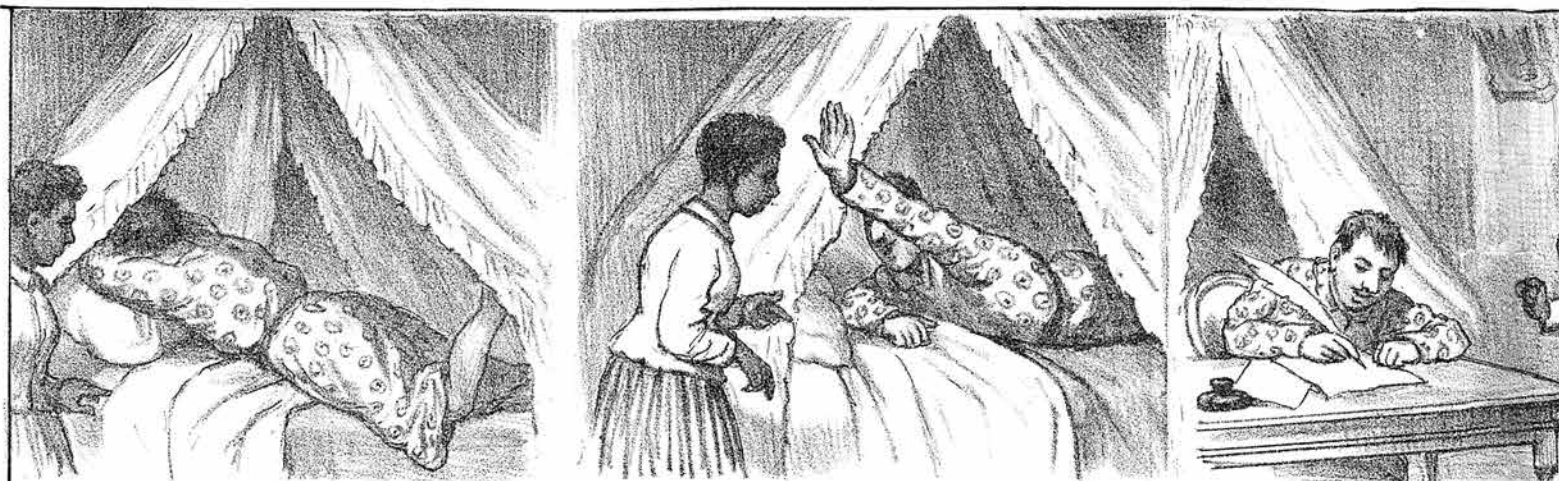
— Sinhá moça disse que eu dissesse a você de olhar para os bolsos do paletó.

Zé examina os bolsos e encontra uma cartinha. Trêmulo, rasga o envelope, lê, e... Oh!!!!...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo V



Zé apenas leu a carta, atirou-se sobre a cama, possuído de grande desespero.

– Ué! eh eh! disse a rapariga.

– Posso ir embora?

– Espera! Há de levar-lhe minha resposta.

E Zé senta-se e escreve.



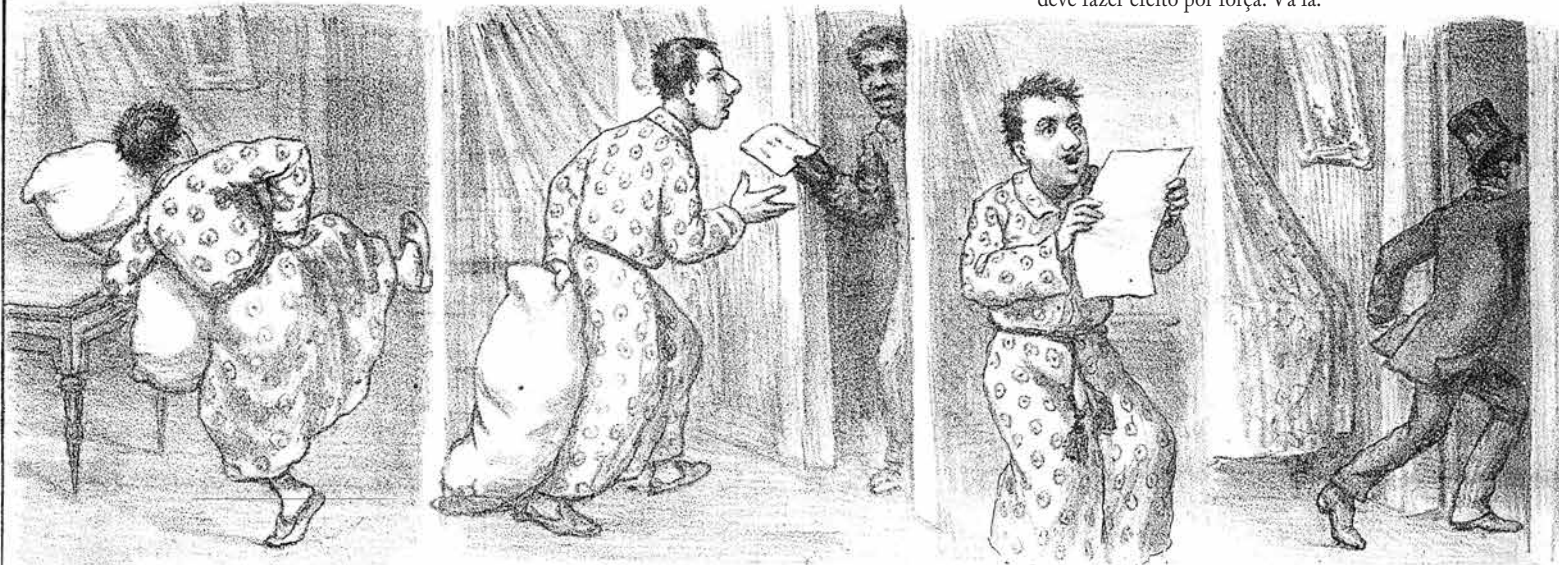
Uma hora antes de sair, Zé lembra-se de ensaiar para a entrevista e coloca um travesseiro sobre uma cadeira, para representar a moça.

Zé finge grande desespero e dirigindo-se a ela, diz-lhe mostrando a carta: – A senhora é quem escreveu isso?

Zé pensa que ela pode responder:

– E quem havia de ser, o bispo?

– Não, isto não serve; o melhor é não fingir-me zangado. Devo antes dar-lhe razão. Se me atirasse aos seus pés?... Isto deve fazer efeito por força. Vá lá.



– Tru lu lu, tru lu lu, Zim zim, bum bum! Zé não cabe em si de contentamento.

– Uma carta? Quem a trouxe?

– A rapariga que esteve com meu sinhô, hoje de manhã.

– Onde está ela?

– Foi embora, disse que não podia esperar.

– Hein! Recusa!

– Chama-me de atrevido!

Em menos de 5 minutos, Zé vestiu-se e saiu pela porta afóra



## Da influência de uma mulher escamada sobre o destino de um homem pacato



A rapariga espera.

Depois de ter começado e rasgado muitas cartas, sobrescrita afinal uma que ele entrega. – Vá e diga que eu espero resposta.

Pilhando-se só, relê a carta.  
Repara que a letra está bem apurada, o que faz supor que ela não deve estar muito indignada. Com certeza, ela não recusará a entrevista que lhe pedi para desculpar-me.

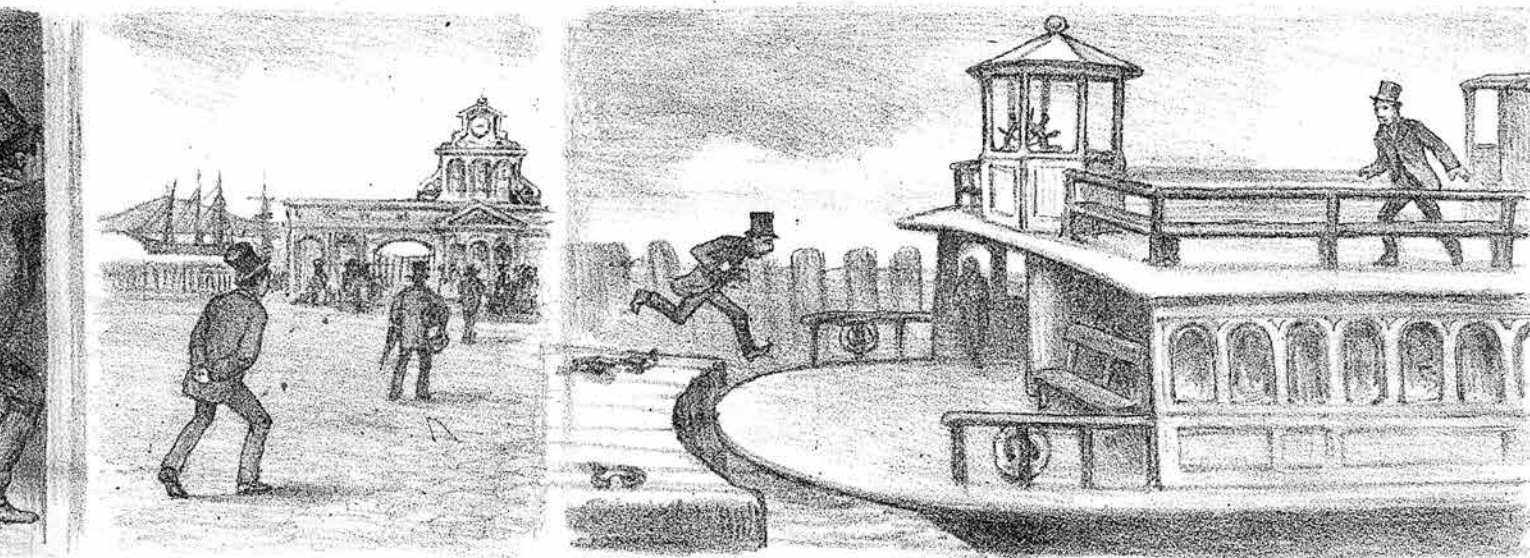


e zangado.  
pés?... Isto

– Oh! Perdão! Perdão! Eu amo-a loucamente e não posso viver sem... etc.  
– Porém, se ela me repele?

Oh? então eu puxo por um punhal, abro o peito da camisa e ameaço a minha... flanela.

Naturalmente ela atira-se sobre mim ou desmaia. Eu a seguro; ela suspira, eu também; ela diz Zéee, eu digo-lhe Méee...  
E as pazes estão feitas.



e dirigindo-se para o Largo do Paço, entra na estação das barcas Ferry,

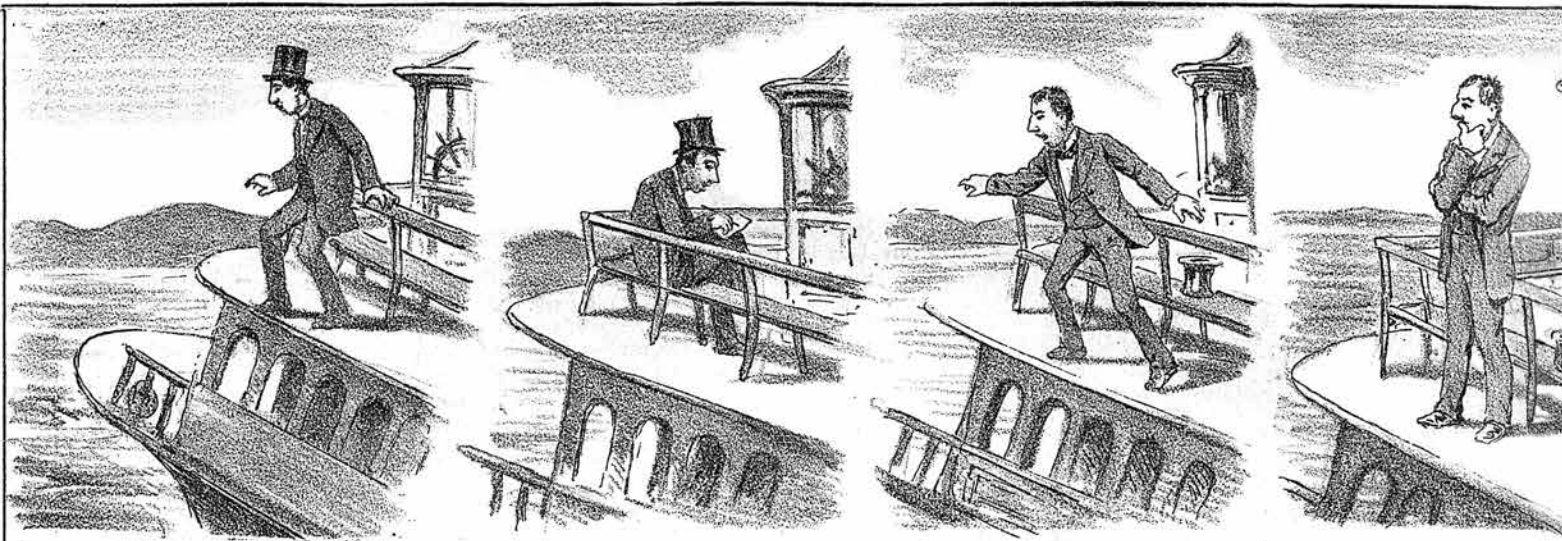
pula para a barca que quase perde (antes a perdesse!)

sobe para a tolda, olha para o mar, e...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo VI



Zé ia precipitar-se no salso elemento, quando lembrou-se que era conveniente deixar algum escrito sobre tão funesta resolução.

Trêmulo e pálido, sentou-se, puxou a carteira e escreveu, a lápis, o seguinte: "Suicido-me por não poder mais suportar a vida!"

Em seguida colocou o escrito dentro do chapéu e este sobre o banco. Levantando-se resolute, dirigiu-se para a beira do abismo, e depois de várias tentativas para atirar-se, Zé sentiu uns calafrios...

Começou a refletir no caso, em algumas considerações. Por exemplo: a ocasião em que ninguém me viu...



À força, porém, de espernear volto outra vez acima d'água e solto um grito de socorro! Mas a barca está longe! Bem longe!



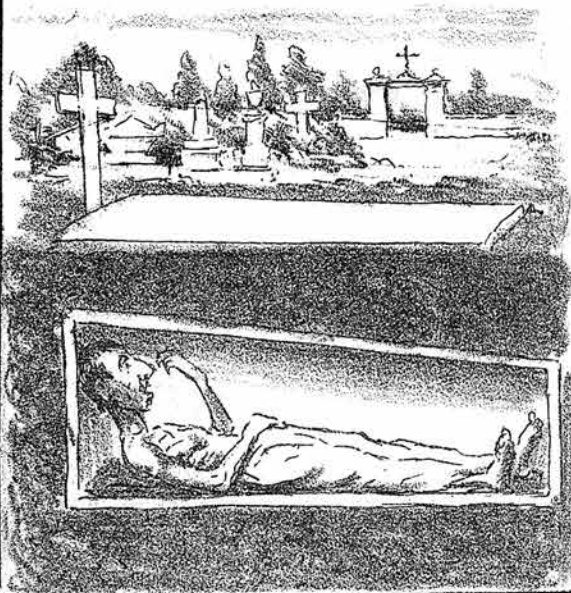
Exausto de forças, sinto-me outra vez ir para o fundo do terrível elemento de morte, onde encontro a dita, depois de um quarto de hora de horríveis torturas!



E nesse líquido e fatal lugar onde se esticaram as canelas da minha preciosa existência, virão os peixes roer-me o nariz, os olhos, as orelhas... Horror!



E ao fim de 24 horas, o meu corpo boiando como o de qualquer ga...



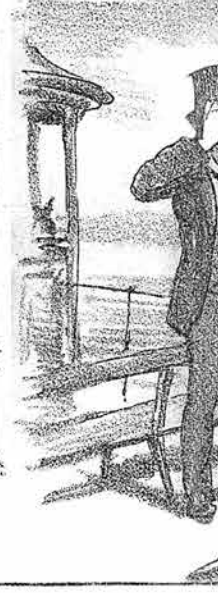
E eu?!... Eu estarei a 7 palmos de terra!  
E enquanto ela gozar as venturas do himeneu, não terei outra consolação, senão entreter-me com os micróbios do Dr. Freire!  
Horror! três vezes horror!!!



Eu suicidar-me, agora?!  
- Nessa não caio!



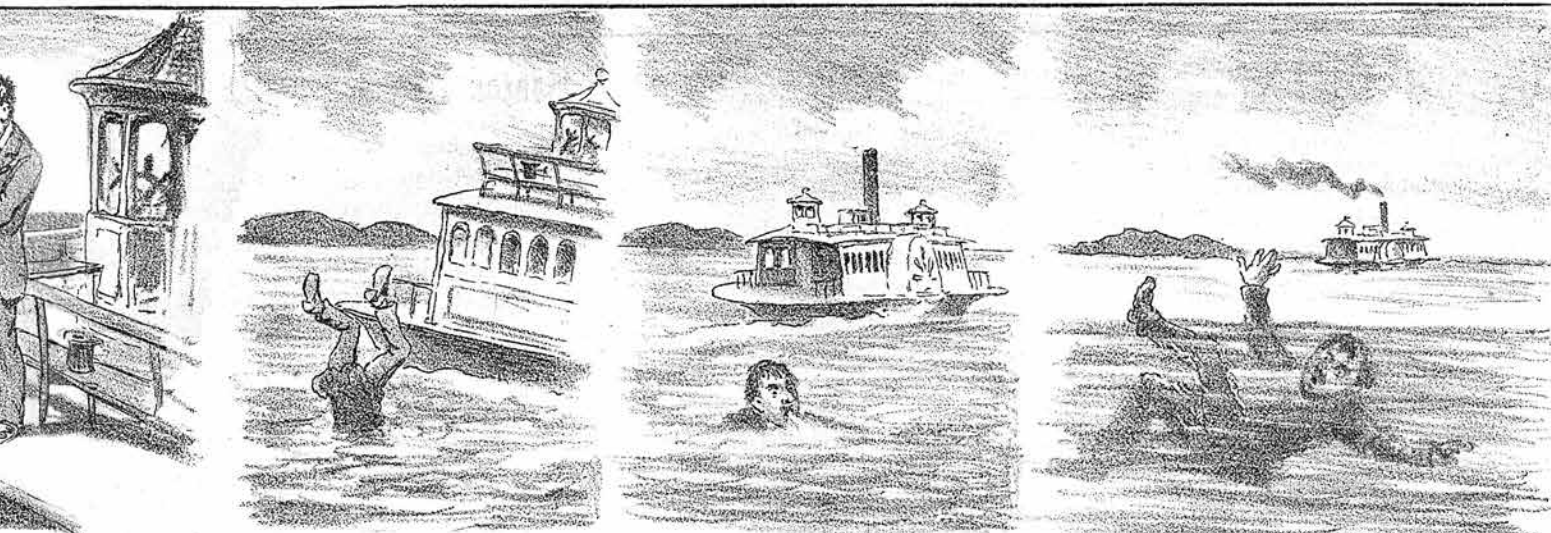
- Não vêem que vou fazer um papel de idiota! E há quem se mate por causa de mulheres! Fortes tolos!



O diabo é eu ter-lhe esc...



## Onde Zé reconhece a conveniência de refletir em tempo



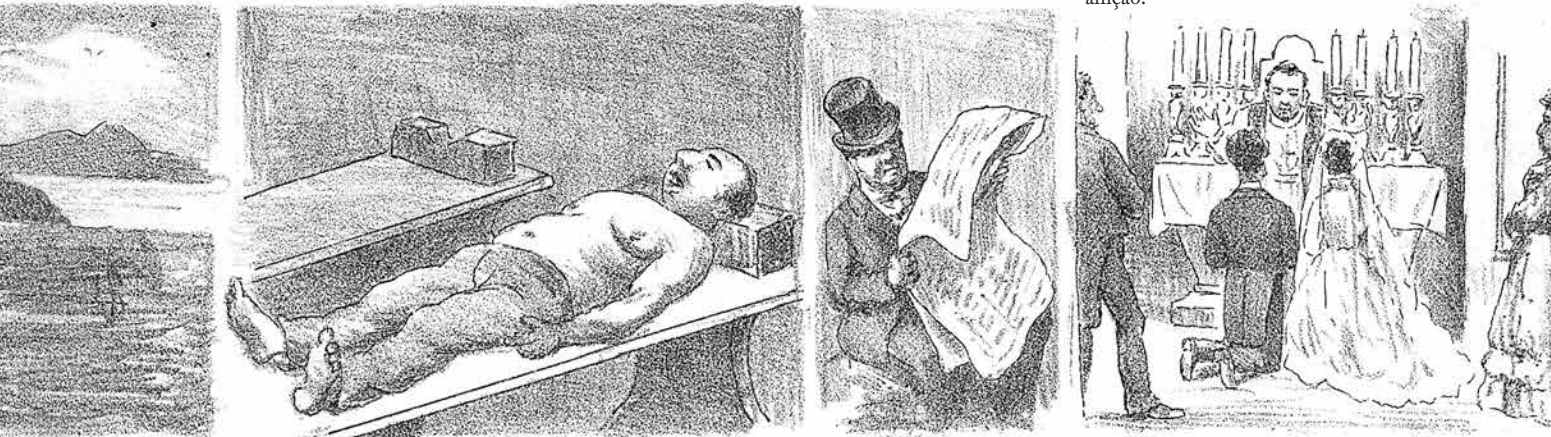
r no caso e a fazer várias  
emplo: aproveito uma  
em me ve ja

e atiro-me. Zás!... Sinto logo a fria sensação da água e uns glu, glu, glu, pelos ouvidos. Vou para o fundo,

e volto à tona d'água. A barca está longe... É possível que a frialdade da água esfrie o meu entusiasmo pela morte, e como eu não sou grande nadador,

vou outra vez pela água abaixo.

Sinto faltar-me o ar, abro a boca e bebo muita água, salgada como o diabo! Sofro tremenda aflição!

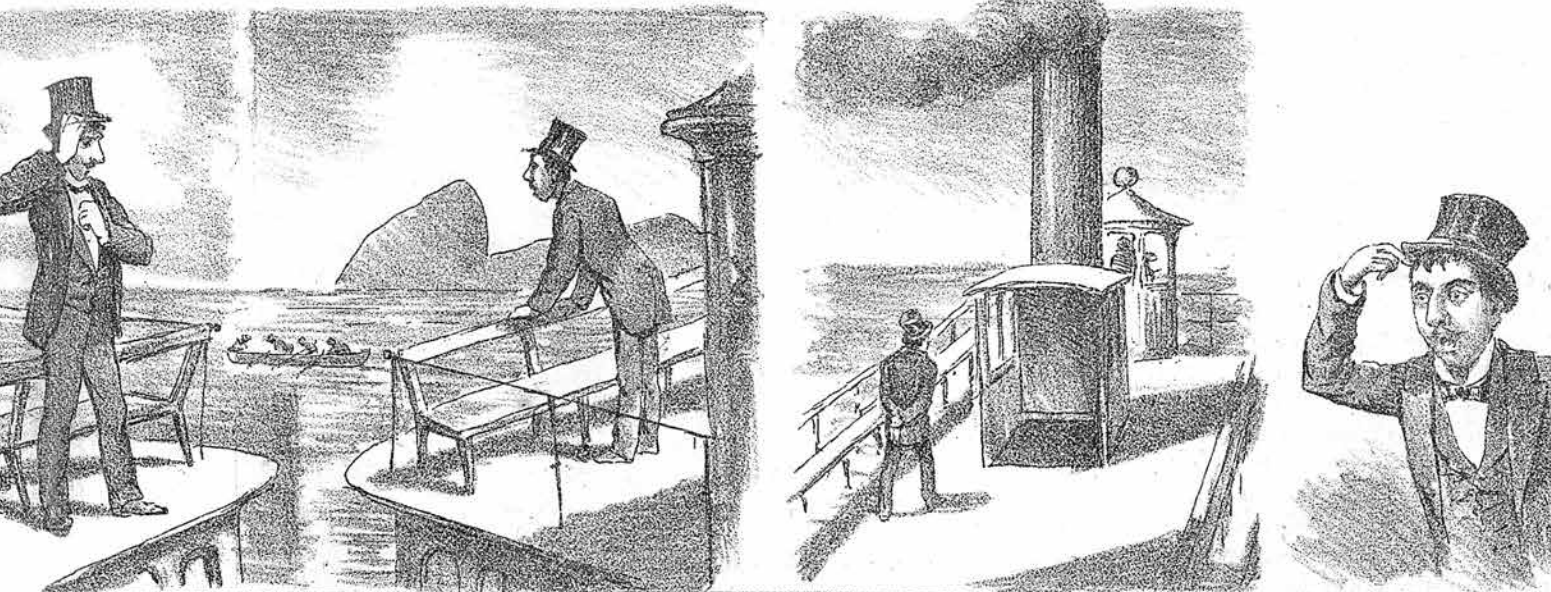


as, o meu corpo aparecerá  
er ga to morto!

E será exposto no necrotério, todo disforme e inchado – ele, tão elegante! – e fedendo a podre! Horror! Horror!

E em compensação de tantos sofrimentos, os jornais darão notícia do meu suicídio atribuindo-o à chapa do costume: Alienação mental!

E ela!... Provavelmente dirá: Coitado! – com um só ponto de admiração – e três meses depois, casará com o tal primo ou com qualquer outro...



-lhe escrito que me suicidaria...

Se pudesse achar um meio de suicidar-me sem morrer... Aí vem justamente um escaler. Eu atiro-me n'água, ele pesca-me. A notícia corre que eu quis afogar-me. Ela vem a saber, enternece-se e...O plano é bom e vou já...

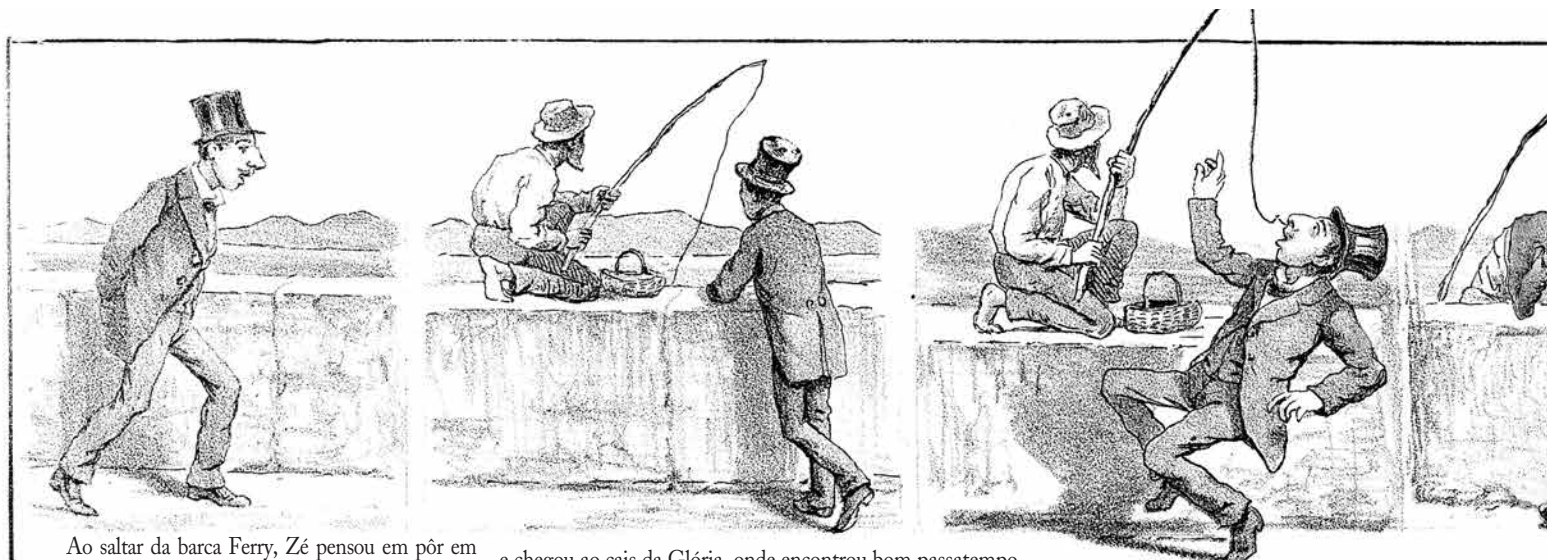
– Porém... Se não me salvam... Nada! o seguro morreu de velho. E Zé continuou a procurar um meio de suicidar-se sem morrer.

De repente soltou um grito: – Achei!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

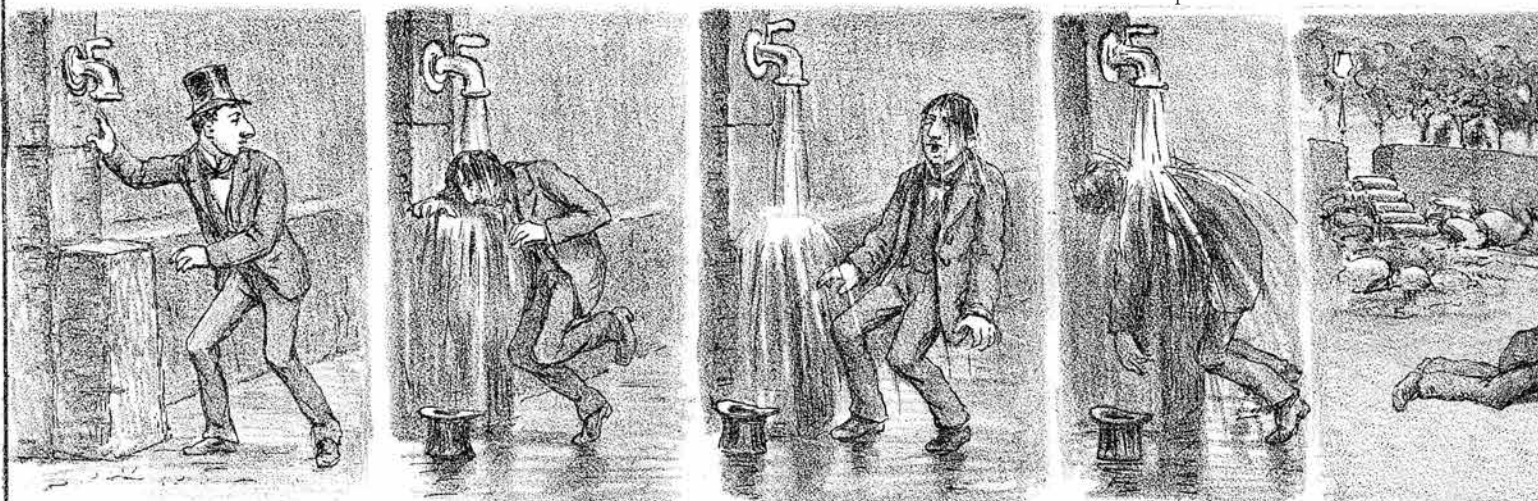
## Capítulo VI I



Ao saltar da barca Ferry, Zé pensou em pôr em execução o seu projeto de suicídio. Porém era preciso esperar à noite. O que fazer nesse tempo? Zé dirigiu-se para o cais de Santa Luzia pensativo e meditando

e chegou ao cais da Glória, onde encontrou bom passatempo acompanhando com interesse as monótonas peripécias de uma pescaria e o cúmulo da paciência personificada num pescador.

Mas foi tão infeliz, que, ao retirar o anzol de dentro d'água, este foi prender-se no nariz do pobre Zé.



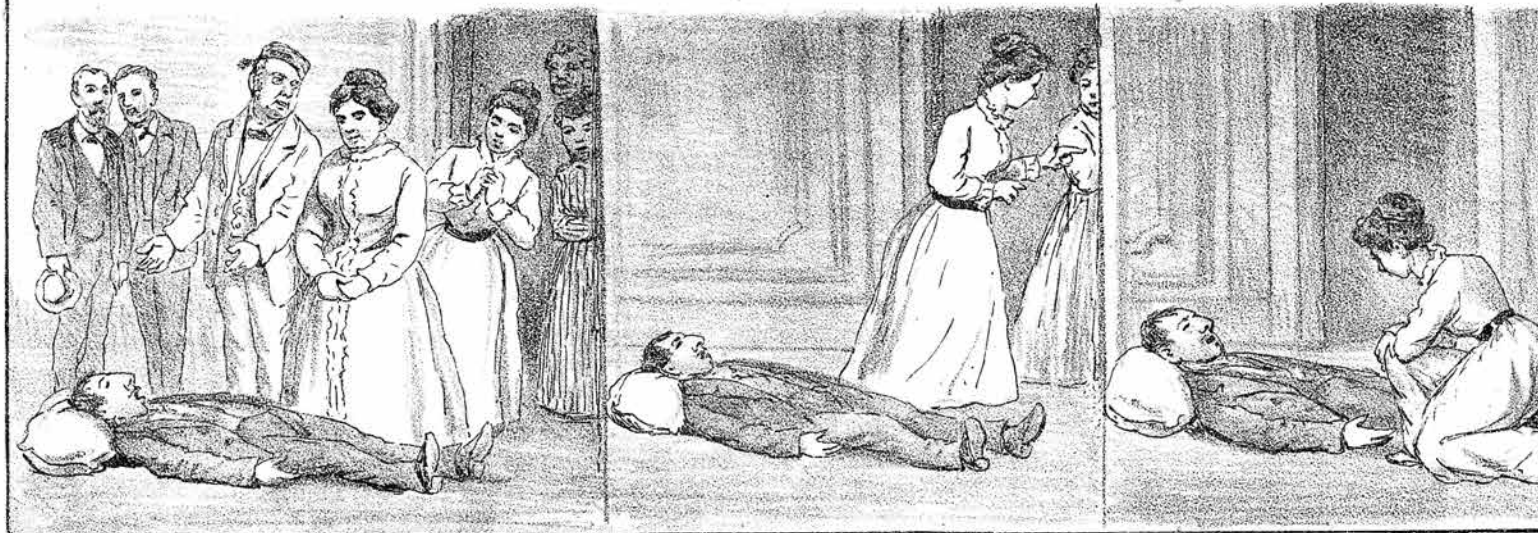
Já era noite e Zé achava-se na praia de Botafogo. Às onze horas, quando julgou que ninguém o via, aproximou-se de um chafariz

e começou a pôr em execução o seu projeto de suicídio-ducha. A impressão da água fria caindo pelo pescoço abaixo fez lhe dar um ai!

e recuou. — Oh! Amor!... a que sacrifícios obrigas!!!

Mas retomando coragem, voltou de novo à ducha e quando se julgou bastante ensopado,

desceu para a praia gritou por socorro. Aos gritos,



Colocado provisoriamente sobre o assoalho até arranjar-se cama especial, Zé teve a consolação de ouvir a baronesa e sua querida Memê muito comovidas, exclamarem: — Coitado!

E muito mais contente ficou quando ouviu Memê dizer: — Enquanto papai e mamãe vão arranjar o que é preciso, eu fico velando junto dele. — Oh! ventura! disse consigo o Zé.

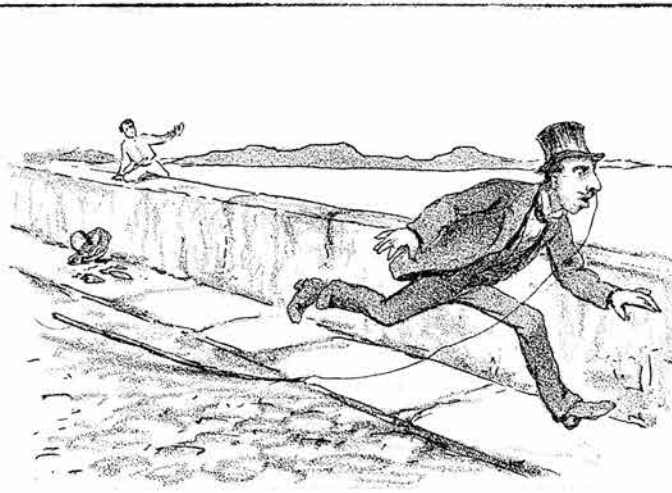
Aproximando-se, ela disse: — Pobre Zé! Tão bom rapaz! Afinal, não é tão feio como diz o primo. Se não morreres eu serei tua. Ah! pensava Zé: ouvir isto e não poder me mexer! Estou quase voltando a mim...



## Zé encontra um cúmulo em seu caiporismo



Furioso, Zé dá um empurrão no pescador, que toma um mergulho.



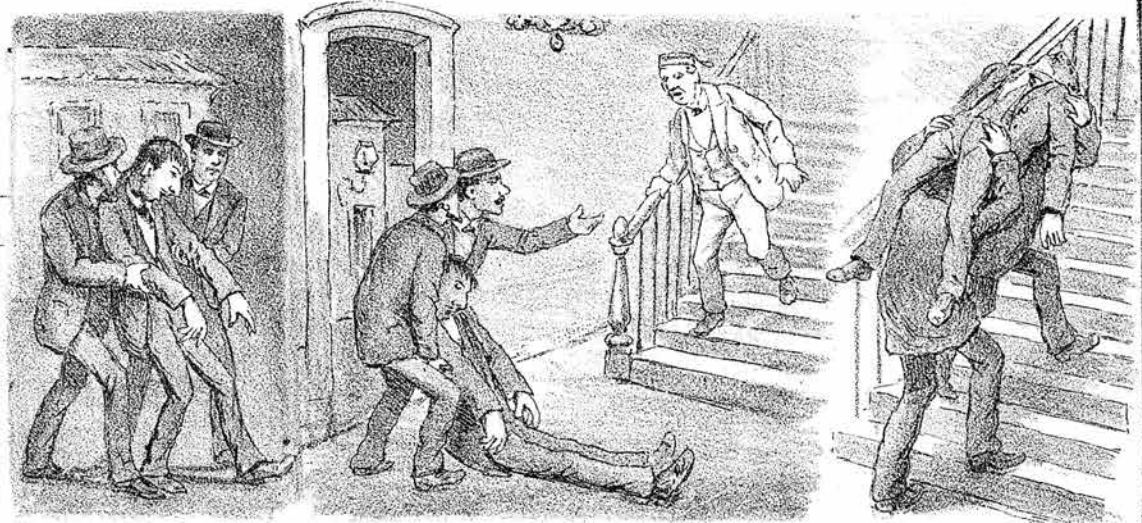
Receando ter causado a morte ao pobre homem, Zé deita a correr, carregando, involuntariamente, o anzol e o caniço na ponta do nariz.



O nosso caipora fugiu para o morro da Glória e aí conseguiu retirar do nariz o maldito anzol.



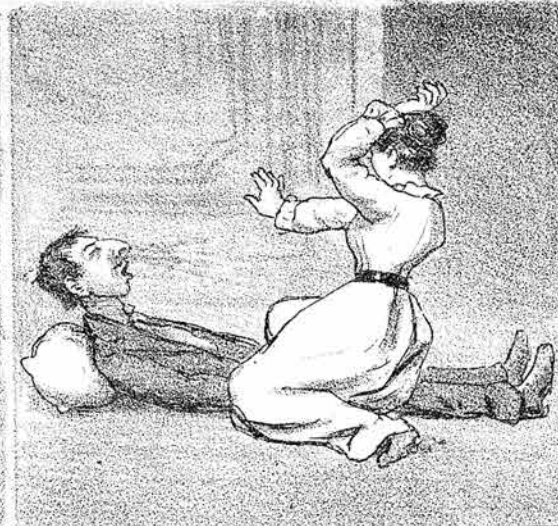
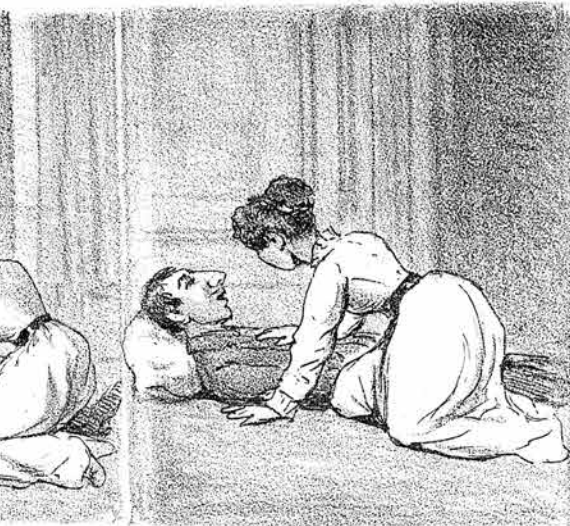
Para a praia e deitando-se na areia, por socorro. grit os, acudiram dois homens



a quem Zé pediu que o levassem para a casa do barão\*\*\* que se achava perto. A caminho, contou que queria suicidar-se, porém as ondas o atiraram à praia.

Ao chegar à casa que indicara, Zé entendeu dever desmaiar. Os homens que o levavam contaram o ocorrido ao Sr. Barão, que ficou muito penalizado e mandou incontinenti que o levassem para um quarto.

E pela segunda vez, Zé subiu gotejando, como no fatal dia do entruído, as escadas por onde ele já rolara em companhia de um peru.



— E foi por minha causa que ele suicidou-se! Em consciência, é justo que eu lhe dê ao menos um beijo. O coração de Zé estalava de contente. Memê abaixou-se e ia dar-lhe o apetitoso beijo,

quando... Horror! Um espirro, por demais comprimido, fez explosão e deitou tudo a perder!  
Zé teria preferido morrer cem vezes a acontecer-lhe semelhante desgraça!

O suicídio-ducha o constipara; e o pior era que não havia meio de assoar-se! Lá se vai toda a poesia pelo nariz afora, pensou Zé horrivelmente contrariado.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo VIII



Zé não ouvia mais as doces palavras de Memê que se colocara fora do alcance dos espirros. Na dúvida se ela estaria ainda perto dele, Zé abriu o olho direito, não viu nada desse lado.



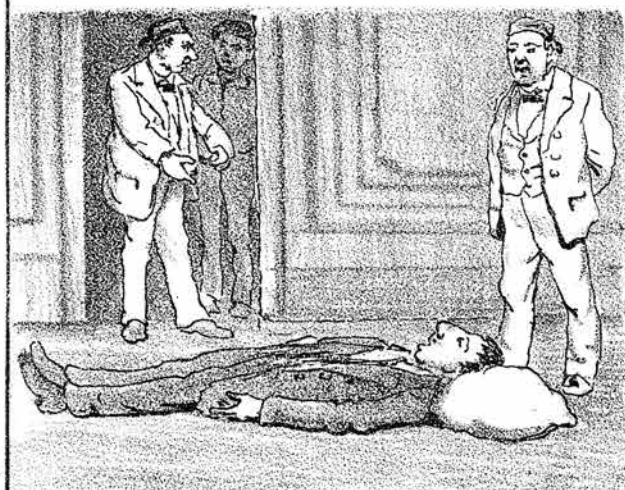
Abriu o esquerdo; também nada! Teria ela ido embora?



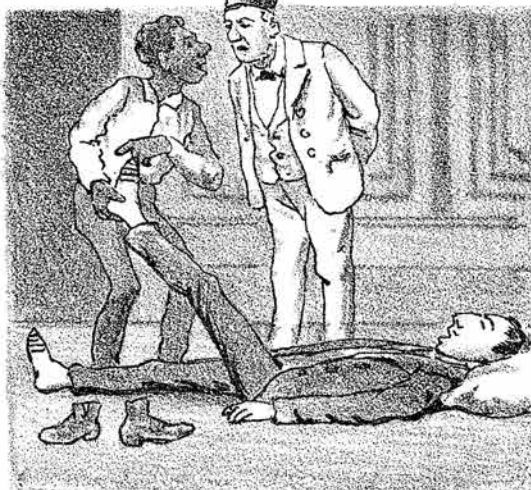
Porém Memê, que tem um bom coração, chegou-se de novo a ele e resolveu assoá-lo. Involuntariamente, Zé mexeu-se e abriu os olhos. Memê assustou-se e convulsivamente apertou-lhe o nariz.



- Ai! gritou Zé ainda do maldito assoá-lo. - Ai! respondo maldito nariz, levantou-se.



- É preciso despi-lo e levá-lo para a cama, disse o barão, entrando.



- Homem! Isto é esquisito!... Há pouco os pés estavam virados para o lado da janela e agora estão defronte do sofá?

- Meu senhor, as botinas estavam molhadas só por fora e as meias estão enxutas.

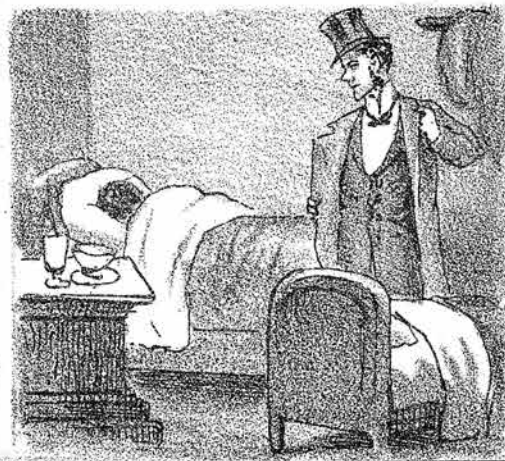
- Ora essa! Zé não contava com tantos cuidados, compreendia que a sua posição complicava-se; estava em talas!



À entrada de um médico que me a Zé não pôde reprimir uma careta d e - Estou perdido! Enganar um mé Não importa; vou tentar.



Ao fechar a porta, entrou o primo Juca que vinha do teatro. O barão contou-lhe tudo e pediu que vigiasse Zé durante a noite.



- Boa estopada... Pois não!... Estou lá para maçadas... Vou dormir. Zé, que vira entrar o seu rival, fingiu que estava dormindo e virou-se para a parede.



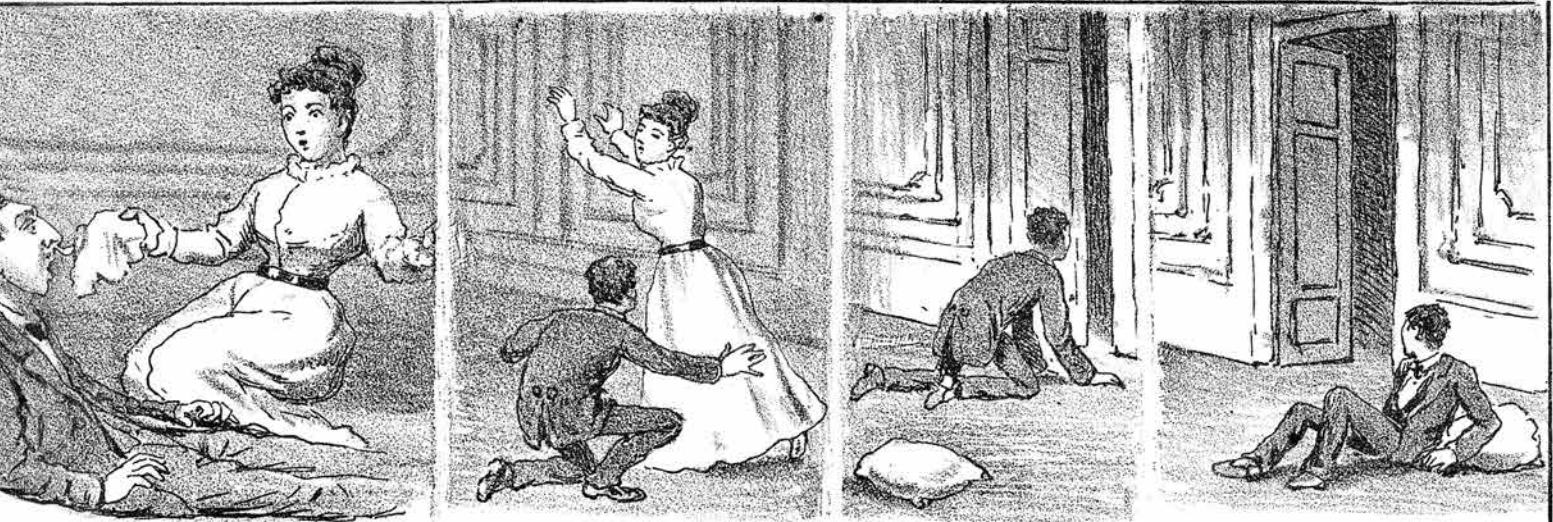
O primo deitou-se e não tardou a roncar. De repente, Zé sentou-se na cama; parecia-lhe ouvir pronunciar o seu nome numa conversa bastante animada.



Para certificar-s e m entreabriu a porta e p é As vezes partia m d



## Consequências imprevistas de suicídio-ducha. O negócio complica-se!

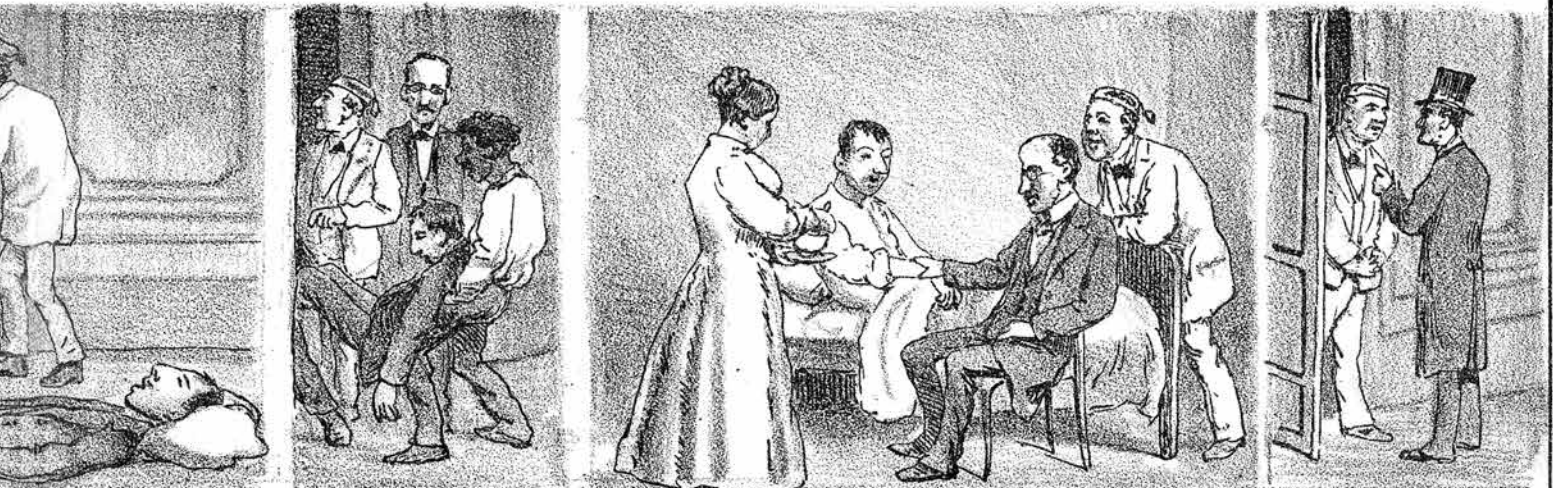


gritou: Zé, que sentiu viva dor, consequência  
aldito anzo l.  
respondeu Memê assustada; e soltando o  
tendeu-se.

Compreendendo que não podia mais fingir-se  
desmaiado, precipitou-se aos pés de sua amada. Esta,  
meio espantada, embaraçada e sem compreender  
tamanha mudança, tomou a resolução de fugir.

– Ora, pílulas! Disse Zé  
desapontado.  
– Perder tão boa ocasião...  
mas, aí vem gente,

e voltando para o seu lugar, estendeu-se  
novamente no chão.



que m andaram chamar,  
reta d e espanto.  
um médico é coisa difícil...

O doutor mandou  
incontinenti que o fos-  
sem deitar.

Aplicaram-se todos os meios de o chamar à vida, o que se  
conseguiu quando Zé entendeu dever voltar a si.  
– O pulso está um pouco fraco, porém com o remédio que  
receitei, ele passará muito bem esta noite.

– Então, que diz, doutor?  
– Homem... Por ora não digo  
nada; amanhã voltarei para ver se  
houve alguma novidade.



car-s e melhor, levantou-se,  
orta e p òs-se a escutar.  
partia m do fundo do corredor.

Para melhor ouvir, Zé resolveu che-  
gar até a porta, pé ante pé. Por precaução,  
apagara a luz do seu quarto, a fim de  
que o primo, caso acordasse, não desse  
pela ausência,

e colocando o ouvido no bu-  
raco da fechadura, verificou  
que o quarto era do barão. Pela  
conversa que ouviu, pareceu  
que o seu suicídio não era  
tomado muito a sério.

Zé pensou logo em re-  
colher-se para o seu quarto,  
vestir-se e pôr-se ao fresco. In-  
felizmente apagaram a luz e o  
nosso herói viu-se mergulhado  
em trevas profundas e medonhas.

Sim, medonhas porque serão  
a causa de um horrível aconteci-  
mento! Depois de ter andado às  
apalpadelas, Zé entrou num quarto  
que não era o seu.  
Fatalidade!...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo IX



Depois de encostar a porta, Zé procura a sua cama. Sente que esbarrou com os pés em qualquer coisa; agacha-se para verificar o que é, e apalpa.

– Faz favor de não bulir comigo, seu Juca; vá se embora.



– Heim! Disse Zé espantado. E não é que entrei no quarto da criada?! E ficando mudo e quedo, pensou no melhor modo de se raspar. A rapariga, estranhando obediência tão passiva da parte de quem julgava ter vindo perturbar-lhe o sono,



acende um fósforo e solta um grito horrendo:

– O afogado! Jesus, Credo, Ave-Maria!!!

Ela acabava de sonhar que Zé tinha morrido e sem querer deu alarme em casa.



Ouviu-se logo a voz

– Que é? Que ac

Zé estava ater rado

do fósforo tinha-lhe es-  
tranhado uma porta que lhe es-  
tranhou por ela.



Em menos de 5 minutos, todos estavam de pé, armados e agrupados ao lado do barão.

– E o Sr. Zé?

– Creio que está dormindo, disse o primo Juca; mas fechei a porta e tirei a chave para que nada lhe aconteça.

– Bem.



Então vamos descobrir onde está esse larápio e prendê-lo ou matá-lo se fizer resistência!

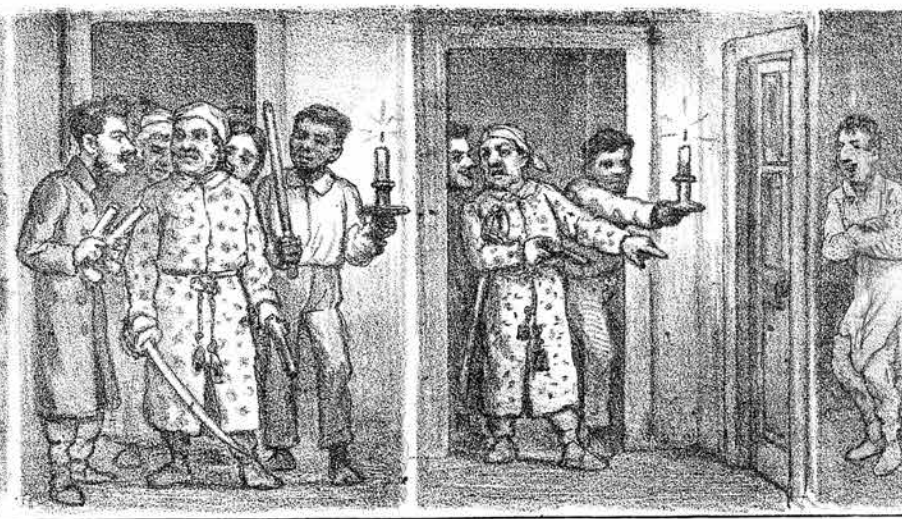
– Ah! Meu marido, pelo amor de Deus, não exponhas a tua vida!

– Ah! Papai!...

– Deixem-me!... Um homem é um homem! Vamos!



Em todos os quartos procedia-se a mais rigorosa busca.



– Nada! É esquisito! No entanto o ladrão deve estar em casa, pois que as portas e janelas estão todas fechadas...

Lembraram-se afinal que não tinham ainda examinado o quartinho onde se guardava a roupa servida.

– Não, há que ver, o ladrão deve estar aí.

– Se esta porta...  
mor ro d



## Zé começa a sentir não se ter suicidado deveras

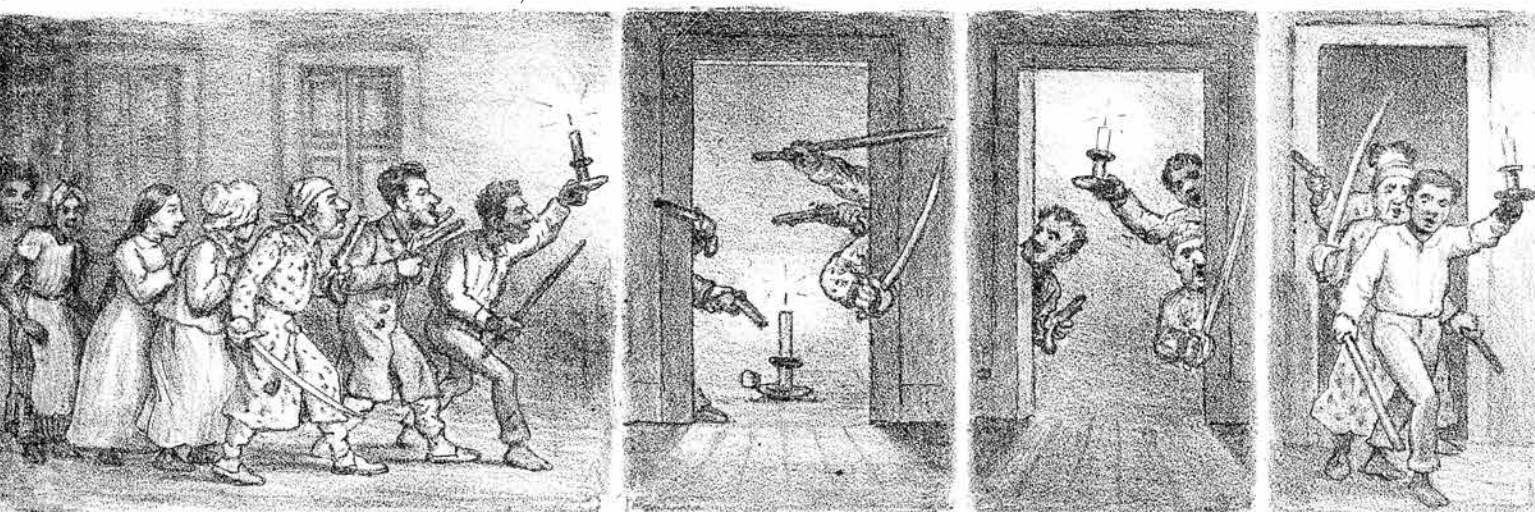


Logo a voz do barão:  
Que aconteceu?  
Ater rado! A claridade  
ha- lhe feito entrever  
e lhe estava ao lado;

O barão não tardou a aparecer:  
- Que grito foi esse?  
Arrependida de ter gritado e não querendo comprometer injustamente o Zé, que ela julgava ter saído do quarto, respondeu:  
- Pareceu-me ver um ladrão ao pé de mim, mas ele fugiu logo.  
- Um ladrão! Exclamou o barão, e

correndo para uma janela, abriu-a e gritou pela polícia; mas de balde; nem a menor sombra dela!

Voltando para o seu quarto, tomou a sua espada de Ten. Cel. da Guarda Nacional e contou o que sucedia à baronesa. - Mas eu não quero ficar sozinha aqui! - Nem eu! disse Memê saindo de seu quarto.



E seguindo o copeiro, que ia iluminando na frente, percorreu toda a casa, desde a sala até a cozinha.

Na passagem de um quarto para outro, empregava toda a cautela antes de entrar, não sem ter antes procedido à seguinte intimação:  
- Saia quem estiver aí!

Como ninguém respondia, começava a espiar... Certo de que o quarto estava deserto,

entrava com toda a coragem e galhardia.  
- Onde estará este patife?



- Se eles abrem esta porta, desta vez eu mor ro de vergonha!

- Lembra-te que és pai de família, ele pode estar armado e eu não quero ficar viúva. Deixa ir o Juca adiante; ele é solteiro, não faz falta.  
- Ora muito obrigado, minha tia! Eu ainda não gozei a vida.  
- Papai, não se exponha!  
Um rumor

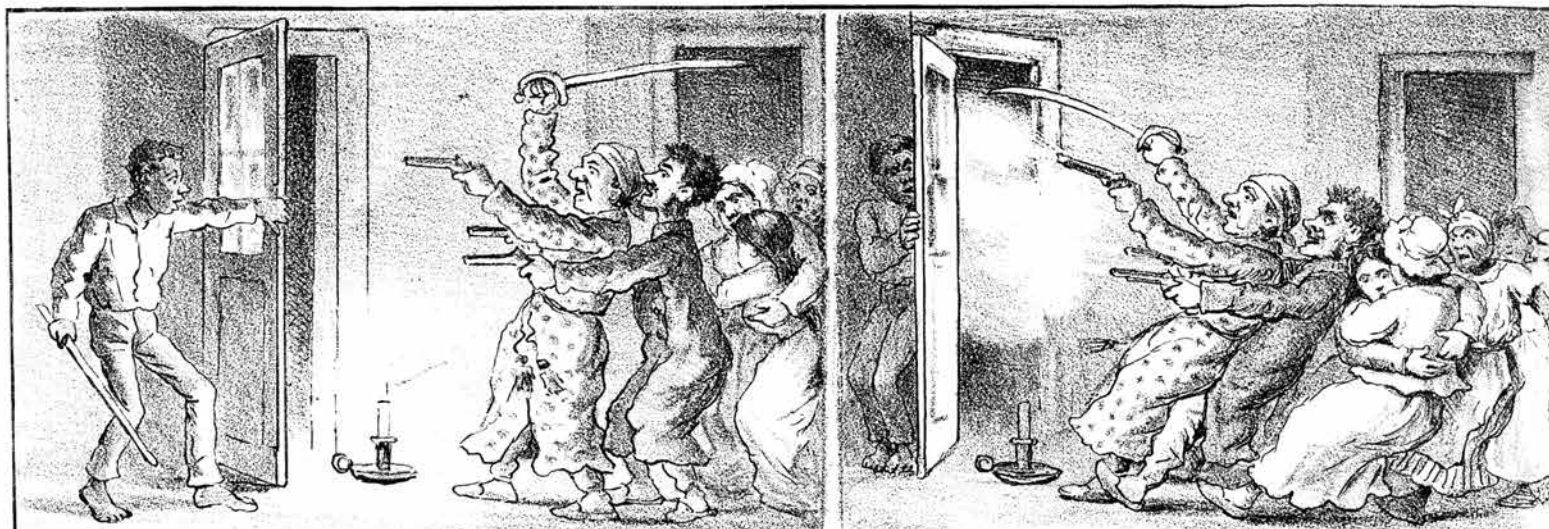
repentino que se ouviu no quarto pôs termo à conversa e fez com que se tomasse, imediatamente, posição defensiva.

- Saia quem estiver aí, disse o barão. E como ninguém saía... - Atenção, seu Juca. Não vá atirar em mim!  
- Não te... te... tenha susto; eu o def...fendo.  
Dirigindo-se então para o criado, o barão, com a voz meio trêmula, gritou:  
- A...bra!



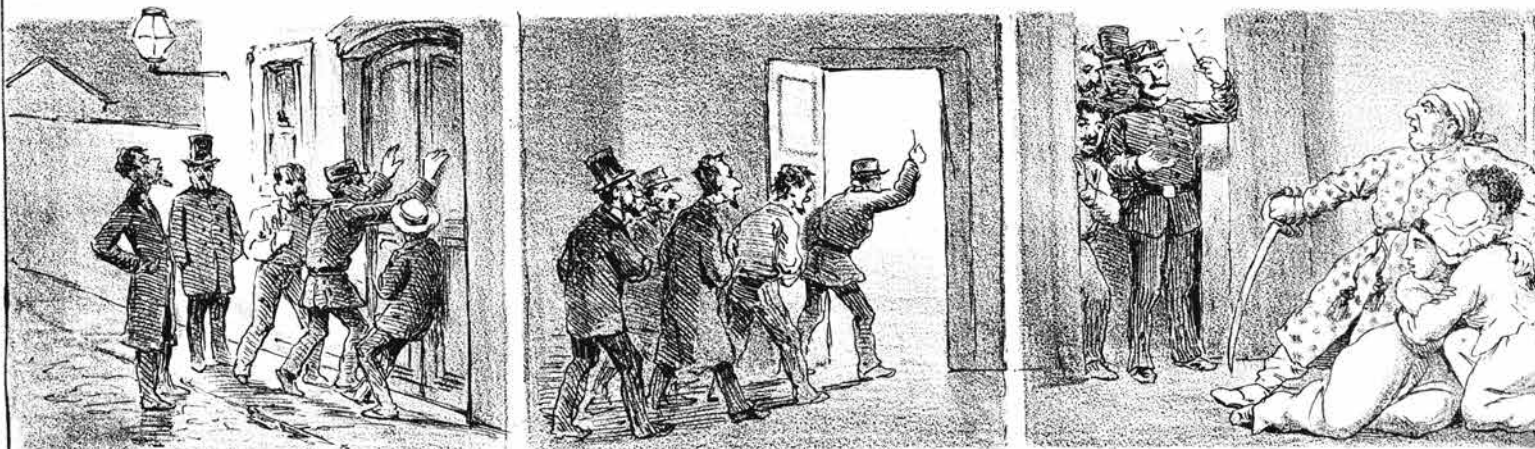
## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo X



— Abra! repetiu o barão. Entregue-se ou morr...  
A porta foi aberta com tal rapidez que o ar, rechaçado repentinamente, apagou a luz, ficando o quarto completamente às escuras.

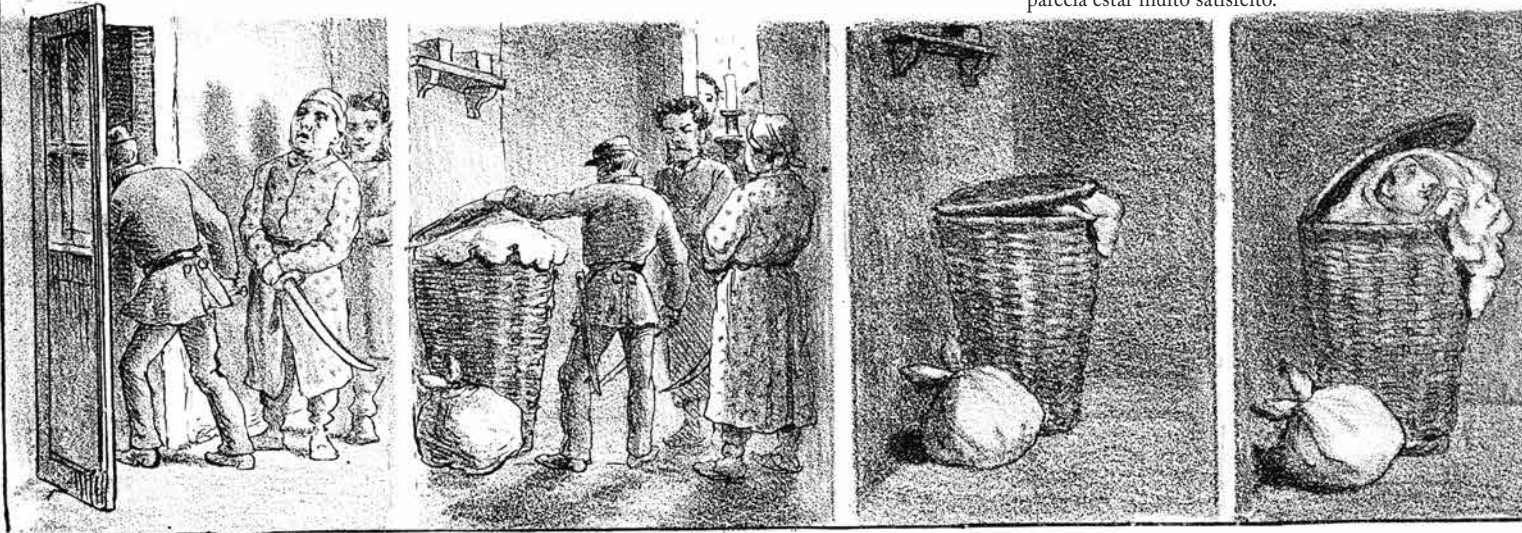
Um grito horrendo, acompanhado de três tiros disparados quase simultaneamente, fez-se logo ouvir! Julgando que fora o ladrão quem apagara propositadamente a vela, um horrível pânico apoderou-se de todos e os gritos de socorro! Acudam! Ai meu Deus! Santa Bárbara! São Jerônimo! ecoavam por essa casa, em que parecia ter entrado o diabo!



Os gritos de socorro foram ouvidos por alguns vizinhos que, supondo a existência de algum crime, procuraram um urbano e trataram de arrombar a porta.

O agente da ordem pública acendeu fósforos e, seguido de algumas pessoas que se prestaram a auxiliá-lo, dirigiu-se para o lado de onde partiam os gritos.

Não tardaram a descobrir o lugar do terrível acontecimento: estavam diante de um grupo dos mais estranhos! O barão, com a espada, estendia a mão protetora de um lado, e com a outra mão, apontando para o outro. Vendo tão inesperado socorro, todos soltaram um grito de surpresa e o barão parecia estar muito satisfeito.



— Saia daí. Está preso!  
.....  
E como ninguém saísse, o urbano espiou e disse:  
— Aqui não há ninguém!  
— Ninguém!?

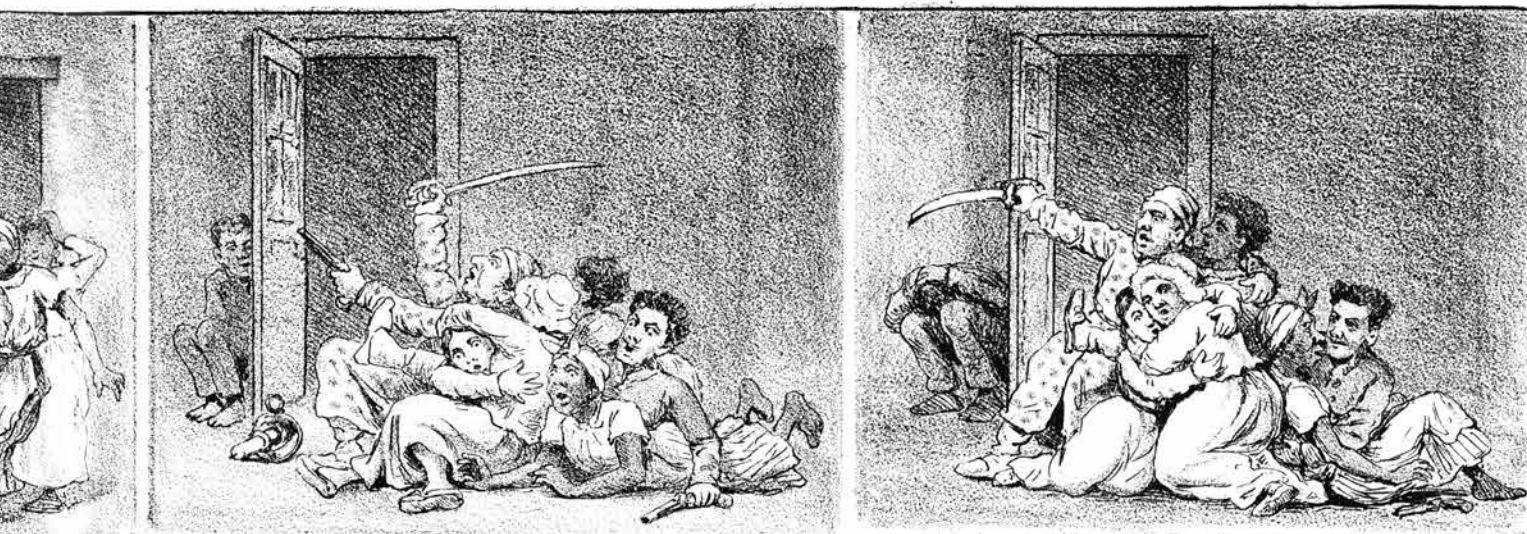
— Quem sabe se não estará escondido dentro desse cesto? disse o primo.  
— Não vejo nada; aqui só há roupa suja; se quiserem tiro-a para fora...  
— Não! não precisa; disse a baronesa que do fundo do quarto ouvira tudo.  
— Não está aí! É extraordinário isso, pensou o barão.

E como se resolveu procurar novamente em toda a casa, retiraram-se todos do pequeno gabinete.  
Pobre Zé! não deram com ele; entretanto ele está dentro do cesto meio morto de medo!

Pressentindo que não havia mais ninguém, Zé suspendeu a tampa:  
— Arre! que já estou meio asfixiado. Que falta de ar... mas, felizmente; parece-me que escapei!



## O negócio complica-se deveras



O barão que recuara instintivamente, deu ocasião a uma queda geral! O medo fazia-se todos agarrarem-se mutuamente para esconderem-se por baixo uns dos outros. O barão descrevia círculos no ar com a espada para proteger o grupo sagrado da família contra qualquer um que se aproximasse.

Julgando ter sua filha ao lado, disse-lhe: - Não tremas, estás junto de teu pai! Estou aqui para proteger-te, meu anjo! dizia o primo Juca para a tia Joana, supondo-se junto da prima. A velha cozinheira, sentindo-se suavemente apertada contra o peito de seu protetor, não ousava desenganá-lo com medo que a largasse.



aconteci mento! O urbano e os vizinhos embasba-  
nos! O barão lívido, convulso e armado com uma  
n a outra pare cia ameaçar um inimigo imaginário.  
grito de satisfaç ão, menos o primo Juca, que não

O grupo desfez-se imediatamente; cada um levantou-se e endireitou-se como pôde. O barão, retomando atitude enérgica, pôs o urbano ao fato da terrível situação!

- Ele deve estar nesse gabinete, e com certeza é um ladrão da pior espécie.
- Não lhe dê cuidado, Sr. Barão; vou pô-lo para fora e se ele fizer resistência, furo-lhe a barriga com esta espada!



Mas o primo Juca que começava a desconfiar do grito da rapariga, ficou encostado à porta do gabinete à espera que esta voltasse para pedir-lhe explicações.

- Este gabinetezinho é um excelente esconderijo para certas ocasiões... pensou ele,

e como se sentia um tanto cansado, encostou-se sobre a tampa do cesto, entalando a cabeça do pobre Zé que procurava, meio escondido entre trapos, um pouco de ar para respirar!

Zé não pôde reprimir um grito. O primo, horrivelmente assustado, soltou outro. Zé, desesperado de se ver descoberto, levanta-se e arruma um tremendo soco nas costas de seu rival. Este, espavorido, foge, gritando como um possesso.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XI



O primo não tardou a voltar, acompanhado do barão, do urbano e de todas as pessoas da casa e circunvizinhanças.

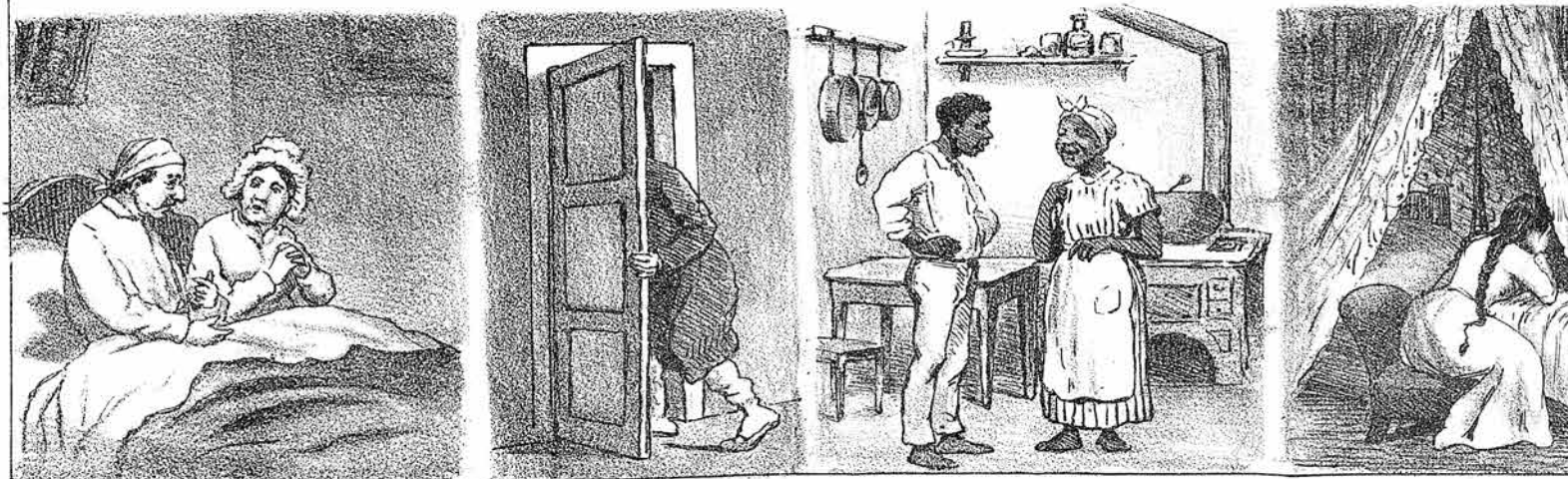
Zé, vendo que era impossível a fuga, e não ousando apresentar-se em trajas menores, resolveu encafiar-se de novo no seu esconderijo.

Não obedecendo à intimação de sair, o urbano dispunha-se a furar o cesto, quando a tampa deste abrindo-se de repente, uma erupção de roupa voou pelos ares, enchendo a todos de terror e... meias sujas! Que Vestúvio!



Zé não teve remédio senão sair do cesto, entrar para o quarto que o primo abrira, vestir a sua roupa ainda úmida do suicídio,

e sair, atravessando debaixo de risotas e cochichos de mofa uma longa fila de espectadores, que o fatal acontecimento juntara



Restabelecido o sossego na casa, o barão e sua excelentíssima consorte deitaram-se. Mas como o estado de agitação não lhes permitia conciliar o sono, puseram-se a conversar sobre o caso.

—... Fingir-se de afogado para introduzir-se em nossa casa com o fim de... Ora esta! — E quem diria? Que escândalo!

O primo intrigado com a presença do Zé num quarto que não era o dele, levantou-se e, pé ante pé, dirigiu-se para o lugar do escabroso acontecimento, para obter explicações.

Na cozinha, tia Joana contava que, na ocasião do tremendo susto que tivera, encontrara um defensor ardente, o que não agradou a pai Joaquim.

Amélia refugiou-se no quarto e chorou. Depois de lágrimas, veio a reflexão.



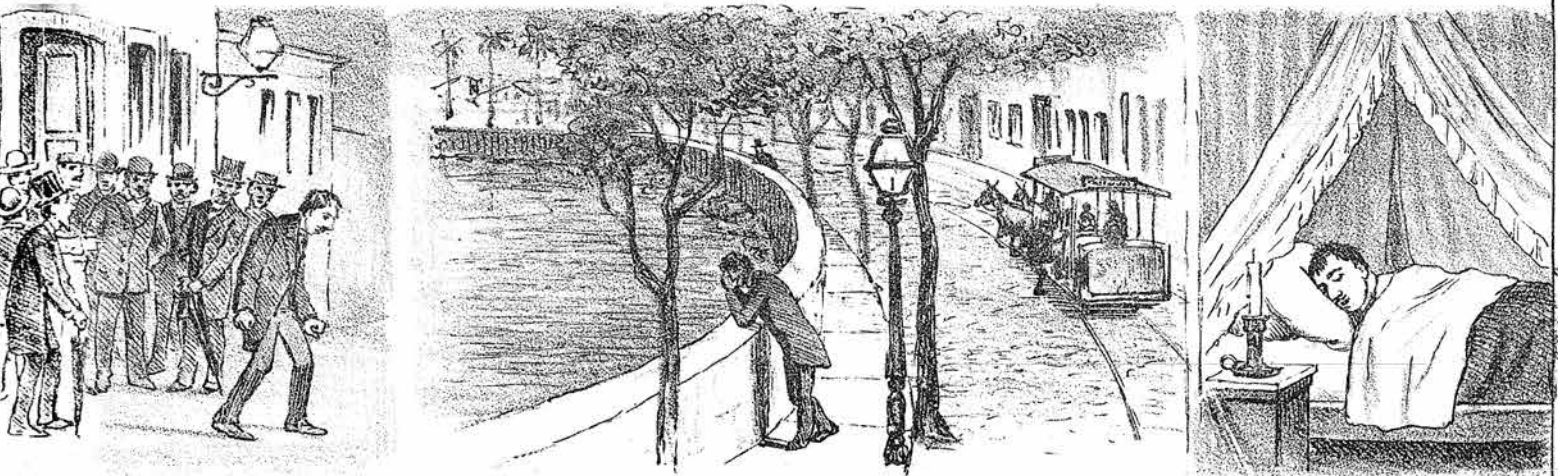
## Onde fica provado o refrão do “justo que paga pelo pecador”



Passado o primeiro pânico ocasionado por tão inesperado vulcão, o barão, reconhecendo Zé, perguntou-lhe admirado: – O que está fazendo aí?! – Estou... passeando, disse este, numa encalstração que chegara ao cúmulo!

O urbano dispunha-se a levá-lo para o xadrez, porém o barão opôs-se e falou baixinho ao ouvido do policial que sorriu e

contou o caso a um dos vizinhos, que o transmitiu a outros e assim todos souberam que não se tratava de nenhuma ladroeira, mas sim do... da... da tal coisa!...

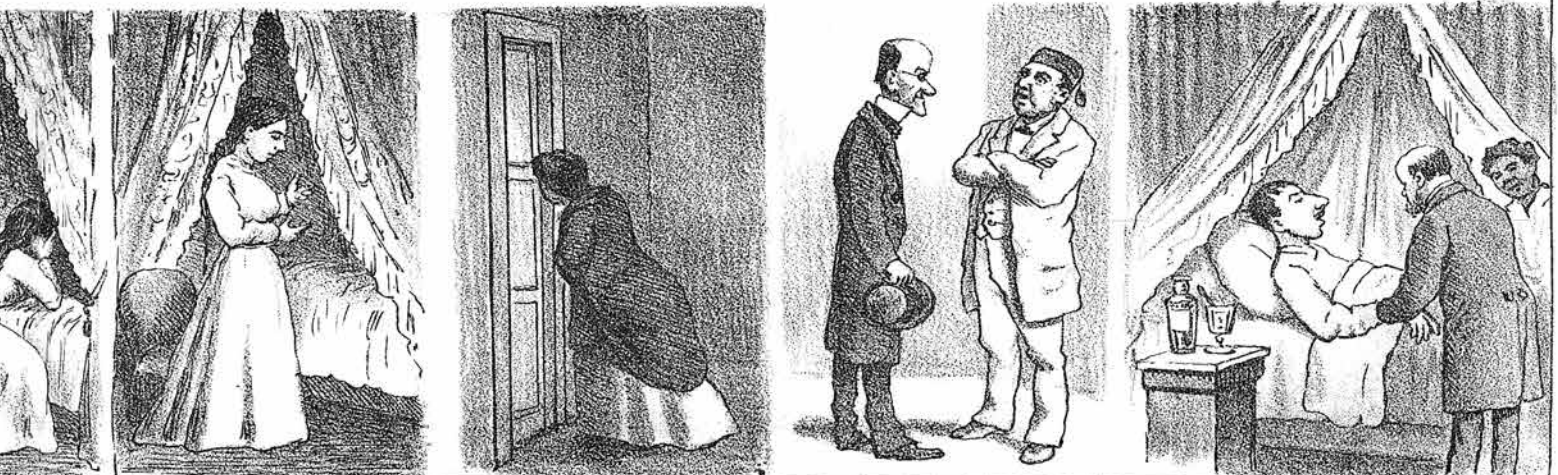


o juntara em casa do barão e até na rua.

Chegando ao cais de Botafogo, Zé parou; grossas lágrimas de desespero corriam-lhe pelas faces e, se desta vez não se suicidou deveras foi porque pressentiu que alguém o vigiava.

Sentindo calafrios e extenuado com tantas emoções, Zé a muito custo conseguiu entrar num bonde.

E, de volta para a sua casa, deitou-se ardendo em febre!



u-se no seu Depois das exão.

– Não, não é possível! Ele é incapaz disso. Aqui há algum mistério... Vou interrogar a rapariga e por ela saberei de tudo.

E cobrindo-se com um chale, dirigiu-se para o quarto da mucama. Ouvindo vozes, escutou... e!... e ficou plenamente convencida de que Zé era inocente.

Pela manhã veio o médico.  
– Então, como vai o nosso afogado? Passou a noite tranqüilo?  
– Muito tranqüilo, não haja dúvida! Aquilo não era um afogado, era o Diabo!

A essa mesma hora um médico que fora chamado para visitar o pobre Zé declarou o estado deste gravíssimo!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XII



Poucos dias depois de ter caído doente, apareceram-lhe as bexigas e das mais bravas!



O médico – não apologista das irmãs de Caridade – mandou-lhe um enfermeiro, que tratou-o com todo o cuidado, sem rosários nem água benta.



O que fez com que ele se curasse depressa. Porém, apenas viu-se ao espelho...

– Que horror! Pareço-me com uma onça e das mais pintadas!

Compreen- elegância co m t ir passar uma te de um amigo.



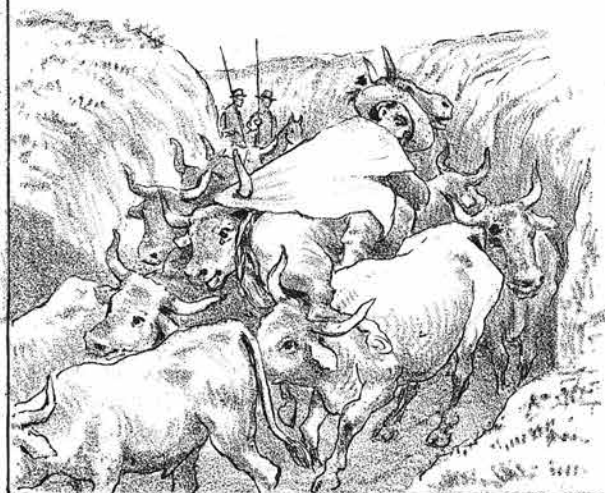
O burro era trotão que nem o diabo e o selim, duro que nem uma pedra!



Não tardou a encontrar vários lotes de burros a carregar café para a estação e que lhe puseram as pernas em mísero estado!



Em certos lugares, o caminho era tão estreito que o pobre Zé via-se metido em sérios apuros, ora trepando em barrancos, ora



Zé passou através dessa floresta de chifres. Mas de que modo! Coitado!...



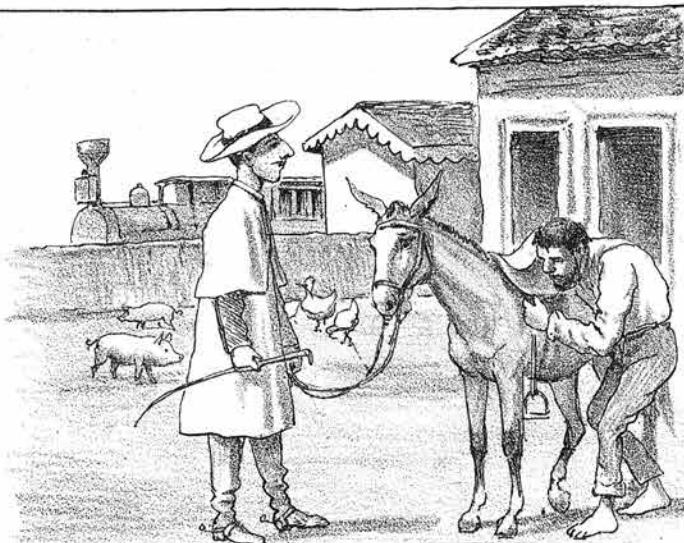
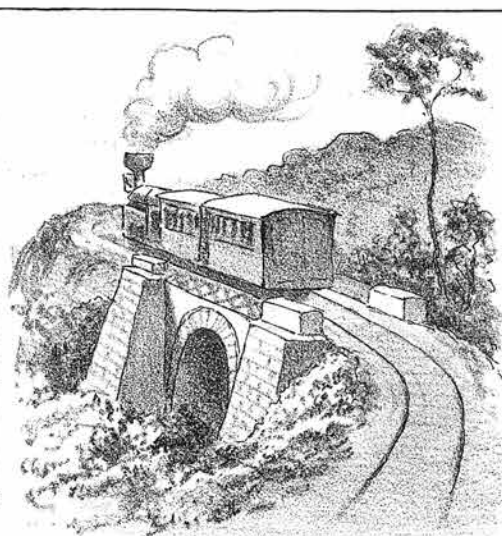
Ainda assim, Zé e o seu burro foram felizes; este, um pouco amolado com a esfrega que levou e o Zé contrariado com a perda de sua bela capa branca, carregada pela onda chifruda.



Porém, Zé não é homem tão pouco e não vendo mais es- meteu as esporas no seu pé gas



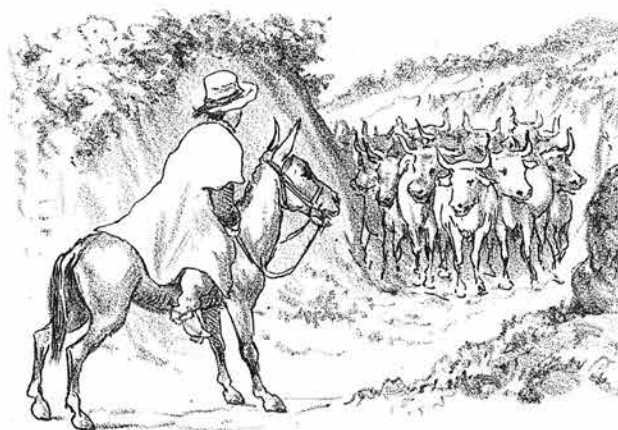
## Em viagem para a roça



Compreendendo que não poderia deitar a cabeça em uma cama tão feia, Zé resolveu passar uma temporada na roça, na fazenda de seu amigo.

A viagem em estrada de ferro correu sem novidade e Zé pôde tranquilamente apreciar as belezas da natureza.

Chegando à estação onde tinha de parar, Zé tratou de alugar um animal que o levasse ao seu destino.



correndo o risco de ver-se precipitado no fundo de algum precipício!

Porém, o que maior pânico lhe causou foi uma boiada que vinha se aproximando em um lugar em que era impossível desviar-se dela.



Com o burro empacando para se amofinar por causa dos estorvos no caminho, o pé de Zé gaso e deitou galope.

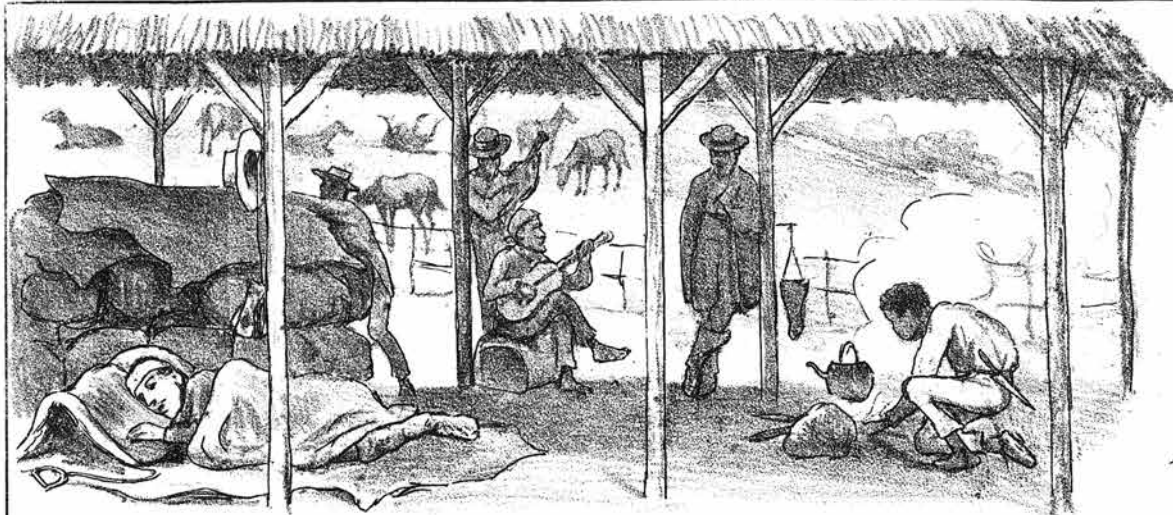
Mas, oh! fatalidade! O burro, empacando repentinamente, fez o Zé apertar-se contra a sua vontade e perturbar o jantar de uns urubus que se puseram logo ao fresco.

O pior é que o pobre Zé bateu com a cabeça de encontro a um galho e caiu sem sentidos sobre os restos mortais de um búfalo algum tanto *faisandê*.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XIII



Encontrado por uns tropeiros em viagem para Minas, o nosso desventurado e ultracaipora foi levado para um rancho, onde achou excelente agasalho e uma boa cama de couro de boi, com o seu selim por travesseiro. Depois do curativo da ferida que fizera na testa, Zé adormeceu, ouvindo o mavioso som das violas, acompanhando umas modinhas plangentes e melodiosas.

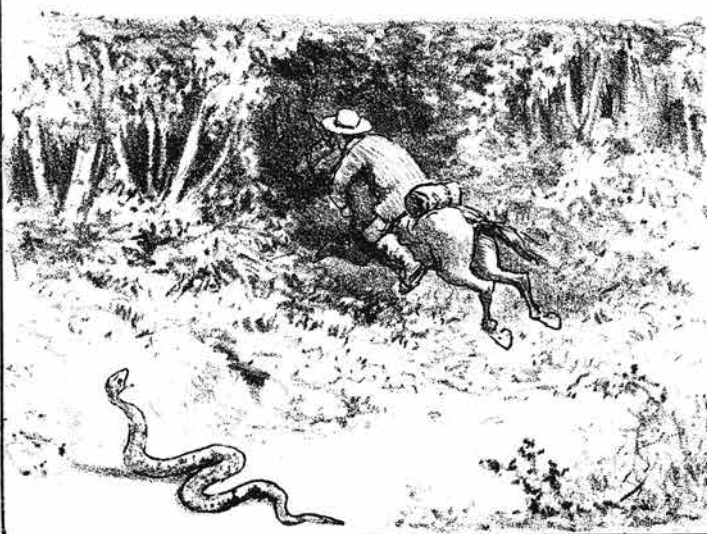


Pela madrugada, Zé acordou. Trouxeram Zé, vendo aquelas caras barbadas e patib



Numa volta do caminho, Zé viu os tropeiros pela última vez. Boa gente, disse ele; se não fossem para tão longe, eu os acompanharia. Antes o fizesse.

Depois de andar umas poucas horas, chegou a um lugar, onde Zé ficou um tanto embaraçado; já não se lembrava se devia ir para a esquerda.



Zé viu-se livre da cobra, que era uma enorme jararaca, mas não pôde conter o burro que, tomando o freio nos dentes, meteu-se pelo mato adentro, correndo a toda disparada.



Zé via, a todo momento, que acabaria por despedaçar a sua preciosa existência de encontro a algum tronco de árvore.



Felizmente o cambalhota pôs ter

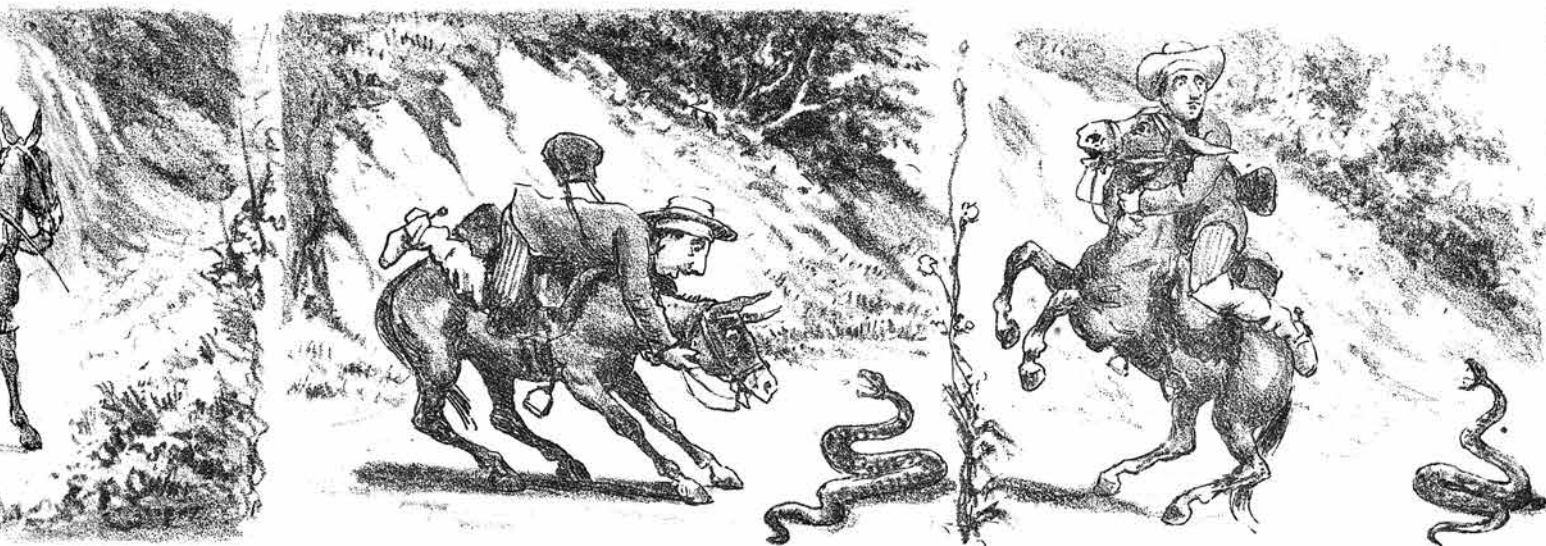


## Zé em viagem



...trouxeram-lhe logo café com roscas na melhor xícara. ... e patibulares, admirava-se de tanta bondade.

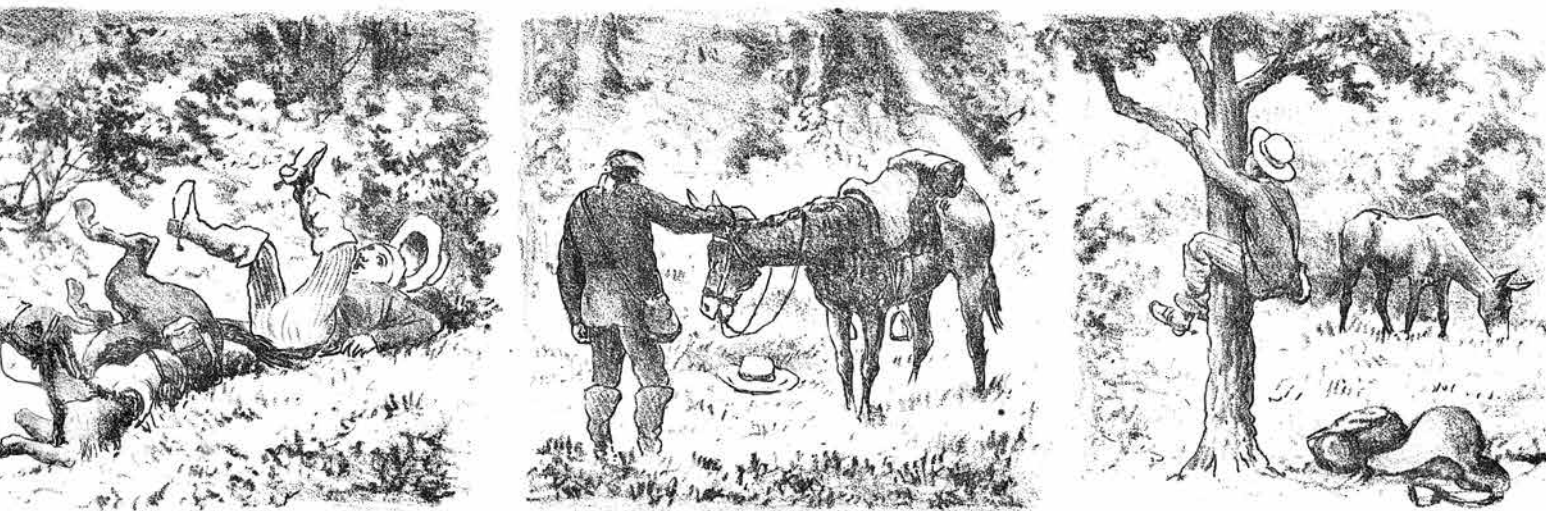
Quando chegou a hora da partida, os tropeiros trouxeram os animais do pasto, deram-lhes ração de milho e em seguida puseram-lhes as cangalhas com as competentes cargas. Zé despediu-se, agradecendo muito os bons cuidados que tinham tido com ele.



...gar, onde a estrada se dividia. ... se devia seguir para a direita

Afinal tomou uma resolução. Mal tinha andado cinco minutos, quando o burro empacou diante de uma cobra que atravessava o caminho.

O animal, espantado, deu uma volta brusca. Desta vez, porém, Zé segurou-se ao santo-antônio e não caiu.



...mente o animal tropeçou em uma raiz e uma valente ... ta pôs termo à perigosíssima corrida.

Zé viu com satisfação que nem ele nem a sua bestinha tinham sofrido a menor avaria, graças à relva e plantas rasteiras que cobriam o chão.

Começando a sentir a barriga dar horas, Zé tratou de amarrar a besta para não fugir e trepou numa árvore frutífera, único hotel possível de encontrar-se nas matas virgens... Mal sabia o Zé que...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

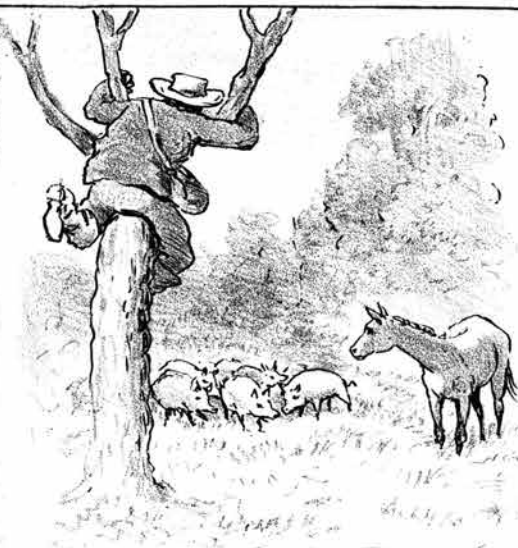
## Capítulo XIV



Zé procurou matar a fome, como pôde, comendo algumas frutas silvestres.



Deparando com uma casa de maribondos, compreendeu que era preciso ter toda a cautela para não zangar os bichinhos e...

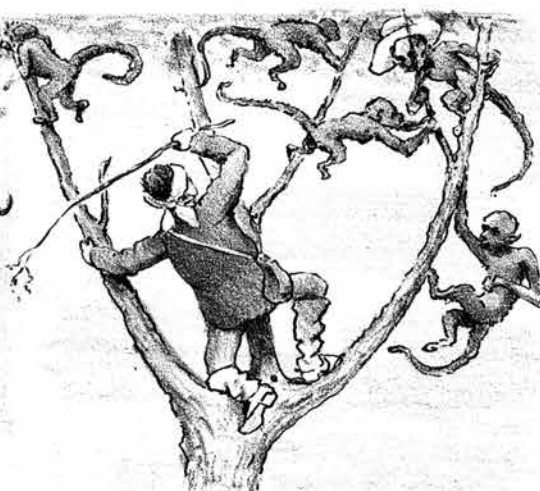


tratou logo de descer. Um rumor estranho, motivado pela chegada de um sem-número de porcos bravos, conhecidos pelo nome de "queixadas", fê-lo mudar de resolução.



Ao sentir voar-lhe o chapéu, Zé levantou a cabeça e compreendeu logo o perigo da sua posição.

Os macacos, vendo um concorrente às frutas, mostraram-se tão irritados



que Zé viu-se obrigado a arrancar um galho para correr com eles.

A princípio, recuaram, mas, voltando ainda mais zangados e fazendo medonhas caretas,



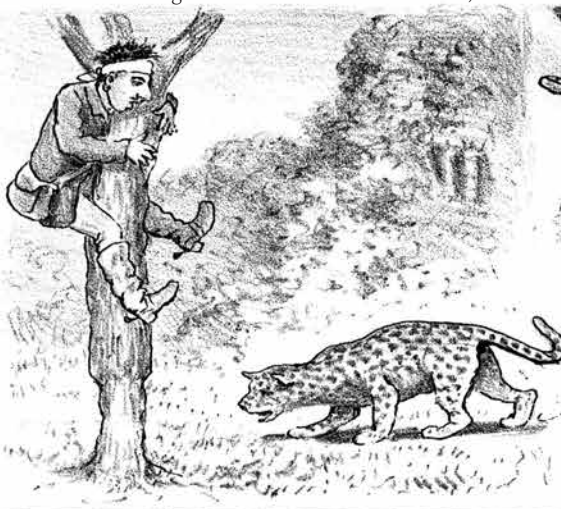
caíram em cima do pobre Zé que julgou-se perdido.

Não podendo nem livrar-se dos macacos, nem descer por causa dos porcos,

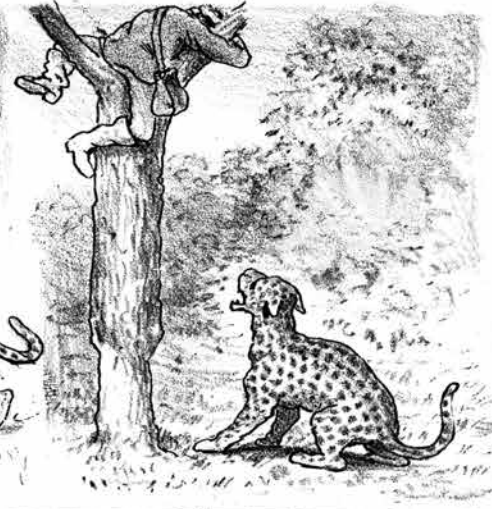


Em menos de 5 minutos, o nosso herói viu-se livre de toda a bicharada.

Contente com o seu estratagema, disse: - Eu serei caipora, mas de tolo é que não tenho nada.



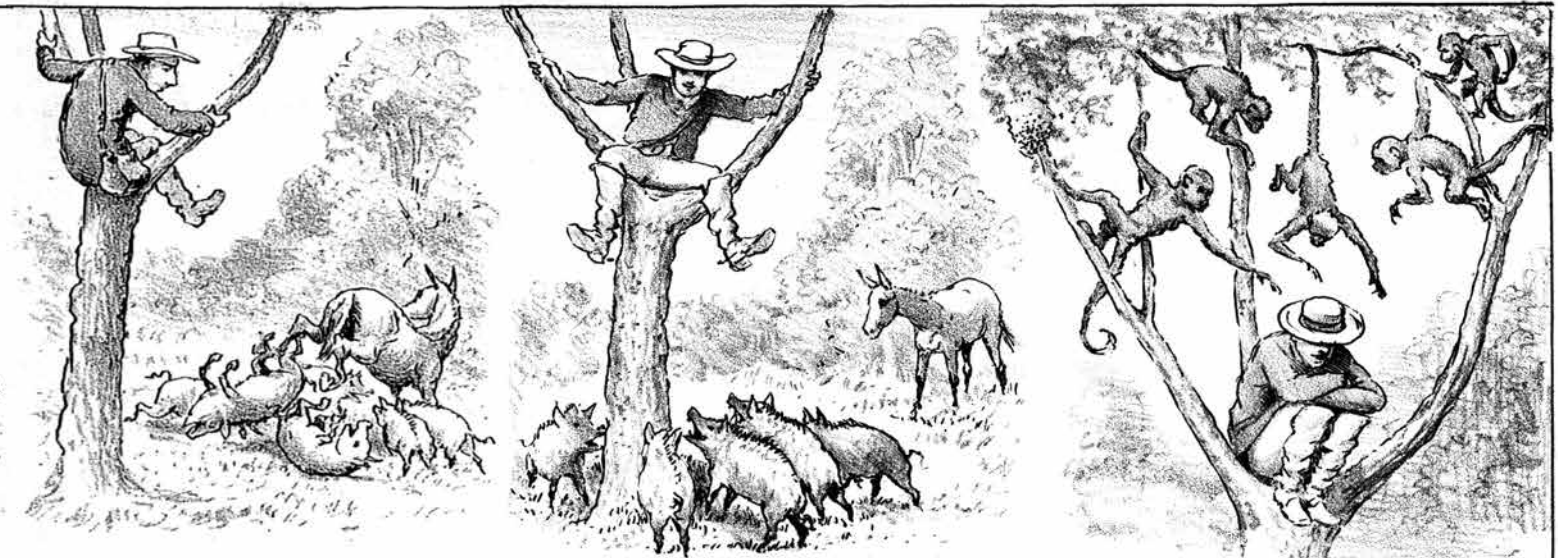
Disponha-se a descer quando uma onça, e das pintadas, saiu do mato e aproximou-se do lugar onde tinham estado os porcos. Ao ver a terrível fera, Zé sentiu os cabelos arrepiarem-se.



Ao movimento que fez o pobre Zé para subir de novo, a onça levantou a cabeça e soltou um ronco tremendo,



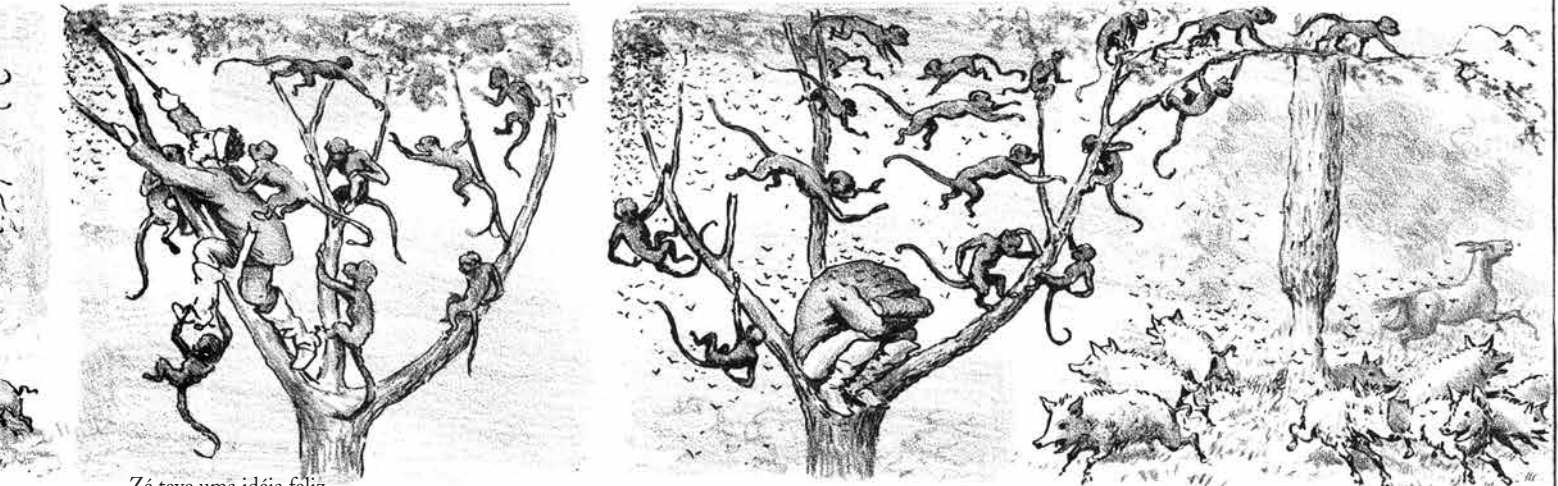
## Zé metido em sérios apuros



Zé deu graças a Deus não ter descido da árvore e, vendo a sua bestinha distribuir uns pares de bons coices aos recém-chegados, não pôde conter um grito de satisfação: Bravo!

A essa exclamação os porcos levantaram a cabeça, vendo um homem trepado na árvore, trataram logo de cercá-lo e dispuseram-se a roê-la para derrubá-la.

Mas a árvore era grossa e Zé, julgando-se seguro, olhava de palanque para o inimigo de baixo, sem perceber que outro de cima dispunha-se a apoquentá-lo seriamente.

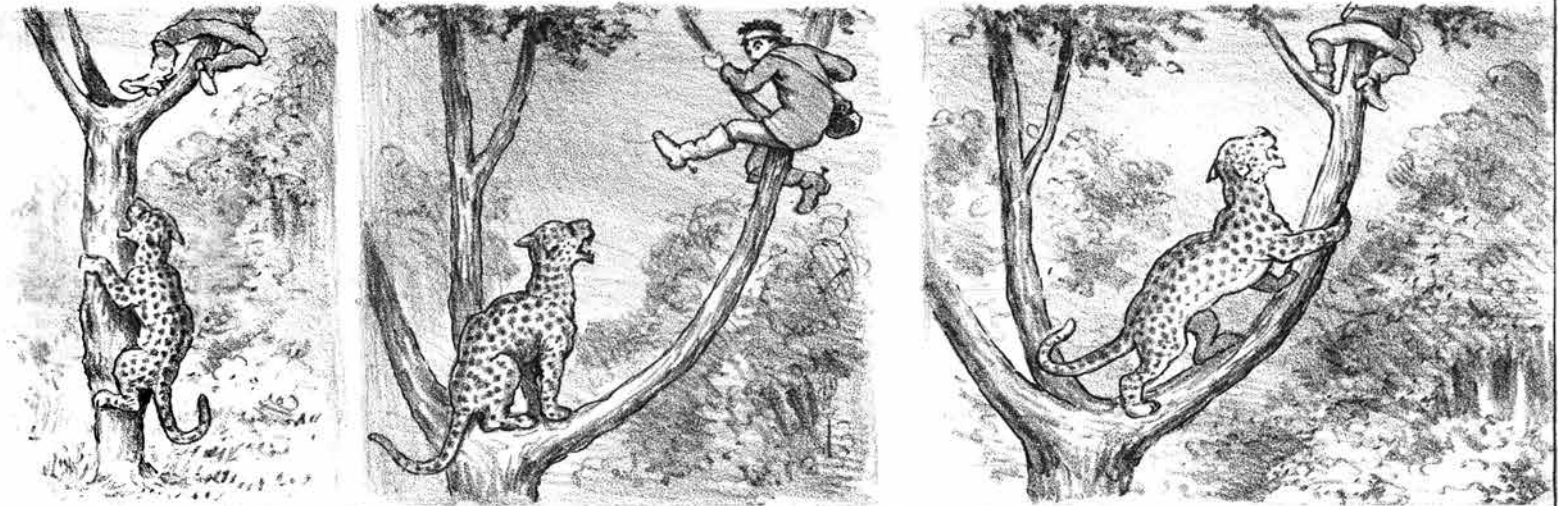


Zé teve uma idéia feliz.

— Eu já vou ensinar a estes macacos do diabo, disse ele; e, trepando no galho onde se achava a casa dos maribondos, destruiu-a toda.

Os maribondos, furiosos, caíram aos milhares sobre macacos e porcos que puseram em debandada e perseguiram até bem longe.

Zé livrou-se das ferroadas, mantendo-se imóvel e cobrindo a cara e mãos com o casaco.



dando um pulo, ela trepou na árvore.

O pobre Zé tratou logo de subir mais alto.

A posição tornava-se cada vez mais crítica. Ser devorado por uma fera e sobre uma árvore, como se fosse qualquer passarinho, realmente era horrível!

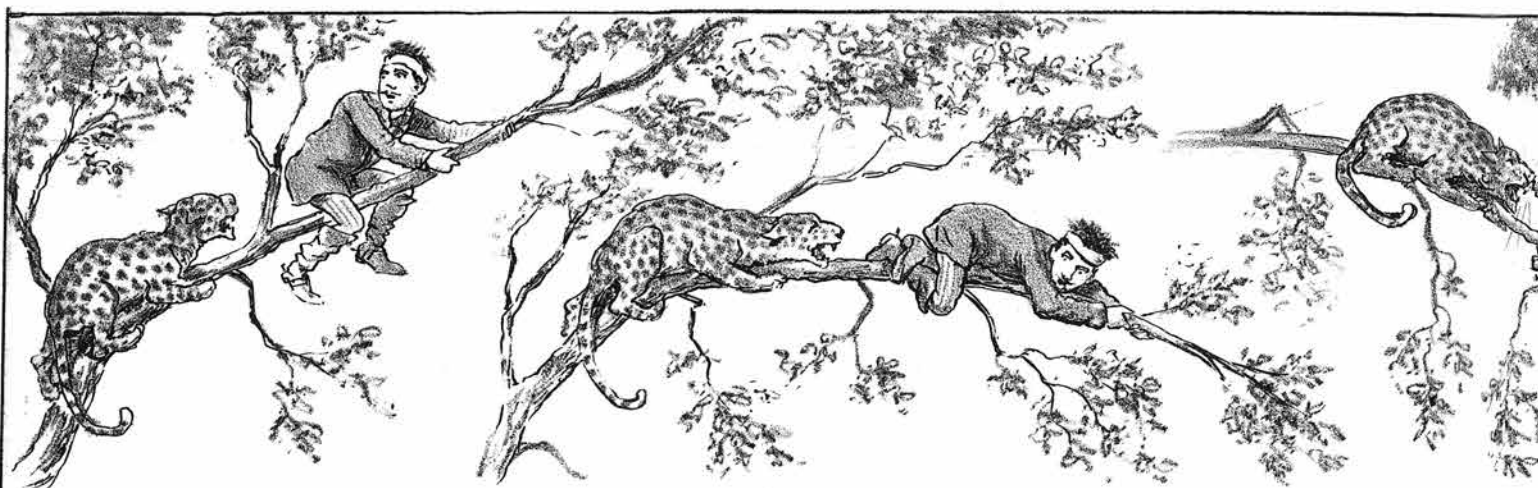
Quando a maldita onça dispôs-se a segui-lo, Zé viu que tinha chegado a sua última hora!

Pobre Zé!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

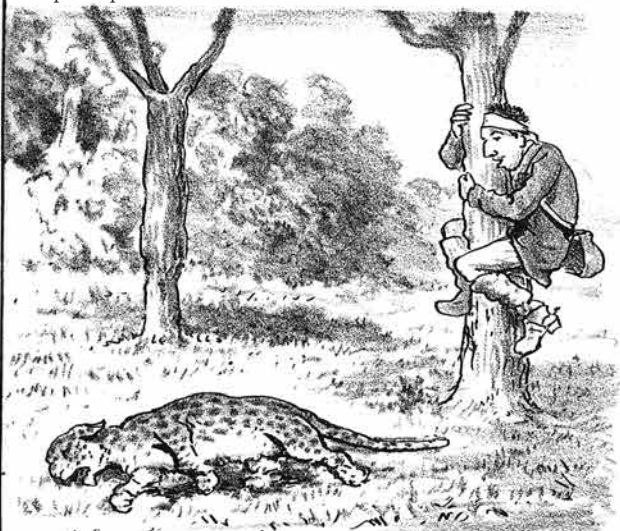
## Capítulo XV



O pobre Zé, apesar de julgar-se perdido, não estava disposto a deixar-se apanhar sem tentar um último esforço. Tratou, pois, de ir sempre trepando.

A onça, também pouco resolvida a abandonar tão boa ceia, dispôs-se a segui-lo.

Houve um momento em que a onça agarrou. Mas uma valente flocinha da fera, obrigou es



Caindo de grande altura, a fera chegou ao chão, atordoada pelo baque e com duas patas quebradas.

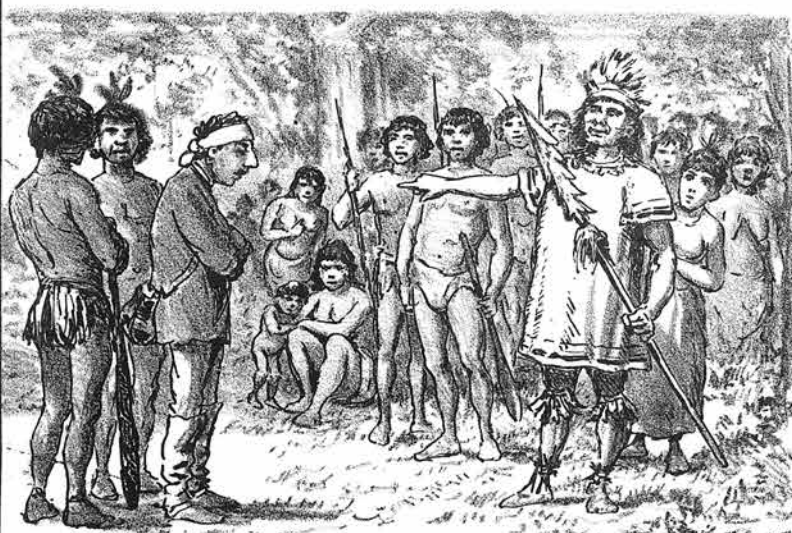
Zé, julgando-a morta, tratou logo de descer,



e aproximou-se do terrível bicho. Mas este, voltando a si, soltou tamanho ronco que Zé não pôde reprimir o mais elétrico dos pinotes.



Depois de observar que o seu impeto não quebradas, o que o impedia de se mover, Zé, em susto que lhe pregara, matando-a a pedras.



Levado à presença de Mundurucu-Açu, cacique feroz e implacável inimigo dos brancos, Zé compreendeu que a sua posição não era das mais invejáveis. Depois de um discurso numa língua que ele desconhecia,

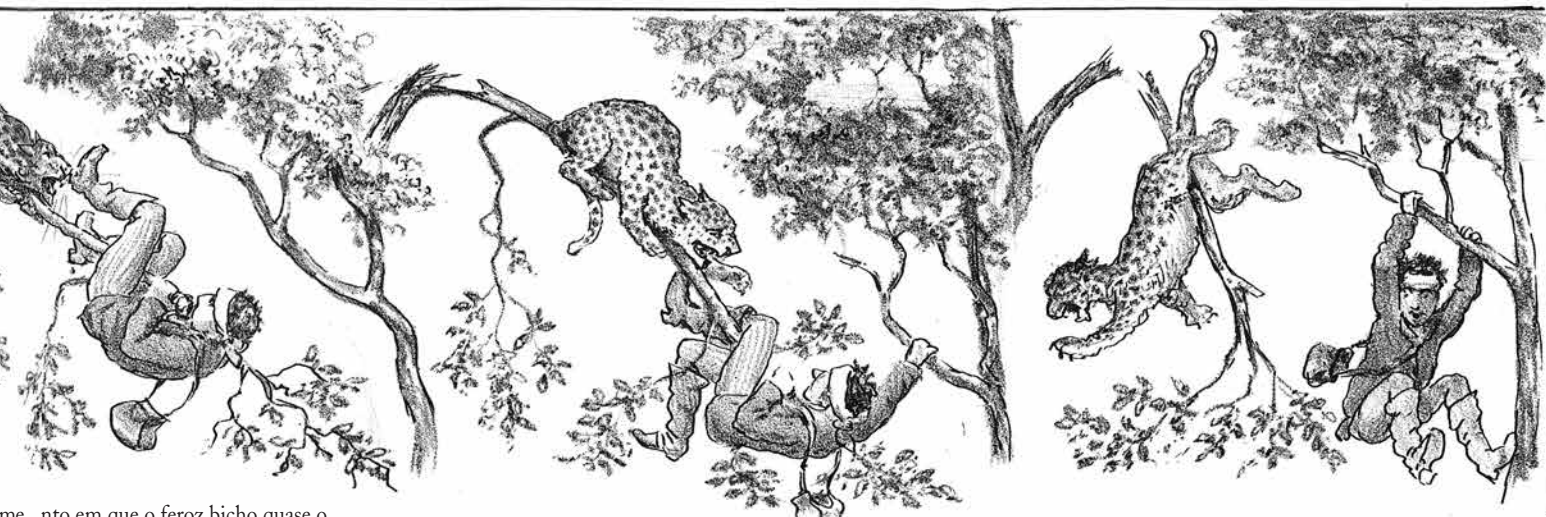


ouviu uma infernal vozeria estrugir por todos os lados. O cacique acabara de condenar o prisioneiro à morte!

E os índios... malvados! Regozijavam-se todos.



## Onde o pobre Zé não dá 10 réis pela sua pele



...mento em que o feroz bicho quase o  
vale nte pancada dada com o tacão no  
grigou esta a espirrar.

Enfurecida com tamanha pitada, a onça fez um movimento brusco para agarrar-lhe um dos pés, mas o galho estalando de repente...

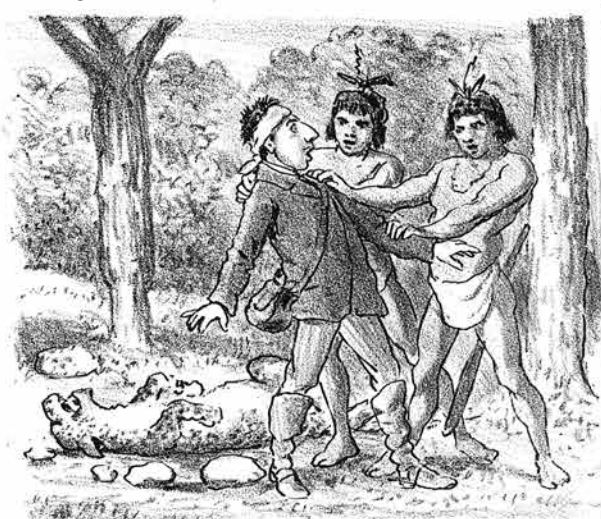
Patatrá! Lá foi a onça caindo por aí abaixo!  
O nosso Zé teve, felizmente, tempo de segurar-se num galho de uma árvore vizinha.



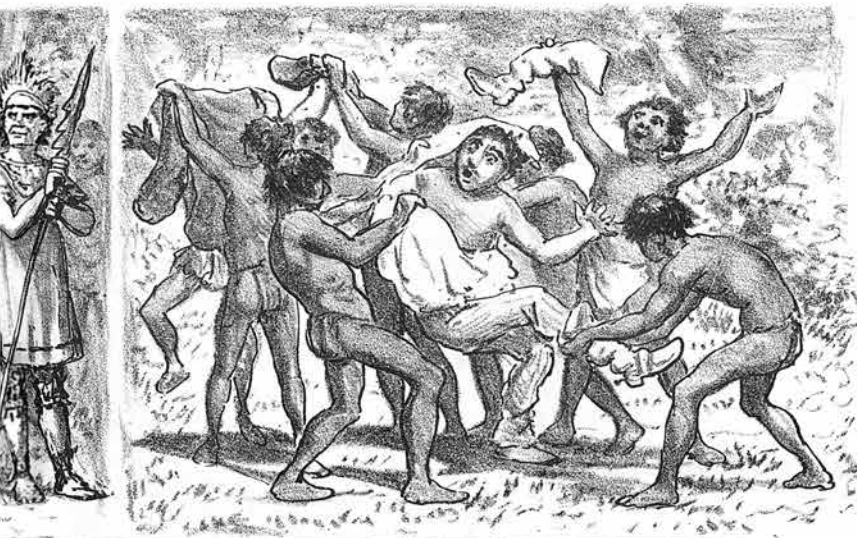
...seu implacável inimigo tinha duas patas  
de se mexer, Zé resolveu vingar-se do  
o-a a pedras.



Quando viu que a onça já não fazia o menor movimento e que estava bem morta, Zé regozijou-se da sua vitória. Do que escapei eu! dizia ele.



Enquanto saboreava o prazer de ter escapado tão milagrosamente das garras da onça, outras garras não menos terríveis o seguraram. Voltando-se de repente, Zé viu dois bugres e dos mais bravos!



A um sinal do chefe, os índios atiravam-se sobre o pobre Zé e arrancaram-lhe brutalmente a roupa do corpo, deixando-lhe apenas as ceroulas, felizmente para ele (e para nós).

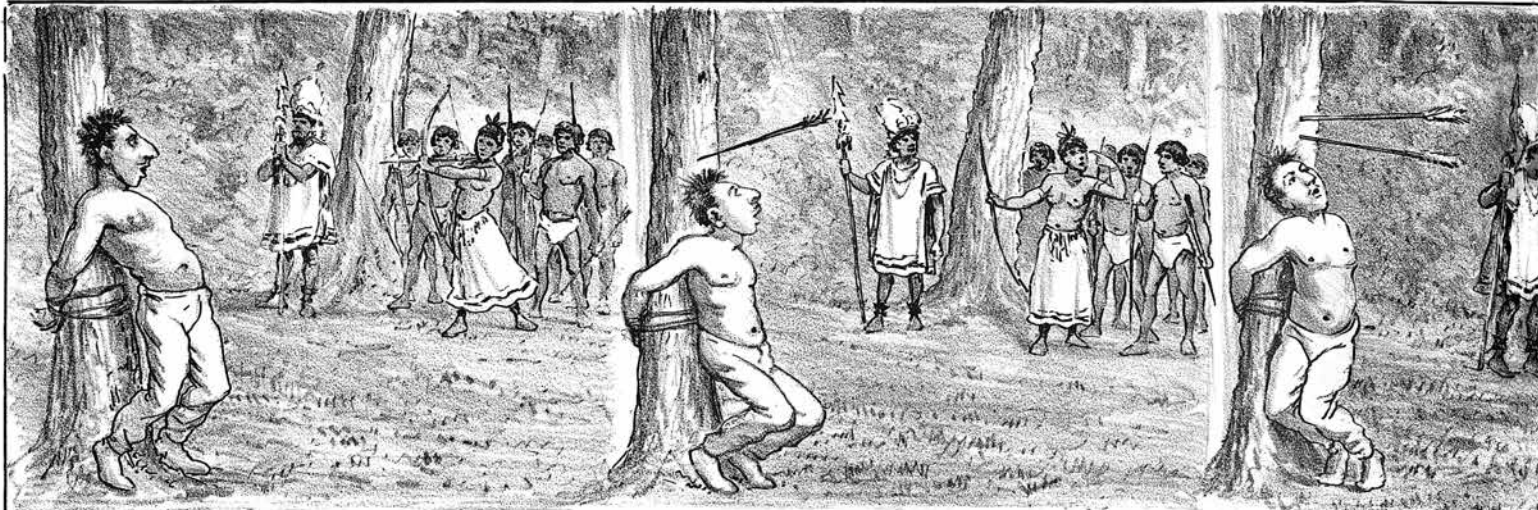


Em seguida, ataram o infeliz a uma árvore e dispuseram-se a crivá-lo de flechas.  
O pobre Zé recomendou a sua alma a Deus!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

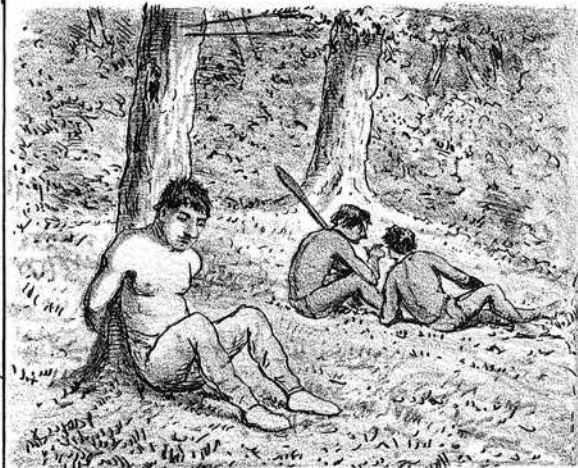
### Capítulo XVI



O pobre mártir, convencido de que ia ser transformado em paliteiro, como São Sebastião, viu, de repente, uma jovem índia colocar-se diante dos bugres, e empunhando um arco, fazer pontaria para ele.

A flecha, percorrendo o espaço com a rapidez de um raio, veio cravar-se dois dedos acima de sua cabeça. Sem desconcertar-se, a índia, colocando seu dedo sobre a fronte, parecia dar a entender que a sua pontaria era dirigida à testa do infeliz.

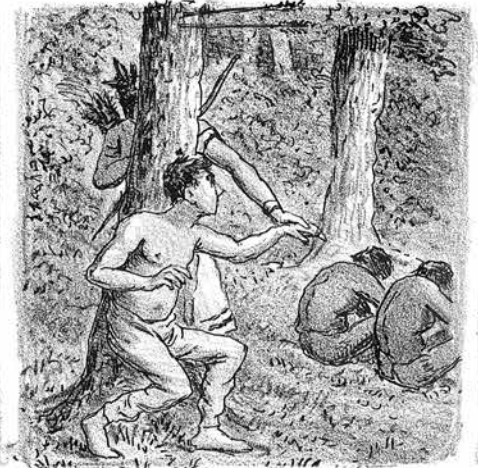
Nova flecha veio cravar-se ao lado da primeira. Irritada por ter falhado novamente, culpando este de a ter feito errar. Na verdade, nuvens negras e escuras se deitava no horizonte.



A noite não tardou a cobrir a floresta com o seu manto negro; tudo entrou no mais profundo silêncio. Zé, exausto de cansaço, deixou-se escorregar para ter posição mais cômoda. Creio, dizia ele consigo, que não há no mundo ente mais caipora do que eu!



O seu espírito achava-se entregue à mais profunda melancolia, quando, de repente, sentiu alguém cortar-lhe a embira que lhe atava os braços.



Em seguida uma mão pegou na dele, como procurando tirá-lo do lugar, e uma voz disse baixinho e em bom português: — Siga-me.



Zé, lembrando-se que não longe devia estar o selim, teve a felicidade de encontrá-lo assim como sua mala.

— Também trouxe a tua bolsa de viagem que me coube em partilha, disse a índia.



Contente de reaver o que ele julgava perdido, carregou com tudo sobre os ombros e continuou a seguir sua salvadora.



Depois de muito andar, chegaram, afinal, a uma gruta meio escondida por entre espessa ramagem.

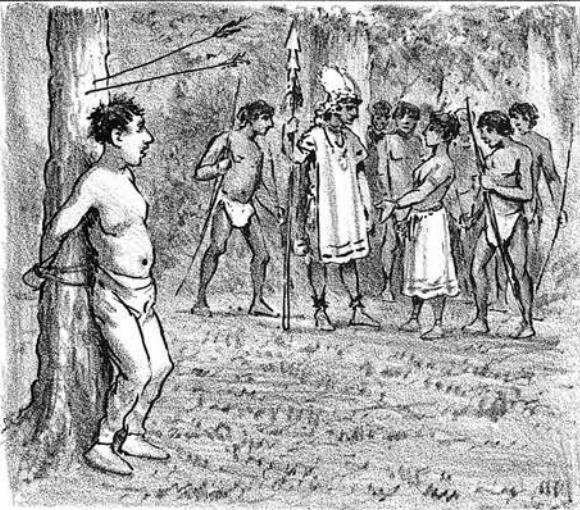
Já era tempo; os pés do pobre Zé sangravam.



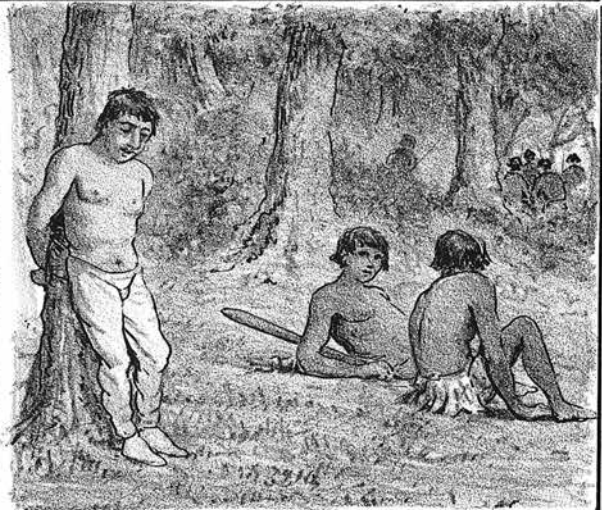
## De surpresa em surpresa!...



se ao lado da outra. novam ente, ela apontou para o céu como errar. gras e scureciam os últimos raios do sol, que



Zé viu-a dirigir-se ao cacique e pareceu-lhe que este adiará o suplício por já ser muito tarde. Os índios gruparam-se em torno do chefe, que deu ordem de guardar bem o prisioneiro durante a noite.



Dois bugres, bem-armados, vieram colocar-se de sentinela perto do infeliz. Zé não podia compreender o procedimento daquela índia que, apenas o vira, parecia ter pena dele. Como as mulheres enganam.



Zé deixou-se conduzir sem dizer palavra e assim andou bastante tempo. O mato, completamente cerrado, produzia escuridão extrema e o ar abafado pressagiava grande tempestade.



Um grande relâmpago, seguido de forte estampido, fez ver ao nosso herói que quem o libertava era uma mulher e esta, a mesma que tanto empenho mostrara em arrancar-lhe a vida. Zé embatucou deveras.



Não tardou a chuva, e grossas bâtegas caíam por entre a folhagem. Novo relâmpago fez ver aos fugitivos o corpo inerte da terrível onça, que tanto assustara o nosso Zé. Este contou a luta que tivera com a fera. – Tu és um valente, disse-lhe a índia.



Abrigado da tempestade e longe de seus terríveis inimigos, Zé quis saber quem era essa mulher.

– Sou filha do cacique e meu nome é Inaiá. Numa correria contra os brancos, quando tinha 5 anos, fui carregada por estes; tiveram pena de mim e criaram-me com carinho. Aos 15 anos, fui retomada por meus pais numa outra correria. Fingi que te queria matar para impedir os índios de o fazer. Quando anoiteceu, pedi adiamento do teu suplício para salvar-te.



Zé, cheio de emoção e reconhecimento, não pôde mais conter-se e, pegando nas mãos de Inaiá, beijou-as com efusão. Os relâmpagos que, de vez em quando, iluminavam essa bela filha das selvas, davam-lhe um quê de fantástico. O nosso Zé mal podia conter os transportes da mais delirante... admiração.

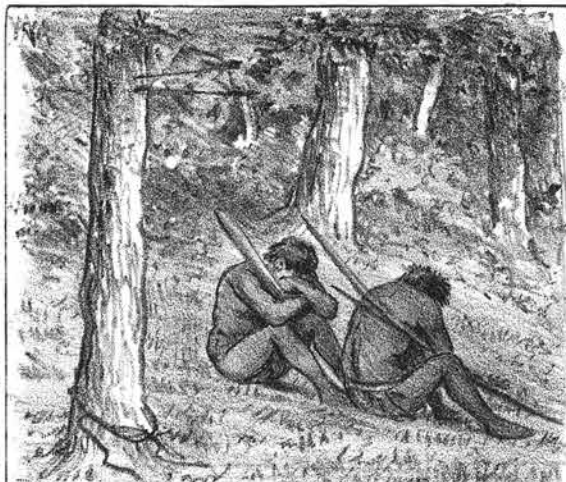


Mas a tempestade redobrava de furor. Para melhor garantir-se dela, os fugitivos penetraram até o fundo da gruta, onde se via, ao clarão dos relâmpagos, uma espécie de cama feita de folhas de palmeira. – Agora podes descansar; aqui estás em segurança, disse Inaiá. Aqui estou... mas é no paraíso, pensou o nosso Zé.

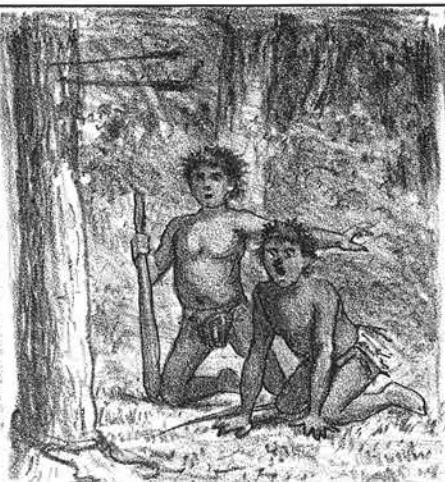


## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XVII

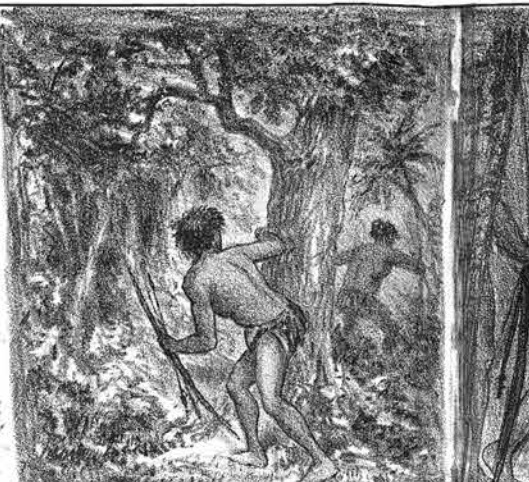


Convencidos de que o prisioneiro estava bem atado, os bugres, encarregados de o guardar, entregaram-se, sem receio, ao melhor dos cochilos.



A trovoadá já estava roncando quando estes acordaram.

Ao clarão de um relâmpago, viram que o condenado à morte tinha dado às de vila-diogo.



Tentaram ver se o prisioneiro estava escondido por ali perto.

Mas, debalde o procuravam. Zé batia longe.



Voltemos à gruta – Zé dormia e a índia velava. Quem diria, depois de tão duras peripécias, que o nosso herói passaria uma noite tão agradável e tranqüila? A sua mala, que encontrara, forneceu-lhe roupa e outras coisas precisas.

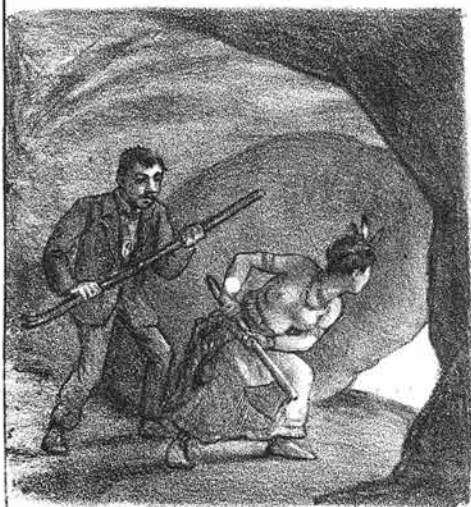


Sobre a madrugada, a índia acordou-o. – É bom estar alerta, disse ela; os bugres não tardarão a aparecer.

Um raio de luz, vindo através de uma fenda na parte superior da gruta, deixava ver vários objetos, e, entre eles, uns machados, serrotes, alavancas, enxadas e outras ferramentas próprias para a lavoura.



– Só eu e meu pai conhecemos esta gruta. É aqui que ele refugia-se quando é perseguido pelos brancos. Estas ferramentas aqui escondidas foram trazidas por ele em ocasião de correrias.



A entrada da gruta não ficou de todo obstruída. Um homem, arrastando-se, ainda podia passar. – Não importa, disse Inaiá empunhando um machado. Que venham...



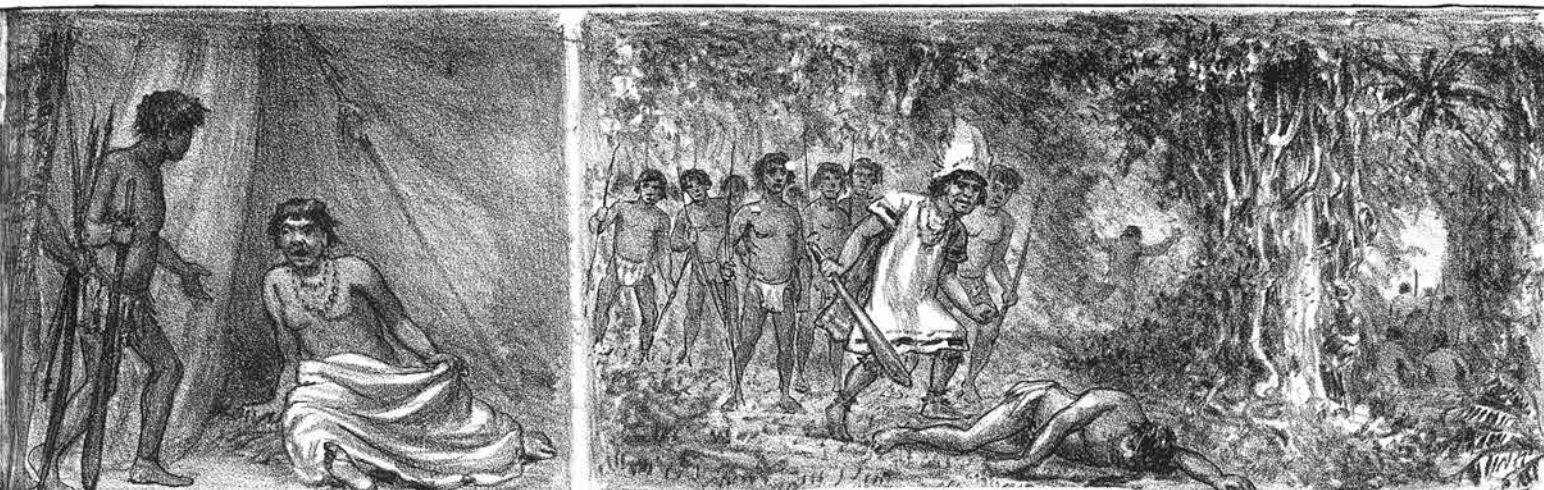
Uma cabeça não tardou a aparecer. Zé hesitou, mas a índia, mais resoluta, vibrou tal golpe que o crânio do desgraçado ficou partido em pedaços.



– A ti o segundo, enquanto eu puxo este para dentro, disse Zé, afinal, tomou coragem. – Antes eles do que eu, e zás! Um de alavanca esmigalhou o crânio de outro índio.



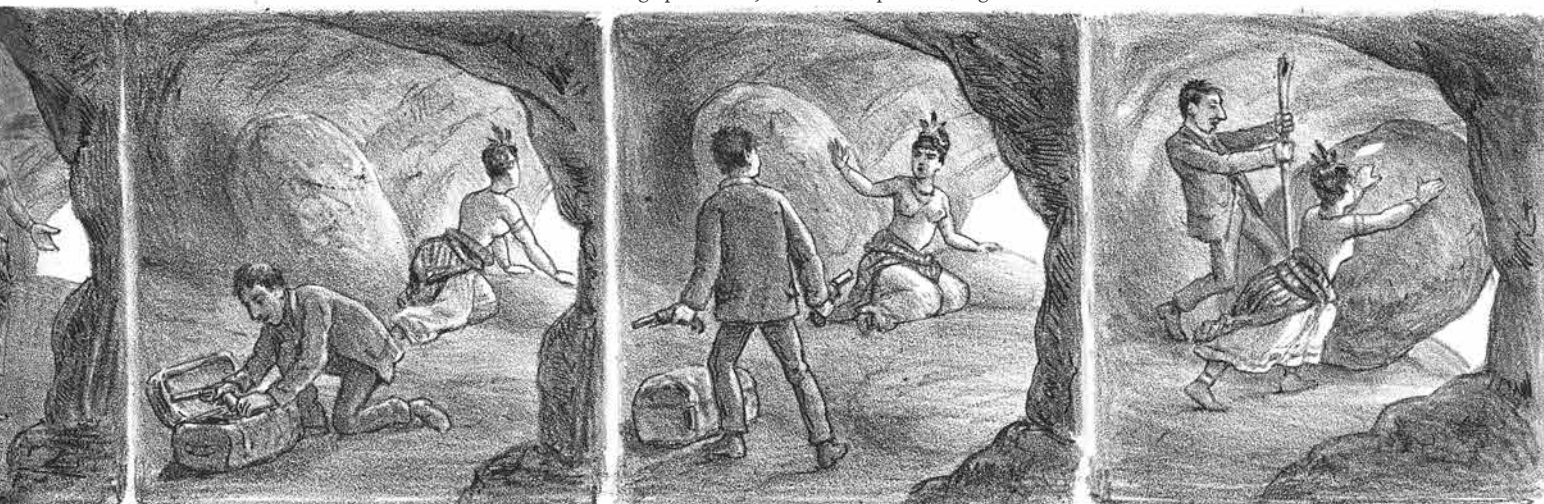
## Onde Zé mostra que é um homem!



Indo participar o ocorrido ao cacique, este soltou tão formidável berro que os próprios bugres estremeçeram.

Dado o sinal de alarme, todos os selvagens apresentaram-se armados ao lado do iracundo chefe, esperando suas ordens. Mas, quando verificaram que também Inaiá desaparecera, Mundurucu-Açu ficou que nem uma fera e, saltando sobre um dos guardas, prostrou-o morto com um terrível golpe na cabeça. O outro, espavorido, fugiu.

Imediatamente, e apesar da medonha tempestade, os índios puseram-se em busca dos fugitivos.



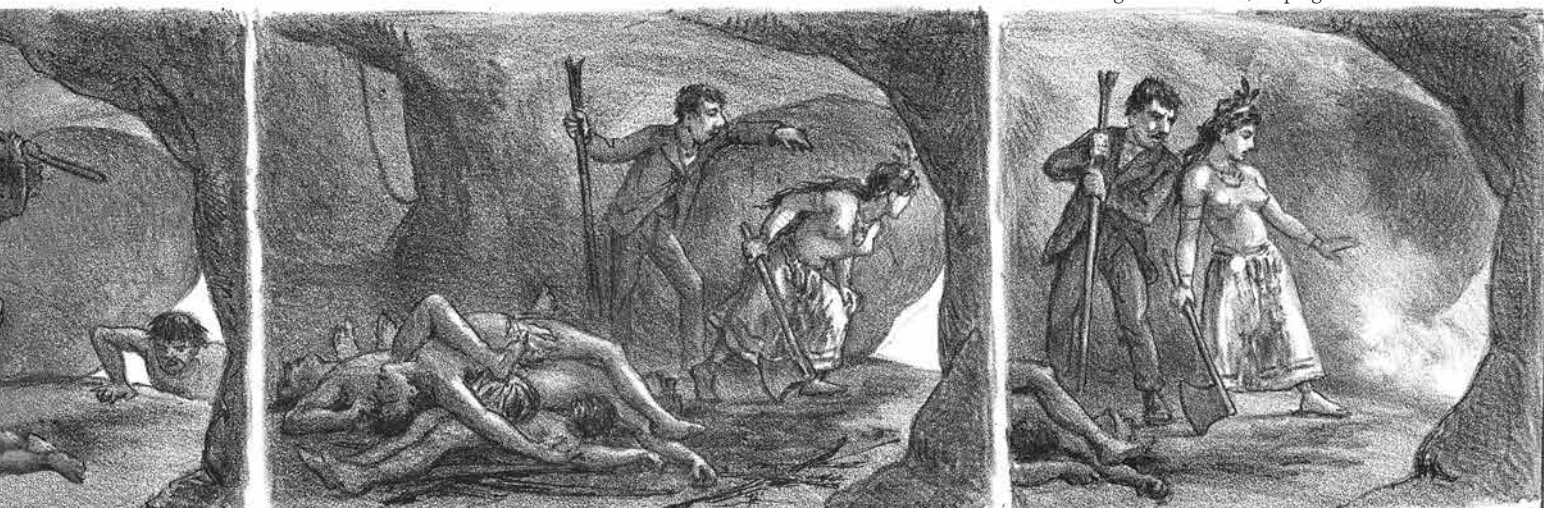
gruta. Mal acabara de falar, um rumor estranho fê-la dirigir-se para o lado da entrada da gruta. Zé pegou nos seus revólveres que se achavam dentro da mala. O coração palpitava-lhe que alguma coisa terrível ia se passar.

— São eles! Mundurucu-Açu preferiu revelar o segredo da gruta a deixar de perseguir-nos! Não importa, eu te defenderei!

— E eu saberei vender caro a minha vida! disse Zé resolutamente.

Inaiá, possuída de extraordinária energia, tomou o comando da defesa da gruta.

Tratou logo, auxiliada pelo Zé, de tapar a entrada com uma pedra enorme, o que conseguiu facilmente, empregando uma alavanca.



dentro, disse Inaiá. e zás! Um tremendo golpe

Cinco morreram assim, sem terem tempo, sequer, de soltar um ai! De fora da gruta ouviu-se de repente um grito de raiva soltado pelo cacique, seguido de grande vozeria. Os índios, não ouvindo mais a voz de seus companheiros e vendo filetes de sangue escorrer por entre as pedras, tinham compreendido o que se passara na gruta. Ninguém mais aparecia. — Terão eles desistido? Perguntou Zé. — Mundurucu-Açu nunca desiste!

Uma ligeira fumaça penetrando na gruta fez empalidecer a índia.

— O cacique tenta agora asfixiar-nos pelo fogo!... Nada nos pode salvar!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XVIII

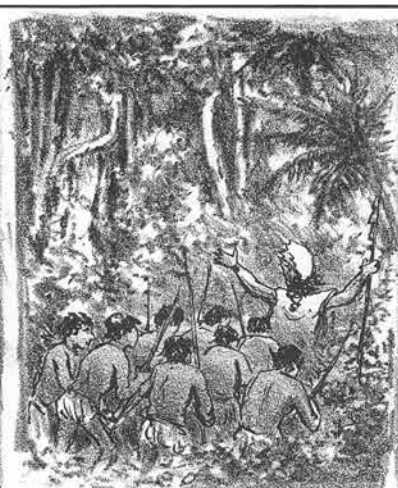


Mundurucu-Açu, vendo a impossibilidade de penetrar na gruta sem correr o risco de sacrificar todos os seus índios, resolveu atacar fogo.

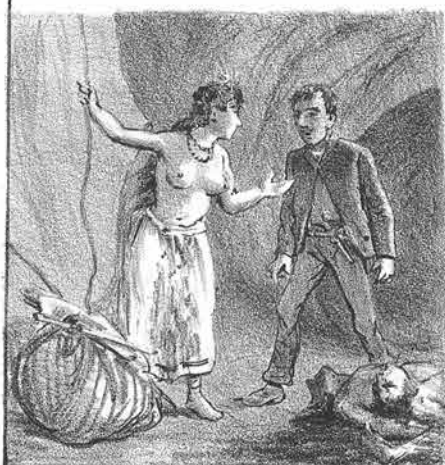
Mas a chuva umedecera de tal modo a ramagem que este não tardou a apagar-se.



O cacique soltou um formidável grito de raiva! De repente, seus olhos deixaram perceber feroz alegria. — Não me hão de escapar, disse ele.



E deixando ficar quatro índios para guardar a entrada da gruta, com ordem de não deixar sair os fugitivos, internou-se nas matas, seguido pelos outros.



— Mandurucu-Açu e o resto dos índios foram, provavelmente, para a entrada superior da gruta, com o fim de cortar-nos a retirada ou atacar-nos por esse lado, mas a volta que eles têm de dar é grande e nós chegaremos primeiro.



Empunhando a corda, Inaiá começou a sua ascensão com extraordinária agilidade. Zé estava admirado! Aquela indígena, meio civilizada e meio selvagem, tinha um quê de fantástico que cada vez mais o fascinava!

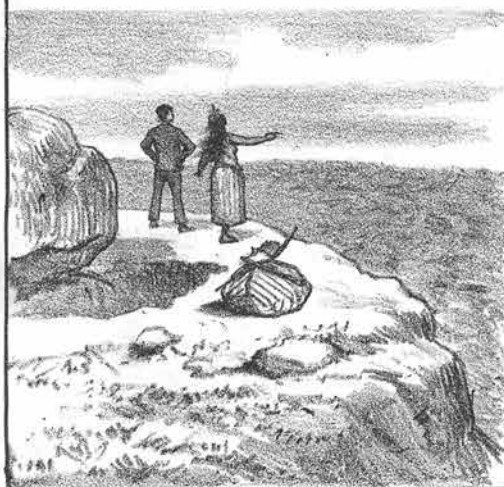


Dez minutos apenas havia decorrido, quando um pequeno grito deu sinal que Inaiá tinha chegado à saída superior da gruta.

Zé tratou logo de amarrar a trouxa à corda.



Enquanto esta sua... dúvidas, procurou, no v... da gruta e... esbarra com a... procurava ver o que se p... Ambos raspavam um



Zé achou-se de novo ao lado da sua bela salvadora. A saída da gruta dava numa alta montanha, dominando verdes florestas iluminadas pelo sol nascente e que se estendiam, a perder de vista, no horizonte.



De repente Inaiá fez observar que a corda movia-se. — São os índios que sobem, alerta! — Pronto!



Os bugres fizeram nova tentativa para espiar e, não vendo a gruta, penetraram nela. A vista dos cinco companheiros morreu de terror, e um grito de desespero ecoou na gruta. A corda mostrou o caminho que tomaram os fugitivos.



Onde, em lugar de uma tábua, Zé encontra uma corda de salvação!



Inaiá, vendo cessar a fumaça, compreendeu que os índios não tinham podido fazer fogo, o que lhe permitia cuidar da retirada.

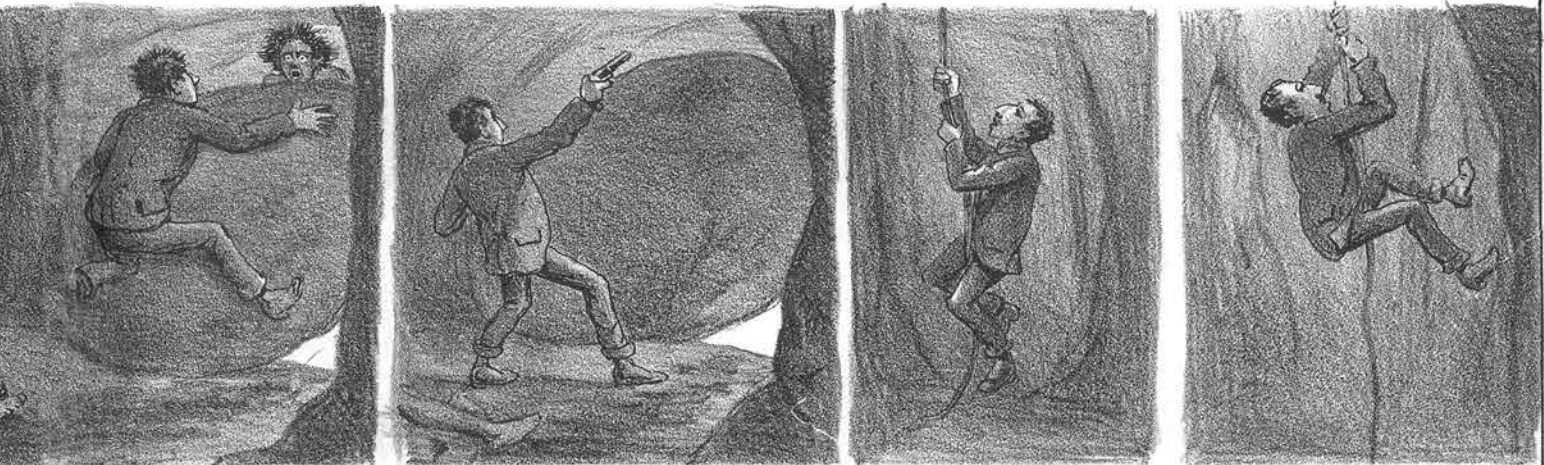
- Vamos sair da gruta, disse ela.  
- Que?! Para os índios fazerem-nos o mesmo que lhes fizemos...?

- Nada... temos outra saída. Vês essa corda aí encostada? Pois ela vai ter a outra abertura da gruta, por onde podemos perfeitamente sair.

- Mas isso é alto como todos os diabos!  
- Não importa; eu te mostrarei como se sobe.

Enquanto Inaiá reunia os objetos que julgava indispensável levar, Zé procurou saber do que se passava fora da gruta.

- Não vejo senão quatro índios a espiarem para aqui, disse ele.  
- Pois não temos tempo a perder.



...a sua cabeça, puxada pela índia, Zé, por causa das... no momento de ver o que se passava por fora... com a cabeça de um índio, que também... que se passava por dentro... am um bom susto.

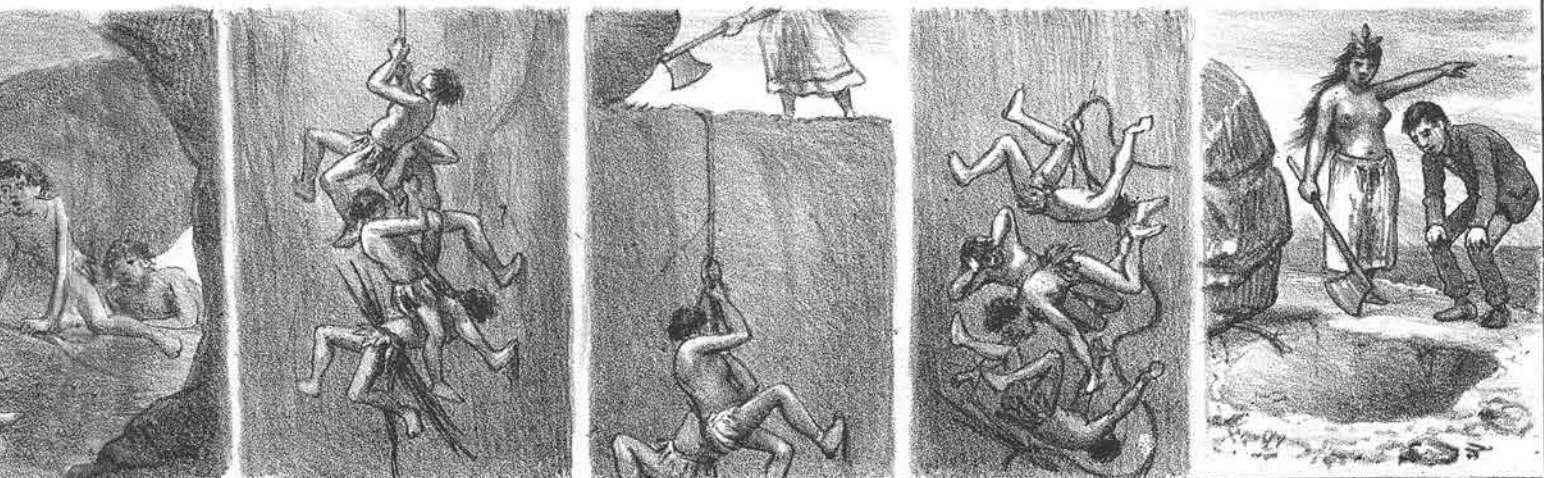
A cabeça do bugre desaparecera subitamente. Zé, puxando de um revólver, esperou, resolvido a meter uma bala na primeira cabeça que viesse de novo espiar.

E como não aparecesse mais nenhuma, Zé enfiou o revólver na cintura

e agarrou-se à corda que acabava de descer livre da trouxa.

Zé felicitou-se de ter aprendido ginástica em pequeno e, mentalmente, abençoou os tombos que nesse tempo levava.

Com as mãos na corda, e ajudando-se com os pés, o nosso herói subiu muito sofrivelmente.



... não ven do ninguém na... neiros mortos encheu-os... A corda indicou -lhes o

Resolvendo persegui-los e receando ao mesmo tempo serem atacados, subiram os quatro. Os arcos e as flechas vinham amarrados na corda.

Mal sabiam aqueles desgraçados a sorte que os esperava!

Quando a cabeça do primeiro estava, apenas, a um metro de distância, Inaiá cortou a corda.

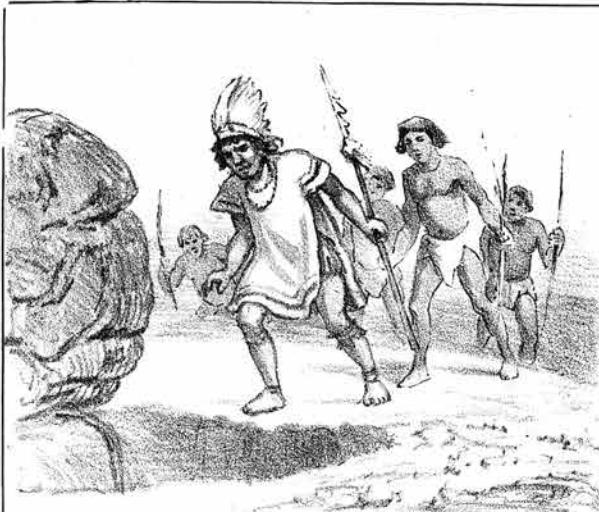
Os quatro índios foram precipitados de uma altura de mais de 150 pés!

- Destes estamos livres! Agora, fujamos; Mundurucu -Açu não tardará a aparecer.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XIX



Antes de deixarem a entrada superior da gruta, Inaiá lembrou-se de substituir a corda partida por outra, a fim de disfarçar a fuga e ganhar tempo.

Quando o cacique apareceu, acompanhado de seus índios, julgou que efetivamente os fugitivos ainda estavam na gruta.



Dando imediatamente ordem para descer e atacar, os índios, que se lembraram da sorte dos companheiros, recusaram-se.

– Covardes! vociferou Mundurucu-Açu.



Cham-Kan, o mais valente.

– Estou pronto a descer.

– Pois bem, disse o cacique.



Saindo do horrível poço, Mundurucu-Açu narrou a terrível façanha dos fugitivos, declarando que era preciso perseguir-lhes a todo transe.

Os bugres, desesperados com a morte de tantos companheiros, soltaram prolongado grito de guerra.



E sedentos de vingança, puseram-se no encalço dos fugitivos.



Estes já se achavam longe.

Dividindo a carga para melhor marcha, chegaram não pequena distância.



Em recompensa da sua boa caçada, o nosso herói pediu que se comesse logo o cascudo animal.

– Impossível.

– Mas, então, quando é que almoçamos? Eu estou com uma fome de todos os diabos!

– Se pararmos aqui, os bugres não tardarão a alcançar-nos.



Não houve remédio senão fazer a vontade de Inaiá e, carregando o tatu, puseram-se de novo a caminho.



No fim de algumas horas de penosa e acelerada marcha, chegaram à beira de um grande rio.

O rosto de Inaiá mostrou grande contrariedade.

– O que há? perguntou Zé.

– A chuva desta noite encheu de tal modo o rio, que a correnteza atravessava até o outro lado foi carregada pela enchente.



Por entre as matas



mais valente de todos, apresentou-se então:  
a de scer.  
se o cacique, descereamos ambos.



Poucos minutos depois, Mundurucu-Açu e Cham-Kam desciam para o interior da gruta.



A meio caminho, perceberam que a corda não chegava até o fim. Mundurucu-Açu, exasperado, soltou um formidável berro!



Reconhecendo a voz de seu cacique, um dos índios que estava apenas ferido, soltou um gemido e contou como ele e seus companheiros tinham sido precipitados no abismo.



marc har, percor-



Zé sentiu alguma coisa passar-lhe por entre as pernas e, perdendo o equilíbrio, estendeu-se a fio comprido.  
Era um tatu.



Correndo atrás, Zé chegou a alcançá-lo quando o bicho entrava num buraco. Impossível, porém, puxá-lo para fora. Inaiá acudiu, rindo-se muito dos apuros do Zé.



E, empregando um expediente infalível, o tatu saiu repentinamente do buraco, fazendo o Zé levar novo tombo; mas, desta vez, de costas.



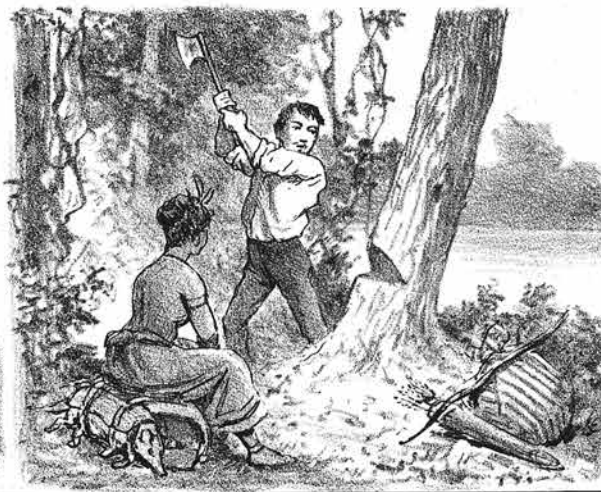
da marc ha, acharam-se à

de.

io, q ue uma árvore que o ente.



Depois de muito andarem pela beira do rio, Inaiá parou diante de uma árvore frondosa e cuja inclinação prestava-se ao fim que ela tinha em mente.  
- Aqui vamos parar, disse ela.  
- Para almoçar? perguntou Zé.  
- Não, para derrubar esta árvore.  
- Já estou vendo que hoje não almoço!



Compreendendo, afinal, que era preciso pôr o rio de permeio entre ele e os seus perseguidores, Zé resolveu trabalhar de machado alternativamente com Inaiá, que lhe prometera um bom almoço do outro lado do rio.

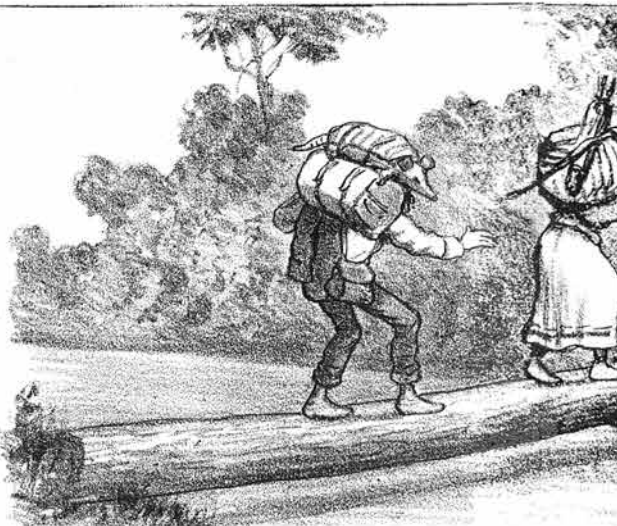


## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

### Capítulo XX



Depois de muito trabalho, Inaiá e Zé conseguiram derrubar a árvore que transformou-se logo em excelente ponte para poderem passar para o outro lado do rio.



Apesar do tronco ser bastante grosso, nem por isso a improvisada de ser perigosa.

Foi com o maior cuidado que Zé animou-se a atravessá-la.



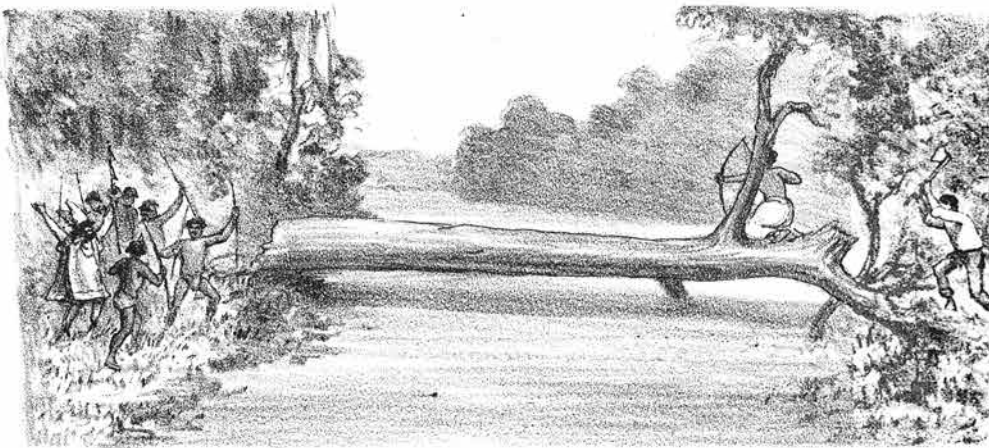
Quando ficou cansada, Inaiá pediu a Zé que continuasse a cortar galhos para não perder tempo.

Este, amuado e esfomeado, negou-se ao trabalho.

– Mas, dizia Inaiá, não vê que podemos ser alcançados pelos bugres?

– É o que você me dizia do outro lado do rio; agora vem com a mesma cantiga.

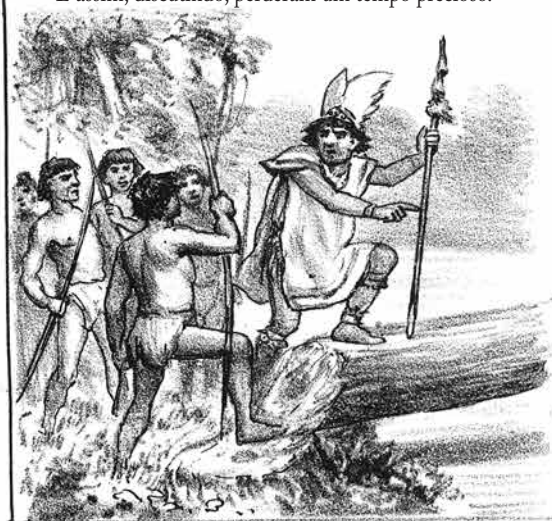
E assim, discutindo, perderam um tempo precioso.



De repente os fugitivos ouviram gritos ferozes. Eram os índios que acabavam de chegar à outra margem e os tinham avistado.

Zé, afinal, compreendeu o quanto a índia tinha razão saltando sobre o machado, pôs-se a cortar o último galho.

Inaiá, postada atrás de outro e armada com o seu arco, dispôs-se a flechar o primeiro que se atrevesse a passar.



– Covardes! Vociferou Mundurucu-Açu saltando sobre a árvore. Sigam-me; quero ver se Inaiá tem coragem de flechar seu pai!

Vendo Mundurucu-Açu avançar, seguido de seus índios, a corajosa índia saiu de trás do galho e colocou-se em frente ao cacique.

– Antes de matar o meu protegido, disse ela, terá de matar-me primeiro.



Mundurucu-Açu parou e fitou sua filha.

– Deixe-me passar!

– Só depois de morta.

Mundurucu-Açu exasperado, tornou a dizer:

– Saia da minha frente!

– Nunca!

vel  
rep  
sob  
ard  
pre



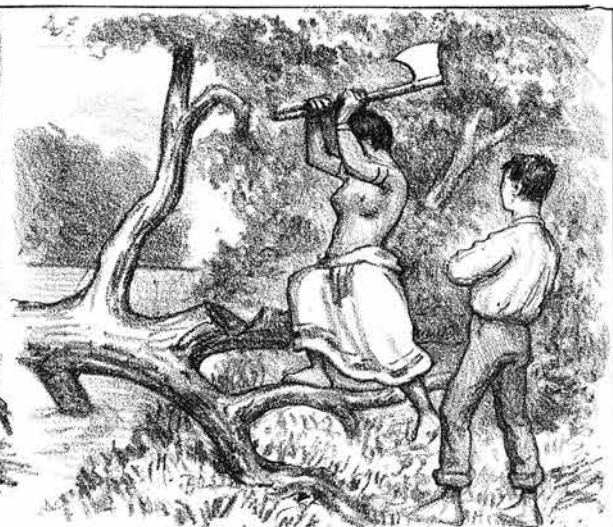
## Pobre Inaiá!



provisa da ponte deixava  
-la.



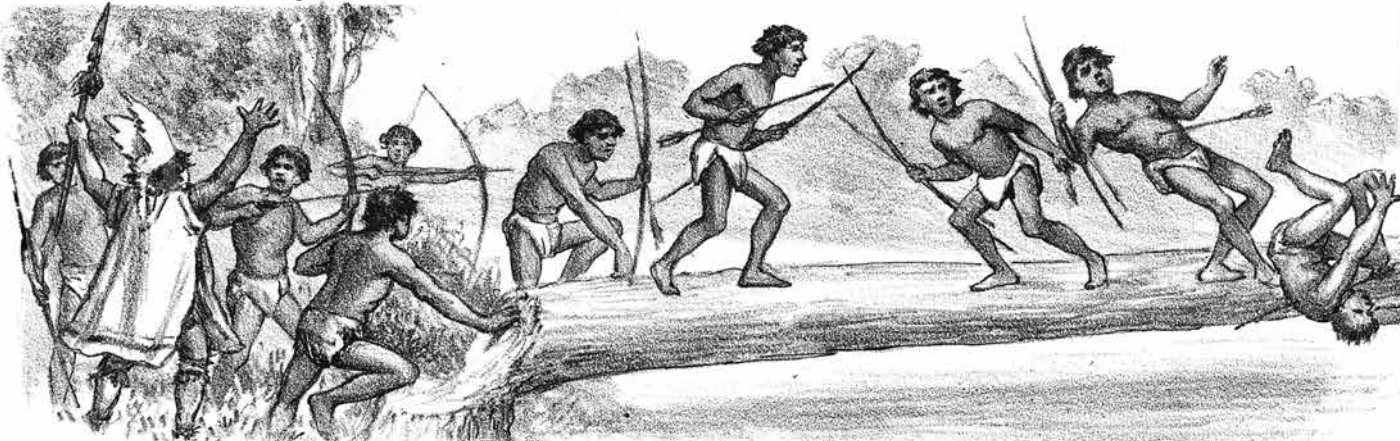
Apenas chegados à outra margem do rio, Zé entendeu que deviam tratar de comer o tatu e dispôs-se a acender fogo. Inaiá, porém, opôs-se dizendo-lhe: - Temos mais que fazer!



E empunhando o machado começou a cortar os galhos que se achavam encostados à beira do rio. Debalde Zé protestou ter uma fome desesperadora, a índia continuou como se nada ouvisse.



inha razão, e,  
galho.  
m o seu arco,  
passar.

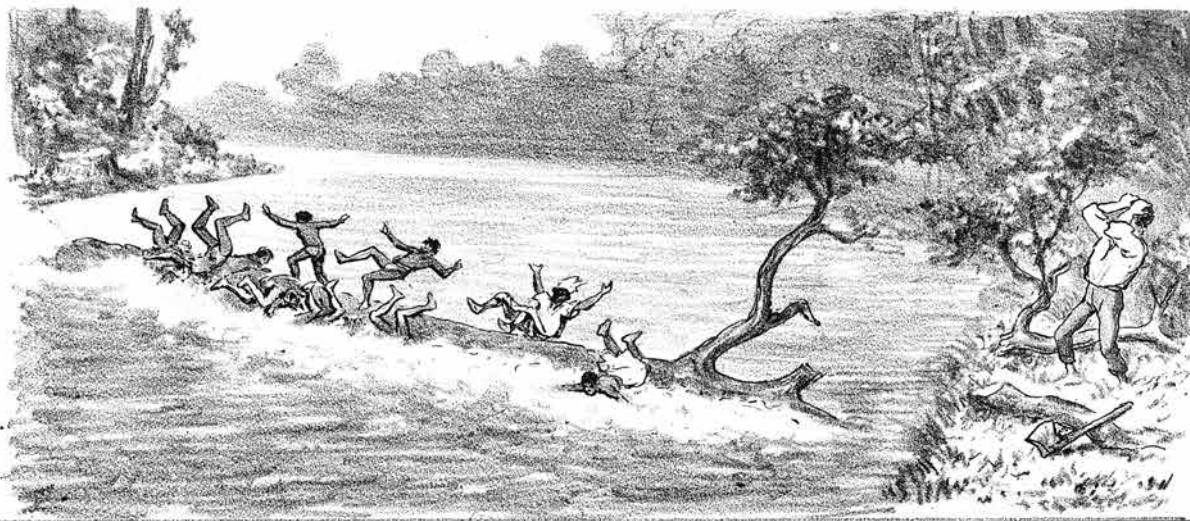


Mundurucu-Açu vendo os seus índios apontarem as flechas para o Zé, disse: - Não matem o prisioneiro; eu quero apanhá-lo vivo para fazer-lhe suportar os maiores tormentos. Avante! E os bugres avançaram sobre a ponte.

O primeiro que se animou a transpô-la caiu varado de lado a lado por uma flecha de Inaiá. O segundo teve a mesma sorte. Vendo isto, os outros recuaram.



Enquanto se passava esta terrível cena entre pai e filha, Zé, que não reparara que Inaiá havia avançado sobre a árvore, continuara, com todo ardor, a cortar o último galho que prendia a árvore à margem.



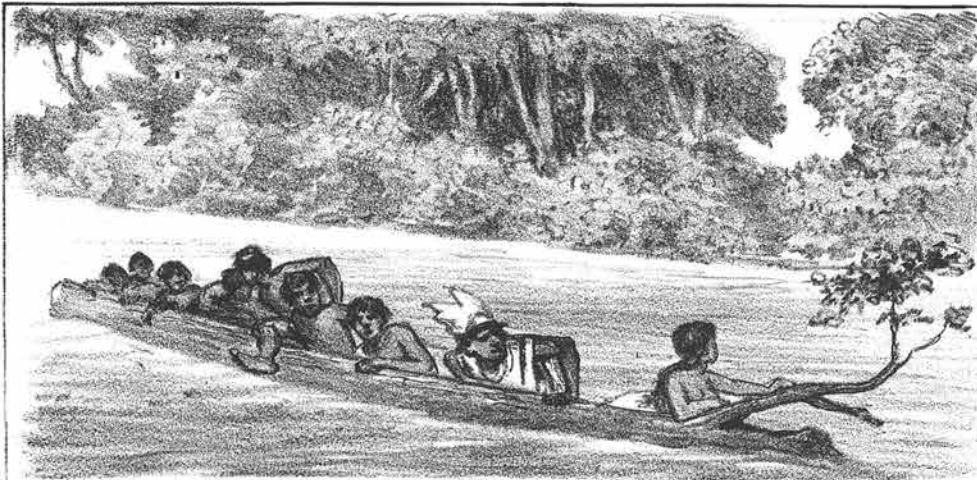
Desprendendo-se de repente o tronco, um grito horrível ecoou nos ares! Inaiá, Mundurucu-Açu e todos os índios foram precipitados na impetuosa corrente do rio, a 1.000 metros mais ou menos de uma gigantesca cascata.

Zé, vendo Inaiá precipitada na torrente, soltou um grito de desespero. Pobre Inaiá!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXI



Impelido por uma forte correnteza, o tronco descia rapidamente o rio. Apesar de bons nadadores, os bugres, compreendendo a impossibilidade de lutar contra a correnteza, mantiveram-se sobre o tronco.



Passado o primeiro momento de desespero, Zé saltou sobre o embrulho que Inaiá costumava carregar, tirou dele uma corda, pegou no machado,



Não perdendo o ânimo, tornou a seguir a margem do rio para tentar novo esforço.



Teve, porém, que parar diante de obstáculos que o obrigaram a servir-se do machado para abrir caminho, e que lhe fizeram perder um tempo precioso.

O tronco da árvore, que se no meio do rio sem encontrar já estava perto da cascata. Ou da queda do rio.



Os desgraçados que a ele se achavam seguros foram precipitados de uma altura de mais de 40 metros, despedaçando os seus corpos sobre as pedras!

A morte dos infelizes foi instantânea!



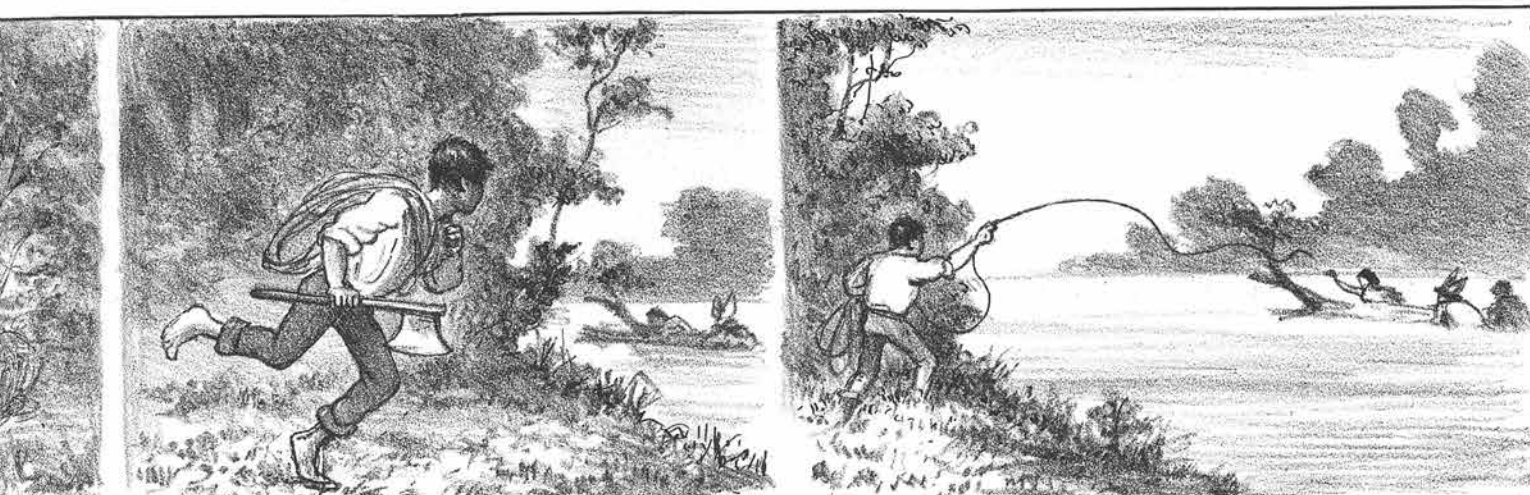
Passado o primeiro choque, Zé tomou uma resolução e continuou a seguir a margem do rio.

Já que não tinha podido salvar a vida da infeliz Inaiá, o seu fim agora era procurar o seu corpo para salvá-lo da voracidade dos peixes ou dos urubus.

Ch... se despe... tão prof...



## A catástrofe!



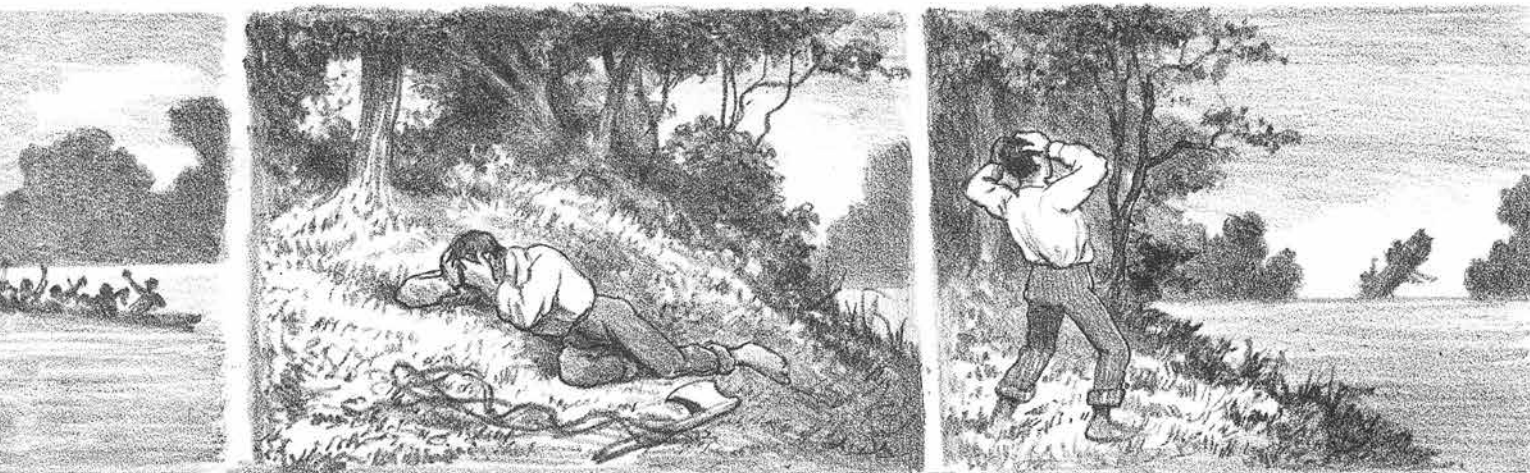
o, Zé  
regar,

e deitou a correr pela beira do rio, seguindo com os olhos o tronco que carregava a sua infeliz Inaiá.

Não perdendo o ânimo, tornou a seguir a margem do rio para tentar novo esforço.

Houve uma ocasião em que ele teve esperança de poder salvá-la, atirando-lhe a corda.

Infelizmente, nesse lugar o rio era mais largo e a corda não pôde alcançá-la!



re, que seguia o seu caminho  
encontrar o menor empecilho,  
cata. Ouvia-se o ruído surdo

Vendo afinal, que era impossível salvar a índia,  
Zé entregou-se ao desespero!

– Pobre Inaiá! Dizia ele, soluçando, morrer por  
minha causa, ela tão meiga, tão valente e corajosa!

Um tremendo grito de angústia ecoou de repente, reper-  
cutindo pelas margens do rio.

Zé ergueu-se como impellido por uma mola e viu ao longe,  
o tronco precipitando-se no abismo.



Chegando perto da cascata, Zé viu por entre as árvores a enorme massa d'água que se despenhava com um barulho atordoador e compreendeu o horror de uma queda em tão profundo e medonho abismo!

Chegando mais perto para ver onde a cascata se precipitava, Zé estacou de repente; os seus cabelos se eriçaram, seus olhos abriram-se desmesuradamente e um grito... um grito impossível de definir soltou-se daquele peito que já mal podia conter as palpitações de um coração tão angustiado!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXII



Inaiá, que ele julgava ter caído no abismo, achava-se segura a uma árvore, cujos galhos avançavam sobre a cascata.

Debalde a pobre índia esforçou-se por alcançar o tronco. As suas forças já exaustas não lhe permitiam. A morte era inevitável!



Quando ela estava prestes a cair, ouviu o grito do Zé e criou ânimo. — Coragem, Inaiá! dizia este, à medida que avançava sobre a árvore onde se achava a sua infeliz companheira.



Alcançando, afinal, o galho onde pobre índia, Zé amarrou fortemente a corda do mesmo galho, deixando cair as duas mulheres em laço.



Sacudindo, afinal, o terror que se apossara dele e reunindo todas as suas forças, tentou subir, o que conseguiu a muito custo.



Uma vez em cima do galho superior, tentou, mas debalde, puxar a si o corpo ainda inanimado da índia.

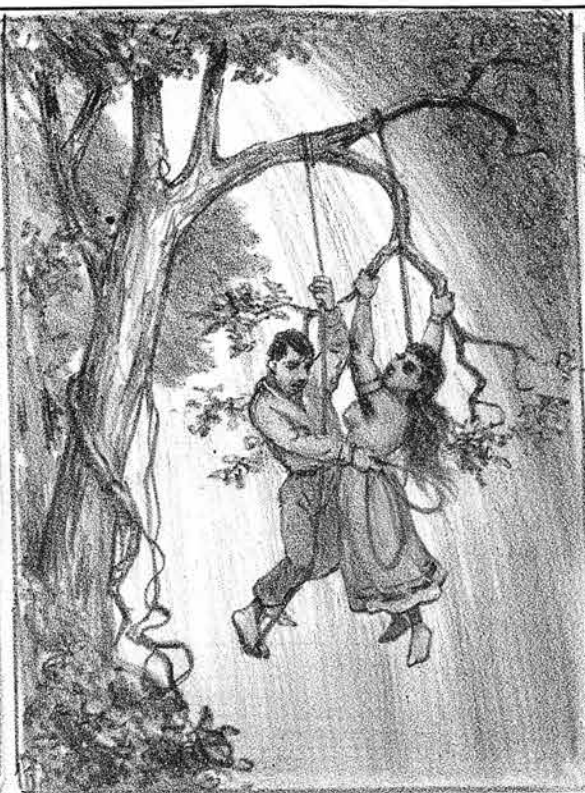
Os bruscos solavancos, produzidos pelos esforços do Zé em suspendê-la, deram em resultado fazê-la voltar a si.



Compreendendo, então, que podia salvar-se, Inaiá tentou um supremo esforço e conseguiu sobe o galho.



## Por onde se vê que, apesar de caipora, Zé é um herói



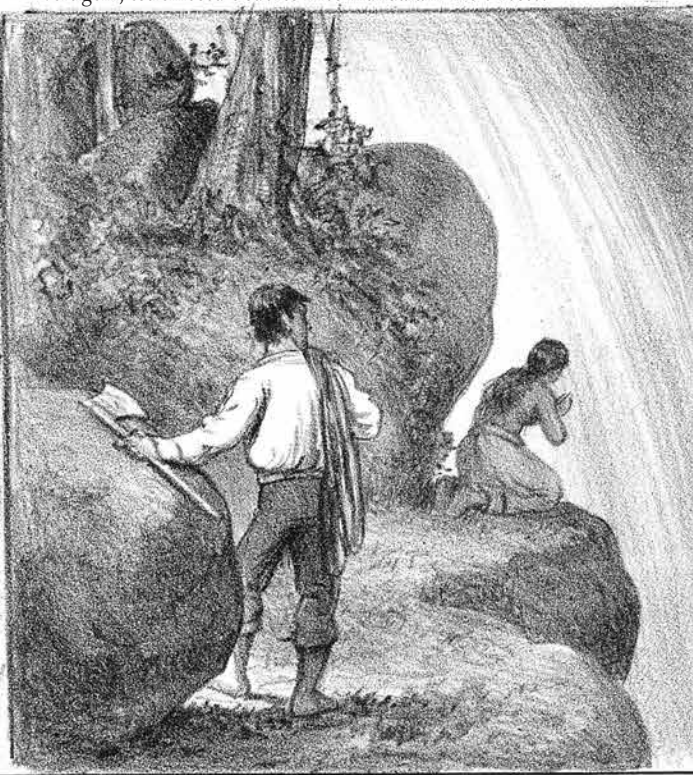
o onde se achava suspensa a  
ente a corda na parte superior  
r as duas pontas que termi-

Descer até junto a Inaiá foi obra de um instante. E nem havia tempo a perder, pois apenas enlaçou-a, Zé compreendeu que com mais um segundo só de demora ela estava irremediavelmente perdida.

Exausta pelo supremo esforço que fizera para sustentar-se em tão crítica posição, ela soltou, afinal, as mãos e o seu gentil corpo dobrou-se, balanceando-se no espaço.

—Inaiá! disse Zé; mas esta já não ouvia; tinha desmaiado.

Vendo a índia inanimada e ambos suspensos sobre o medonho abismo, ouvindo o ruído atoador e lúgubre da cascata, Zé teve quase uma vertigem; estremeceu e suores frios inundaram-lhe o rosto.



odia sa lvar-se subindo pela  
orço e conseguiu colocar-se

Dez minutos depois achavam-se ao pé da árvore, quase exaustos, mas felizes por terem escapado a tão horrível morte!

Quando dispuseram-se a deixar o terrível lugar, Zé viu Inaiá ajoelhar-se à beira da cascata.

A filha do cacique, que não esquecera as orações que os colonos lhe haviam ensinado quando criança, rezava pela alma de seu pai.

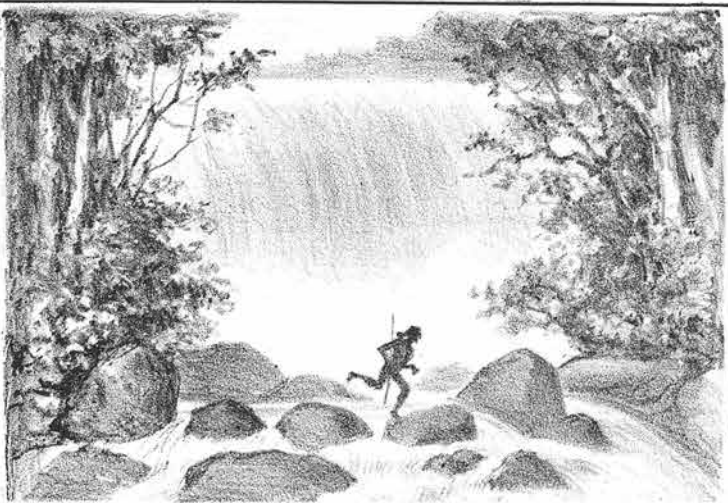


## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XX III



Um dos índios do Mundurucu-Açu, em lugar de atravessar o rio sobre a fatal ponte, preferiu seguir a margem esquerda até a cascata e ali, descendo por entre a mata,



atravessar o rio, pulando de pedra em pedra, a fim de alcançar a outra margem e melhor surpreender os fugitivos.



A índia e o nosso Zé voltaram pelo caminho percorrido por este para salvar Inaiá, que muito se admirou das dificuldades que Zé vencera.

Ele mesmo nem sabia como tinha passado por tais lugares.



De repente, a filha do cacique estacou e empalideceu. Parecia-lhe ter ouvido, ao longe, pronunciar o seu nome.

— É impossível, disse Zé, eles morreram todos. E os nossos fugitivos continuaram a caminhar.

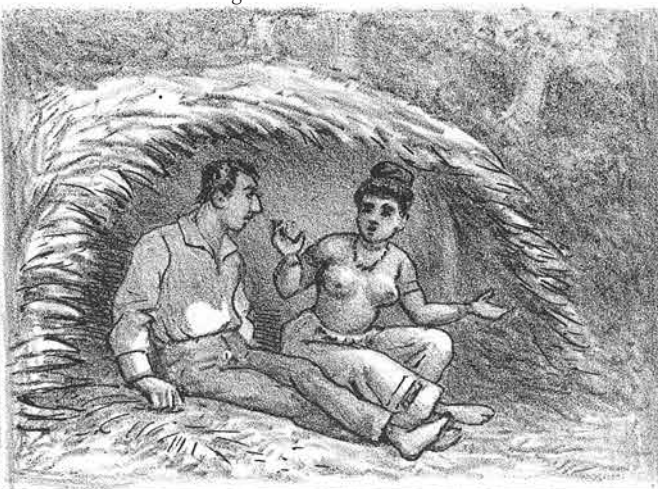


Não tardaram a encontrar o lugar onde se travara a luta. Da ponte só restavam os galhos que tinham cortado.



À tardinha, estava tudo pronto. Sentados na pitoresca cabana, Zé parecia contente por terem escapado a tantos perigos; Inaiá, porém, estava apreensiva.

— O que tens? perguntou Zé.



— Aquele grito, em que ouvi distintamente o meu nome, faz-me recear novo perigo. Só Cham-Kam seria capaz de o pronunciar.

— Por quê?

— Porque ama-me e meu pai me prometera a ele por ser o mais valente da tribo; se ele nos encontra, nos matará.



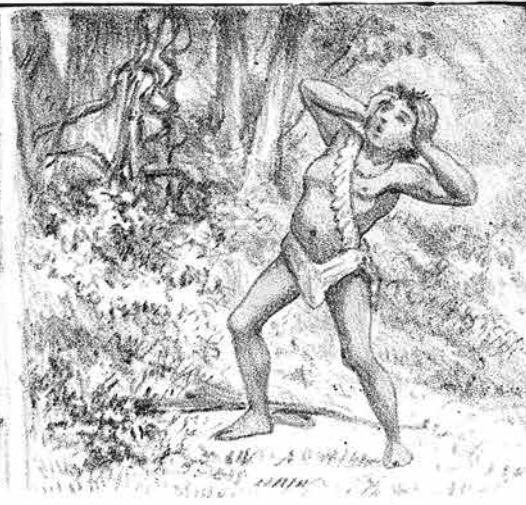
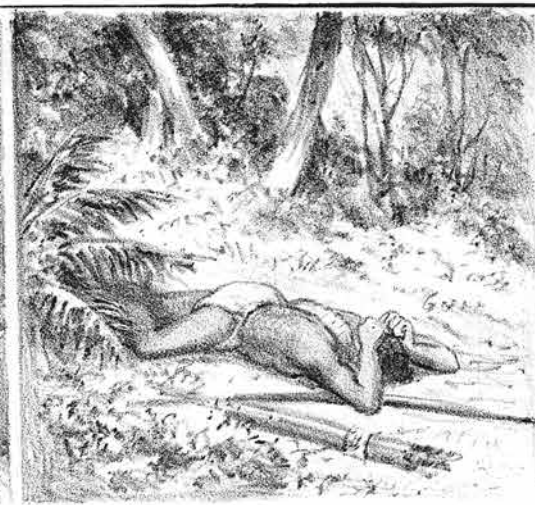
— É o que faltava! disse Zé que se revolveu na sua mala.

— É inútil; só o fará quando es

pondo-se de tocaia.



## De como Zé se mete em novas peripécias

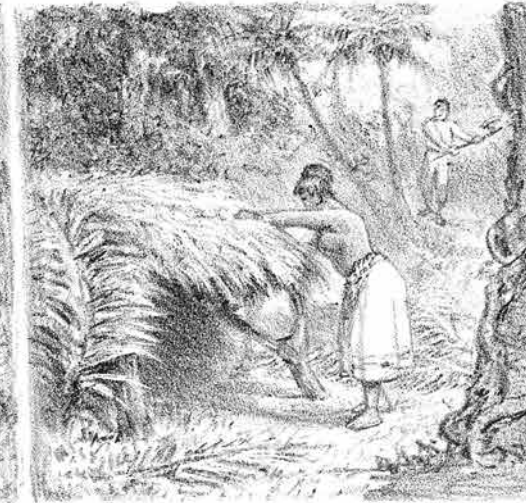
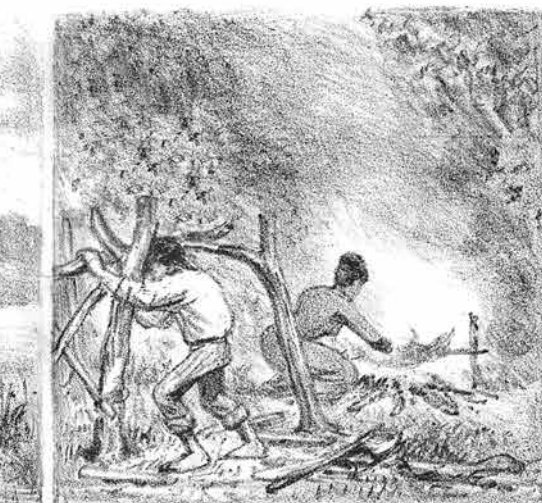


Foi justamente no meio do trajeto, quando atravessava o rio, que um tremendo grito lhe fez levantar a cabeça.

O que ele viu os nossos leitores já sabem.

Aterrado ante tamanha desgraça que vitimara o seu chefe, a filha deste e todos os seus companheiros, o índio entregou-se ao mais profundo desespero.

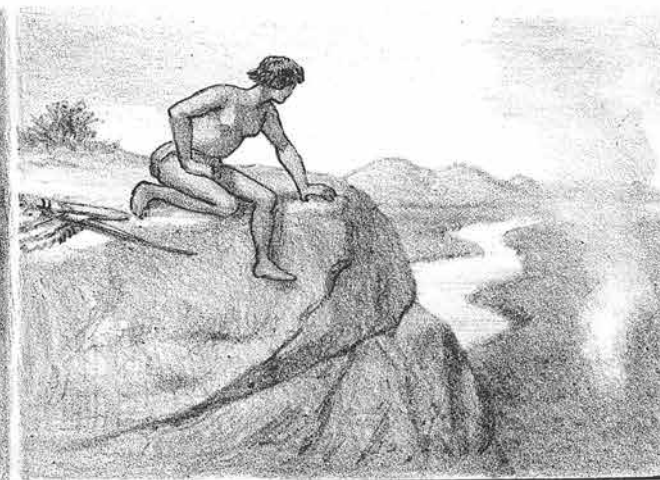
Afinal, levantando-se resolvido a deixar esse lugar que tanto o entristecia, soltou um grito dilacerante. Esse grito era um nome e este nome o de Inaiá!...



Estes serviram para construir uma choupana. Zé encarregou-se desse serviço enquanto Inaiá tratava de preparar o almoço.

Afinal! disse Zé, vamos comer o famoso tatu. E com uma fome devoradora, o nosso herói comeu, por sua parte, quase a metade.

Resolvidos, por enquanto, a acampar nesse lugar, a choupana não tardou a ser coberta de folhas de palmito que Zé cortava no mato e Inaiá arranjava do melhor modo.



Zé que tratou logo de procurar um lugar para se esconder quando os dois estivermos desprevenidos e

Depois de várias considerações pró e contra a probabilidade de serem descobertos, os fugitivos resolveram deitar-se sem todavia acender fogo para não despertarem a atenção.

A princípio, a índia tentou lutar contra o sono, mas, exausta pelas fadigas por que passara, adormeceu.

Cham-Kam fora colocar-se no alto de uma pedra para dali precipitar-se no abismo e morrer.

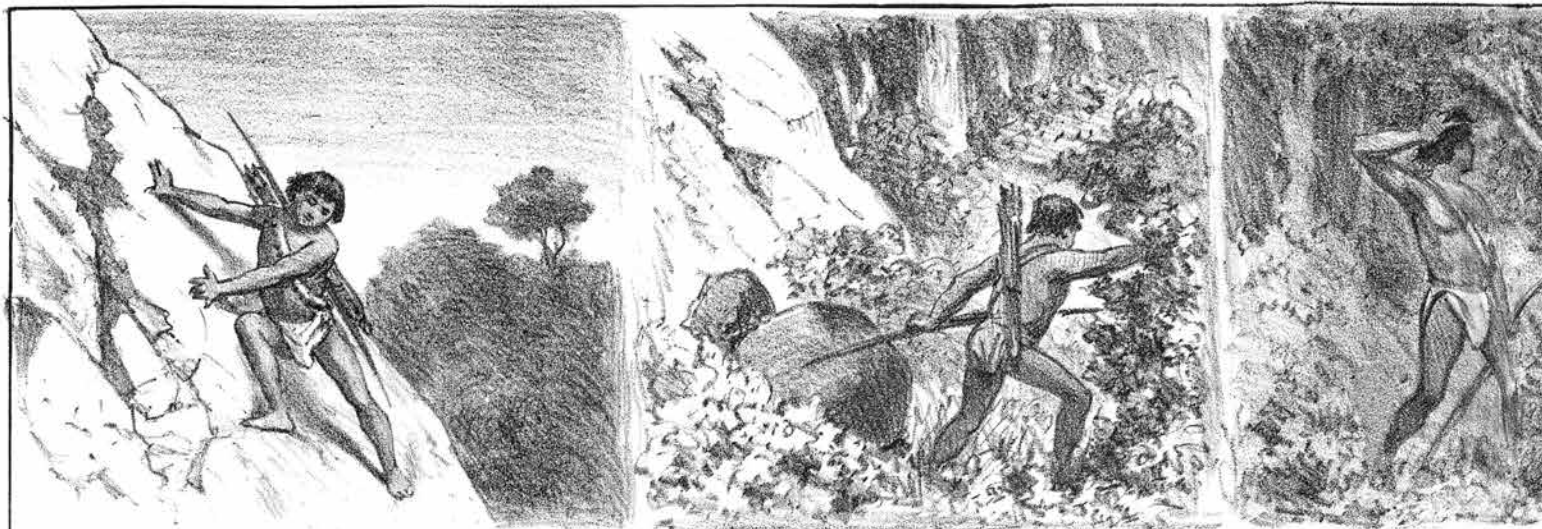
Uma coluna de fumaça e uns golpes de machado chamaram a sua atenção.

- Deve ser o prisioneiro, pensou ele, e um sorriso feroz e vingativo desenhou-se-lhe nos lábios.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXIV



Era tarde, o sol descambava no horizonte. Para encurtar caminho, Cham-Kam resolveu descer ao longo de uma pedra, por ser o trajeto mais curto.

Chegando em baixo, dispôs a penetrar no mato. Mas, a noite caía com rapidez,

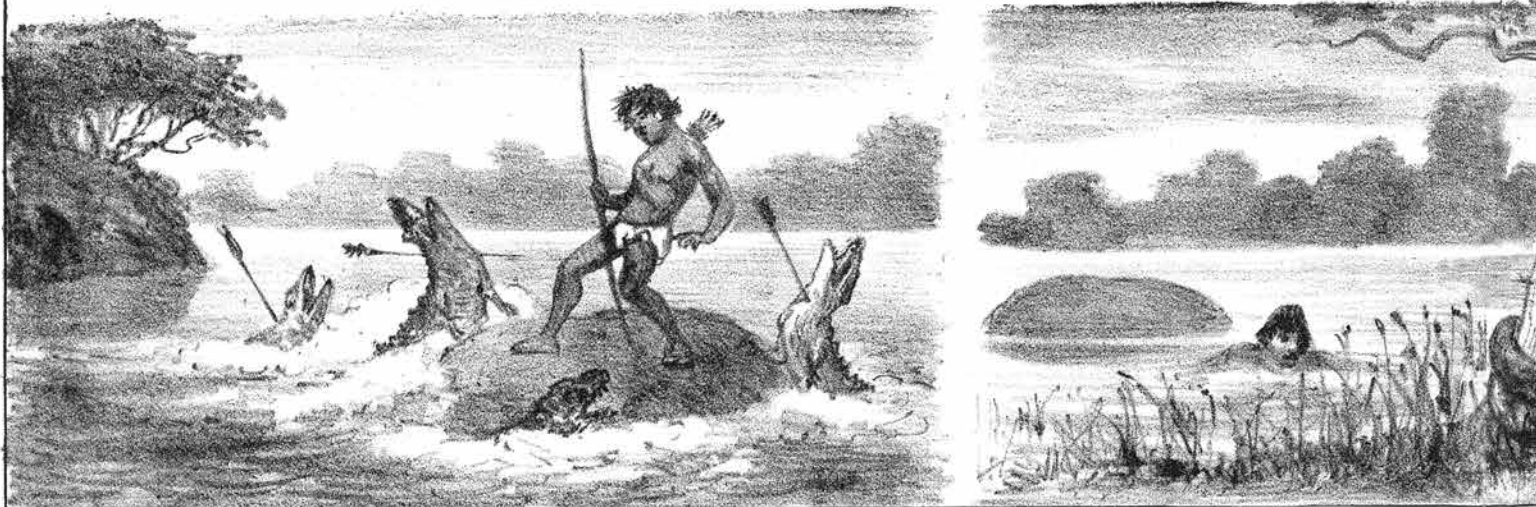
e Cham-Kam desesperava, veno a escuridão e a solidão de andar às escuras por entre



Antes de amanhecer, acordou e atirou-se ao rio, com o fim de ir surpreender o maldito rival, causa da morte de Inaiá.

Na cabaninha, mal sabiam os seus habitantes o perigo que corriam. Inaiá acordara, por vezes, inquieta; confiava todavia na escuridão da noite, para não serem descobertos.

Sobre a madrugada, um grito estridente despertou-a, em sobressalto, assim como ao Zé,

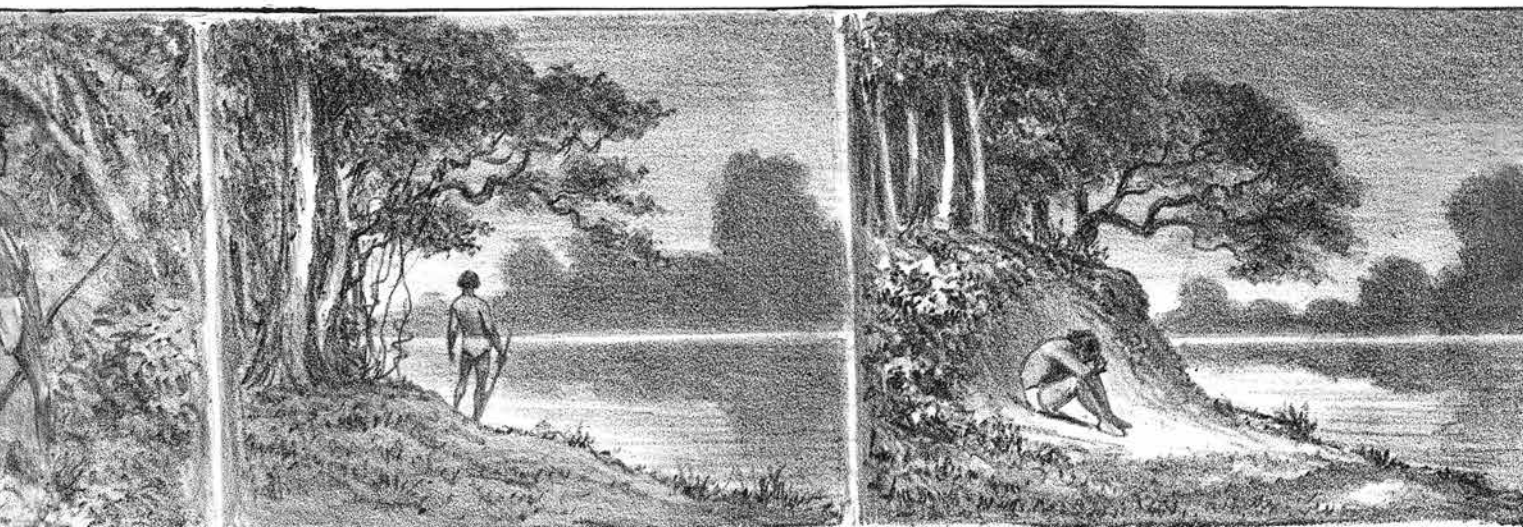


Enquanto Zé, dotado de bom coração, corria pela margem, em socorro do pobre índio, três dos maiores jacarés foram flechados e por mão tão certa que seus corpos não tardaram a boiar, inanimados, na superfície do rio; os outros fugiram.

Vendo-se livre de tão terríveis e famintos inimigos, Cham-Kam atirou-se novamente ao rio, procurando alcançar a margem.



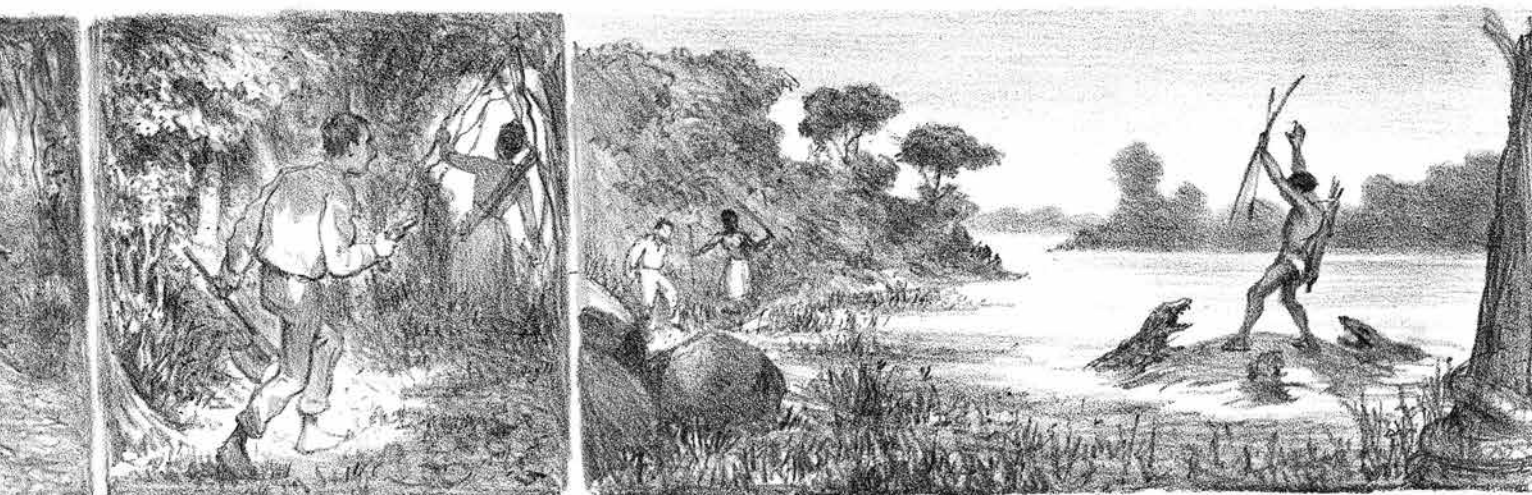
## Zé mostra-se magnânimo



ra, ven do a impossibi-  
por entre o arvoredo.

Encaminhou-se, então, para o lado do rio, onde chegou ao fim de algum tempo. Ali o céu estando descoberto permitia enxergar alguma coisa.

Cham-Kam, porém, estava fatigado e com dificuldade poderia subir a correnteza; resolveu, então, deter-se nesse ponto algumas horas a fim de descansar.



nte  
Zé,

e, pegando nas armas que podiam levar consigo, saíram da cabana apressadamente, para ver o que era.

Chegando à beira do rio, avistaram a pouca distância o índio todo ensanguentado, em cima de uma pequena pedra e rodeado de jacarés. O índio estava irremediavelmente perdido!



gos,  
ndo

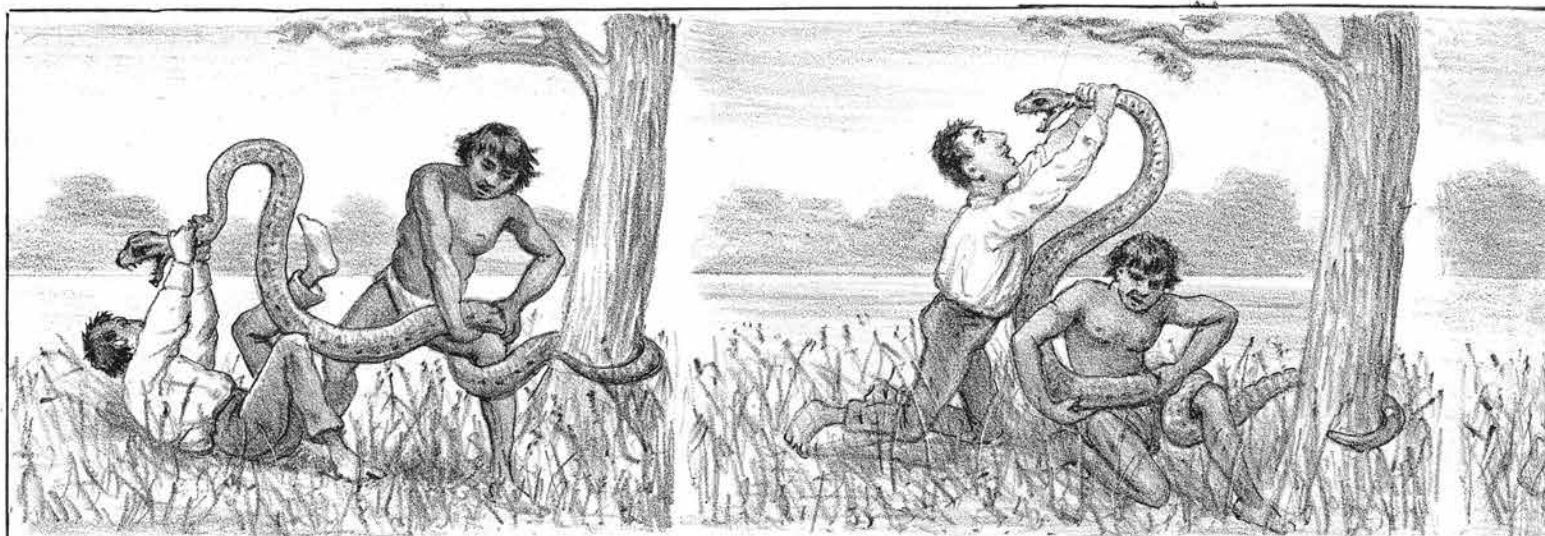
Mal se tinha erguido, viu-se enlaçado por uma medonha sucuri!

Zé, que se achava já perto, agarrou a terrível jibóia pelo pescoço, estabelecendo-se entre eles uma luta tremenda!



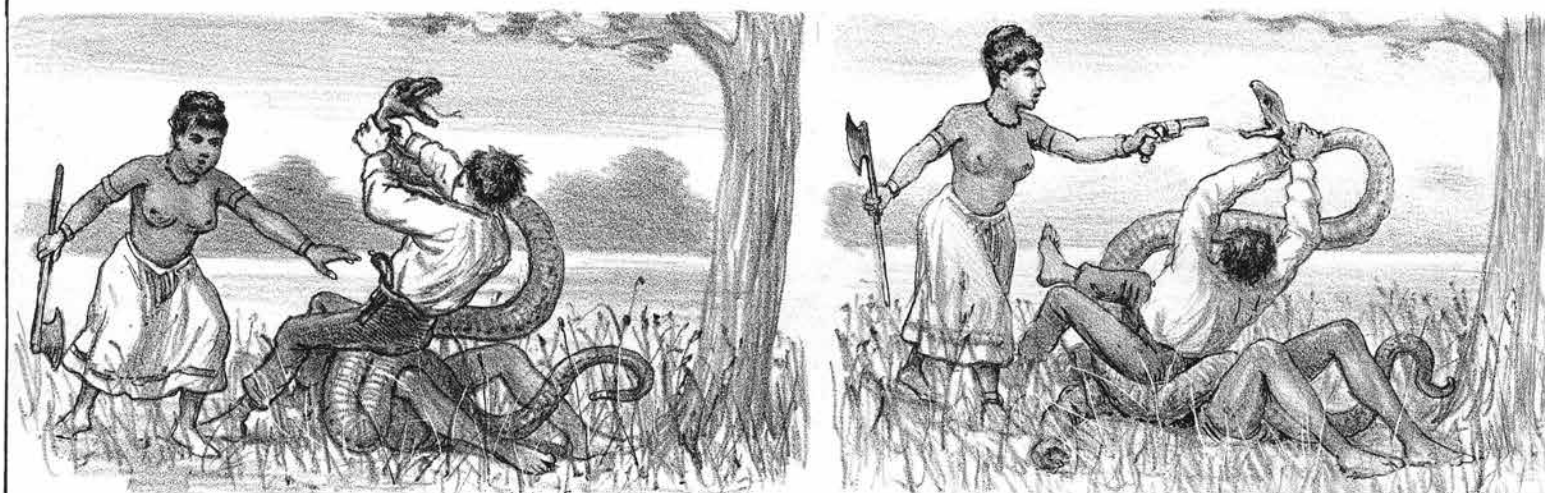
## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXV



Não largá-la, tê-la sempre presa, suportando tudo, até rolar por terra! Zé compreendia que, só tendo a cabeça da sucuri meio estrangulada, poderia livrar o índio da morte por asfixia. E assim aconteceu.

Cham-Kam sentiu-se aliviado da terrível pressão que lhe comprimia o peito. Procurou romper o horrendo enlace que ainda o prendia; Zé, por seu turno, não se deixava enlear.



Inaiá correndo ao lugar, ficou atônita e sem compreender de que modo Zé se tinha agarrado na sucuri. Com o machado nada poderia fazer para livrá-lo; vendo o revólver de Zé na cintura, lançou mão dele.

Depois de muitas tentativas para ferir a cabeça da cobra, sem tocar a mão do heróico e intrépido Zé, que jogando a sua existência procurava salvar a do índio, Inaiá disparou um tiro tão certo que feriu o monstro de morte.

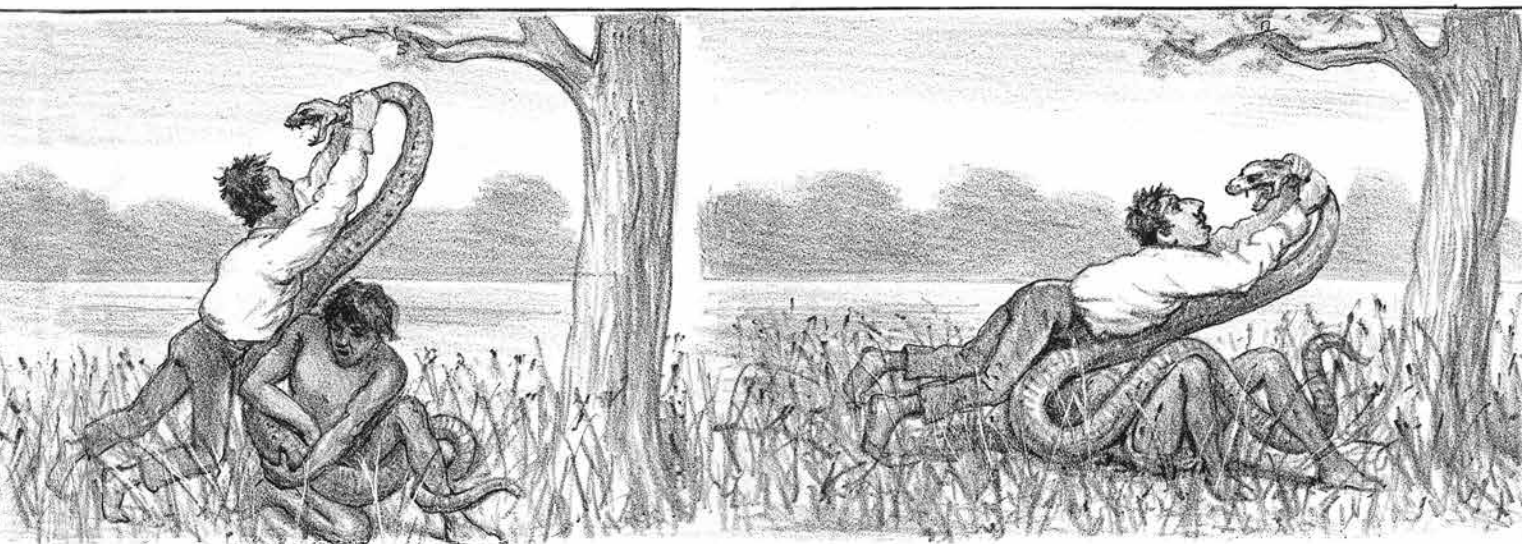


Afinal este voltou a si, graças aos cuidados da índia e... examinou a enorme cobra com admiração.

Para não perder tempo em afastar a sucuri, cortaram-na para livrar o índio.  
 – Coitado, dizia o Zé, em que apuros se viu!  
 – Havemo-nos de ver, diz Inaiá, consigo.

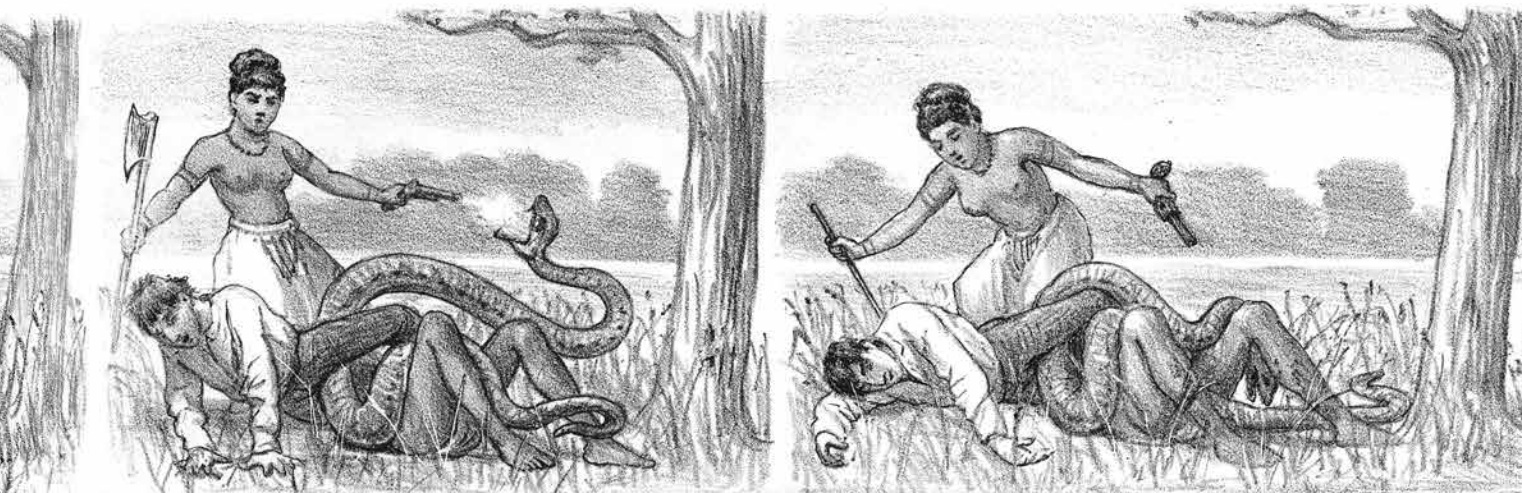


## Terrível luta com a sucuri!



A cobra tentou várias vezes levantar-se para não ser sufocada e, não fosse ter o índio preso, num instante Zé seria enrolado e apertado até expirar.

O índio, que perdera bastante sangue, sentiu, de repente, que lhe faltavam as forças e caiu sem sentidos. Zé apertava o mais possível, porém já se sentia muito cansado. A cobra desenrolava-se e Zé corria grande perigo.



A sucuri tentou ainda feri-la, investindo, mas recuou sem forças e um segundo tiro pôs termo a tão horrível drama.

Zé, comovido e exausto com tal cena, de que fora o herói, largou a cobra e perdeu os sentidos.

Vendo-o desmaiado e imaginando o índio talvez morto, Inaiá sentiu quanto aquela luta fora tremenda e quanto Zé era valente.



Cham-Kam voltou a si. Zé tratou de ampará-lo por trás; ela diante dele. Quando o índio viu Inaiá, que julgava morta na cascata, sentiu um calafrio.

Afinal conseguiram deixar o terrível lugar, ficando o índio entre os dois amigos que o salvaram, enquanto ele fazia o possível para matá-los.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXVI



Depois de terem dado vários passos, pararam à entrada da floresta, onde Inaiá pensou com folhas dela conhecidas os ferimentos do índio.



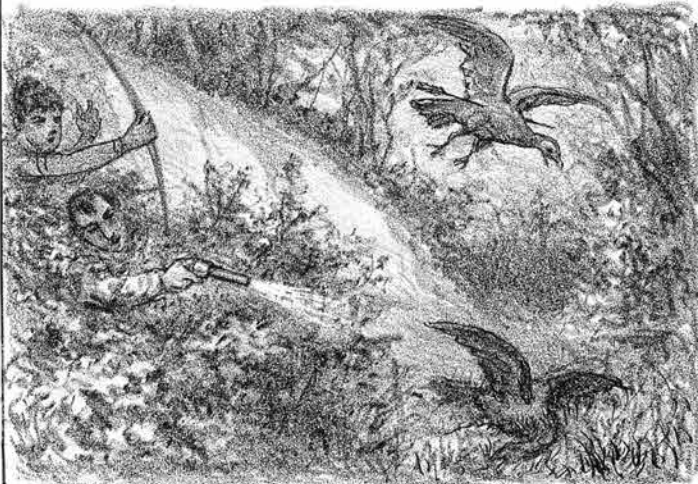
E conduziram-no à cabana onde ele deveria ficar quieto e descansado até que se fechassem as feridas.

Zé e Inaiá partiram para a caça, buscando recursos para preparar um excelente almoço.

A fome era grande. As emoções passadas haviam cavado o apetite.



Cham-Kam pro...  
razão de todas essas prov...  
das daquele que ele se j...  
de matar.



e depois de se terem firmado em bom lugar, sem serem presentidos, esperaram que as aves chegassem perto, e... fogo.

O sibilo de uma flecha furou uma que se erguera e caiu quase junto à outra, ferida por bala.



— Com estes dois já poderemos almoçar, disse o Zé. E que almoço excelente! Eles pesam bastante!



Satisfeito com o...  
puseram-se a caminho...  
vítimas.

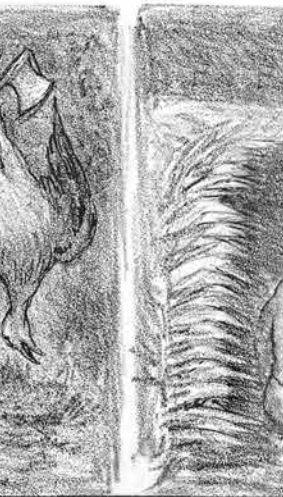


Inaiá precipitou-se a apanhá-lo. Corria bem a caçada, não há dúvida.

Resolveram voltar à cabana,

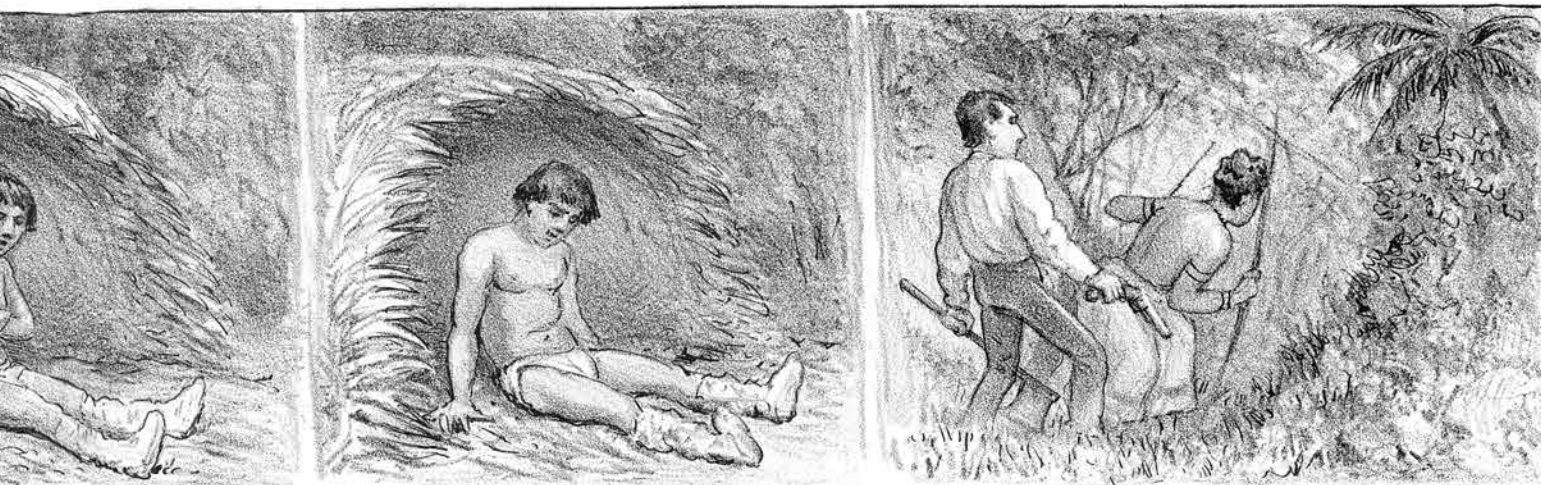


onde o índio pasmou ao ver o Zé tão carregado. Inaiá reconfortou-o com a notícia de que em poucos instantes um belo assado restauraria as suas forças exaustas.





## A caçada



m pro curava em seu espírito a  
essas provas de bondade recebi-  
e ele se julgava na necessidade

“Atirou-se à sucuri para me defender e arriscou-se  
muito; salvou Inaiá, que eu vi na cascata, de cair pelo  
turbilhão ao qual ninguém escapa.  
Que homem será esse?!...”

Enquanto Cham-Kam pensava em tudo isso, os caçadores des-  
cobriram um grupo de jacus.

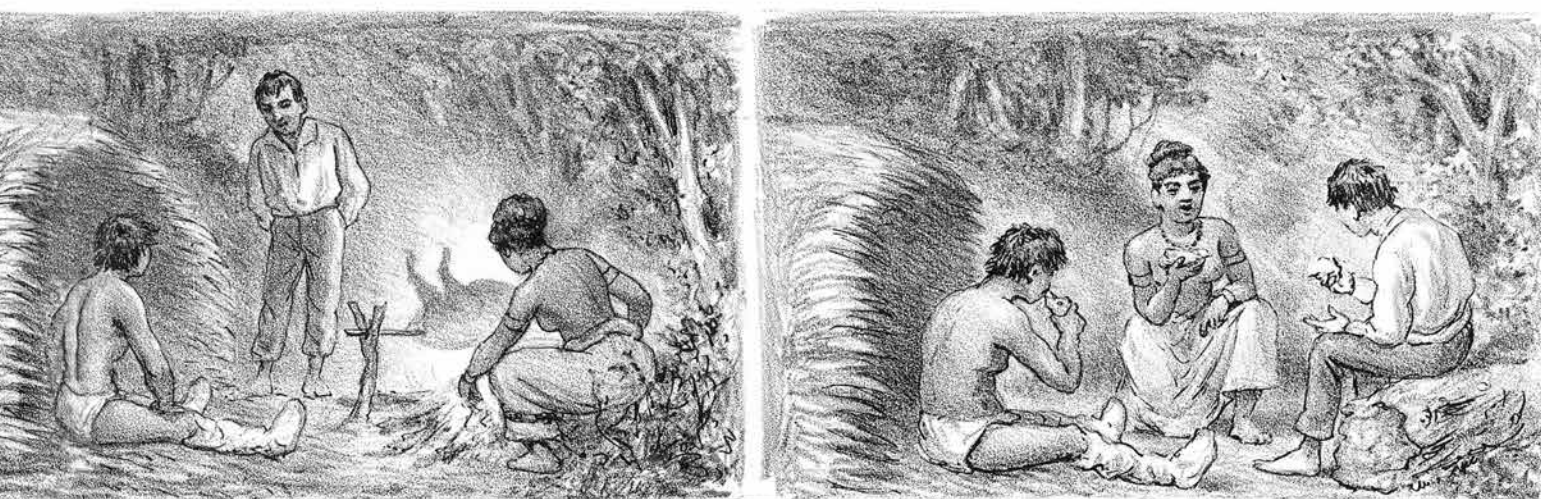
Com toda a cautela aproximaram-se sem fazer o menor ruído



com o resultado das suas façanhas cinegéticas,  
caminho, carregando, o Zé, os despojos das

De repente parou, a índia recuou.  
– Que há?! perguntou o Zé espantado.  
– Silêncio...

Zé calou-se. Compreendera. Era uma paca que ia  
atravessar o caminho.  
Pam!... um tiro. E o animal rolou por terra.



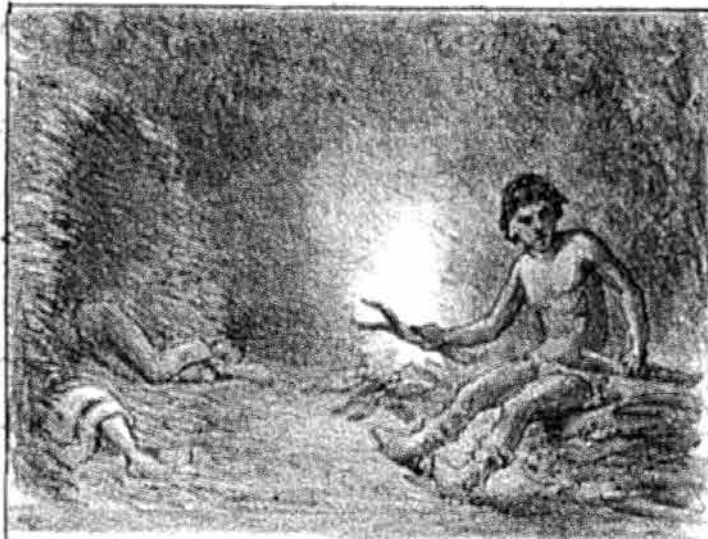
E logo, com maravilhosa presteza, Inaiá tratou da parte culinária.  
Em pouco, estava o jacu ao espeto sobre um bom fogo.  
Uma reflexão do Zé provocou resposta do índio que aprendera a  
língua dos emboabas com Inaiá.  
Calculem a surpresa do Zé.

Mas deu graças a Deus porque assim o almoço foi mais divertido entre-  
meado com palestra sobre o caso da sucuri.  
Quem diria que os três viriam a almoçar todos juntos, tão calmamente.  
Que diriam Cham-Kam e Inaiá!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

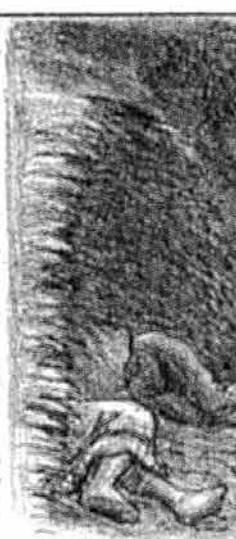
## Capítulo XXVII



À noite foram se deitar, contentes com o dia por terem salvado o índio. Cham-Kam, menos fatigado, ficou tratando o fogo para evitar surpresas de onças, com pedaços de lenha, que puseram ao lado dele. Inaiá todavia pensava...



Cham-Kam, também por mais esforços que fizesse em seu espírito, apesar de reconhecido pelo que tinham feito por ele, não podia abafar os sentimentos de raiva, desgosto e ciúme que o irritavam.



Não podendo mais encontrar perto do fogo, Inaiá estava ficando bem o seu índio...



— Se fosse dele, eu te diria. Ignoras o que é sentimento humano! Salvei este, porque tinha jurado salvar o primeiro branco que me aparecesse. É uma lição que devo aos colonos que me criaram.



Cham-Kam, vendo que Inaiá não pertencia a ninguém, sentiu passar-lhe a raiva. Pensava que talvez Zé a considerasse como mulher...

Inaiá, para não perder o fogo, atçou-o.



— O que há? Perguntou Zé, que acabou de acordar.  
— Nada, respondeu Inaiá.  
O índio calou-se. Sentimentos de raiva começaram a se queixar.



Dai a três dias, Cham-Kam já se achava melhor das feridas; durante esse tempo fez várias flechas que já lhe faltavam para si e para Inaiá.



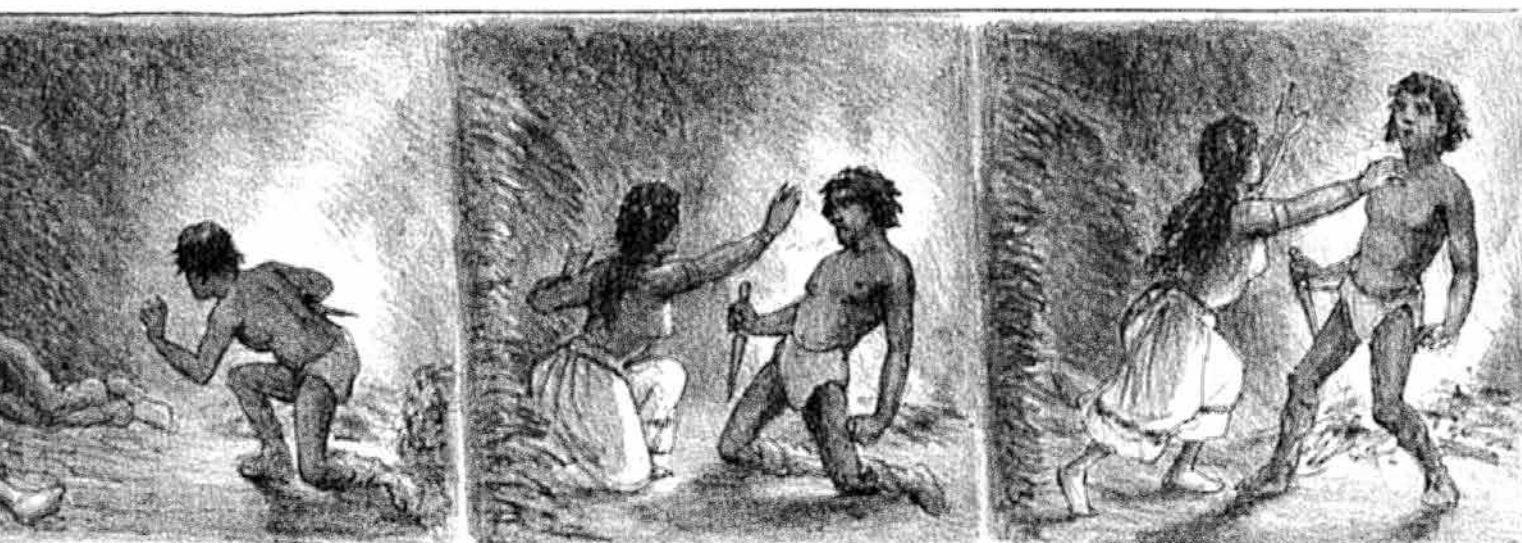
Esta, acompanhada do Zé, foi pescar, tão perto estavam do rio; em poucas horas trouxeram grande numero de peixes e um deles bem grande. A alegria foi geral.



Cham-Kam fez ver as flechas que lhe faltavam para si e para Inaiá. Ela lamentava-se de não ter senão poucas flechas e os dois pobres pés estavam bem arranjados.



## Onde Inaiá mostra o que é



endo mais se conter armou-se com uma faca, que rto do fogo e ia dar tremendo golpe... Inaiá, conhe- seu índio, em lugar de dormir velava.

Vendo este se aproximar, subitamente, levantou-se e pondo a mão diante dele disse baixinho: Tu és um miserável! Tu queres matá-lo!...

– Sim! Não posso viver deste modo! Antes morresse de uma vez de que te ver a ti pertencendo a outro.

– Mentis, disse Inaiá e precipitou-se sobre ele. O índio recuou

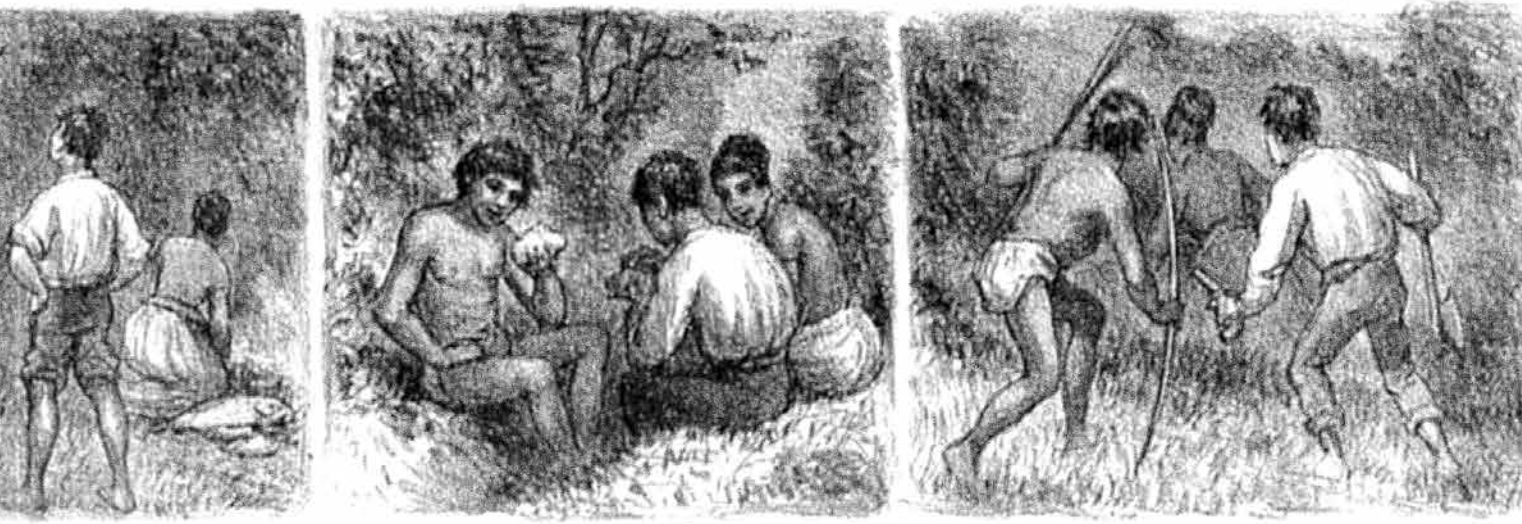


ue acorda!

os de remorso impediam-no de

Zé, olhando para Inaiá e o índio, compreendeu o que se passava.  
– É contra mim que te dirigias e querias matar-me.  
– Senhor! Vós sois forte e podeis fazer de mim o que quiserdes, retorquiu o índio.

– Eu te dou a mão, aperta-a como a de um amigo, que nada te pede senão ver-se livre destas matas onde se meteu. De ti e de Inaiá tudo depende. Somos três e tudo irá bem. – Eu o juro, disse o índio, comovido.



as flechas e o arco que fizera, Zé não poucas balas para o revólver e seus tranja dos à força de andar descalços.

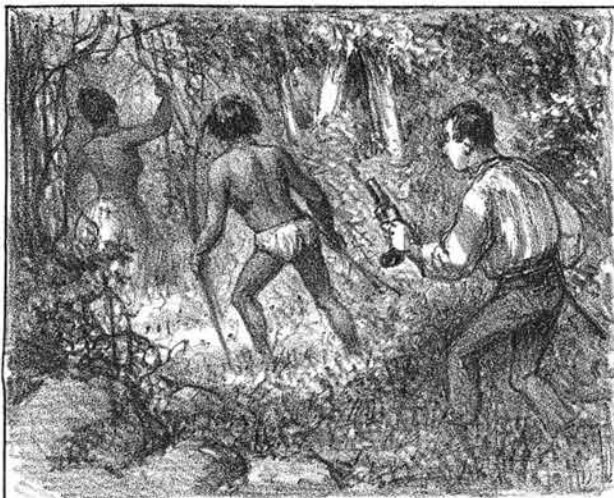
Almoçaram com bom apetite, comendo tudo, porém, sem sal.  
– É questão de hábito, dizia o Zé rindo.

No meio do almoço um rumor suspeito interrompeu-lhes a alegria e o apetite. Lançando mão das armas, ergueram-se, prontos para qualquer surpresa.



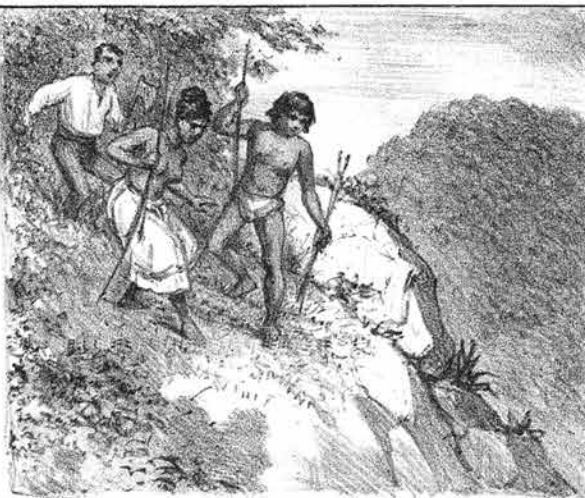
## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXVIII



E foram andando, andando sempre, ouvindo um ruído esquisito, enfraquecido pela distância a que se achavam.

Às vezes era mais forte ou mais fraco, nem Inaiá nem Cham-Kam o compreendiam.



Chegando à beira de um precipício, descobriram logo que eram índios a brigarem e se achavam bem perto.

O negócio era muito sério! Cham-Kam e Inaiá disseram que eram antropófagos e bravos.



Foram descendo, Cham-Kam pr... e Zé, por último, pisando no rasto d...  
- Isto de índios é o diabo! pensa...



A índia nada dizia, quando de repente ouviu-se mais perto gritos e um tiro de espingarda.

Zé manifestou logo seu contentamento! São civilizados que se batem com os índios.



E foram os tiros seguidos de outros. A vozeria dos índios, mais estrondosa agora, enchia as matas. Parecia que o mundo vinha abaixo!

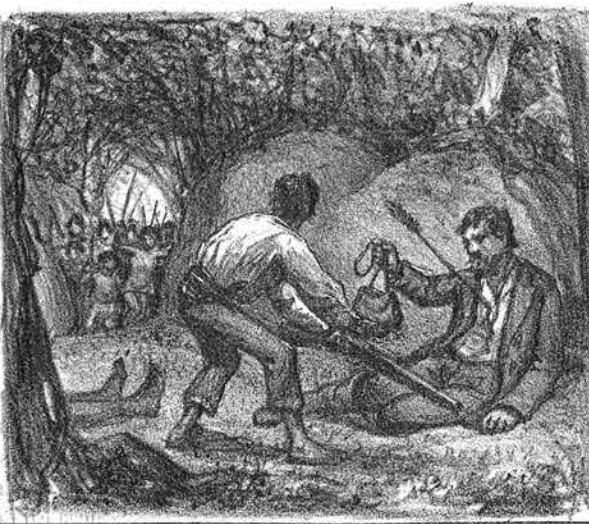


Inaiá e Cham-Kam mais pé, para diante.

Zé, mais atrapalhado com enrolavam nos seus pés e o impe... deveras amolado com o atraso.



Não tardou a ver os índios que o perseguiram; dois iam na frente armados e outros mais longe os seguiam. Enquanto eles deram com a vítima e dispunham-se a matá-la, o revólver do Zé fez-se ouvir, ambos caíram fulminados.



E saindo do esconderijo, pegou na espingarda e no cartuchame que o homem lhe entregara, e vendo um magote de índios que avançavam,



fez fogo sobre eles, e tantas vezes que fugir por estarem entalados entre du... meia dúzia sem vida e outros, basta...







## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXIX



Zé, não ouvindo nem mais clamor de índios, nem a tal vozeria ecoar pelas matas, chamou bem alto pelos nomes de Inaiá e Cham-Kam.



Não ouvindo resposta, imaginou que eles se haviam afastado muito e chamou-os de novo com mais força ainda. Mas ninguém, ninguém respondeu e ouvia-se apenas o eco que vinha da floresta repetindo: Inaiá! Cham-Kam!



Zé ficou com medo. Ver-se ali, só... Lembrando-se do morto, tratou de enterrar o seu pedido.

Abriu uma cova, servindo-se do machado, procurando fazer um buraco bem fundo.



Depois fez o inventário do que deixara a pobre vítima e deu-se por muito satisfeito, ao se ver herdeiro de muita coisa que lhe fazia grande falta.

A boa espingarda, o cartuchame e o revólver não eram para desprezar.

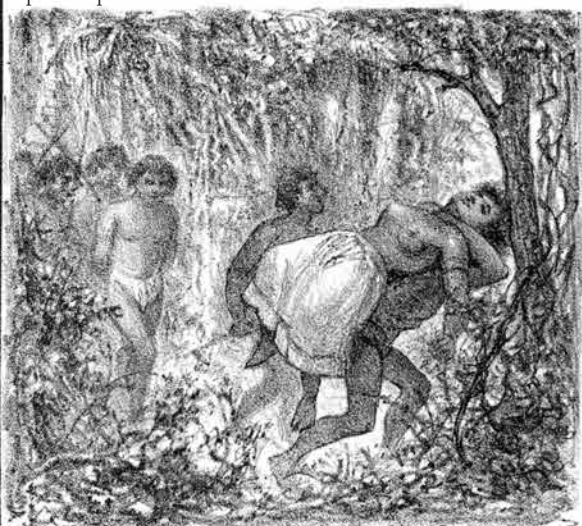


Depois de arranjar uma trouxa com a camisa, amarrou-a ao machado, colocou o revólver achado junto ao seu, e empunhando a espingarda pôs-se a caminho e andou tanto, tanto...

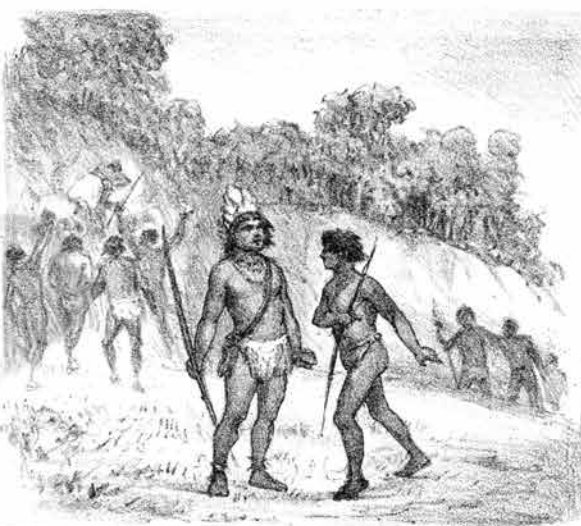


que afinal cansou deveras!

O sono, depois de tanto trabalho e receio de dormir, caiu ao lado dele em profundo sono.



Levados prisioneiros foram através da floresta até o acampamento, que ficava ali perto.



Pelo caminho, o chefe soube que haviam morrido muitos índios e estavam outros feridos.

Um dos que haviam escapado falava de um sujeito que atirara sobre eles, no momento em que perseguiam um homem branco.



— Quero saber quem é este homem que matou muitos dos nossos.

Mas Cham-Kam calou-se. Não respondeu. Zé. Inaiá fez o mesmo.



## Não só era sério... era também terrível!



...-se ali, só, no meio da mata, era horrível!  
...ou de enterrá-lo; estava satisfazendo assim  
...o-se do machado e de lenha que cortou,  
...bem fundo.



Pensando melhor, Zé viu que tiraria mais proveito em ficar com o resto da roupa do que metê-la na cova com o defunto, a quem de nada serviria.

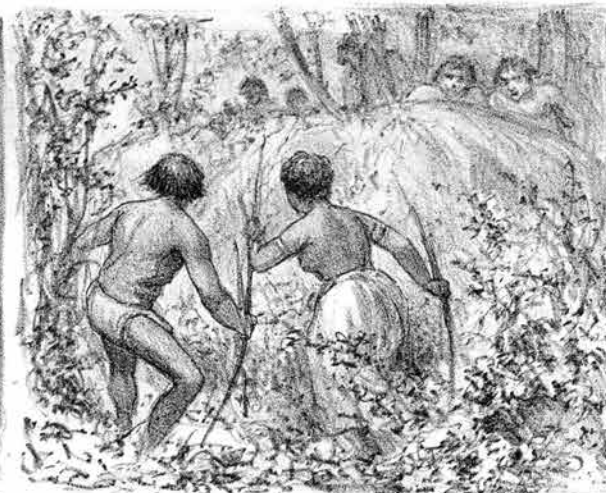
E a infeliz vítima dos índios teve por sudário a camisa de meia e as ceroulas, com um lenço sobre o rosto.



Feito o enterro e depois de uma pequena oração, Zé colocou pedaços de madeira e pedras sobre o túmulo, plantando sobre tudo isso uma cruz toscamente arranjada.



...nto trabalho fez-se sentir e apesar  
...o lado de uma árvore mergulhado



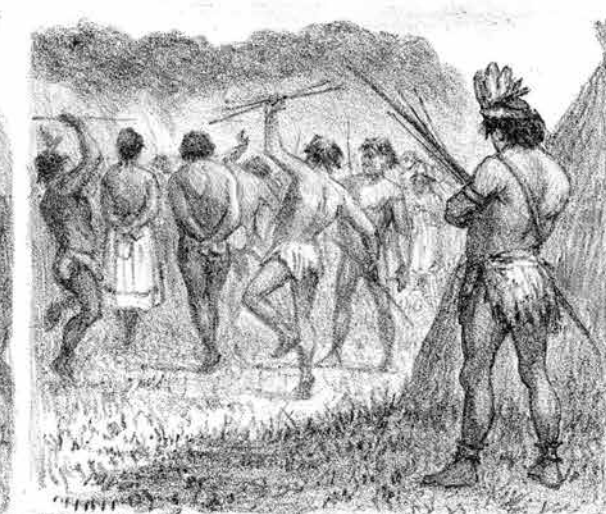
Voltemos a Inaiá e Cham-Kam.  
Estes, para que os índios não percebessem as suas presenças, foram se escondendo entre as árvores.  
Mal sabiam eles que os selvagens já os haviam visto.



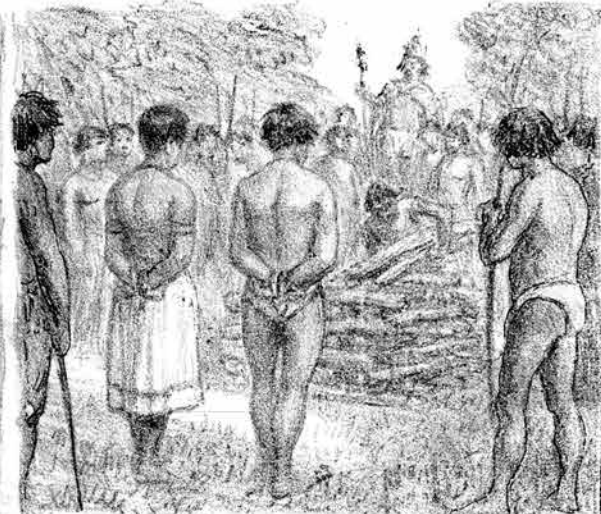
E de repente viram-se agarrados.  
Lutando ferozmente, não poupando golpes terríveis, não conseguem escapar. O chefe dos índios mandou que não os matassem.



...é este homem que vocês protegem; esse  
...os nossos e fez fugir outros.  
...ou-se. Nem uma palavra disse sobre o



Foram por isso condenados ao suplício. O cacique desconfiava de que eles sabiam tudo. Era preciso fazê-los falar, custasse o que custasse.

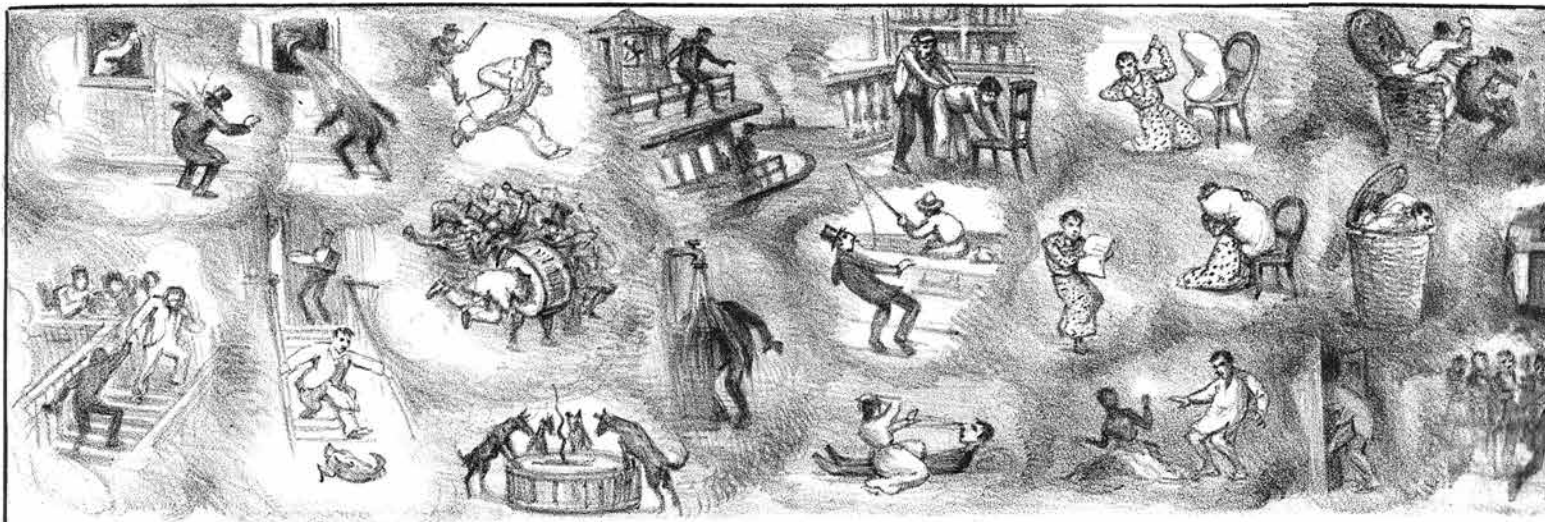


Preparou-se o fogo. Fizeram-se os preparativos para a tortura. Inaiá e Cham-Kam não tinham dúvida sobre a sorte que os esperava. Mas encaravam o perigo corajosamente, resolvidos a nada dizer.

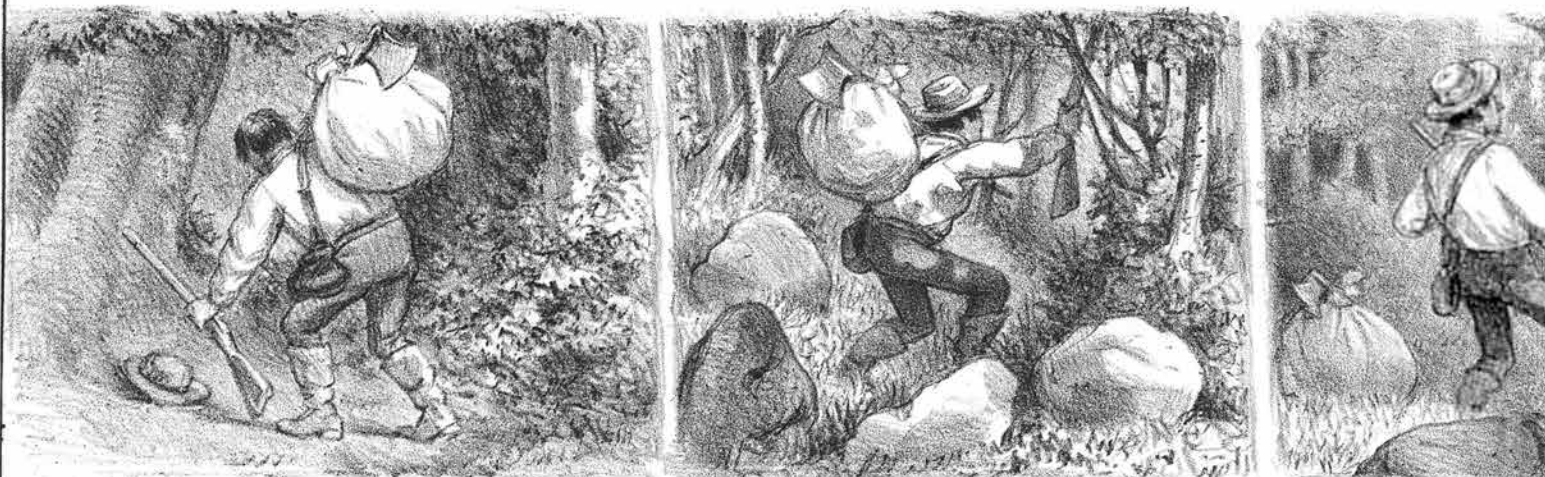


## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXX



Zé viu em sonhos todo o seu passado, desde a molhada do limão do carnaval, causa verdadeira de todos os seus terríveis e graves

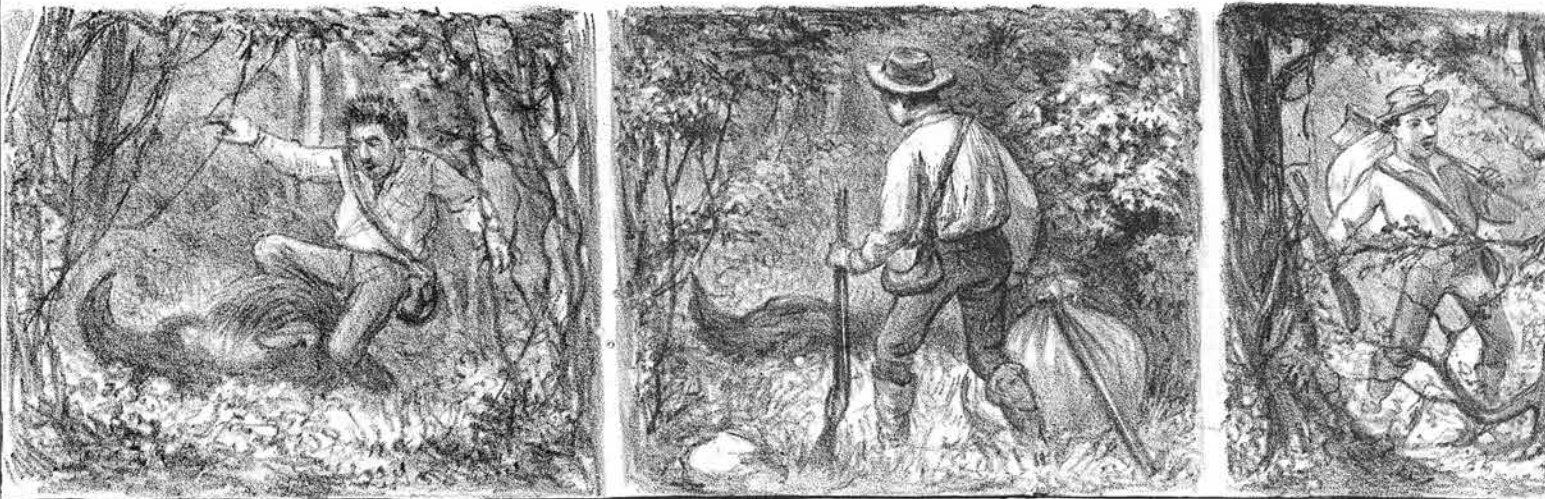


A única criatura que encontrara de sua raça fora para enterrá-la. Assim o fez, coitado!

E segurando toda a sua trouxa que se vira obrigado a herdar, pegou também no chapéu da infeliz vítima da tremenda flechada.

Para onde ir? Não sabia, mas, afinal sempre seguiu o seu caminho, ora para aqui, ora para ali, procurando os melhores lugares para passar no meio dos cipós, ervas, pedras pequenas e grandes, quando

sentiu um rumor e se aproximou. Procurou com toda a coragem



Mas o tamanduá estava mortalmente ferido, as garras foram-se abrindo, não tinham mais forças e em pouco tempo o animal expirou. Zé ficou tonto diante da imprudência que cometera.

— Arre! Do que escapei eu! Mal imaginava que o bicho tivesse tal força! Pegando em tudo que era dele acrescentou: Não, não valia a pena dar um tiro sem proveito. Pólvora e chumbo... não há *Laport* por aqui e é preciso poupá-los.

Seguindo o seu caminho, es trocaram as circunstâncias inesperadas.

Árvores e paus quebrados, e de

como se tivesse havido bri gas

— Terão eles passado por a qui



## O sonho do Zé

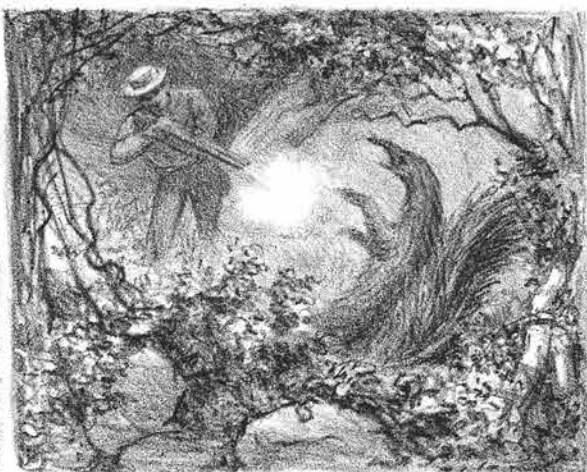


e graves acontecimentos.

Quando acordou e lembrou-se da situação em que se achava, sozinho nas matas virgens, tendo-se perdido de Inaiá e Cham-Kam, únicas pessoas com quem podia conversar e que tencionavam tirá-lo dali, sentiu deveras grande tristeza!



hor e squisito.  
toda a cautela andar sem rumor e...



atirou logo num enorme tamanduá-bandeira.  
Fez fogo e o bicho caiu.



Precipitando-se sobre ele para o apanhar, fê-lo com tão pouco cuidado que sentiu-se preso com unhas de ferro e envolvido pela cauda que procurava dar cabo dele.



ho, es tranhou umas cir-  
dos, e de pouco tempo,  
o bri gas por ali...  
por a qui?...



Mais adiante viu que tinha havido grande combate, ervas e cipós encangalhados, as árvores torcidas, os galhos quebrados. Deu logo com pedaço de flecha, e examinando-a, viu que era de Cham-Kam, feita por ele quando estava doente.



Zé, convencido que estava no alcance deles, continuou a andar no rumo aberto pelos índios em marcha, seguindo sempre pela floresta para alcançá-los.

- Se tivessem morrido combatendo, seus corpos estariam por aqui...



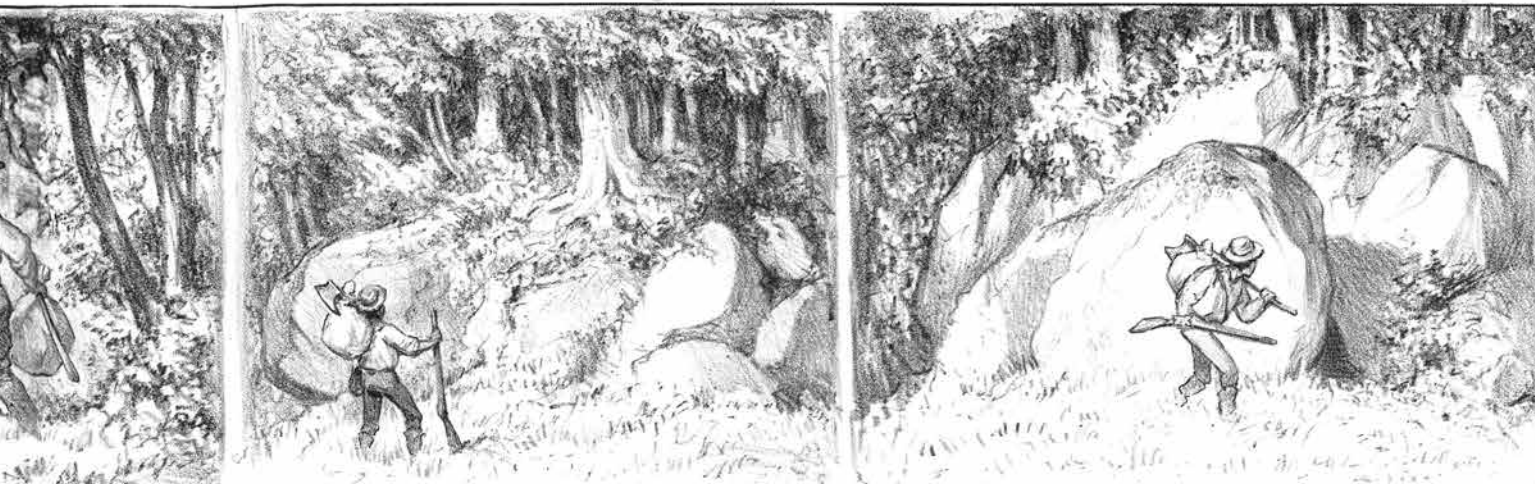
Até que chegou a uma grande chapada onde terminava a floresta.  
E agora para onde ir?







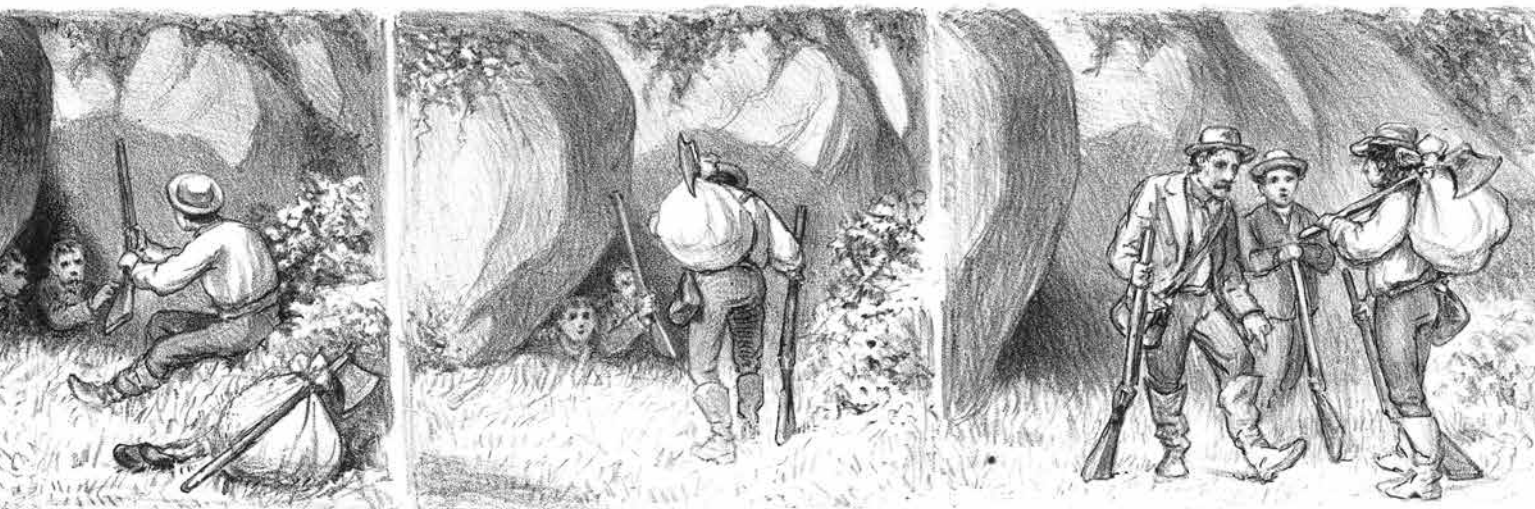
## Inaiá! Cham-Kam!



o Z é, a índia foi carre-  
hor é seguir o rastro, talvez  
e a Cham-K am.

– Mais adiante, perdeu-se na mata, tão cerrada, que não  
lhe deixava ver o rastro. Não viu mais nada.

Andou de um lado para outro procurando sempre indícios.  
Encontrava-os, às vezes, e logo tornava a perdê-los. Sentiu  
um fétido horrível. Depois viu uma espécie de gruta. Seria a  
furna de alguma onça?...



que aquele que eu enterrei, disse.  
ram. Zé contou o seu fúnebre encontro.  
m da dos pelo senhor?  
a ca rabina do guia, ei-la aqui.

E Zé acrescentou:  
– Vou à procura de Inaiá e Cham-Kam, dois índios  
que me conduziam. Quero salvá-los.  
– Neste caso, vamos acompanhá-lo. Também  
temos espingardas.

Um dos brancos estava ferido num pé, o que lhe  
dificultava a marcha.  
Seguiram por isso andando devagar e cautelosamente.



ente da mata, deram com um descampado mon-  
à distâ ncia, o acampamento dos índios.  
noção estranha vendo por chegar a ocasião de  
ctores.

Sôfrego por tentar alguma coisa em favor deles,  
tratou de se aproximar, sem ser pressentido, rastejando,  
aproveitando as elevações do terreno, tendo bem segura  
a espingarda.

Os companheiros ficaram mais atrás.

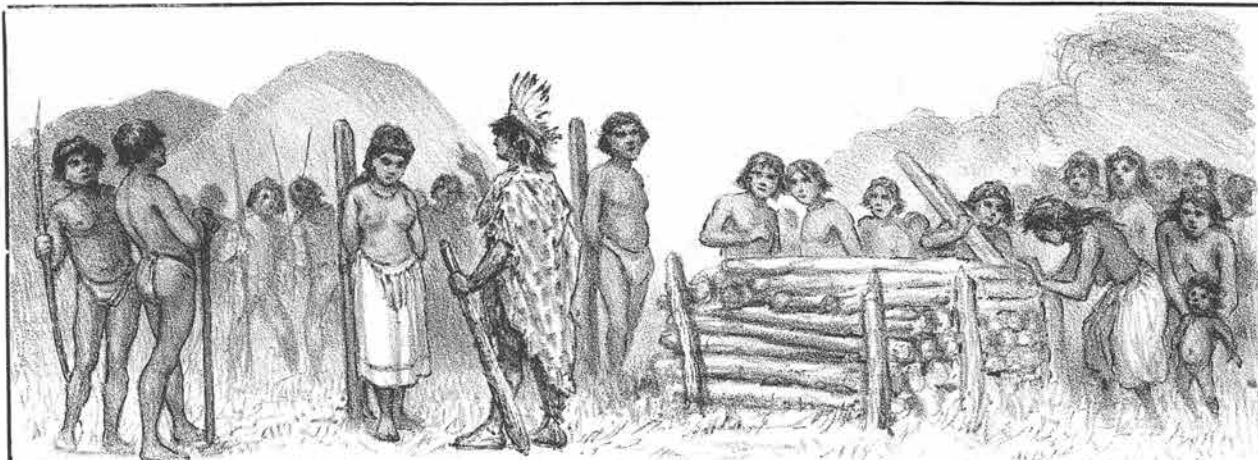
Mas um despenhadeiro separava-o dos índios. Che-  
gando à borda vertical, Zé parou ansioso. Via tão perto os  
seus amigos que iam ser imolados que não se pôde conter.  
Escapou-lhe um grito:

– Inaiá! Cham-Kam!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXXII



Foram atados a um poste onde deveriam ficar brutalmente martirizados até morrer. Depois, seriam queimados seus corpos, guardando-se os restos dos ossos calcinados como fetiches contra índios traidores.

Chegando, de novo, o chefe disse:

– Se quiserdes a vida salva, deveis dizer quantos brancos conduzíeis.

Cham-Kam, antes de responder, olhou para Inaiá. Esta, de cabeça inclinada, nada respondeu.

O chefe não podia acreditar que guardassem tão fatal silêncio. Chegando a Inaiá, exclamou:

– Tu és índia e falas o idioma dos brancos; deste provas de que és destra; não serás a filha de Mundurucu?



Ao ouvir esse no me

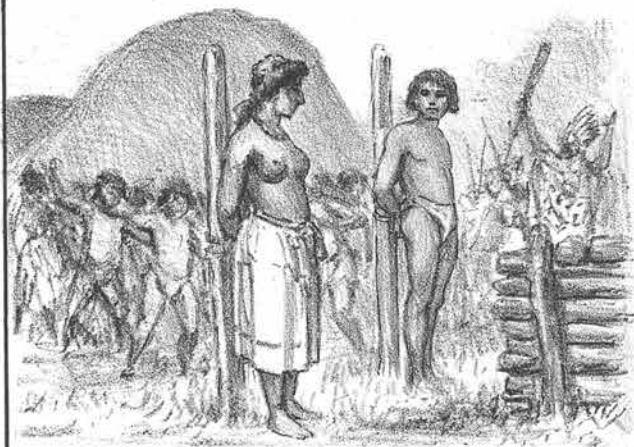
– Sim, sou a filh a d

– Sim, acrescen to

– Ah! maldita se ja

e te achas aqui e m

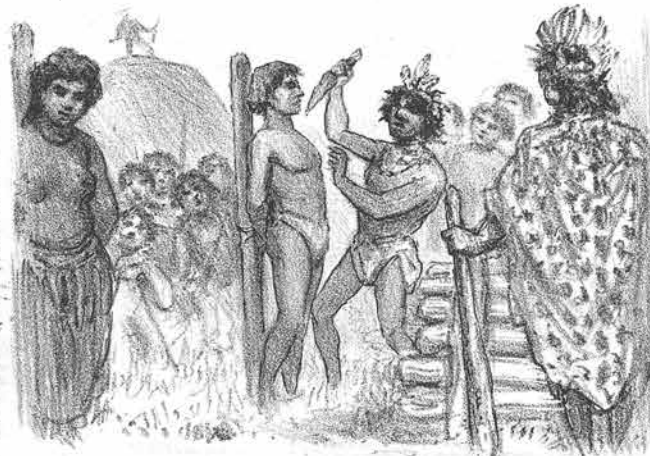
Índios e índias, mo



Enquanto preparavam os instrumentos de morte para cortar as carnes, e outros para queimá-las, Cham-Kam disse a Inaiá.

– Agora vamos morrer, não podemos mais nos juntar como tanto desejava!

– Não importa; é como se nós tivéssemos unidos na igreja, sou tua e de mais ninguém, até a morte. Lembremo-nos de Zé, nosso benfeitor e que Deus seja por ele.



Pouco depois voltaram os índios. Um deles se adiantou e armado de uma espécie de faca de pau bem duro procurou cortar a face da pobre vítima! Havia o maior silêncio para observar se o desgraçado gemeria, quando se ouviu:

– Inaiá! Cham-Kam!



Todos recuaram e p  
o chefe dos Itambaru ris  
as vítimas com intenç

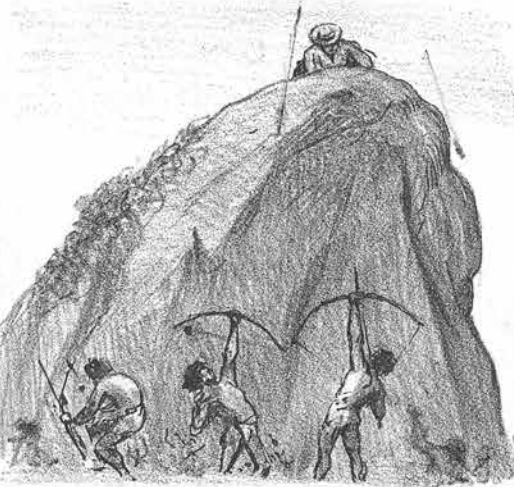


O chefe, desesperado por ver um branco interromper a grande festa do sacrifício e ser a causa da perda de seu braço, rugiu de raiva e de dor gritando:

– Vamos agarrá-lo e torturá-lo também aqui.

Inaiá e Cham-Kam viram-se rodeados de índias, moças, velhas e crianças que os insultavam.

Pouco caso faziam disso, o que os preocupava era o Zé, cujo tiro no braço do chefe devia ser uma sentença de morte para ele!



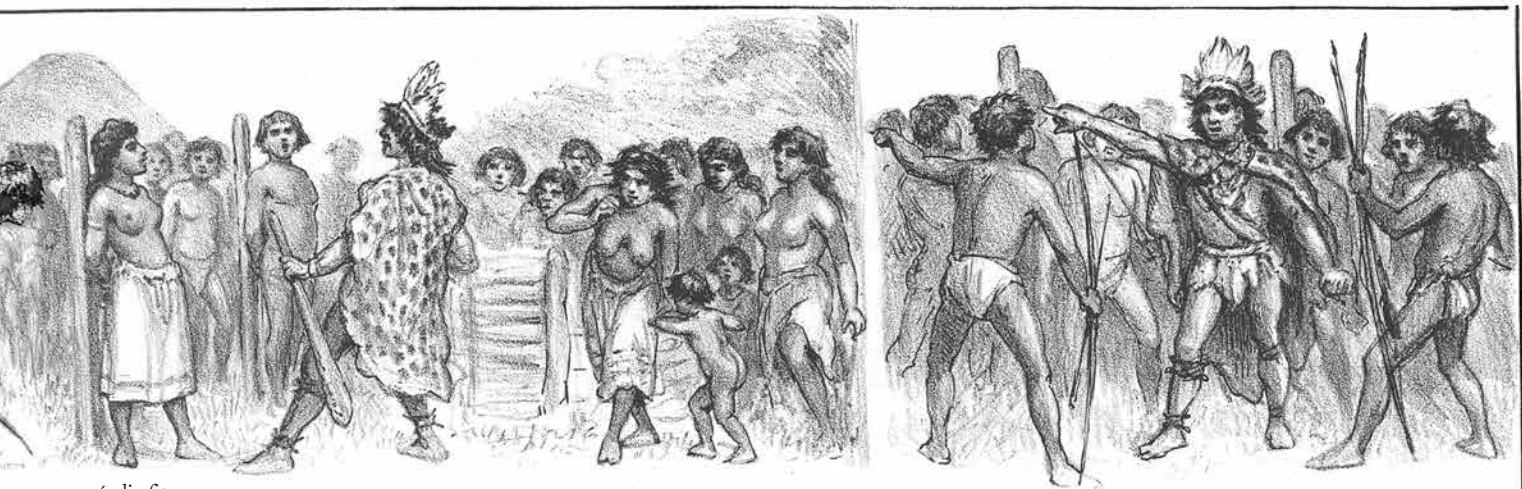
O chefe dos Itambaruris mandou propositadamente alguns guerreiros fingir que subiam ao montículo para distrair a atenção do terrível branco



e devagar, acompanhado dos mais va  
por onde tinha ido Zé, para segurá-  
esperasse, preocupado com os outros



## A morte do cacique dos itambaruris



e no me a índia fitou-o.  
 a de Mundurucu e tu deves ser o chefe dos Itambaruris, seu inimigo mortal.  
 tou Cham-Kam, e eu matei no último encontro teu filho e teu irmão.  
 ta se ja a hora em que falaste... Então és o famoso Cham-Kam, o protegido de Mundurucu,  
 qui e m meu poder, amarrado a um tronco!...  
 ias, moços e velhos, todos chegaram-se para contemplar o famoso Cham-Kam e Inaiá.

– Que todos afiem suas facas e que cada um lhe arranque um pedaço de carne. Depois de queimado o seu corpo, todos vocês guardarão um fragmento de osso como relíquia daquele que matou o meu filho.

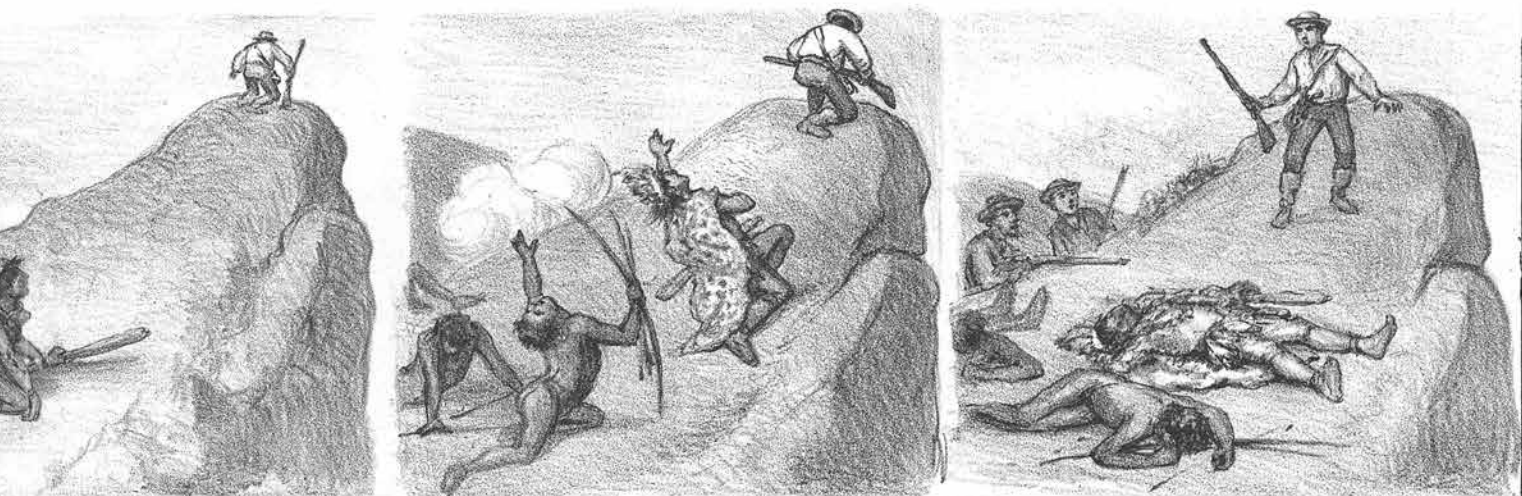


aram e procuraram fugir espantados, mas  
 mbaru ris, indignado, precipitou-se sobre  
 intenç ão de matá-las,

quando de repente sentiu o braço cair ensangüentado, sem compreender por que.

Imaginou, então, que deveria ser algum feitiço de homem branco e com assombro viu no cume da montanha o nosso Zé.

Este perfeitamente decidido a tentar tudo antes de deixar que matassem Inaiá e Cham-Kam, resolveu manter-se do melhor modo possível naquele lugar de onde com dificuldade o tirariam.



s mais valentes da tribo, tratou de preparar  
 a segurá-lo por trás quando ele menos  
 os outros índios.

Com toda a cautela, procuraram aproximar-se para apanhá-lo vivo, tendo contudo as flechas prontas para o caso dele se voltar. Mas subitamente dois tiros seguidos de outros mais prostraram o chefe e três dos que o acompanhavam.

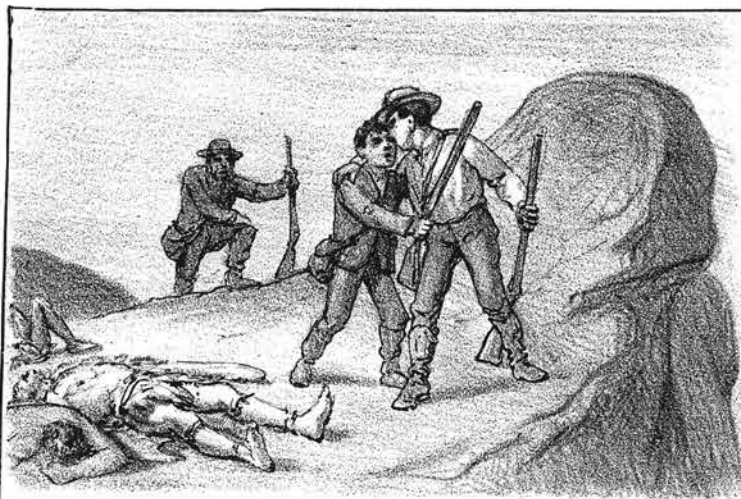
Ao ouvir os estampidos, Zé voltou-se e viu os seus companheiros que haviam ficado atrás, e eram os vencedores dos terríveis índios.

Inútil é dizer que Zé sentiu-se orgulhoso de tão bons amigos e radiante por ter escapado ao tremendo perigo. Quem matara o chefe fora o mais moço.

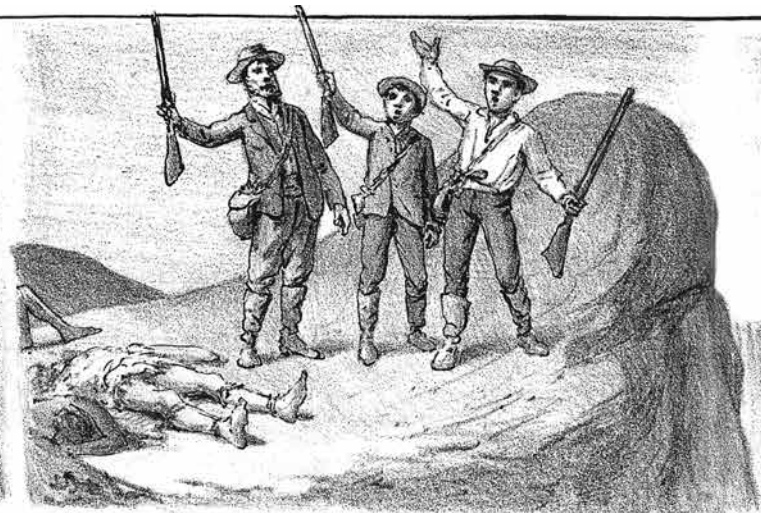


## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXXIII



– Bravo! disse o Zé. Tu és valente. E abraçaram-se.  
 – Foi meu o primeiro tiro sobre o chefe; depois, eu e meu pai  
 atiramos contra os outros.  
 – És um bom brasileiro, e eu te serei sempre grato.

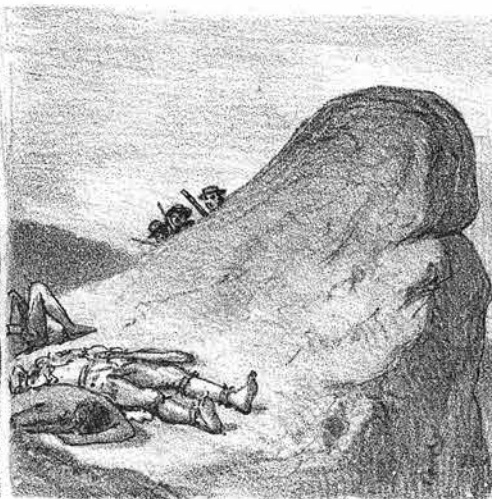


Juntando-se os três, juraram manter sempre o mesmo corajoso auxílio mútuo e o mesmo ardor até saírem daquelas matas, custasse o que custasse, salvando se fosse possível as duas vítimas que estavam prisioneiras.



Enquanto estavam a concertar qual seria o melhor plano de fugir e salvar ao mesmo tempo os prisioneiros, o mais moço que se tinha afastado um pouco disse:

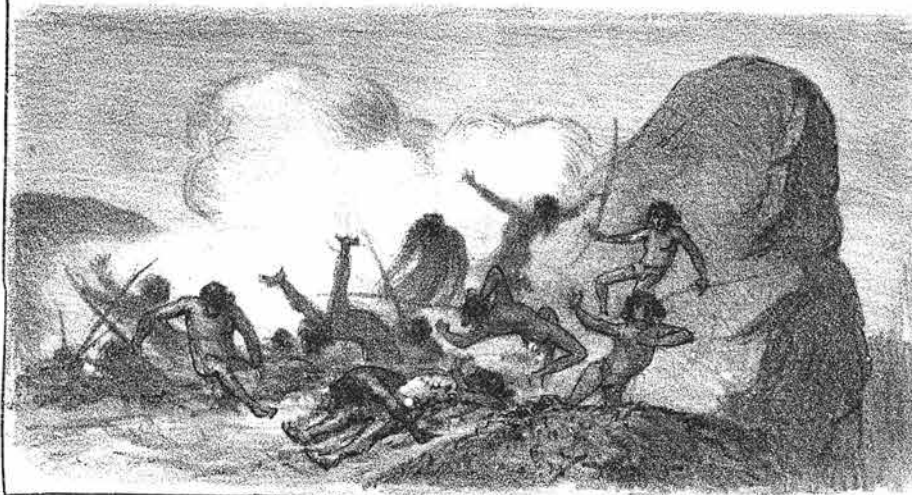
– Estou ouvindo rumor, creio que são índios que aí vêm.



Em um instante os três esconderam-se no único lugar que conheciam para isso e que não era mais do que uma pequena fresta em que mal se podia pôr o pé, a um metro abaixo do cume e à beira de um precipício horrendo.



Poucos minutos depois ap o barulho dos tiros havia ajunt Apenas deram com o ch ef medonha!



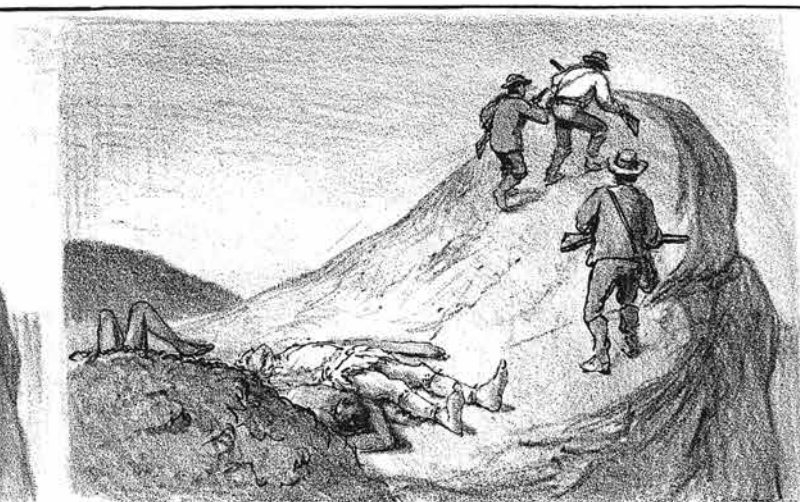
Parecia uma catástrofe espantosa; gritos delirantes, corpos a caírem varados pelas balas e pelo chumbo, procurando fugir caíam fulminados a tiros de espingarda e de revólver. Que cena horrível!



Quando o silêncio se estabeleceu, apenas ouvindo-se os fracos gemidos de alguns baleados mortalmente, os três companheiros contemplaram o campo, o campo da morte!

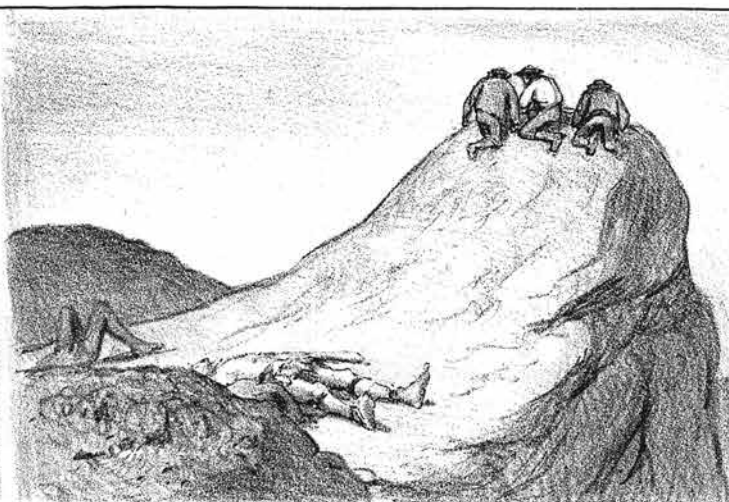


## A carnificina



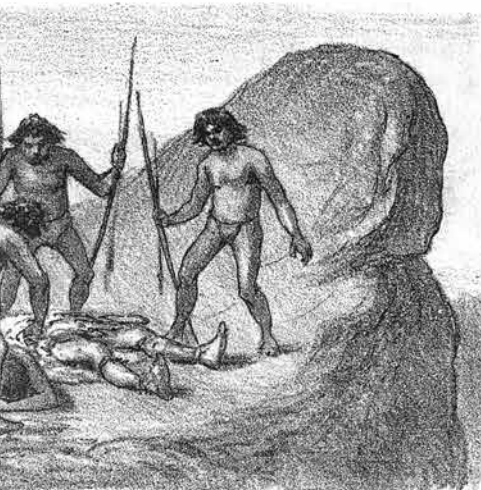
Isto feito, treparam no pico do morro a fim de ver se Inaiá e Cham-Kam estavam ainda amarrados.

Ambos se conservaram do mesmo modo sendo insultados pelas velhas e crianças.



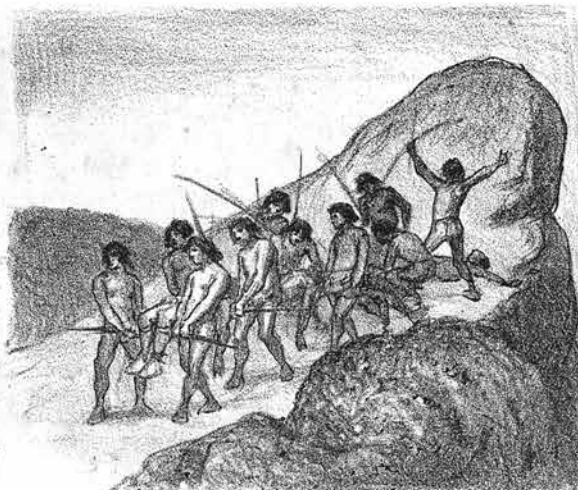
– Mas parece-me esquisito não ver mais índios, nem lá perto deles, nem embaixo do morro de onde me atiraram tantas flechas...

– Que quer dizer isso? Exclamou o velho.



depois apareceu grande quantidade de índios que havia ajuntado.

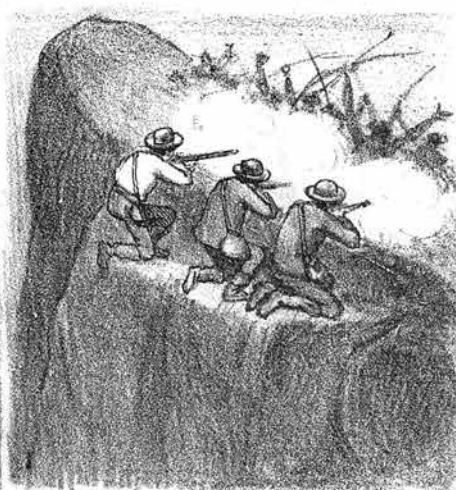
Um o chefe estendido e morto, fizeram uma vozeria



Não sabendo de onde vinham tantas mortes, vendo quatro estendidos com sangue a correr, ficaram um tanto preocupados e com receio.

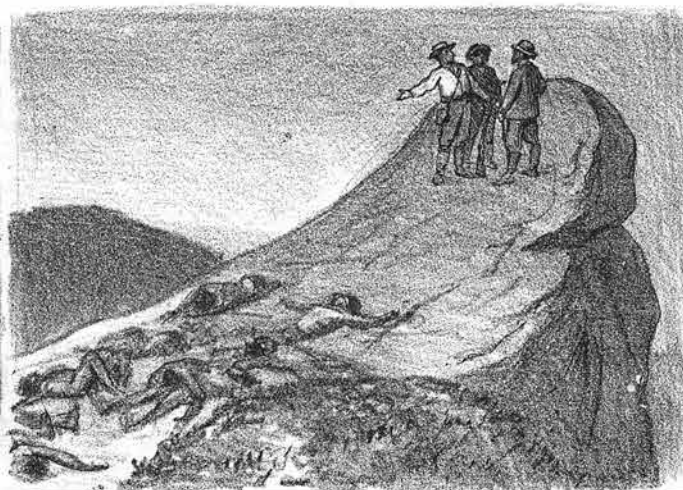
– O que temos de fazer é enterrar o nosso chefe e os outros companheiros.

Trataram logo de dispor as flechas e os arcos para carregá-los.



Do outro lado, os três, bem a contragosto, porém: – Antes a vida deles do que a nossa, disse o Zé, e... fogo!

Um efeito extraordinário de terror, com gritos de feridos fez-se então!...



– Com índios não se pode agir de outro modo, não há meio de convencê-los; ou eles morrem ou nos matam, pois que sejam eles, que fazem menos falta!

E assim conversaram para afogar os seus sentimentos humanos contristados com tantas vítimas.

Pouco depois, os novos amigos do Zé ficaram no mesmo posto prontos a acudir com o que fosse preciso para livrar Inaiá e Cham-Kam, enquanto o nosso herói, passando sobre os cadáveres dos índios, correu para libertá-los.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXXIV



Depois de ter corrido morro abaixo, Zé verificou que ninguém dera com o esconderijo em que pusera a fatiota e o seu machado. Para não perder tempo, deixou-os ficar no mesmo lugar e seguiu caminho.



Correndo sempre bem-armado e de revólver em punho para prevenir o caso de alguém querer lhe impedir a passagem por bem e ou por mal, descia o morro com rapidez.

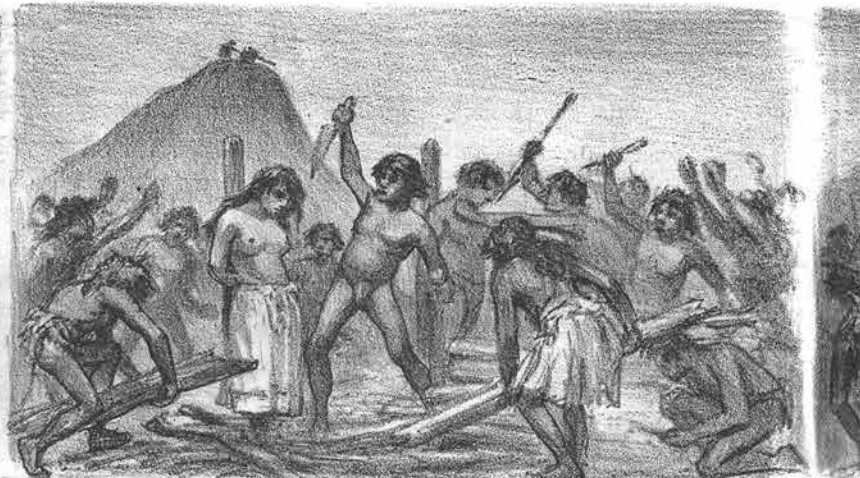


Quando, de repente, deparou com o morro também desciam, pareciam falar do que com certo terror. Zé ficou sabendo que conheciam a horrível cena e que a contrari-

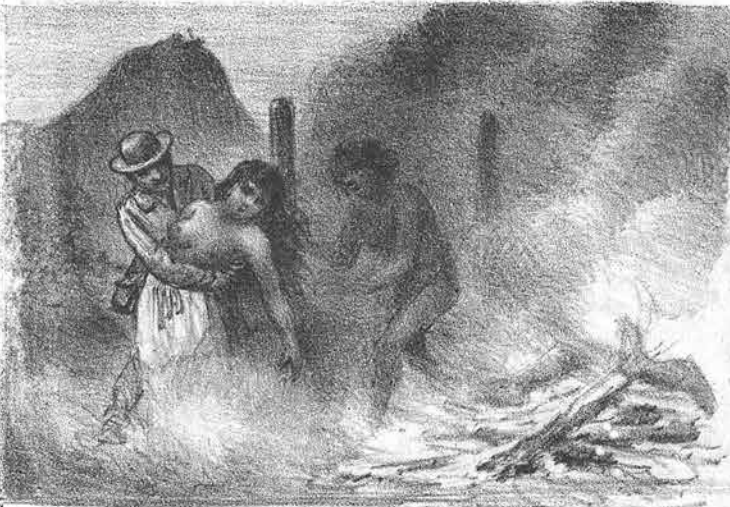


Ao chegarem ao acampamento, expuseram tudo o que sabiam: a morte do chefe e de mais companheiros e em seguida a destruição de todos quantos ali foram. Gritos de horror se fizeram ouvir de todos os selvagem.

– Morte aos prisioneiros, bradavam, são eles a causa de tudo!



E logo dois índios dos mais ferozes precipitam-se contra eles, fazendo-lhes ver as armas com que haviam de cortar-lhes, pouco a pouco, as carnes. Outros índios, querendo vê-los morrer queimados, acendem a fogueira que se havia desarranjado.



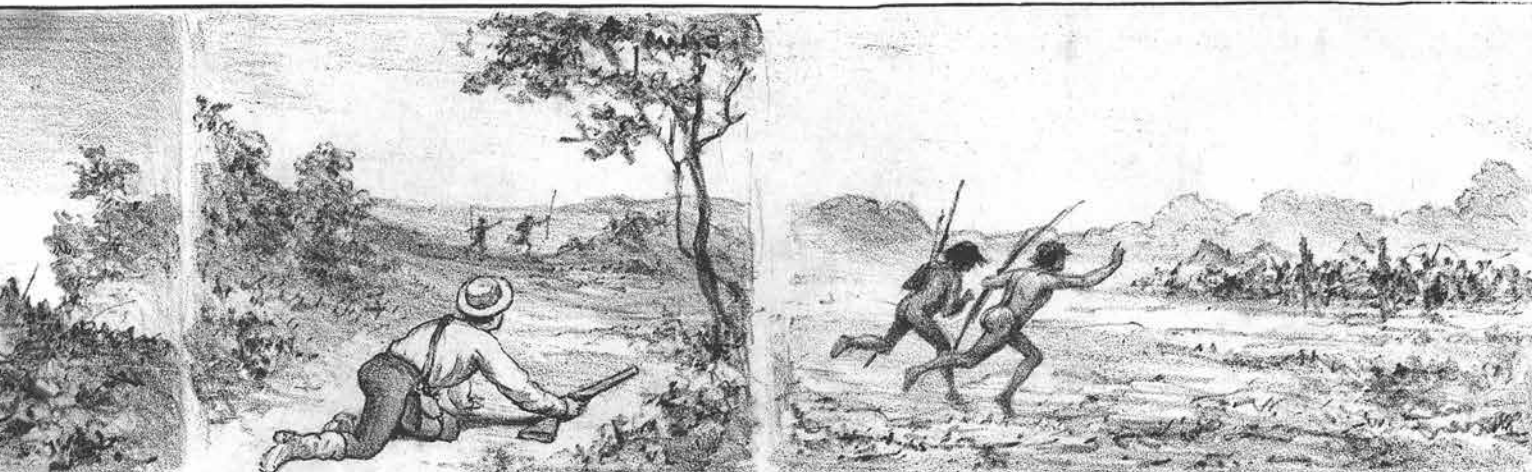
De repente uma lâmina cortou os cipós que prendiam suas mãos ao tronco, fazendo o mesmo às de Inaiá, que foi levada para fora dali sem sentidos.



Então todos os cuidados foram empregados pelo Zé, ajudado por Cham-Kam, que apesar de vítima dessa medonha cena de horror conservou sempre um pouco de forças que aplicou para salvar Inaiá.



## Onde depois das maiores torturas vêm a paz e a alegria

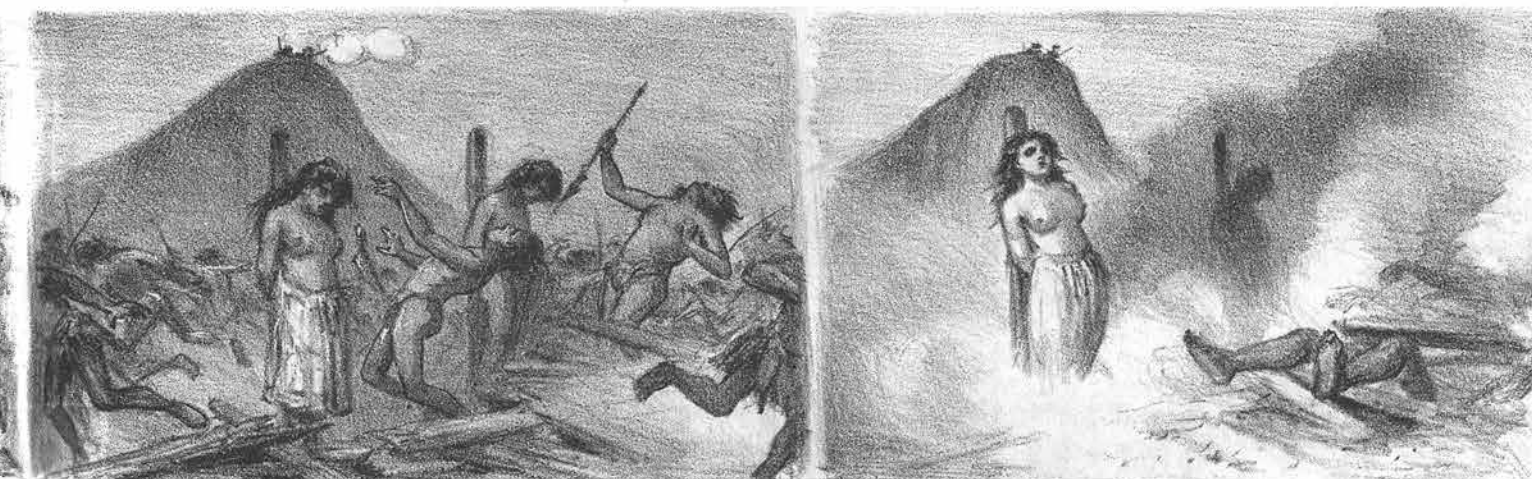


u com dois índios, que do que tinha havido quando que mais dois a contariam a todos.

Quando desceu em lugares onde podia ficar a descoberto, ele abaixou-se o mais possível para não ser visto. Por via das dúvidas, foi seguindo os índios, pensando que eles iriam para o acampamento. E assim foi.

E lá iam eles dizendo coisas horríveis sobre a sorte do grande chefe e dos que o seguiam!

– Morreram todos, como haviam visto a dez metros de distância, onde se achavam, tendo conseguido fugir sem saber como.



Quando se preparavam para desfechar o primeiro golpe nos prisioneiros, no meio da gritaria infernal, os dois algozes sentiram-se fulminados e caíram mortos. Os outros, ao verem esse prodígio, supuseram os prisioneiros sagrados, e um pânico fê-los fugir espavoridos.

Fugiram, e os dois caíram sobre os paus amontoados que há pouco formaram fogueira enorme.

Inaiá, vendo as chamas se aproximarem e sentindo-se perdida e talvez sufocada pela fumaça do braseiro, desmaiou.

A Cham-Kam ia acontecendo o mesmo.



Quando esta veio a si, reconheceu Zé como seu salvador, dela e de Cham-Kam, livrando-os de morrer queimados, não pôde conter as lágrimas de reconhecimento e de alegria por tê-lo de novo perto de si!... Ela o abraçou como a um pai.

Pouco depois dois vultos apareceram ao longe vindos do morro e foram se aproximando.

– O que é isto? disse Cham-Kam.

– São os que mataram os dois índios que ficaram em torresmos na fogueira!

– Que boa gente, disse Cham-Kam.

– Bem te dizia, respondeu Inaiá radiante.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXXV



Não tardaram a juntar-se e o nosso Zé abraçou-os como se fossem irmãos.  
 – Seus tiros foram tão certos que mataram os dois índios que...  
 – Sim, mas o senhor também livrou Inaiá e o outro do fogo que os ameaçava; nós do alto do morro vimos tudo.



Sem mais preâmbulos, Zé os apresentou. Ao ver Inaiá, os dois exclamaram:  
 – Mas é Cecília! Eu sou teu padrinho!  
 – Nós que tanto brincamos juntos, acrescentou o mais moço.  
 Não podendo conter sua alegria, Inaiá comovida disse:  
 – Sim, sou Cecília que vocês perderam desde que meu pai foi guerrear os bravos colonos.



Inaiá, o Sr. João e Alberto não paravam de conversar, mas o Zé observou:  
 – Sabem que mais? Vocês estão muito satisfeitos, mas eu estou com uma fome, mas uma fome!...  
 – Apoiado! Nós também!  
 E imediatamente tomaram-se as medidas necessárias para encontrar o que comer.



O Sr. João e Zé trataram do fogo, servindo-se de alguma lenha que encontraram no famoso e inolvidável braseiro onde deviam imolar Inaiá e Cham-Kam! Estes e o jovem Alberto trataram de procurar nas choupanas abandonadas o que pudessem encontrar.



– A as provisões?...  
 – Está tudo aqui, café, açúcar, lombo, tudo o que é preciso; como o cesto estava amarrado em mim, consegui, apesar das lutas com os bugres, não me separar dele.  
 – Mas isso é magnífico; meu pai e o Sr. Zé, que nada sabem, como vão ficar admirados!



Voltaram depois de verificar que nada havia de útil na cabana do chefe, e ao vê-los ao longe, Zé e o Sr. João ficaram assombrados de verem que sendo três quando foram, voltavam quatro!  
 – Que diabo é isso? Perguntaram.



## Feliz encontro



Os companheiros do Zé abraçaram-na como se fosse sua filha ou irmã.

Zé estava pasmo de alegria com semelhante encontro e Cham-Kam, atropalhado, mas contente, por ver que eram antigos conhecidos e que muito a estimavam.

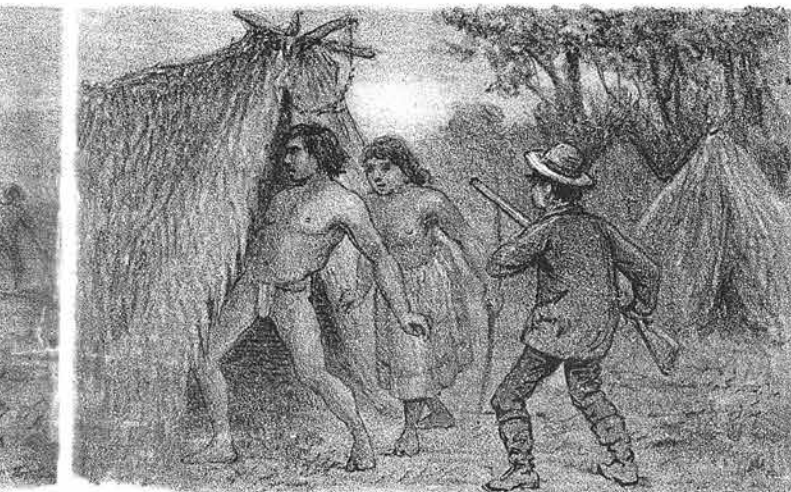


Afinal, Zé lhes disse:

– Vocês se conhecem, mas eu desejo muito saber o nome dos dois bravos amigos que encontrei nestas matas.

– Pois é o Sr. João de Melo, e seu filho, o Sr. Alberto, disse Inaiá.

– Pois eu sou o Zé, que hão de chamar CAIPORA, tais são as minhas aventuras, e o meu nome é José Corimba. E todos se abraçaram novamente.



Nada viram que servisse para comer; Cham-Kam dizia que era muito bom, e os outros que não prestavam para nada. O apetite do índio não estava de acordo com o de Alberto e Inaiá. Esta sentia necessidade de comer como civilizados.

De repente Cham-Kam manifestou o seu espanto diante de uma cabana onde via um homem negro.

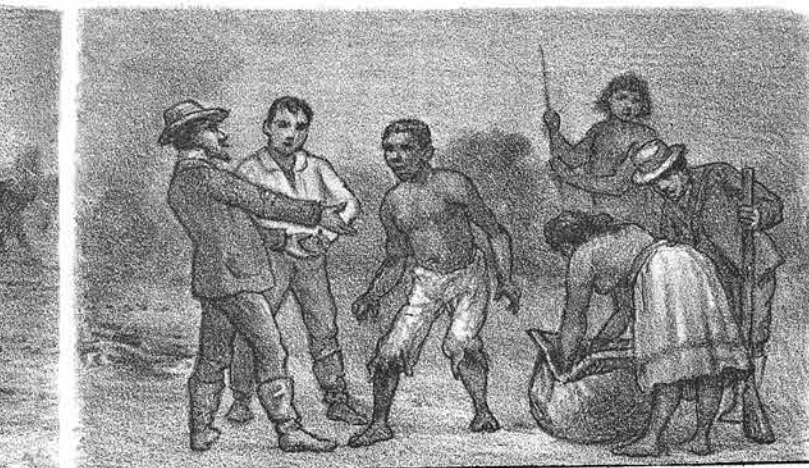


– Que é isso! disse Alberto.

Ao ouvir esta voz, um preto todo esfarrapado saiu daquele lugar e atirou-se a ele comovido.

– Ah! meu senhor, como sou feliz! Eu que só esperava a morte, vejo o filho do meu amo salvar-me!

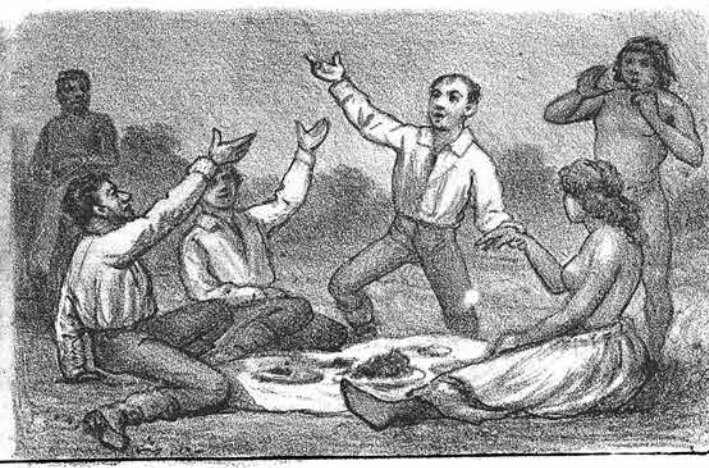
Era um preto encarregado do rancho de seu pai que assim falava.



– Ah! bravo! bravíssimo! E eu que pensava que estavas morto, e estás vivo!

– Sim, senhor, meu amo, com todas as provisões intactas para termos um excelente almoço.

Alberto contou tudo o que haviam visto. As cabanas dos índios eram apenas para alguns dias e provisórias, a do chefe com certeza devia estar bem longe dali. Naquelas, nada havia.



O primeiro almoço que fizeram, depois de tantas lutas, Zé, Inaiá, Cham-Kam, João e seu filho e por último o tio Joaquim, preto fiel deste, foi de alegria enorme.

Cada um contou o que havia passado, mas nenhum contou tantos episódios e tão tremendos como os de Zé e Inaiá!

Todos ficaram admirados com tanta audácia e tanta sorte!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo X XXVI



Depois de terem almoçado com apetite, Zé Caipora disse:  
 – Desta vez, sim senhor, estou radiante!  
 – E eu, então! Acrescentou o Sr. Melo. Estou satisfeitíssimo por ter encontrado a minha querida afilhada!  
 – E eu... nem se fala, concluiu Alberto.  
 O preto Joaquim tratou de arrumar a louça, enquanto Cham-Kam enterrava os ossos...



O Melo: – Bem, agora vamos todos lá para a fazenda!  
 Zé Caipora objetou que não podia ir sem trazer do mato o que lá havia deixado...  
 – E tu, Inaiá, não vens? Anda daí!  
 – Não posso deixar ficar sozinho o meu protetor... Isso, nunca!



– Bem, bem, como não posso demorar, vou indo na frente. Lá os espero. A minha fazenda é daqui a três léguas. Adeus, querida afilhada!  
 E caíram nos abraços de despedida.



Já longe, o fazendeiro Melo e seu filho Alberto ainda se voltaram acenando.  
 – Adeus, Zé! Você é o mais feliz dos caiporas. Inaiá! Cham-Kam! Adeus! O índio, porém, estava cabisbaixo...



– Que tens tu, Cham-Kam? Tão triste!...  
 – Não sei... Não é nada... Todos te querem tanto, Inaiá...  
 – Eu, pobre índio...  
 – Receias alguma coisa?  
 – Eu? Não receio nada... nada!



Daí a momentos, Zé Caipora, Inaiá e Cham-Kam voltaram para o mato, procurando o lugar em que Zé escondera a sua trouxa e o seu machado.



(Continuação do nº 163 do D. Quixote)



- É aqui mesmo, lembro-me bem. Foi na entrada desta furna que...



Um ronco formidável arrepiou os cabelos dos três companheiros, que se puseram em guarda!



E logo uma onça terrível com a dentuça arreganhada apareceu na entrada da furna, muito disposta a devorar os três imprudentes...



De um pulo, a fera arremessou-se contra o pobre Zé, que atrapalhado, disparou a espingarda para o ar.



Ouvindo o tiro inesperado, a onça tomou-se de terror e, dando outro salto, galgou por cima dos três camaradas, desaparecendo no mato sem achar uma espinha.  
Parecia levar o diabo atrás de si!

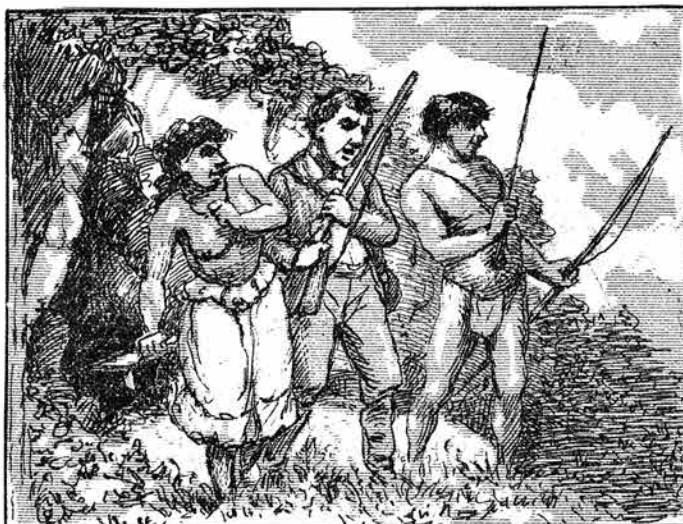


Zé Caipora, embasbacado e furioso, ficou muito admirado de não se ver com as tripas de fora... Inaiá explicou raivosa:  
- Naturalmente mataram-lhe a companheira, e o bicho assustou-se com o tiro.  
Foi então que Zé se lembrou da onça que havia sido morta pelo fazendeiro Melo e seu filho Alberto!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XXXVII



Passada a terrível impressão do susto, os três levantaram-se rapidamente e puseram-se em guarda.

Zé, carregou a sua espingarda. Cham-Kam opinou que a onça voltaria para os atacar...



Zé, tendo razões para acreditar que o índio falava a verdade, redobrou de atenção. E todos, afinal, na expectativa de um ataque, não perdiam o menor ruído que se produzia no mato.



De repente, um sussurro esquisito fê-los olhar para cima da gruta. Zé engatilhou a sua arma. Cham-Kam preparou-se com a melhor flecha e a valente Inaiá dispôs-se a dar o último golpe. Mas, afinal, descobriram que era um pássaro...



Um estrondo horroroso repercutiu pelas matas, obrigando os três companheiros a virar-se novamente. Não era nada, porém. Fora apenas um galho enorme de velho jequitibá, que se desprendera e caíra sobre os arbustos, quebrando-os.



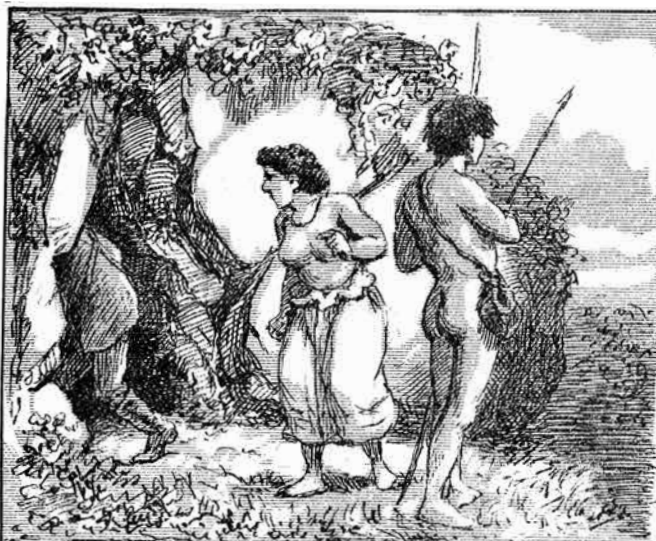
Depois de algumas horas de espera, cheias de ansiedade e variadas emoções, em que os três camaradas ora se viam vencedores da onça terrível, ora se viam estraçalhados por ela, Zé Caipora achou que bastava de trapalhada acrescentando:  
- Não estou mais para esperar o bicho!



- Mas, senhor! Olhe que a onça é traiçoeira... Nós seremos atacados...  
- Penso como Cham-Kam, disse Inaiá.  
- Ora esta!... Então eu vim buscar o meu embrulho, e hei de ficar aqui feito caçador de onças... que não aparecem?



## Horível desastre – pobre Zé!!!



E, sem mais nem menos, Zé Caipora penetrou na gruta!  
Inaiá resolveu segui-lo, pois nunca o deixaria só. Cham-Kam, porém, cada vez mais intrigado porque a fera não os tivesse atacado, resolveu ficar à entrada da caverna.



– Assim é melhor, murmurou o índio. Se o bicho vier, meto-lhe uma flecha, os dois acodem e, juntos, damos cabo dele.



Mal acabava de pensar assim, Cham-Kam ouviu um grande barulho dentro da gruta. Gritos de horror de Zé Caipora e de Inaiá denunciaram que uma cena terrível se passava...



Olhando bem, o índio viu uma onça, a mesma que fugira e que voltara à furna por outra entrada... Tremendo de raiva, Cham-Kam preparou o arco imediatamente.



Eis o que se passara: entrando na gruta, vira Zé o seu machado fora do embrulho e este todo esbodegado, e tudo espalhado no chão. Dispunha-se a apanhar os seus objetos, mas levantando a cabeça, deu com dois olhos de fogo que o fitavam sinistramente...



E, apenas fez um movimento para disparar a espingarda, sentiu-se agarrado com unhas e dentes pela fera terrível.

– Estou morto! Gritou Zé Caipora. E suas pernas dobravam-se ao ímpeto feroz do animal!

– Céus! Que horror! Rugiu Inaiá.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

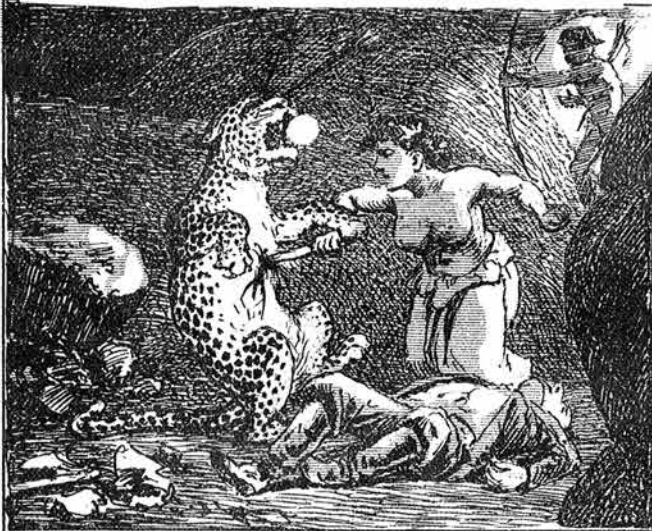
## Capítulo XXXVIII



Cega de raiva, a índia atirou-se como uma fera contra a onça, procurando feri-la mortalmente. Vendo isso, o terrível animal largou o Zé para atacar a brava Inaiá, quando uma flecha certa físgou-lhe um dos olhos...



A onça, desorientada pela dor, berrou sinistramente, procurando todavia desferrar-se com as garras do tremendo golpe da flecha. Inaiá, porém, que não perdia um movimento...



atirou-lhe uma valente facada no coração! Ao mesmo tempo, segunda flecha atingia a fera medonha. Cega e mortalmente ferida, a onça cambaleou e morreu!



Zé perdera os sentidos. Morta a onça, Inaiá tratou de chamá-lo a si, pensando-lhe ao mesmo tempo as feridas produzidas pelas garras do animal. Cham-Kam aproximou-se, comovido e penalizado.



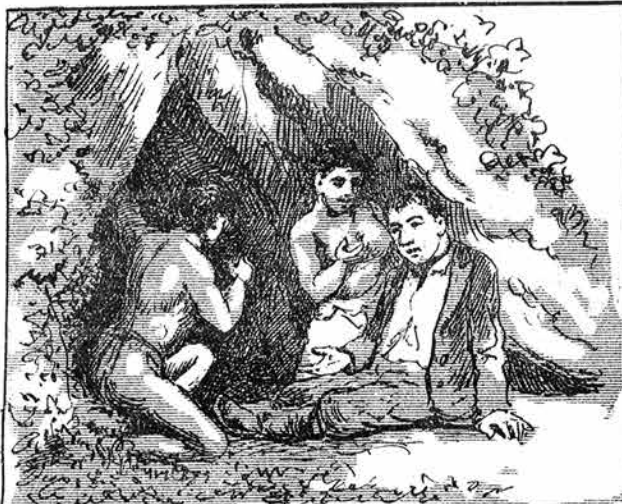
E os dois deliberaram, então, carregar o pobre moço para fora da gruta sinistra, a fim de que ele respirasse o ar livre da mata.



Dentro em pouco o ferido recuperou os sentidos. Vendo-se com a cabeça recostada no colo de Inaiá e notando o interesse fraternal de Cham-Kam, Zé Caipora sentiu-se feliz entre aqueles amigos que o salvaram da morte.



Que será ?



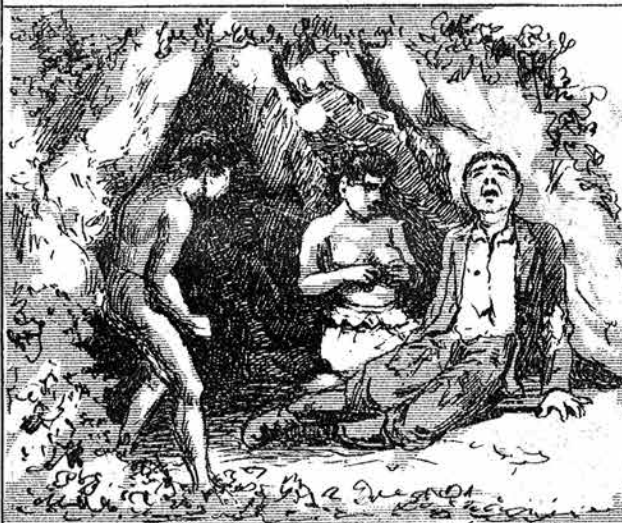
- O que eu vi na luta terrível - disse Zé - foi Inaiá de faca em punho. Não vi mais nada...

- Pois eu apenas ouvi os gritos, armei o meu arco e zás! Mandeí uma flecha e logo em seguida outra; mas não foram elas que mataram a onça...



- Então, foi você, Inaiá?

- Não sei. O que sei é que aproveitei a ocasião em que a onça ficou cega pela flechada e arrumei-lhe com quanta força tinha uma facada no peito! Parece que foi isso que a matou.



- Ai! ai! Gemeu Zé Caipora. Estas feridas estão doendo muito!

- Não é nada - acudiu Inaiá. São apenas uns arranhões, e Cham-Kam vai buscar umas ervas que curam isso imediatamente. E já acudiu o índio. E saiu.



Ficando só com a índia, Zé Caipora começou a recordar as peripécias da sua vida através do mato.

Lembrou-se do companheiro morto pelos selvagens e ocorrendo-lhe a idéia do embrulho, pediu a Inaiá que o fosse buscar dentro da gruta.



Inaiá foi e daí a pouco voltava, dizendo para Zé:  
- O seu companheiro tratava-se bem... Há vários objetos de valor e aqui tem o seu paletó e a sua carteira.  
Zé Caipora recebeu-os comovido.



Abrindo a carteira, deu com um papel escrito e principiou a lê-lo com atenção. A leitura interessava-o cada vez mais.

De repente, levantou-se; releu a tremer um certo ponto exclamando por fim:  
- Mas que é isto, meu Deus?! Será possível?!...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

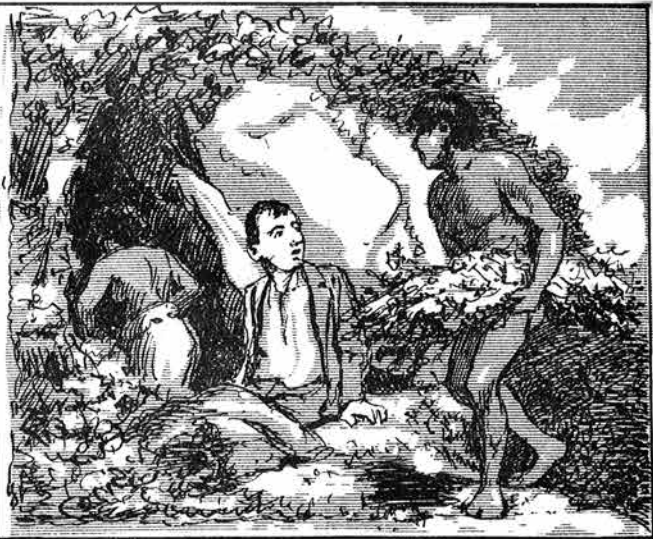
## Capítulo XXXIX



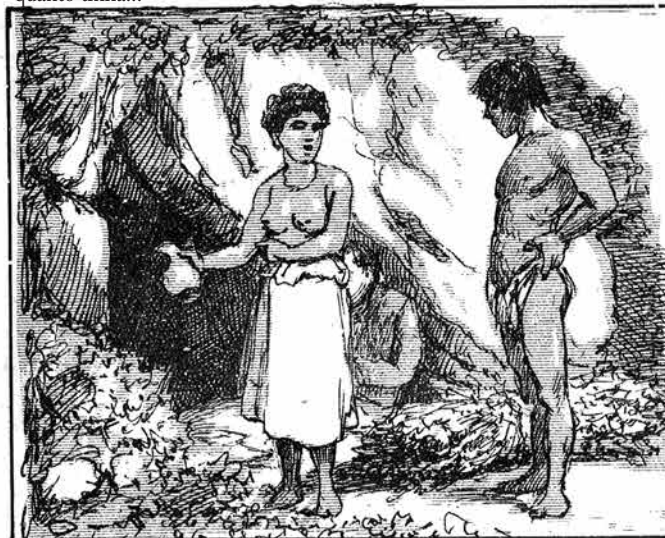
– Era meu tio!...

– Quem?

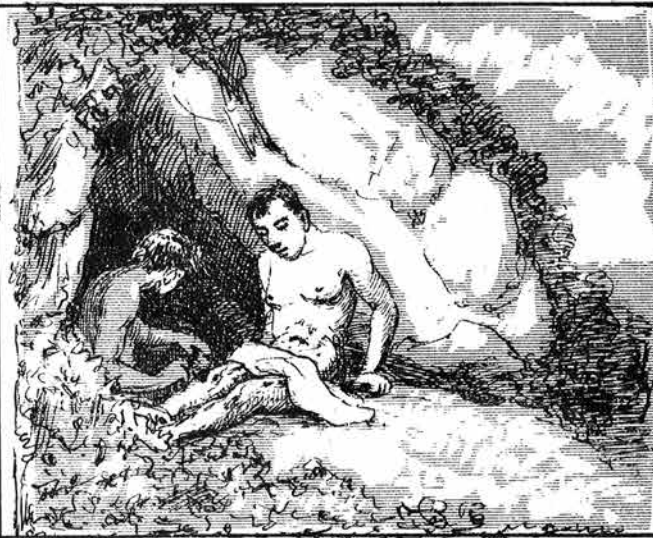
– Aquele que os índios mataram e eu enterrei!... E ele deixou-me tudo quanto tinha...



– Cá estão as ervas curativas, interrompeu Cham-Kam, porém como hei de cozinhá-las? Posso fazer fogo com dois paus, mas o resto?



– Pronto! – Acudiu a solícita Inaiá. – É uma cafeteira ou coisa que o valha e serve muito bem para o caso. Quem não tem cão caça com gato.  
– Vamos a isso!



Fizeram fogo, cozinharam as ervas e Cham-Kam tratou logo de aplicar o remédio, sendo preciso pôr-se o Zé quase nu. Inaiá foi para o mato procurar outras raízes a fim de apressar a cura.



Vendo, porém, que se demorava, os dois estranharam isso:

– Que demora será esta, Cham-Kam?

– Não sei, mas vou já saber. Fique tranqüilo!

E pegando no arco e nas flechas saiu para o mato.



Ficando sozinho, Zé Caipora entrou a pensar no seu bom tio que ele só vira quando pequenino.

Estava longe de pensar que fosse o homem que ele enterrara! Zé amaldiçoava a sua sorte bendizendo a bondade do tio morto, que o fizera herdeiro de seus bens... E assim embalado, adormeceu.



## O que terá acontecido?



Cham-Kam apenas saiu da boca da gruta, quedou-se perplexo:  
- Seria por aqui que Inaiá entrou na floresta? Impossível adivinhar!



Ou seria por aqui? Quem sabe?  
Parecia-lhe ouvir gritos de Inaiá, mas a repercussão do eco atrapalhava tudo...



Cham-Kam redobrou a atenção, mas, desesperado, exclamou:  
- Qual! Não ouço nada! Só barulho de mato! Só o vôo e o canto dos pássaros...



A um dos seus gritos estridentes, chamando por Inaiá, pareceu-lhe ouvir alguma coisa parecida com a voz humana. Ficou atento.



Deu novo grito:  
- Inaiá! - ouvindo então distintamente, em resposta:  
- Salve-me, Cham-Kam!

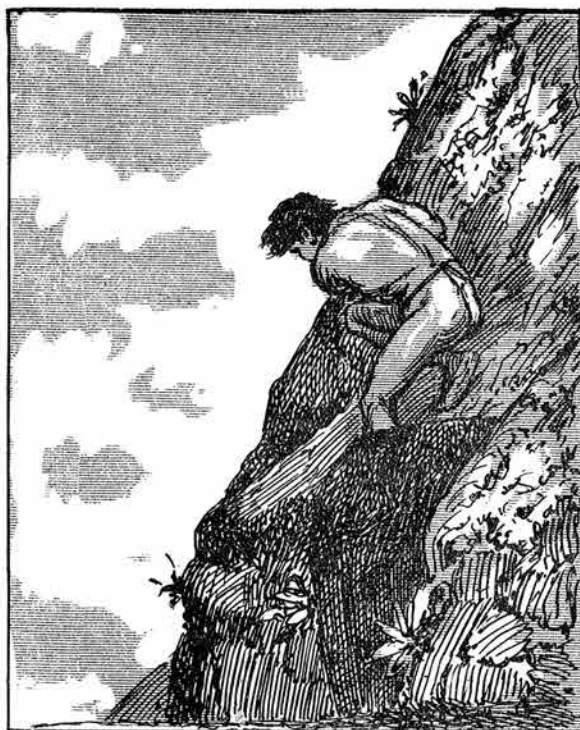


A este apelo aflito, o índio estremeceu, encheu-se de arrojo, desceu pelo precipício de pedras escorregadias, conseguindo chegar perto do lugar onde devia estar a sua companheira:  
- Inaiá! Inaiá!  
- Cham Kam! - respondeu a pobre moça!

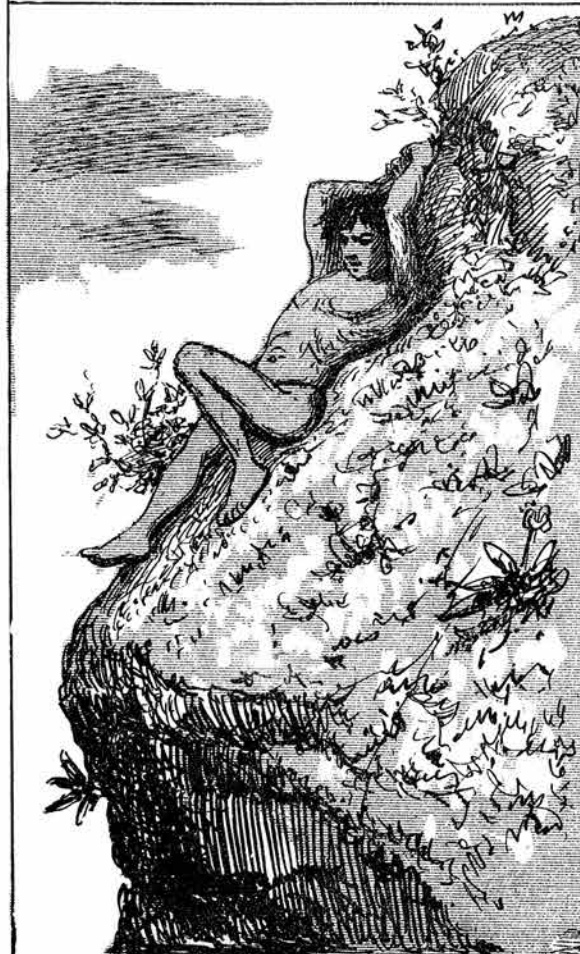


## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XL



No meio da maior aflição, desceu o índio pelo rochedo a pique, procurando aproximar-se de Inaiá.



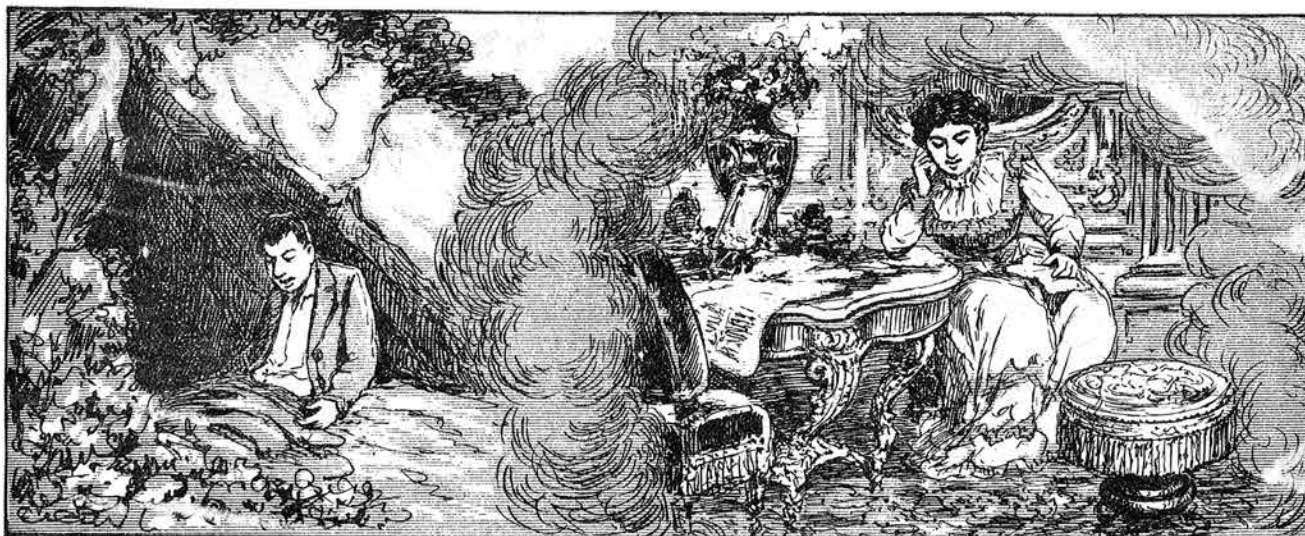
Num momento terrível, quase despencou pelo abismo! Mas, coragem! Ela lá estava em baixo. Cham-Kam ouvia a sua voz meiga e plangente.



Fez um último esforço e pôde vê-la, então. Ir mais além, era impossível! Nem uma raiz a que se pudesse agarrar! – Inaiá! Inaiá!  
– Ai! Cham-Kam, gemou a pobre moça!  
E erguendo o braço, como que a despedir-se, desfaleceu.



## Pobre Inaiá!



Enquanto isso se passava, Zé Caipora continuava a dormir como um justo.  
Sonhava com a filha da Baronesa, sua namorada...

Estava sentada, triste e pensativa. Havia lido todos os jornais e nenhum lhe dava notícias do Zé...



Depois perguntou à mucama se ouvira dizer alguma coisa a respeito dele.  
- Nada, não senhora! Depois *daquele dia*, nunca mais ouvi falar nele.

Entretanto, o primo aborrecia a namorada do Zé com seus pedidos constantes de casamento.  
- Sou um tanto louco, mas quando casar serei um modelo...  
- De loucura! concluiu ela.



Neste ponto do sonho, Zé Caipora acordou. Vendo-se em pleno mato e ferido pelas garras da onça, esqueceu a sua namorada, caindo na realidade da situação.  
- Onde estarão Inaiá e Cham-Kam?  
E chamou-os, em vão!



Meu Deus! É já noite e eles não aparecem! Inaiá! Cham-Kam!  
Nada! Ninguém respondia. Só o eco das montanhas reboava pelo espaço os nomes dos companheiros do Zé!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XLI



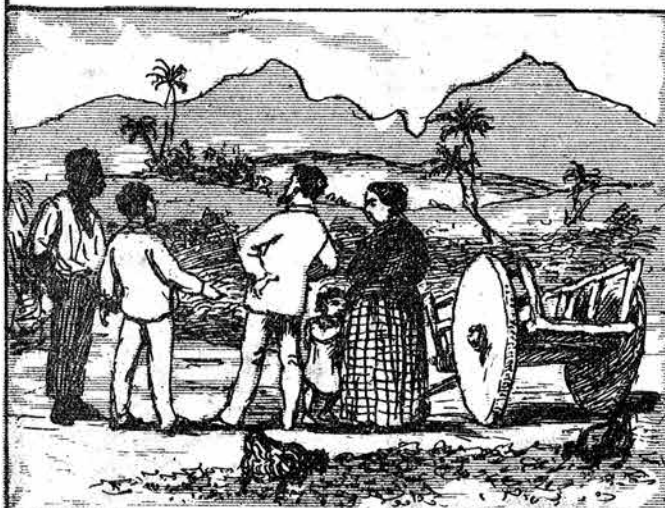
Percorridas as três léguas, o Sr. João e Alberto chegaram à fazenda de onde vieram todos a abraçá-los.



Depois das festas de chegada e das perguntas sobre a demora, o Sr. João pediu o jantar.  
- Estou com uma fome canina!



Durante o jantar, o Sr. João Melo, auxiliado pelo Alberto fez a resenha das tremendas peripécias da viagem, dos perigos em que esteve o Zé Caipora, o primeiro almoço, etc.



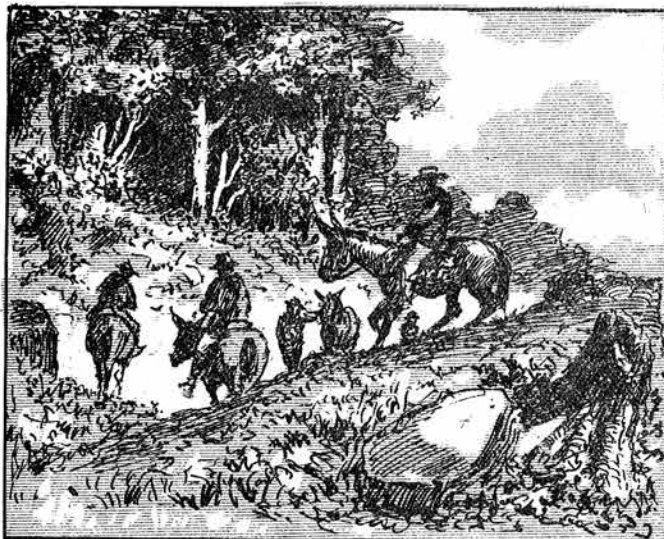
Pela manhã estranharam todos que Zé, Inaiá e Cham-Kam não tivessem ainda aparecido.



Ao meio-dia, o Sr. João resolveu organizar uma tropa para ir buscá-los.



## Cham-Kam desesperado!



Tio Joaquim era de opinião que entrassem logo no mato deixando presos, na entrada da floresta, os seus animais. E assim o fizeram.



O caminho era cheio de acidentes e muito íngreme, mas dizia o Tio Joaquim, encurtava muito o trajeto. Mal tinham dado alguns passos ouviram uns gritos e...



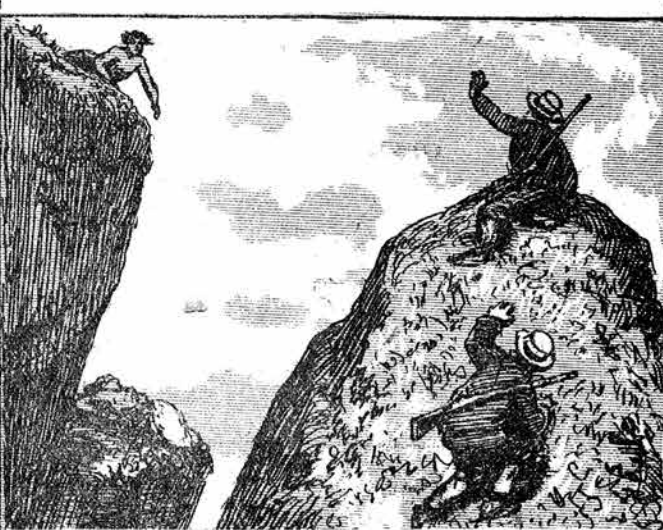
... foram para o sítio de onde vinham eles. O caminho cada vez era pior...



— Esperem! disse o Sr. João Melo. Parece que estão gritando Inaiá! Inaiá! Correrá ela algum perigo? Santo Deus! Vamos mais depressa!



E continuou a subida, entre as maiores dificuldades possíveis. Afinal...

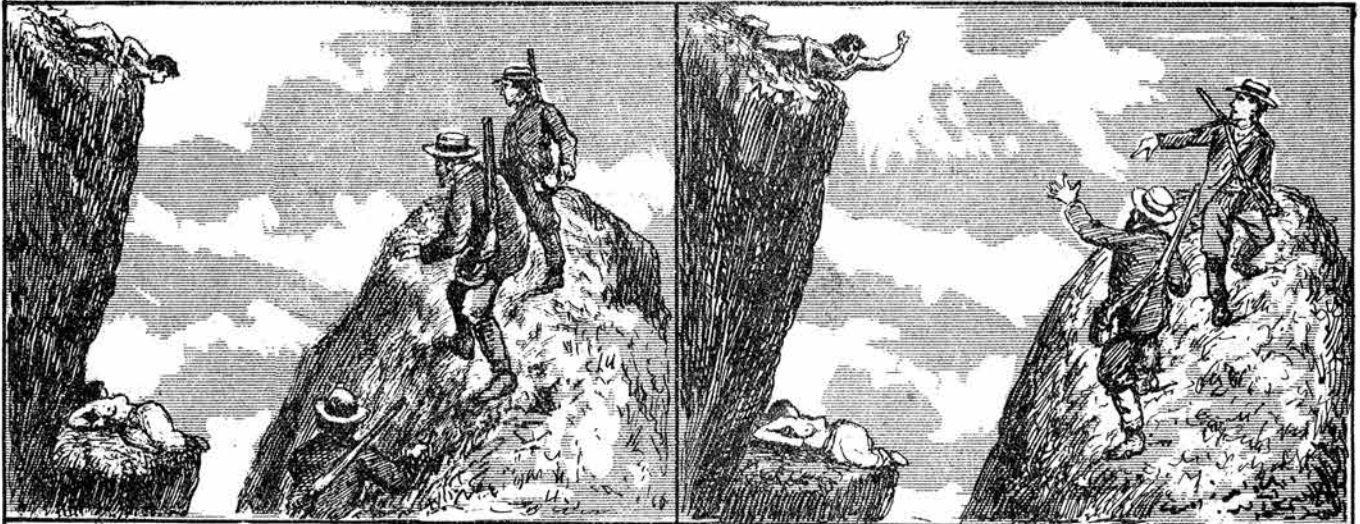


... Alberto gritou: Vejo Cham-Kam no outro rochedo. Cham-Kam! Cham-Kam! O índio levantou a cabeça e, com a dor estampada no olhar turvo, apontou para baixo do rochedo. Os que tinham podido chegar até ao alto, olharam e recuaram aterrorizados: No fundo do precipício estava Inaiá estendida e talvez morta!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XLII



Vendo a pobre índia, não puderam reprimir um grito de horror e compaixão. Como salvá-la naquele lugar terrível? Depois de rápida reflexão, falou Alberto:

– Eu me encarrego de ir buscá-la.

Cham-Kam criou alma nova quando viu aquela gente conhecida, e ouviu que salvariam Inaiá. Esta, desfalecida e com o corpo ensanguentado, jazia em completa imobilidade.

– Morta ou viva – exclamaram todos – havemos de tirá-la dali!



E o fazendeiro Melo e seu filho desceram o morro para encontrar o tio Joaquim.

Sabedor do que ocorria, o velho africano apressou-se a cortar cipós da melhor qualidade, para fazer uma corda.



Isso feito, galgaram o morro em que estava Cham-Kam. Fortemente amarrado e segura a corda por seu pai, Alberto desceu com grande dificuldade a encosta escarpada...

Até chegar junto ao índio que, vendo Alberto amarrado ao cipó, declarou entre contente e penalizado:

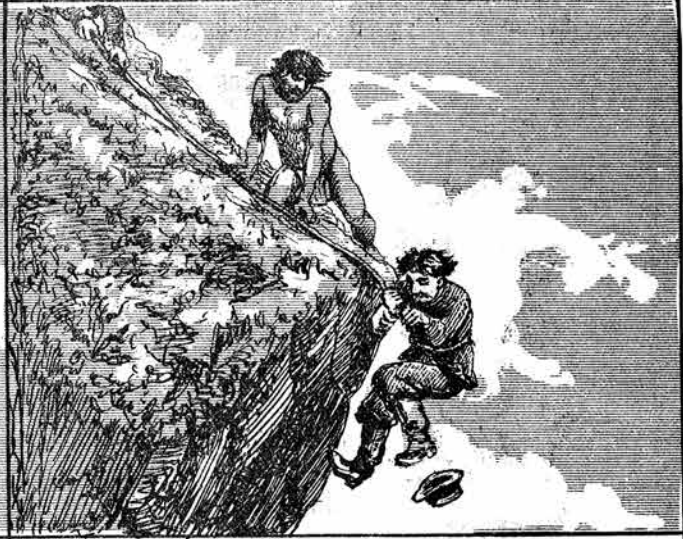
– Isso queria eu arranjar, mas como sair daqui?



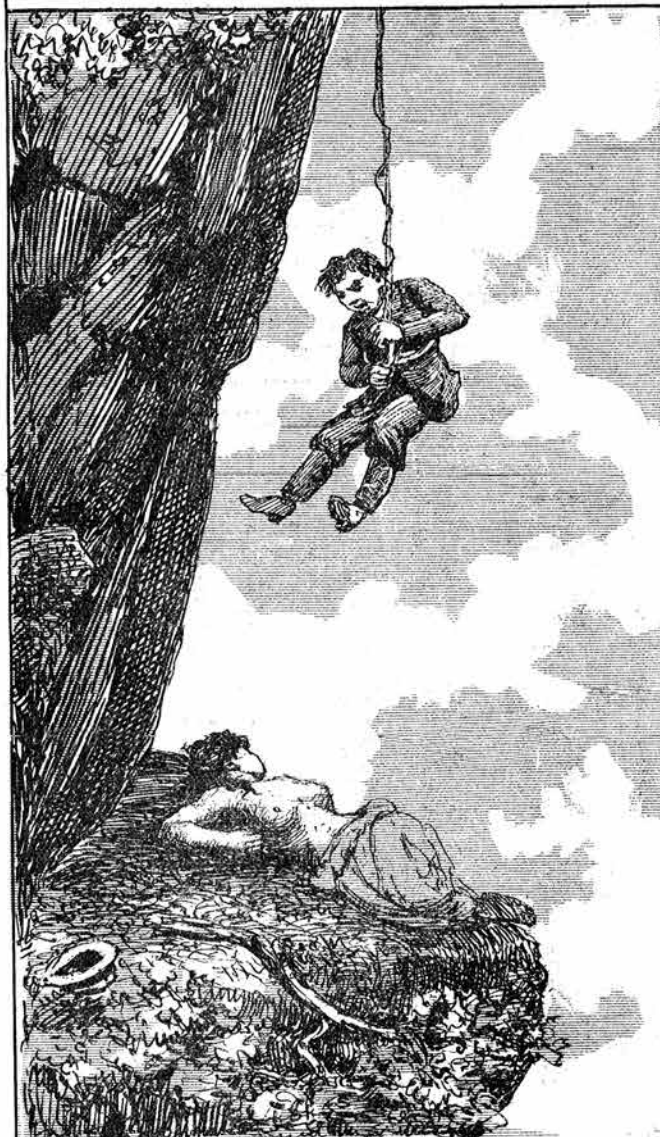
### Como trataram de salvar Inaiá



Depois, vendo que Alberto ia descer ao precipício, objetou:  
 – Não; vou eu lá abaixo! O senhor pode morrer...  
 – Pouco me importa isso, Cham-Kam! Ademais, você está bastante ferido.



Convencido da coragem do moço, Cham-Kam resignou-se a ficar, ajudando a segurar a corda de cipó que os outros mantinham presa mais acima. E Alberto atirou-se resolutamente no espaço.



A corda ia escorregando vagorosamente por entre as mãos do pai de Alberto e do índio, e o corajoso moço foi descendo, descendo, com os olhos fixos no corpo de Inaiá.

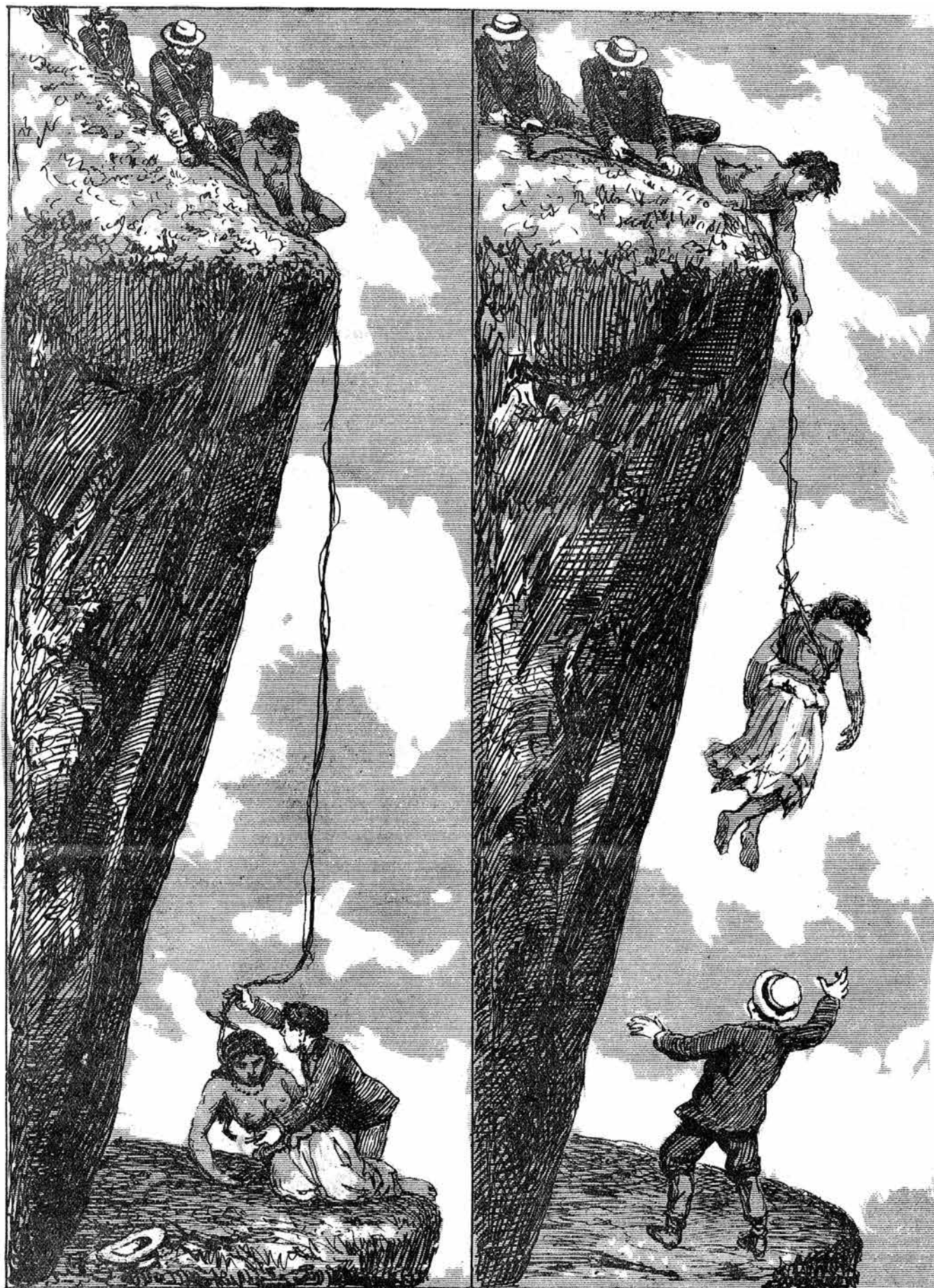


Pisando terra firme, Alberto precipitou-se ansioso sobre a índia desfalecida, e pondo-lhe uma mão sobre o rosto e outra sobre o coração, gritou:  
 – Inaiá! Inaiá! Cecília! Cecília!  
 A índia entreabriu os olhos, murmurando baixinho:  
 – Cecília? E cerrou de novo as pálpebras.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XLIII



Alberto estremeceu de alegria quando a ouviu falar e quando ela pronunciou o seu nome, ele lhe disse:

– Sim, Cecília, Inaiá, como quiseres! Volta à vida!

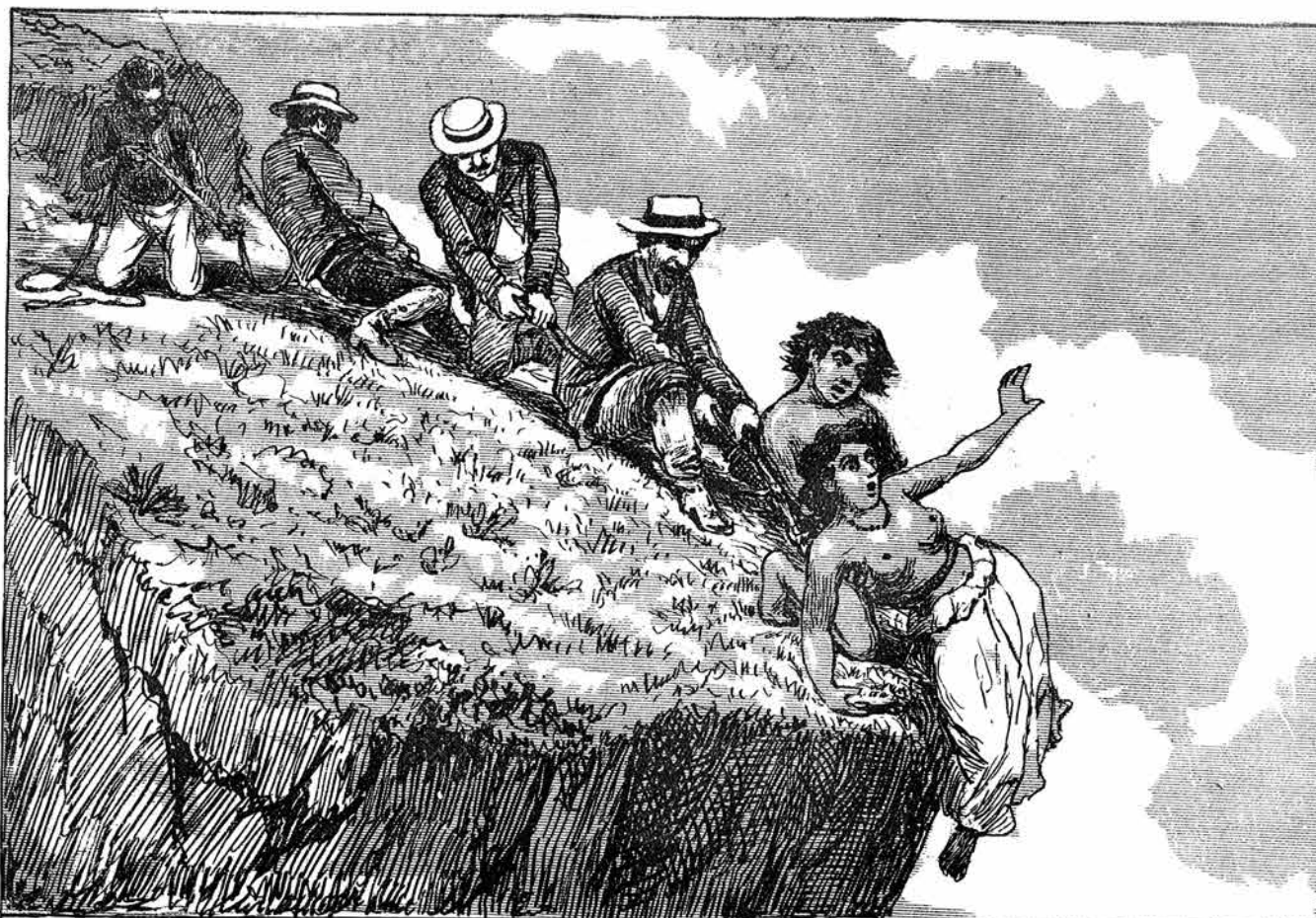
Mas Inaiá tinha de novo desmaiado. Alberto, à vista da situação amarrou-lhe o cipó, fortemente, em volta do corpo, para que Inaiá fosse içada pelos companheiros.

Aos esforços dos que estavam em cima do rochedo, Inaiá foi subindo lentamente e ainda completamente desfalecida.

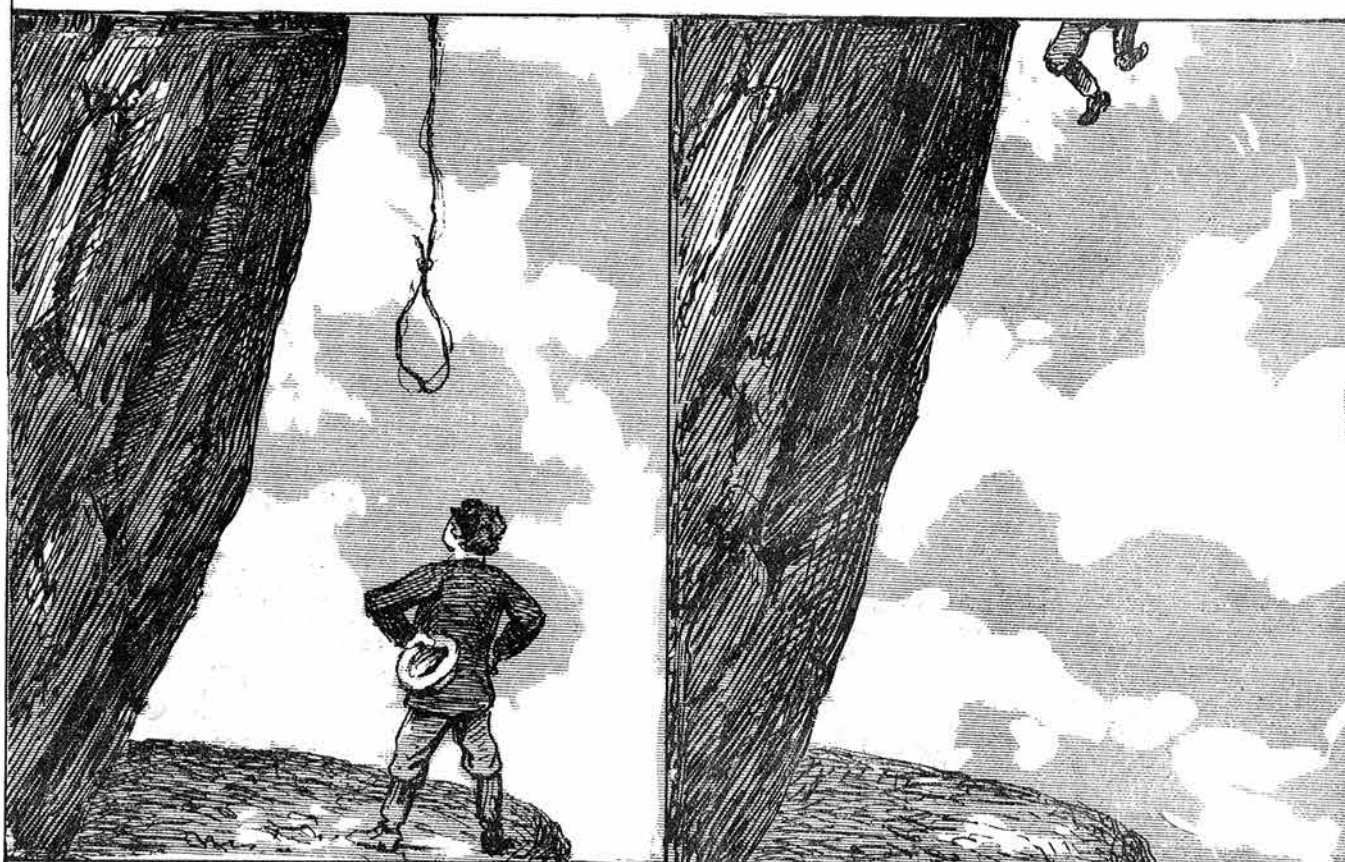
Alberto, ansioso, via Inaiá subir e rogava a Deus, com fervor, para que nada houvesse de mal na arriscada travessia.



## A salvação de Inaiá



Durante a viagem aérea, Inaiá voltou a si e vendo-se no espaço deu estridente grito que fez assustar os seus salvadores. Cham-Kam, porém velava e, com um pouco mais de esforço levou-a até ao cimo do rochedo.



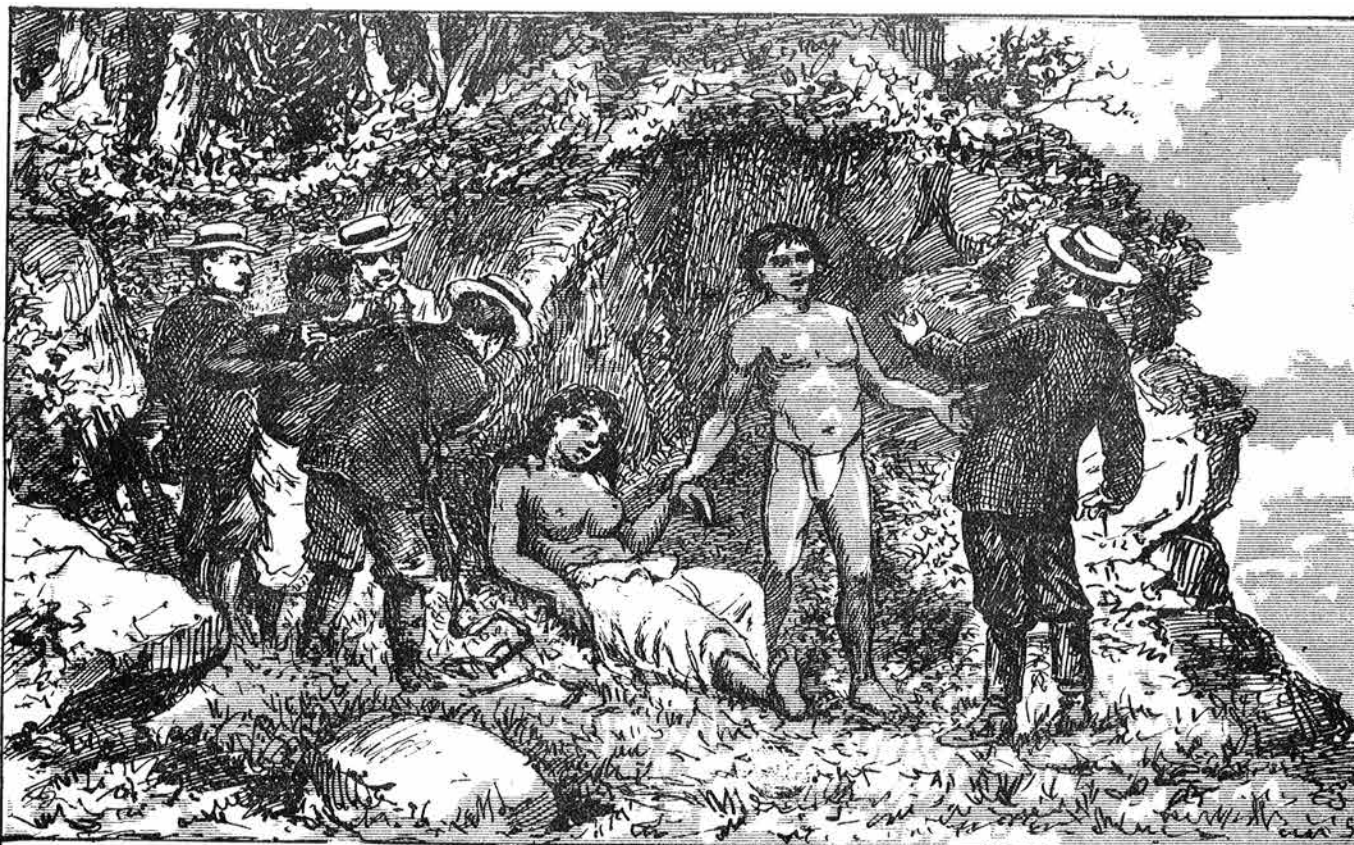
Feito isso, o cipó salvador tornou a descer e Alberto preparou-se, por sua vez, para subir.

E aos esforços reunidos dos seus companheiros, o cipó retesou-se e Alberto foi subindo, lentamente, até a crista do morro, onde Inaiá o esperava.

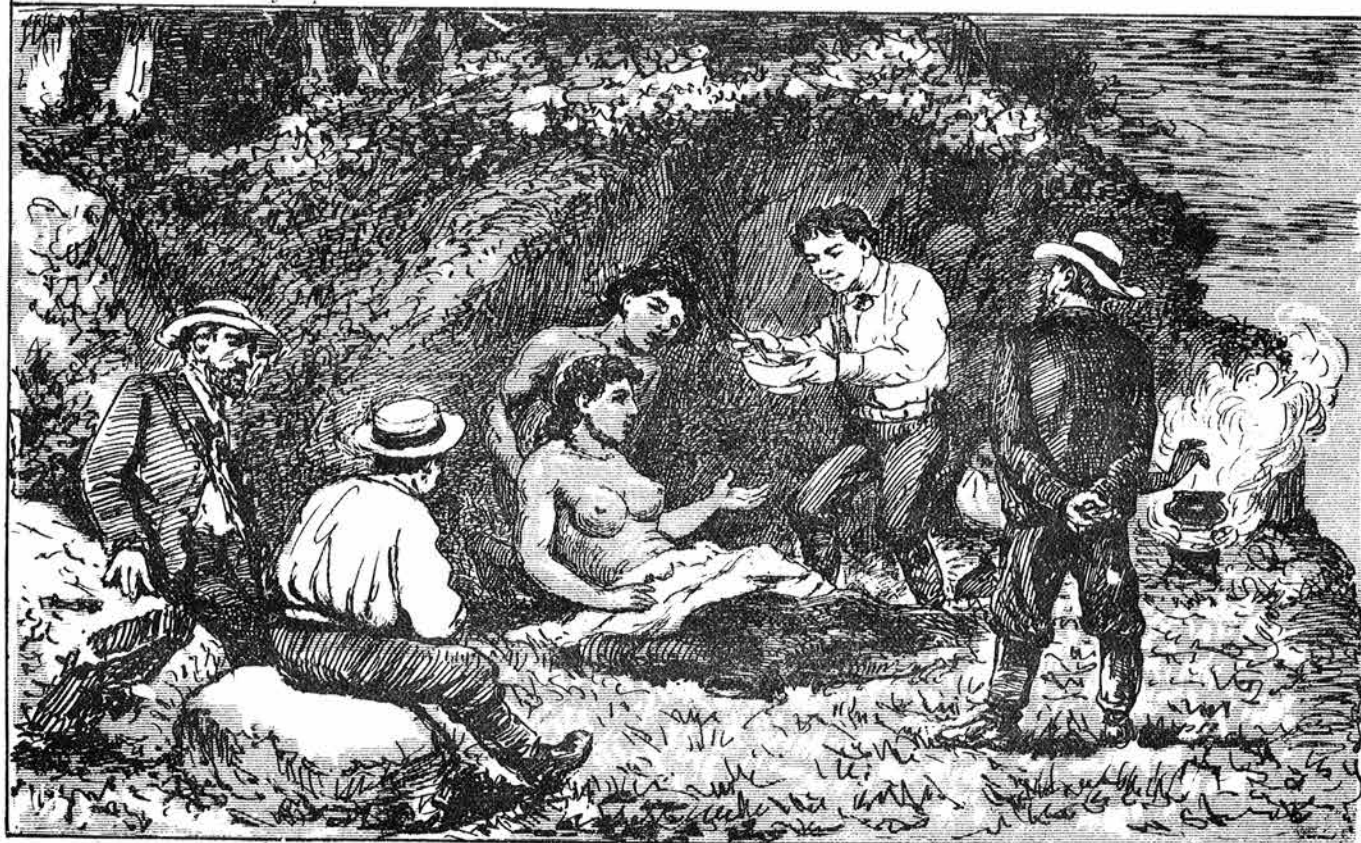


## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XLIV



Retirados Inaiá e Alberto do horroroso precipício e depois de abraços e felicitações, o fazendeiro Melo interrogou Cham-Kam.  
 – Bem; agora que Cecília está salva... onde está o Sr. Zé?  
 – Está lá em cima, ao pé da gruta, ligeiramente ferido por uma onça. E o índio contou todas as peripécias que se haviam dado, após o dia da separação. Comovidos e admirados, resolveram ir imediatamente em socorro do Zé que devia estar desesperado! Mas a noite aproximava-se e o tio Joaquim aconselhou que ficassem ali.



Mesmo porque Inaiá estava ferida e desanimada e era preciso cuidar dela. Foi ainda o precavido africano, velho mateiro, que acudiu a situação, tirando do seu saco objetos indispensáveis para fazer um cozimento de ervas e arnica, que Alberto se encarregou de dar à pobre índia. Reanimada pelo cordial, e enquanto o tio Joaquim preparava o café, Inaiá dispôs-se a satisfazer a curiosidade de todos, narrando como tinha ido parar naquele precipício.  
 Fora assim:



## A narração de Inaiá



Estava procurando ervas medicinais para o Zé Caipora, quando vi umas de muito boa qualidade.  
Aproximei-me...



... mas senti fugir-me a terra debaixo dos pés e caí.



Procurei agarrar-me a qualquer coisa, mas sem resultado.



De repente – que horror! – senti-me cair no espaço...



... e depois sobre uma árvore a cujos ramos me agarrei. Com o peso do corpo e a força da queda, o galho não resistiu, partiu-se e lá fui eu precipitada no abismo!



Caí no lugar em que os senhores me encontraram, agarrada a essa parte da árvore que me serviu de tábua de salvação, minorando o choque.

Não me senti ferida porque com a vertigem da queda e o horror da minha situação, desfaleci.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XLV



Vendo que nem Inaiá nem Cham-Kam respondiam ao seu chamado affito, Zé Caipora assustou-se de veras. Tratou de se vestir como pôde, pegou na espingarda e saiu a procurá-los.



Andou muito tempo pelo mato, chamando em vão pelos companheiros. Nada! Imaginou então que o melhor seria dar um tiro, mas verificou que se esquecera dos cartuchos... Que fatalidade!



Quis voltar para a entrada da gruta: a noite, porém, aproximara-se. Era quase impossível e perigoso afrontar o mato.



Desistindo dessa idéia, trepou a uma árvore, a fim de se colocar em segurança. Doíam-lhe muito os ferimentos.

– Ora, bolas! Exatamente quando íamos sair do mato é que aconteceu tudo isto! Sou mesmo muito caipora! Exclamou desapontado.



De repente ouviu uma voz que dizia: – Inaiá! Inaiá!  
Zé quis gritar também para se dar a conhecer, mas por mais esforços que fizesse, sentiu que perdera a voz.  
– Bonito! – pensou de si para si – apanhei uma tremenda constipação. Estou frito!



Procurou mover as pernas. Que dores horríveis! Com o esforço que fizera as feridas abriram-se... Zé Caipora desanimou. Nem dar tiros, nem falar, nem mover-se! Era demais!

O pobre rapaz desesperou.



## O que era feito do Zé



Voltemos a Inaiá que acabara de contar como havia caído no precipício.

– Mas você está contusa e ferida...

– Sim, é verdade, porém na ocasião da queda nada senti. Depois de algum tempo ouvi que me chamavam. Compreendi: era Cham-Kam; avistei-o em cima no rochedo, mas... desfaleci. Só dei acordo de mim à voz de Alberto, chamando-me pelo meu nome de batismo – Cecília!

Acabada a narração de Inaiá e estando todos muito fatigados, resolveram acomodar-se e dormir até o dia seguinte.



Passou-se algum tempo, quando um dos camaradas, ouvindo ruídos estranhos, levantou-se atento e pronto para o que desse e viesse.



Acordou o companheiro:

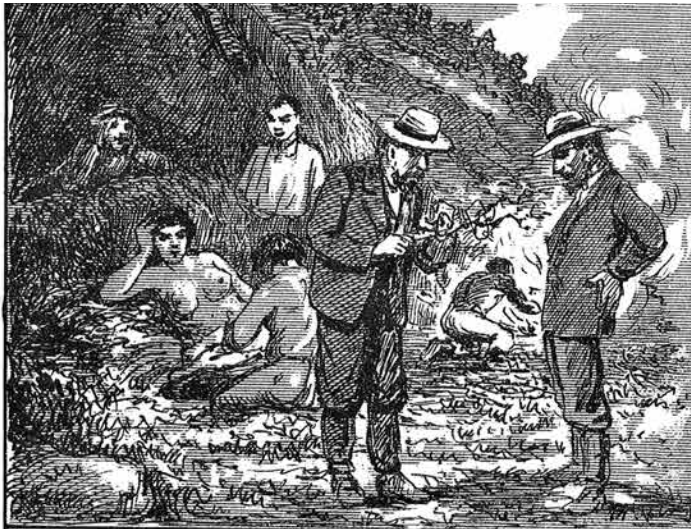
– Não estás ouvindo? Temos novidade!

– Ouço realmente uma coisa fora do comum... Que diabo será isso?

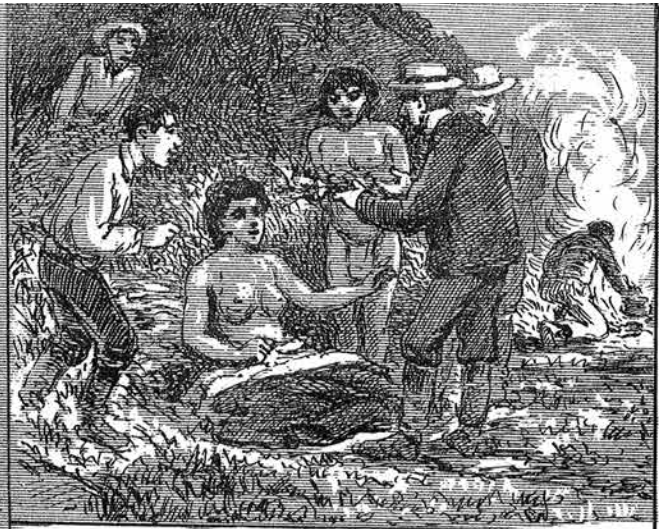


## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XLVI



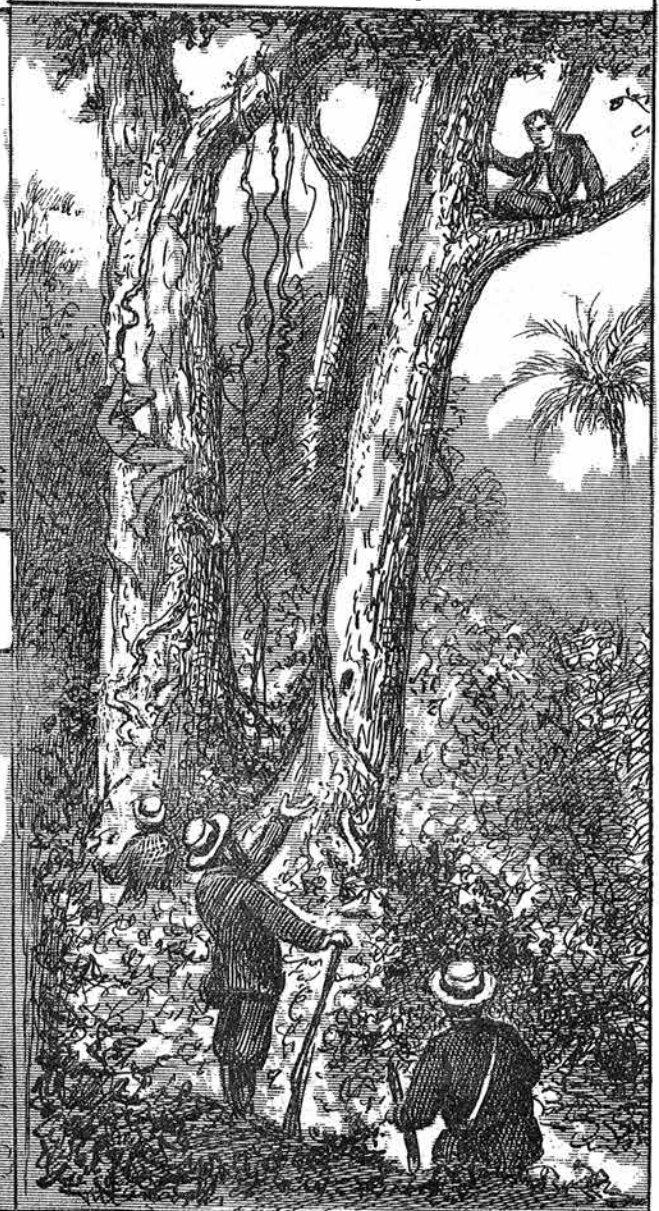
Os dois companheiros ficaram alerta. Pela madrugada, quando todos já estavam acordados examinaram uns galhos que haviam caído ali perto e notaram que um deles parecia ter sido cortado por mãos humanas e ligado a outro.



Mostrando-os a Inaiá, esta e Cham-Kam declararam ser possível que fosse um sinal que alguém tivesse querido fazer. E lembraram-se do Zé Caipora...  
- Mas ele deveria falar ou dar um tiro.  
Não obstante esta observação resolveram procurá-lo.



Despediram-se, Inaiá que não podia andar, ficou guardada pelo tio Joaquim e por outros dois da comitiva.  
Galgadas as pedras

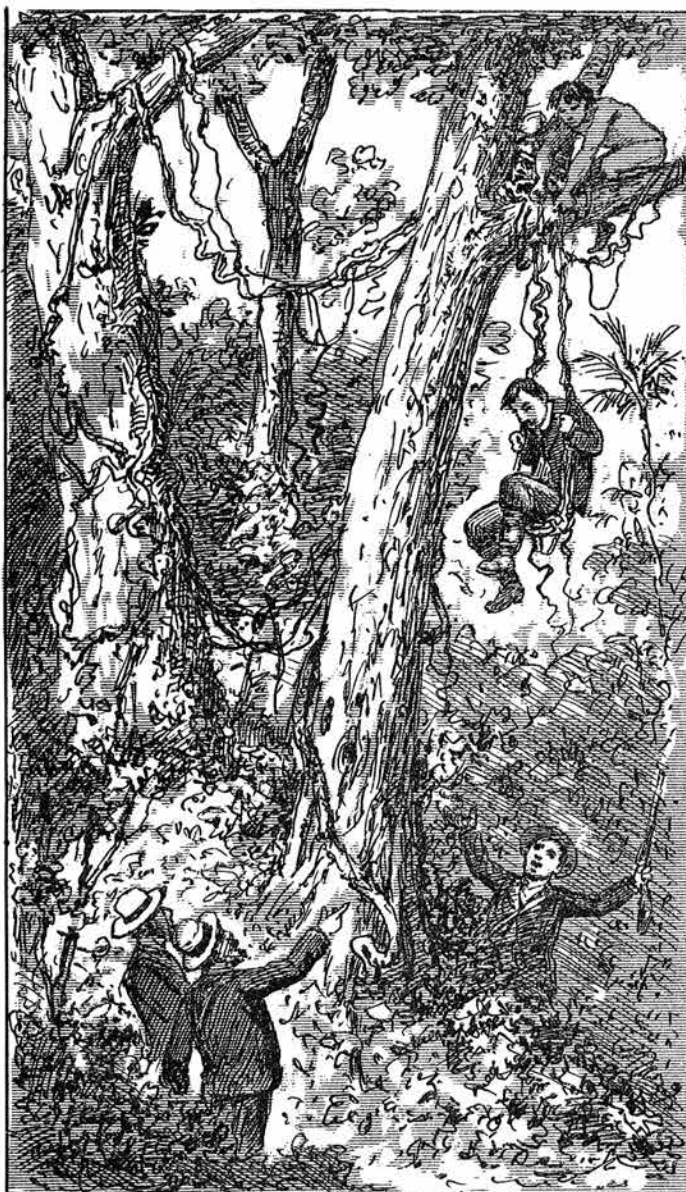


saíram numa espécie de clareira e logo um deles notou olhando para o ar:  
- Esta árvore mexe-se tanto que parece ter macaco...  
- Qual! É o sr. Zé! Já o bispei - acrescentou Cham-Kam.

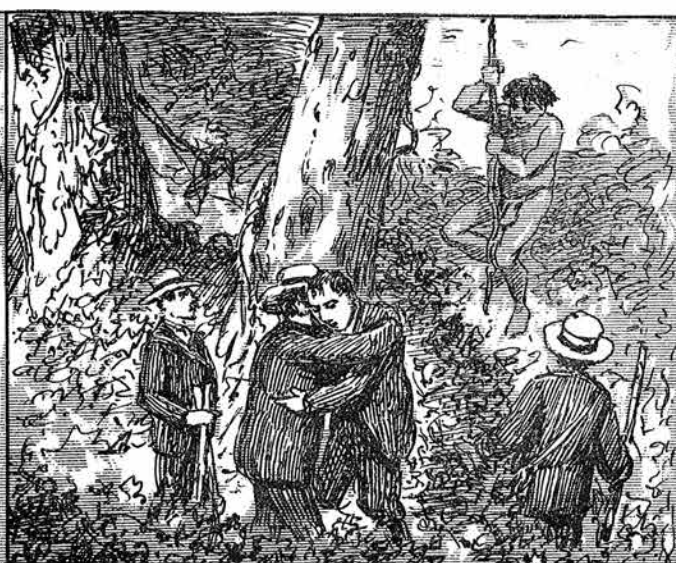
Era de fato Zé Caipora.  
- Oh! Você por aqui? Que diabo é isso? Desça!  
Por meio de gestos o Zé declarou que nem podia falar.  
Ágil e sem perder tempo, Cham-Kam trepou na árvore vizinha



## Grandes movimentos no mato



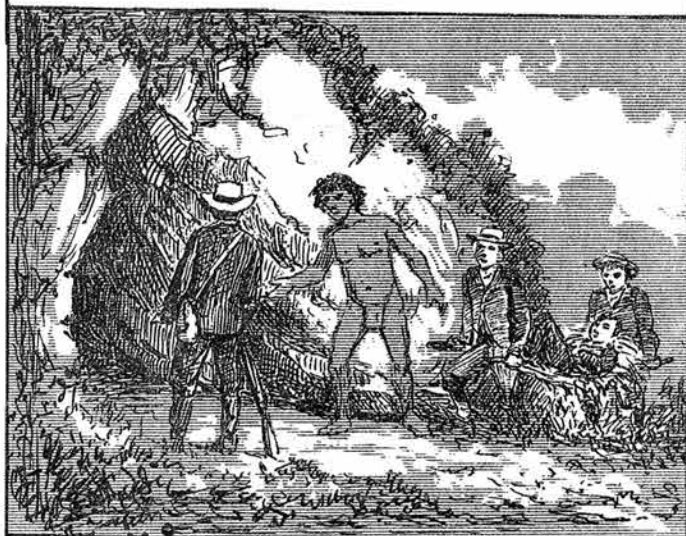
e passando-se para aquela em que estava Zé Caipora, depois de ter levado fortes cipós, Cham-Kam fez descer o nosso infeliz herói do melhor modo possível, com grande contentamento dos amigos que o esperavam...



... e que o abraçaram como vivos, à vista do estado em que se achava o pobre rapaz! Cham-Kam descera lesto...e auxiliado pelos camaradas da comitiva, arranjou uma espécie de maca,



entrelaçando uns paus e cobrindo-os de folhagem. E lá foi o Zé carregado para a entrada da gruta.



Quando chegaram já encontraram Cham-Kam, que partira na frente para ver se havia alguma novidade.

– Está tudo em ordem – disse ele ao fazendeiro.



Colocado o Zé no melhor lugar depois de lhe terem curado as feridas e dado de beber, resolveram ir buscar Inaiá a fim de todos reunidos partirem finalmente para a fazenda.

De guarda ao nosso doente ficou Alberto.



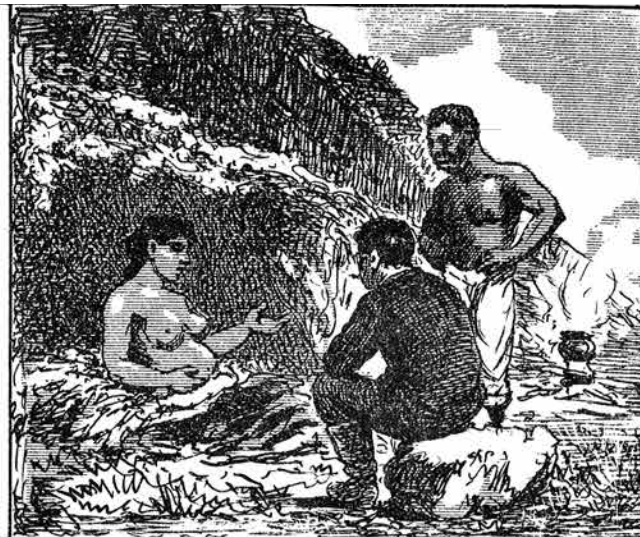
## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XLVII



Ficando só com o companheiro, Zé Caipora contou-lhe as suas desventuradas aventuras.

– Mas quanto caiporismo! exclamou Alberto. Como é que você tem escapado?  
– Graças a Inaiá e Cham-Kam, abaixo de Deus!



Por seu lado, Inaiá também narrou aos dois fiéis camaradas a série de peripécias acontecidas, causando a maior estupefação esses fatos tão extraordinários. Tio Joaquim interrompia de vez em quando:

– Virge Nossa Senhora!...



Como dissemos, uma vez descoberto o Zé e posto a bom recato, o Melo e seu filho puseram-se a caminho, internando-se na floresta. Cham-Kam à frente, guiava-os com prudência.



Prudência que o fez estacar de repente, ouvindo um estranho ruído. A um sinal do índio, os dois companheiros prepararam as armas e ficaram de alcatéia.

Que seria?



Firmando bem o olhar, viram uma paca. Melo fez pontaria e o tiro partiu. Imediatamente surgiu um pássaro preto que foi alvejado por outro tiro.



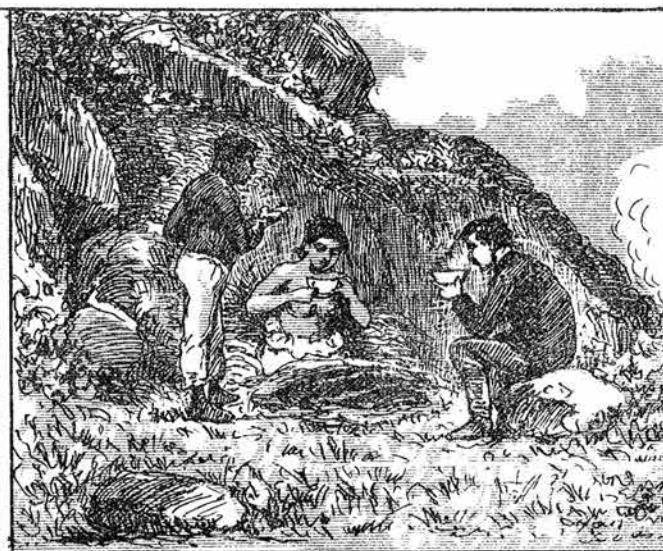
Cham-Kam precipitou-se em direção ao lugar onde deviam estar as peças e dentro de alguns minutos voltou com a paca e um jacu.



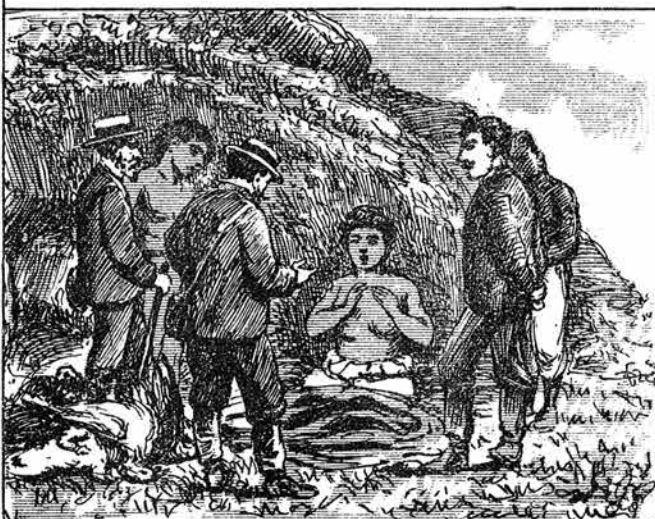
## As coisas melhoram



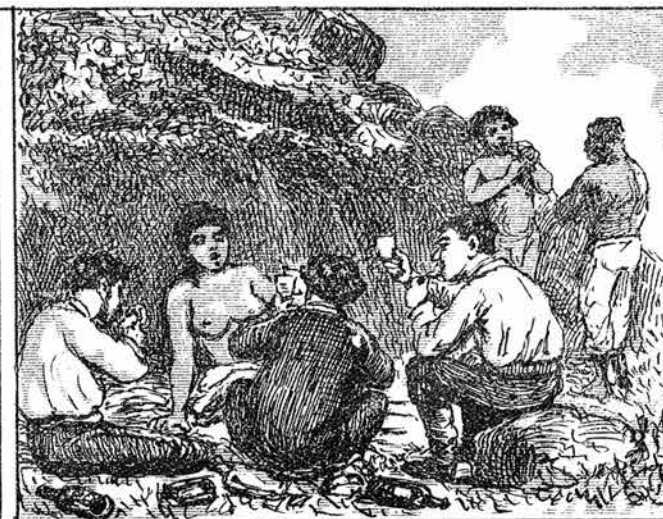
Seguiram o caminho, caçando sempre, até que Cham-Kam informou:  
– Estou vendo Inaiá e seus dois companheiros. Parecem estar bebendo alguma coisa.



Efetivamente, Inaiá, o primo Melo e tio Joaquim saboreavam o café preparado pelo excelente africano.



Dentro em pouco chegaram os caçadores e o índio. Inaiá ficou surpreendida e penalizada com a narração do que havia sucedido a Zé Caipora, que ela tanto estimava.



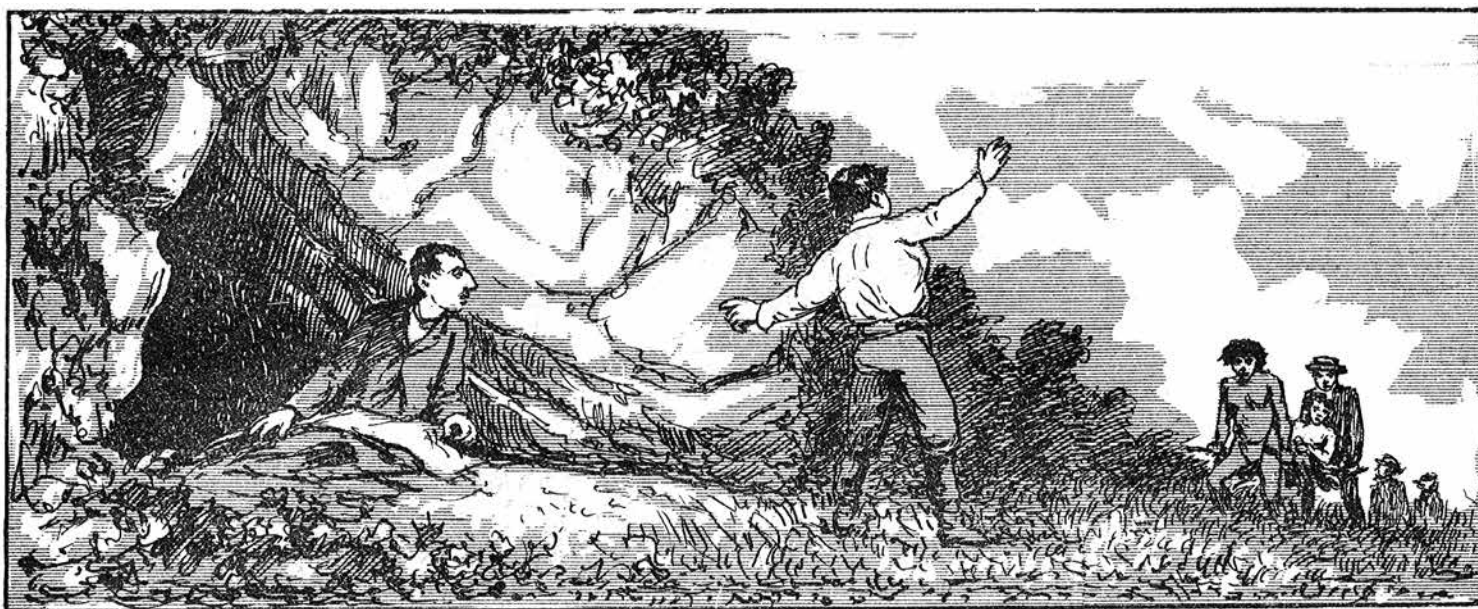
– Bem, disse ela – o nosso dever é ir ter com o Zé para de lá partirmos todos para a fazenda.

Todos concordaram e depois de uma excelente refeição, em que Zé Caipora foi muito saudado...



arranjaram tudo para essa nova excursão. Cham-Kam marchou à frente, como batedor emérito; Melo ia indicando a parte melhor dos caminhos; Inaiá, meio estendida numa padiola arranjada pelo tio Joaquim, ia com o máximo cuidado carregada pelos dois primos. O velho africano fechava o grupo carregando o saco



**AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA****Capítulo XLVIII**

Embora entretido a conversar com Zé Caipora, Alberto percebeu um ruído estranho. Levantou-se e depois de um reconhecimento exclamou:  
– Zé, aí vêm os nossos bons companheiros! Cham-Kam à frente carregando a nossa querida Inaiá.



Terminado esse trabalho, e arranjada uma padiola de paus e folhagens do mato, organizou-se de novo a caravana, finalmente em direção à fazenda do Sr. Melo. Este ia à frente.  
– Adeus, adeus, gruta terrível! Foi a onça que habitava em tuas entranhas que me pôs neste estado! Muito sofri e sofro, mas apesar disso tenho saudades de ti! Adeus, ó gruta!



## Afinal todos reunidos



Zé Caipora ficou satisfeíttssimo e, quando a comitiva chegou à boca da gruta, mostrou desejos de conversar com a sua gentil companheira, sendo imediatamente satisfeito. A índia contava-lhe todas as peripécias daqueles dias agitados, enquanto o tio Chico e outros tratavam de arrecadar tudo que estava espalhado pelo chão.



te ia à frente com o tio Chico. Seguiu-se Inaiá e por fim o Zé Caipora, que deitou discurso:  
eus, ó gruta!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo XLIX



Caminhavam pelo mato, revezando-se na carga das padiolas, subindo e descendo morros, palestrando animadamente, para tornarem a viagem menos enfadonha. Haviãam já vencido uma boa parte do caminho, quando Alberto que ia à frente gritou:  
 – Aí vem gente!



Efetivamente, dois cavaleiros não tardaram a aparecer, sendo logo reconhecidos como pessoal da fazenda do Sr. Melo.  
 – Ora graças! Viemos na frente, a toda, para saber onde estavam e se eram vivos ou mortos. Seu pai, aonde está?  
 – Vem aqui. Estamos todos de volta para casa.

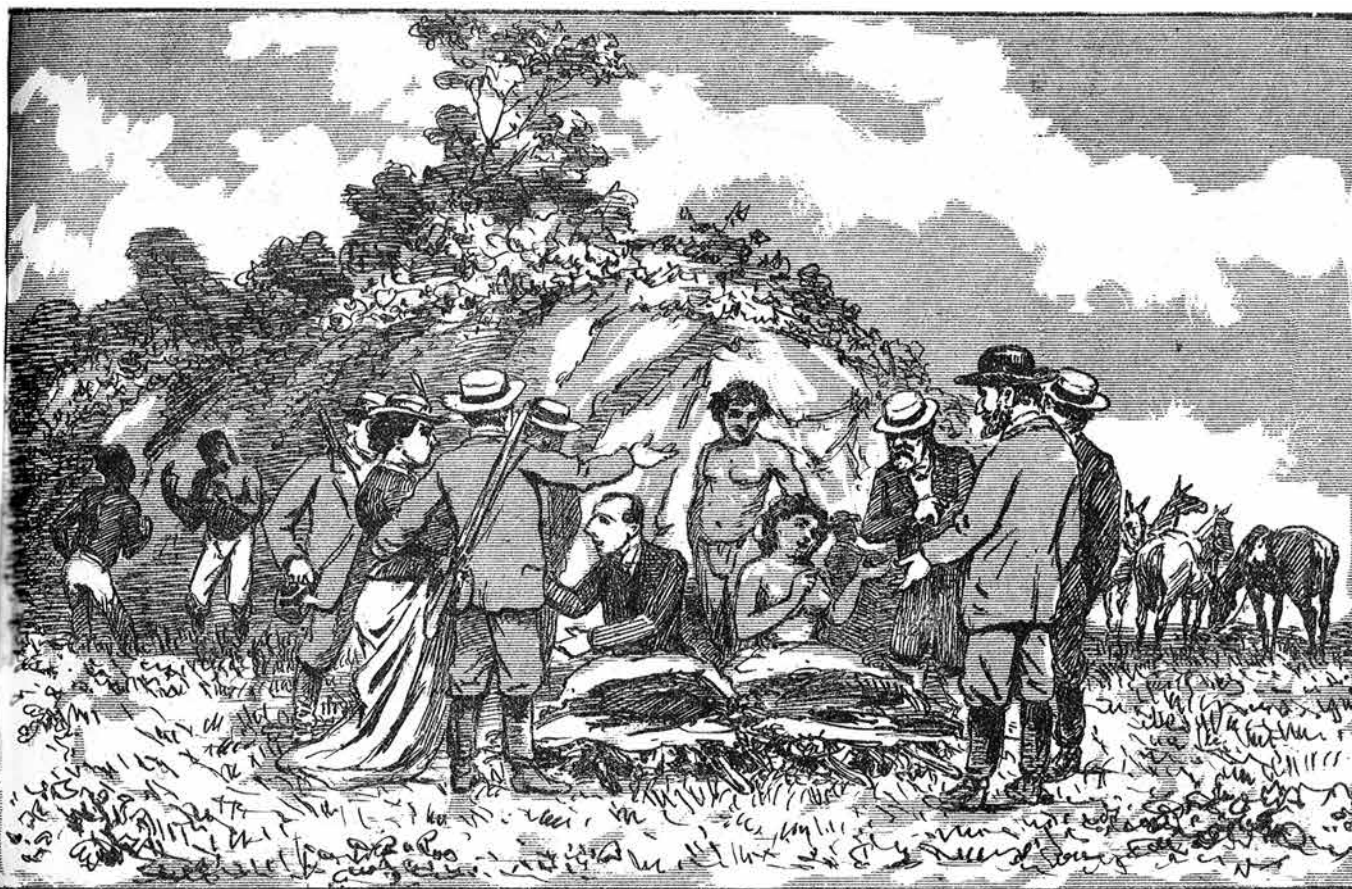


Não tardaram a chegar a senhora do fazendeiro Melo e outras pessoas, que vinham à procura dos ausentes. Resolveu-se um descanso geral. Inaiã e Zé Caipora foram colocados lado a lado. A fazendeira era muito expansiva e ao deparar aquele quadro, satisfeita por ver que todos estavam vivos, saudou-os alegremente, sendo essa gentileza correspondida aos gritos de:

– Viva a Senhora D. Matilde! Viva!



## Bem-vinda gente nova!



Após essas expansões do mais justo entusiasmo, apearam-se a cavaleira e os cavaleiros, estabelecendo-se a mais animada palestra. D. Matilde e a gente da fazenda ouviam admirados as narrações de Inaiá e do Zé.

– Oh! mas que horror! E nós sem sabermos de nada!...

– Este mato... este mato... é muito cheio de perigos!



E como D. Matilde tivesse dito que trouxera muita comida e bebida para o caso de ter de andar alguns dias no mato e para socorrer famintos, deliberou-se festejar tão feliz encontro armando-se um belo almoço ao ar livre.

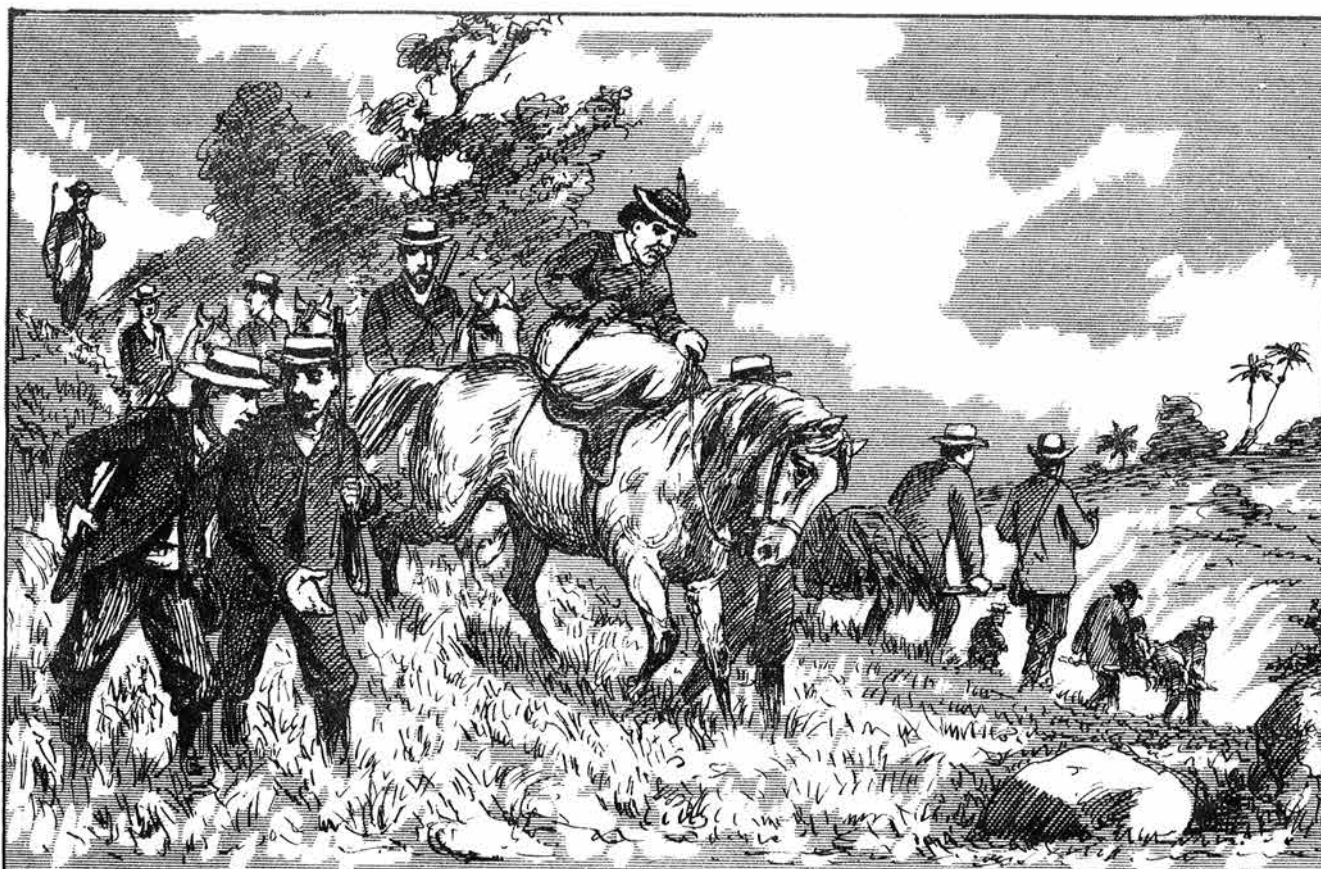
Todos caíram com vontade nos petiscos cheirosos arranjados na fazenda. Ferveram as saúdes. Zé Caipora, esquecido das suas dores, tornou-se expansivo. A seu turno, Inaiá levantou delicadas saudações a todos os camaradas. E até Cham-Kam, o índio, de ordinário soturno, dava mostras de grande alegria.

Um pagode, enfim.



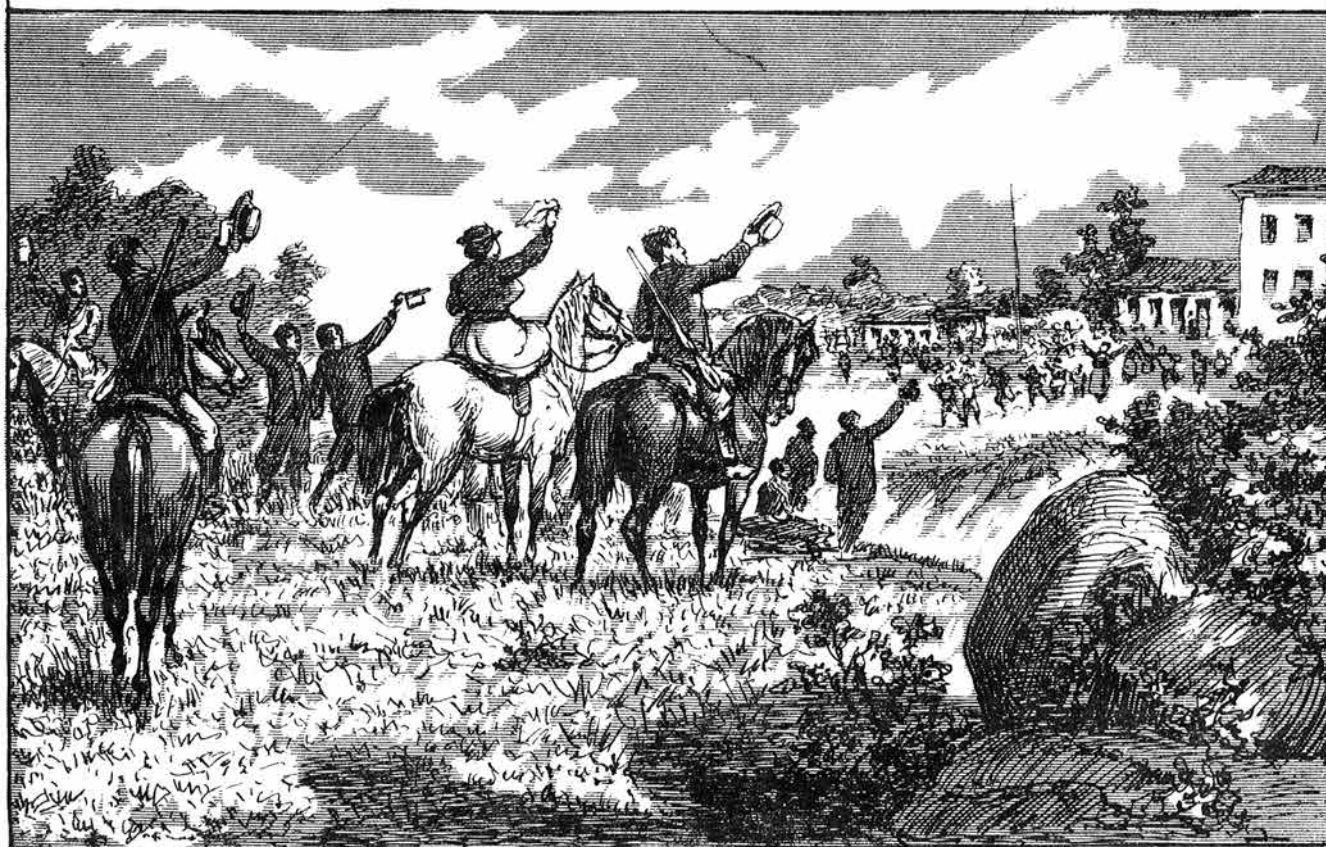
## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo L



Acabado o almoço, que foi uma grossa patuscada, arrumada toda a trouxa, colocados de novo, Zé e Inaiá, nas suas padiolas silvestres, partiu finalmente a caravana em demanda da fazenda.

D. Matilde e o marido iam a cavalo *por direito de conquista*. Os mais, revezavam-se no lombo dos bucéfalos que, sendo poucos, não chegavam para as encomendas. Já avistavam ao longe indícios da fazenda.

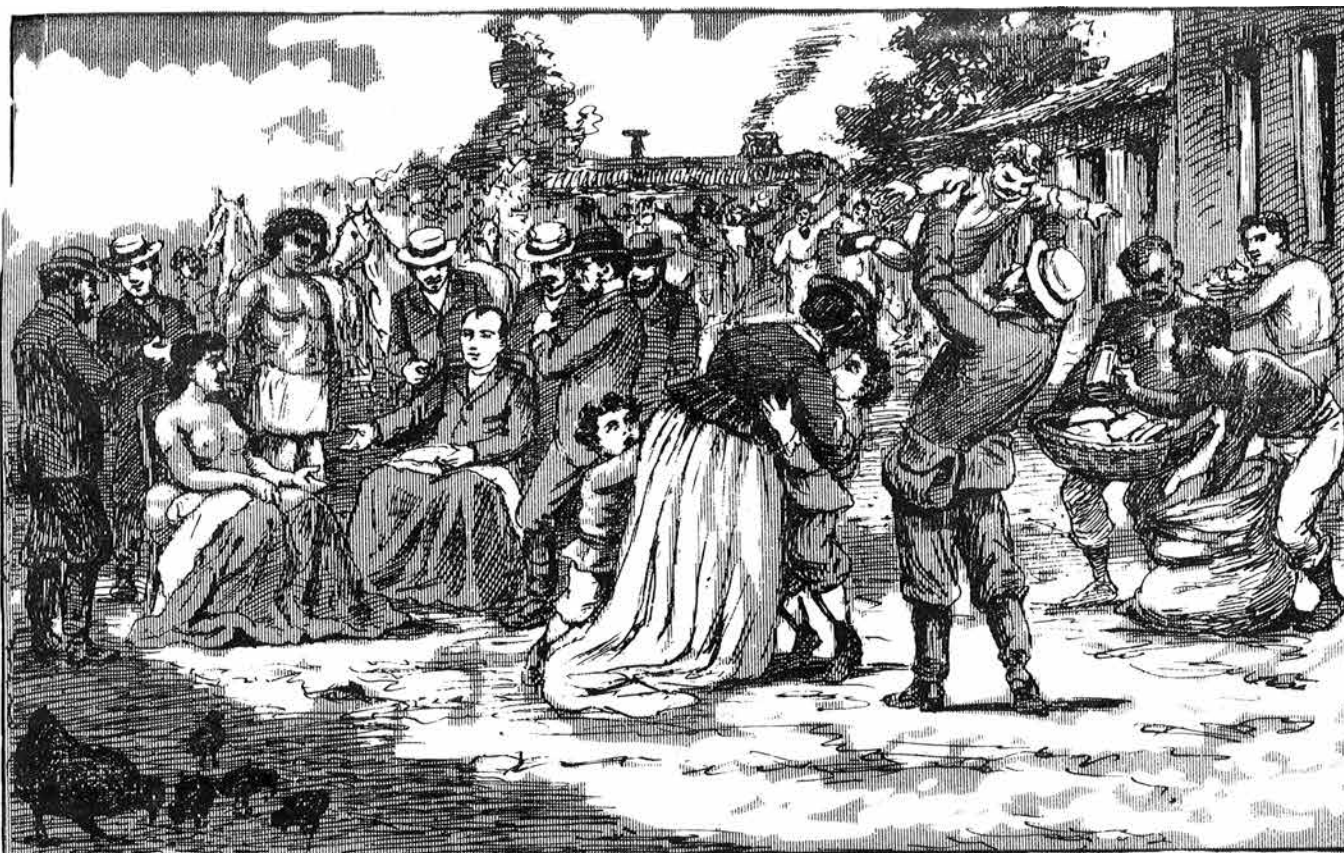


Aproximando-se mais, foram reconhecidos pelo numeroso pessoal da propriedade agrícola do Sr. Melo – pessoal que ao ver os seus patrões prorrompeu numa vozeria entusiástica:

- Viva Nhô Matilde! Viva Seu Melo! Viva Nhô Alberto! Viva tudo! Graças a Deus! Viva!
- Obrigado rapaziada! agradeciam os recém-chegados, comovidos até as lágrimas...



## Afinal saíram todos do mato!



Momentos depois penetraram no terreno da fazenda, D. Matilde e o fazendeiro agarraram-se aos filhos, beijando-os com frenesi. Para Inaiá e Zé Caipora vieram logo duas cómodas poltronas onde os dois se abancaram, pajeados por Cham-Kam. Interrogados, tiveram de contar a série de peripécias que os leitores já conhecem. Zé estava contentíssimo e tagarela, não se esquecendo de engrossar Inaiá de quem dizia:

– Foi o meu anjo protetor, a minha primeira salvadora.



No dia seguinte, achando-se refestelado numa bela cama, Zé viu entrar uma senhora seguida de um cavalheiro, que o vinha visitar. Aproximando-se as visitas, reconheceu Zé Caipora a sua querida Inaiá e Cham-Kam, completamente transformados pela D. Matilde.

– Que é isso? Interrogou Zé Caipora.

– É o que vês; graças a D. Matilde sou uma senhora da cidade e Cham-Kam um moço que pode passear no Rio de Janeiro...

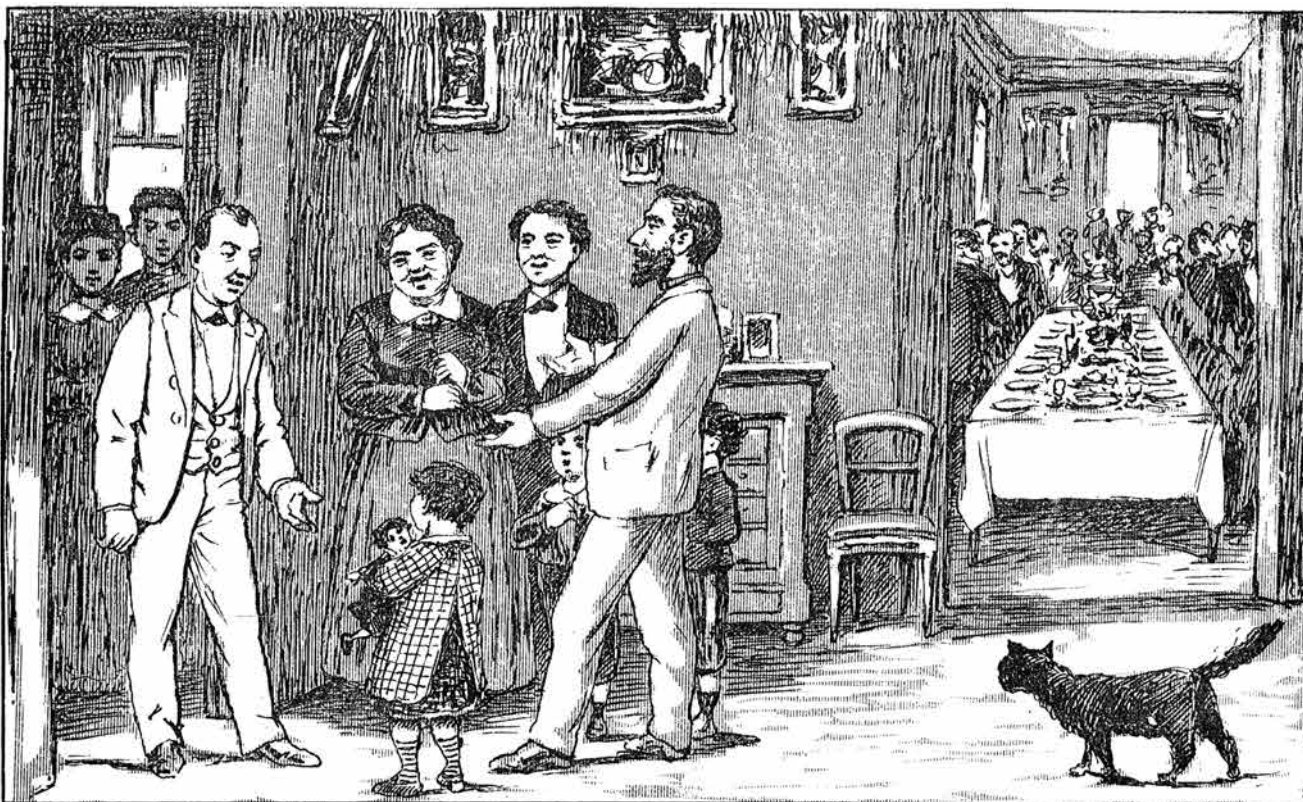
D. Matilde sorriu com a pilhéria de Inaiá.



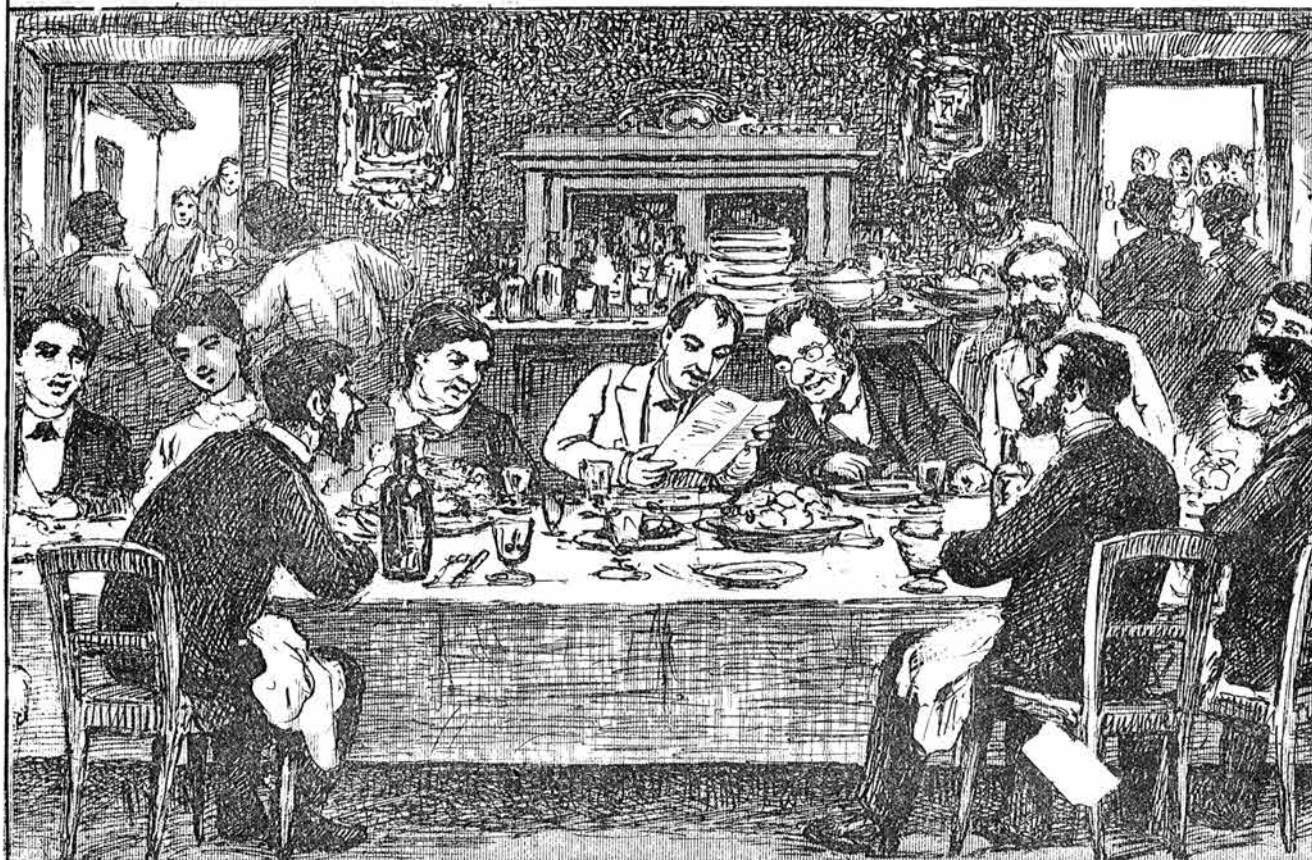
## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## O grande jantar

## Capítulo LI



Zé ficou completamente curado das suas feridas, graças a D. Matilde, Inaiá e Cham-Kam que o trataram com todo o carinho. O Sr. Melo e toda a sua família vieram-no buscar para o grande jantar que davam, em honra dele, a todos os convidados da vizinhança. Zé declarou estar satisfeito, sobretudo com a vestimenta que lhe emprestaram e que felizmente não se parecia com a do Barão de\*\*\* ..., causa de todas as suas desgraças.



Na ocasião do jantar, quando na sobremesa, Zé falou das suas aventuras que tanto maravilharam a todos. Tirou do bolso uma carta – a da gruta – em que o seu tio e padrinho o fazia herdeiro. O tabelião que estava ao lado, disse logo:

– Está perfeitamente de acordo com o testamento que eu tenho dele.

Escusado é dizer que o Zé recebeu os parabéns de todos os convidados, tanto mais que o tio era muito rico...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA      Zé em família

### Capítulo LII



Terminado o jantar, foram todos para a sala de visitas onde o Zé não escapou à curiosidade dos convidados, sendo obrigado a contar mais uma vez a sua vida cheia de caiporismos. Como sabiam, porém, que ele era agora um rico herdeiro, engrossavam-no a valer...

Veio o café que os moços pediram licença para servir às senhoras. Houve depois uma excelente *soirée*, dançando todos, menos Cham-Kam, que só achava graça nas danças guerreiras dos índios.



Inaiá resolveu ensinar Cham-Kam a ler. Todos os dias lhe dava uma lição de abecedário, que o índio aprendia com grande cuidado e rapidez.

Enquanto isso, Zé Caipora lia os jornais que o fazendeiro Melo recebia duas vezes por semana. E assim aguardava ele os dias em que tinha de entrar numa nova série de lutas para se meter na posse da sua rica herança. D. Matilde e seu marido desfaziam-se em amabilidades para com os seus hóspedes, procurando retê-los o mais possível na fazenda.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

### Capítulo LIII

Que seria?



Continuava Zé a ler os jornais quando, de repente, deu com uma notícia que o fez estremecer. Ergueu-se trêmulo exclamando:

– Mas isto, não! Isto é impossível!

Releu a notícia e, desesperado, soltava frases terríveis. Cham-Kam e Inaiá, a princípio surpreendidos, acabaram por ficar espantados, principalmente com os safanões que ele dava na mesa, fazendo rolar o tinteiro e voar os livros!



Tal a sua fúria que, depois de atirar com tudo no chão, Zé Caipora saiu dali a passo largo, empunhando o jornal, chorando e soltando exclamações raivosas. Cheios de consternação, os seus fiéis amigos e companheiros debalde o interrogaram: Zé cada vez mais furioso parecia nada ouvir e bramava:

– Céus! que raio, que raio de caiporismo do diabo!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA A grande cena

### Capítulo LIV



Atraída pelas exclamações de Zé Caipora, acudiu toda a família do fazendeiro.

– Que é isso? Que foi que lhe aconteceu? Perguntaram todos.

– Nada, meus amigos! Apenas lhes peço o favor de mandarem aprontar um animal. Preciso viajar imediatamente.

Ordens foram dadas nesse sentido. Zé, inquieto, nervoso, foi andando para o lugar em que o tio Joaquim preparava os animais. Toda a gente o acompanhou.

– Bem, meus amigos não tenho tempo a perder. Parto mas volto breve. Inaiá e Cham-Kam ficam entregues à bondade de todos, e de que são dignos. Desculpem, mas estou muito aflito!

– Não leva chapéu, seu Juca? Interrogaram as crianças.



Zé tomou o seu chapéu e daí a pouco saía da fazenda metendo as esporas no cavalo, que disparou, seguido, porém, pela besta ligeiríssima montada pelo africano. Na primeira volta da estrada não se esqueceu de despedir-se, mas o seu espírito estava deveras agitado.

– Qual! Inaiá! disse Cham-Kam. – O nosso amigo Zé vai fazer alguma *estripulia* muito séria...





Eram 4 horas da tarde. Um sem-número de pessoas esperava o casamento à porta de uma bela igreja. Chegaram os carros e todos olharam com muita curiosidade. Reunidos os padrinhos e os convidados, começou a cerimônia assistida por numerosa multidão de curiosos. Quando, depois de um latinório, o padre interrogou o noivo: — Com o favor de Deus, quer casar com D. Amélia de Jesus Ribeiro? — Sim! Respondeu bem alto o noivo. E o sacerdote, virando-se para a noiva: — Com o favor de Deus, quer casar com o Sr. Alfredo Baptista? — Memê! Interrompeu forte uma voz estranha. A noiva dirigiu o olhar para o canto de onde partira essa voz, e dando com o Zé Caipora em atitude decidida, quase desmaiou. O padre repetiu a pergunta: — Com o favor de Deus, quer casar? — Não! Não! Não! Respondeu a noiva. Enorme sensação se apoderou dos convidados. O barão de... e a baronesa, como pais da noiva, ficaram assombrados e aflitos. Quanto ao noivo, coitado!



## DO CAPÍTULO LIV



...muita curiosidade para a noiva e para o noivo. Este estava radiante. A noiva, porém, parecia um tanto abatida, mas entrou resolutamente na igreja.

...interrogou:

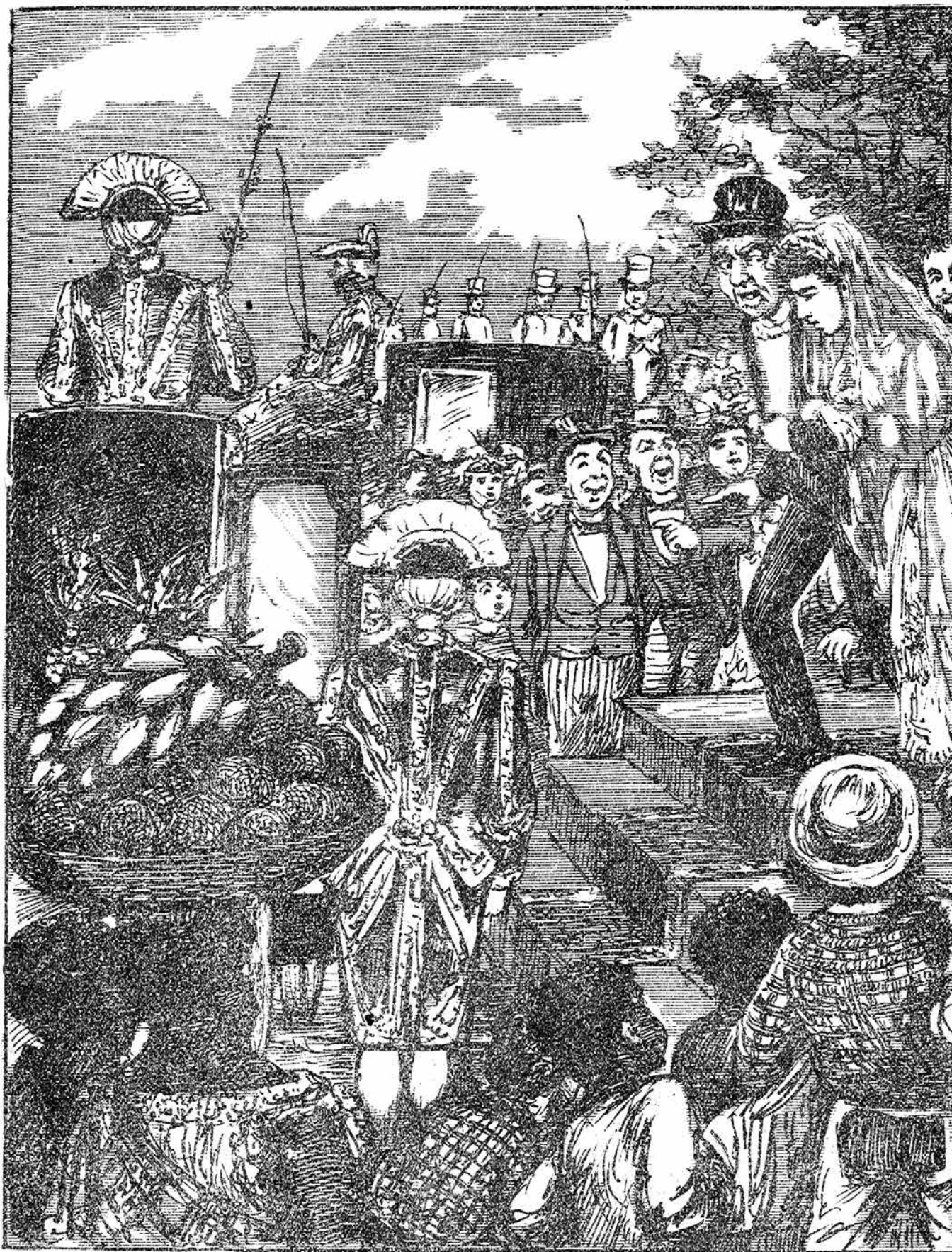
...:

...a pergunta:

...coitado! Não sabendo bem do que se tratava, jurou, entretanto, vingar-se de tudo e de todos.



## Capítulo LXV

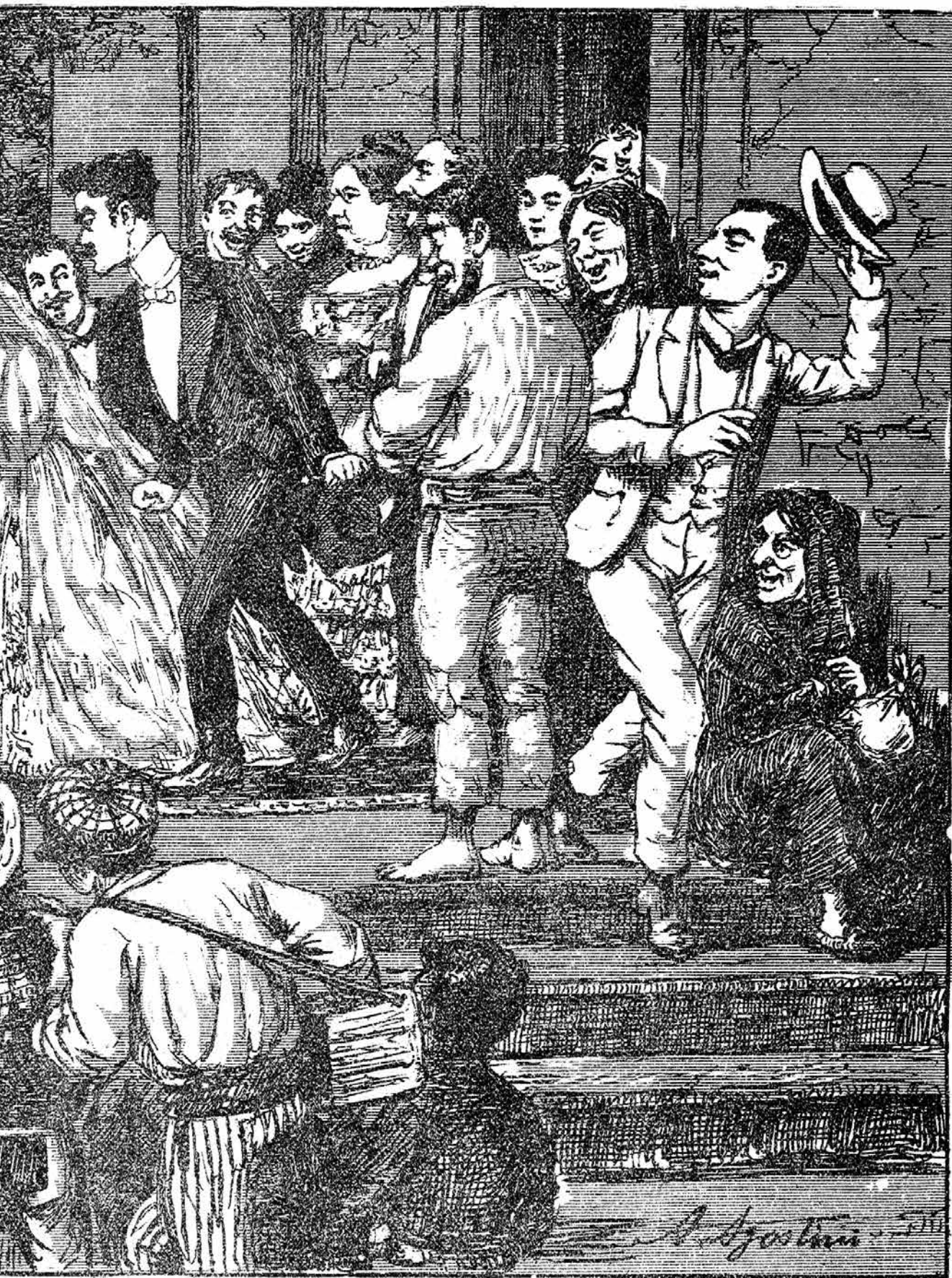


Depois de tamanho escândalo produzido pela violenta negativa da noiva à pergunta do sacerdote, os pais da moça ficaram num desespero fácil de imaginar. O Barão\*\*\* enfiou o braço na filha e dirigiu-se para a porta da igreja; o noivo seguia-os, furioso e cabisbaixo, vindo atrás a baronesa, os padrinhos e o sacerdote. Fora do templo, souberam todos do – Não! – três vezes gritado pela moça, de modo que foi uma risota geral quando apareceu o pobre noivo. Zé Caipora que, saindo primeiro, espalhou a nova, ficou radiante:

– Bem dizia eu que ele havia de me pagar com língua de palmo... Preguei-lha mesmo na bochecha! E raspou-se dali.



## A vingança do Zé



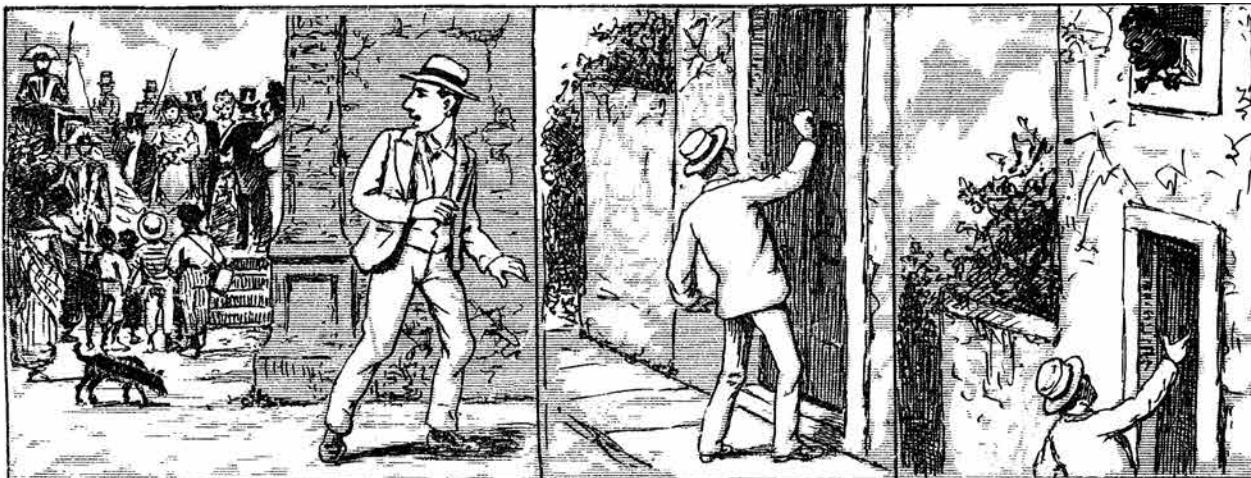
imaginar e os convidados com cara de tolos perderam a esperança da ceia opípara, seguida de grande baile, tal a riqueza com que havia sido preparado esse drinhos e os convivas.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

### Capítulo LVI

Enfim estou em  
minha casa!

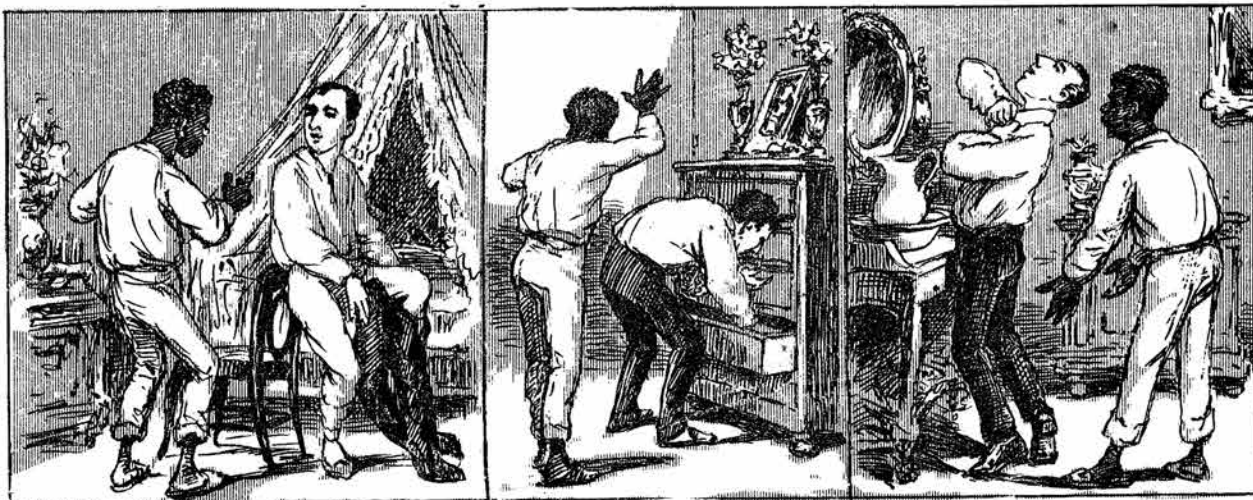


– Que cara ele fez quando ela disse: Não! não! não!  
Querida Amélia! E dizer-se que li a notícia na fazenda do Melo e que daí a dois dias era o casamento!... Mas que cara fez o primo Juca, concluiu Zé Caipora ao retirar-se da porta da igreja.

Como era preciso mudar de roupa, tratou logo de ir para sua casa, a cuja porta bateu com a energia de dono do poleiro...

Tanto bateu que uma cabeça de preto apareceu à janela.

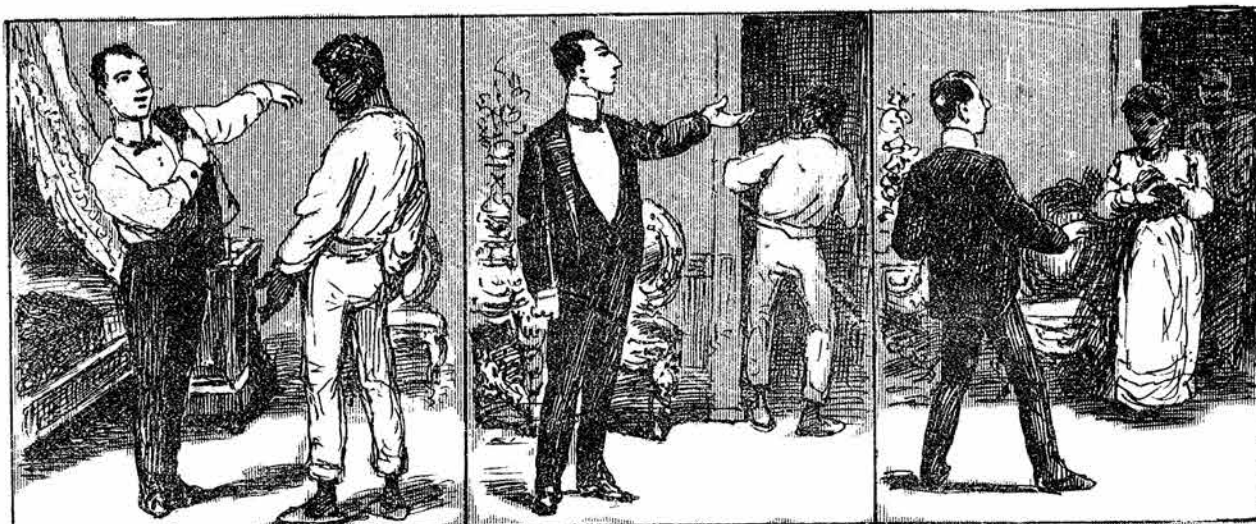
– Quem tá aí fazendo esse barulho?!  
– Sou eu! disse o Zé!  
– O patrão!!! Uê! Eh! Eh!



Aberta a porta, Zé penetrou nos seus aposentos. O preto ficou sabendo então, que em vez de ir para a fazenda do amigo, seu patrão se perdera no mato. Mas Zé não esteve com muitas explicações; queria saber o que se passara com relação a Amélia.

Então João começou a contar:  
– Logo que sinhô foi embora, a mucama de sinhazinha Amélia veio cá muitas vezes saber notícias. Eu respondia que só sabia que sinhô tinha ido para a fazenda.

Um dia veio e disse-me que precisava saber ao certo se sinhô estava ou não estava vivo. Que é que eu havia de dizê? Disse à rapariga que não sabia nada, não sinhô!



Afiná, eu vim a sabê que sinhazinha Amélia julgava sinhô morto, e tratara do casamento...

Tenha paciência, Nhonhô. Ela já deve estar casada... hoje mesmo...

– É o que te parece, disse o Zé, com ironia.

Nisto bateram à porta:  
– João, vai ver quem é...  
E o João foi.

Era a mucama de D. Amélia que foi imediatamente introduzida.

– Oh! você por aqui? disse o Zé alegremente.  
– É verdade. Venho da parte de sinhazinha Amélia. Preciso muito falar com o senhor...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## A explicação

## Capítulo LVII



O João compreendeu que devia retirar-se e o Zé recomendou-lhe:

– João, não estou em casa para ninguém, ouviste?  
– Sim, senhô! Não entra nem uma agúia!

– Não imaginas a alegria que tenho em te ver. A tua cara risonha indica-me que tudo posso esperar da minha querida Amélia.

– Olha, continuou Zé, contigo não faço cerimônia: senta-se. És a confidente de Memê.  
– Tenho muita honra nisso... Ela foi a causa das suas desgraças, mas está inocente.

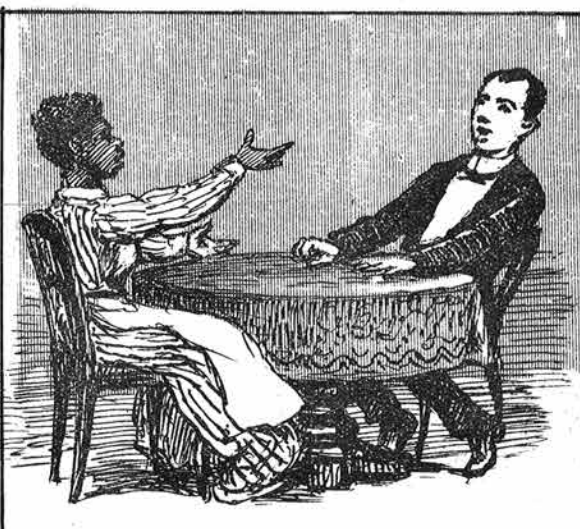


– Não falemos mais em coisas tristes. Vamos ao que serve. Como foi que Amélia consentiu nesse casamento?

– O senhor quer saber? Os negócios do patrão não vão bem. Ele perdeu muito dinheiro no jogo da bolsa... Ora, o Sr. Juca mete-se ultimamente numa herança de arregalar o olho...

– Sempre o raio do dinheiro! Compreendo... compreendo... O primo aproveitou a maré para de novo pedir-lhe a filha em casamento, apesar da repugnância de Memê...

– Tal e qual! Nhá Amélia bateu o pé e disse que não!



– Mas, então como é que se fez o tal casamento?  
– Eu lhe explico. Vim um ror de vezes aqui para saber notícias suas e... nada, nada! Nem uma carta...  
– Pudera! Preso no mato, às voltas com os bichos bravos, como havia de escrever? Não sei como não morri...

– Pois olhe: o primo Juca teve o descaramento de jurar que o senhor havia morrido. Nhá Amélia chegou a botar luto... e afinal, como o pai não a largava, fez-lhe a vontade, deu o sim ao casamento, pensando que o senhor não vivia mais!...

– Ora, essa! Pois você vá depressa dizer-lhe que eu sou o mesmo homem! E ela que tudo espere de mim! Ouviste?

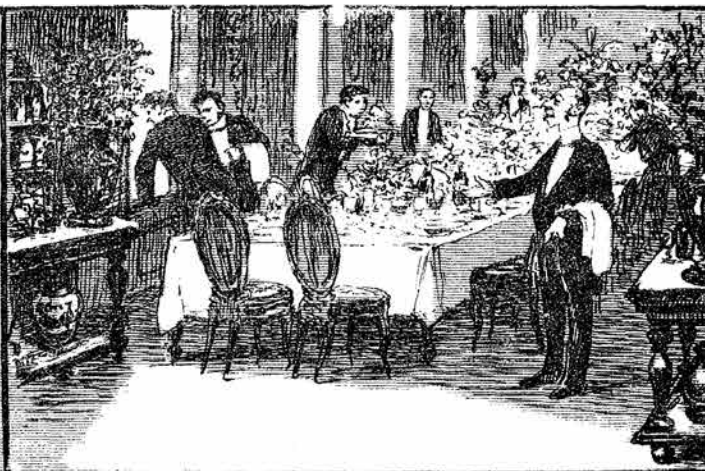
continua



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

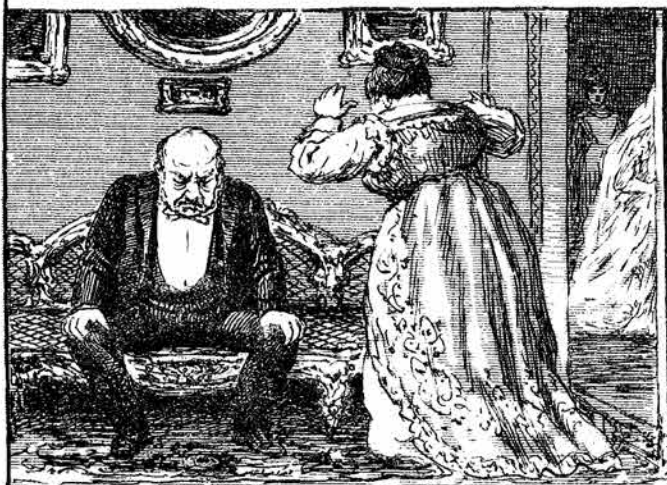
### Capítulo LVIII

### Em casa dos noivos e do Barão



Mal o carro chegara à porta de sua casa, o Sr. Juca Baptista apeou-se ligeira e nervosamente, e por ela barafustou desatinado, tendo deixado cair uma nota velha na mão de um dos cocheiros, que protestaram: – Hom'essa. Só dois mil-reis de gorjeta! Que noivo unhas de fome! Não valia a pena a gente vestir-se a Luís XV para esta miséria. E os moleques: – É mesmo, vocês deviam ter vindo de Pai João...

O jantar ou antes o banquete estava pronto. Pratos suculentos e caros, vinhos finíssimos aguardavam os noivos e os convidados. Vinte criados encasacados esperavam fazer um sucesso de bom serviço para se meterem em boas gorjetas. Uma, duas, três horas passadas e nada de ninguém aparecer... Os criados quase *avançaram* naquilo tudo.



Em casa do barão era um deus-nos-acuda. Fazia realmente pena ver os pobres velhos.

– Que horror, dizia a baronesa. Dizer-nos que *sim*, sobre o casamento e atirar o *não* à cara do rapaz em plena igreja, diante dos convidados!  
– Não me fale nisso. Eu nem me atrevo a levantar mais a cabeça.

Os padrinhos estavam furiosos!  
– Ora, bolas! Acabar tudo neste chinfrim, depois de se gastar um dinheiro para fazer um rico vestido a toda pressa...  
– Vestido que eu ainda não paguei, objetou o marido.  
– Era escusado o senhor dizer isto, retorquiu a mulher, toda formalizada...



No Gabinete Do Noivo:  
– Com um milhão de demônios! Dizia o Sr. Juca. Parece incrível como eu não arrebeito os miolos com um tiro!

Tentou escrever uma carta cheia de desaforos, mas a cabeça andava-lhe a roda, as mãos tremiam-lhe, a pena rasgava o papel. Num ímpeto de fúria atirou com tudo aquilo para fora da mesa, soltando uma praga.

Apenas chegou a casa, a noiva meteu-se no quarto e chamou a criada.  
– Você vai à casa do Zé e conte-lhe tudo. Diga-lhe que o Sr. Juca me assegurou que ele havia morrido, mas assim que o vi na igreja, prontamente recusei o casamento. Vá depressa!

(E a rapariga foi e contou o que os leitores já leram no capítulo passado.)



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

### Capítulo LIX

## Roupa suja lava-se em casa



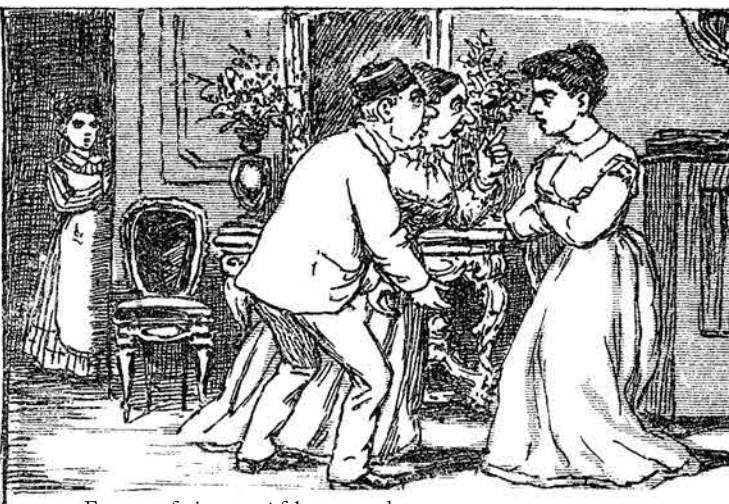
– Oh! O Sr. Juca?!  
– É verdade! Vim dizer-lhes adeus. O Sr. barão e a Sr.ª baronesa não são culpados da minha desgraça. Vou esbanjar toda a minha fortuna em Paris para me esquecer. Fica, pois, sem valor o que combinamos. Adeus, Sr. barão! Adeus, Sr.ª baronesa!



A baronesa caiu num pranto. A pobre senhora já se havia afeiçoado ao quase genro, e o seu sensível coração estava esfacelado. E o barão? Esse, coitado! atirou-se no sofá a gemer que estava perdido!... Lá se ia a esperança de endireitar a sua vida com a fortuna do Juca...



A reação não se fez esperar. E violenta. Foi a baronesa quem rompeu:  
– Quero, exijo que ela nos diga aqui, p–a–pá–Santa Justa, por que recusou casar-se! Isto não é brinquedo de criança... Até os convidados podem pensar outra coisa.  
Vamos ter com ela!



Foram, e, furiosos, até falaram em dueto:  
– Queremos saber o motivo da recusa! O Sr. Juca veio despedir-se de nós porque parte para Paris a gastar tudo que tem para te esquecer! Isto não vai assim! Memê ficou indignada e respondeu com firmeza:  
– Foram meus pais mesmo, que me enganaram! O Sr. Zé está vivo! Vi-o na igreja e por isso disse que não me casava com o outro!



A esta afirmação enérgica os velhos recuaram:  
– Ah! o Sr. Zé está vivo?! O tal que saiu de nossa casa de um modo vergonhoso, por namorar uma criada?!...  
– Não foi ele! Eu espiei pelo buraco da fechadura! Está inocente! É uma calúnia!  
– Não há tal! disseram o barão e baronesa, com energia.



Nessa ocasião entrou a rapariga e ouvindo que lhe tocavam na pele, tomou parte na lavagem da roupa suja:  
– Nhá Amélia fala verdade! Nunca seu Zé me namorou! O mesmo já não posso dizer de seu Juca... Tenho provas...  
– Mas, rapariga, como é que o Zé foi encontrado escondido no teu quarto?  
– Não sei; aí há um mistério: mas o moço é inocente desse mau juízo!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## Capítulo LX

Tudo explicado



A rapariga prosseguiu:  
 – Aqui estão as provas! Todos esses objetos, estas jóias, este lenço de crivo e tudo mais me foi dado pelo Sr. Juca, com partes de namoro...  
 Diante disso os velhos ficaram embatucados!

– Quem diria, meu velho! disse a baronesa estupefata. E o pior é que Juca afiançou-nos que o Sr. Zé havia morrido!... que ele sentia grande amor por nossa filha... Ah! estes homens... estes homens!...  
 – Menos eu! protestou o barão desanimado.



Vem a meus braços, minha filha! Tu é que tinhas razão. Agora compreendemos a tua má vontade em casar.

– Mamãe! se eu disse que sim, foi porque disseram que o Sr. Zé havia morrido e também para salvar os negócios de meu pai...

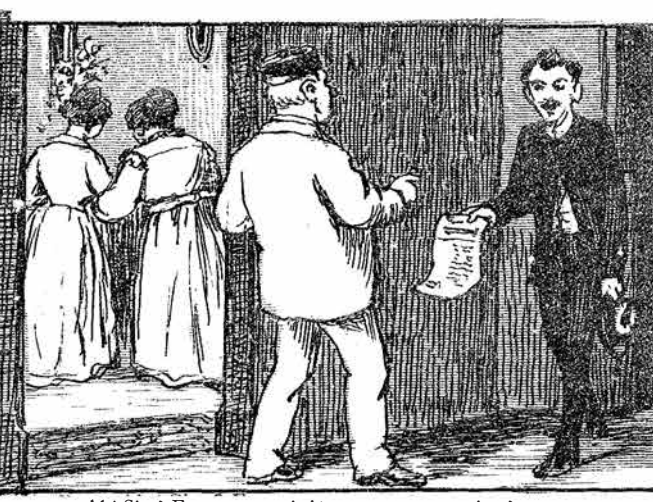
O barão e a baronesa sentiram as lágrimas embargar-lhes a voz.

Passada a comoção interrogaram:

– Mas, filha, com é que soubeste que o Sr. Juca se portava mal em nossa casa?

– Foi no dia em que o pobre do Zé saiu da cesta da roupa suja e foi embora debicado por todos. Eu quis saber da rapariga como havia sido e fui ao quarto dela; mas antes de abrir a porta, ouvi vozes...

Escutei. Eram do Sr. Juca e da criada... Fiquei ciente...



Pois bem! Vou despedir a rapariga!

– Não faça isso, mamãe! Eu prometi protegê-la, contanto que me contasse tudo. Ela assim o fez, coitada, e hoje é uma rapariga fiel, e até a minha confidente.

– Ah! Sim? Então teus pais já não servem para isso?

– Servem; mas... peço que não mande embora a rapariga!

– O Sr. barão?

– Sou eu. Que é isso?

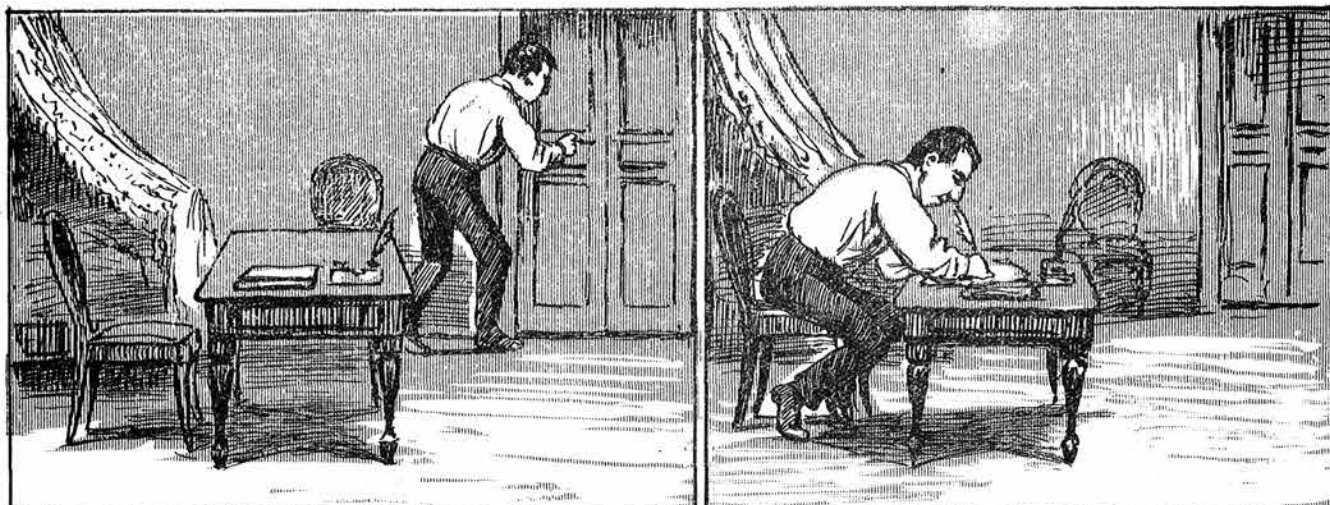
– É a conta da despesa de toda a festa do casamento. O Sr. Juca disse que nada tem com esse casamento que ele não fez; que quem paga é o Sr. barão!...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

### Capítulo LXI

## De como o Zé sabe tudo



Zé cismou que era ocasião de saber notícias do fazendeiro Melo, sua família e, especialmente, de Inaiá e Cham-Kam. Como gostava de sossego quando escrevia, fechou a porta do quarto depois de recomendar ao criado que “não estava para ninguém”.

Não era somente ao fazendeiro que Zé queria escrever: era também a um tabelião do Rio, encarregado dos negócios do tio que ele vira morrer no mato, flechado pelos índios selvagens. Zé monologava:

– A carta fala em dois tabeliães, o tal do Rio e o da roça... É provável que... Nisto, batem à porta e uma voz feminina chama pelo nosso herói...



Reconhecendo essa voz, Zé levantou-se imediatamente e abriu a porta:  
– Só você me podia fazer abrir...  
– É verdade! O João estava duro: não queria que eu entrasse. Sabe? Temos grande novidade. Sinhá contou tudo a Nhô Barão e Nhá Baronesa... Disse que o senhor estava inocente, e que seu Juca é que era um bilontra...  
– Como?

– Decerto! Eu meti o meu bedelho na conversa, disse a verdade, mostrei as provas do namoro de seu Juca comigo... Os velhos ficaram espantados. Não queriam acreditar, mas eu que não sou tola puxei tudo que sabia e então eles ficaram mesmo na certeza certa...



Naturalmente foste despedida, não?  
– Os velhos chegaram a falar nisso, mas sinhá Memê, moça muito de bem, não deixou.  
– Eu logo vi! Mas tu não vieste aqui só para isso... Que mais há de novo?  
– Chi!! Uma porção de coisas. (E a rapariga contou ao Zé toda a danação do Juca, a sua viagem para Paris, etc.)

– Quando acabou de contar tudo, tintim por tintim, a rapariga despediu-se muito satisfeita por haver cumprido mais aquela ordem de Memê. Mais satisfeito ficou, porém, o nosso Zé, exclamando:  
– Ora graças, graças que as coisas estão no seu verdadeiro pé...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

### Capítulo LXII

## Na fazenda do Melo – Grande movimento



Cham-Kam familiarizara-se com tudo. Encarregado de tratar dos animais, os bichos estavam satisfeitíssimos com ele. É que o índio não poupava o milho...



Inaiá fazia costuras com a fazendeira. D. Matilde admirava-se de ver que a índia nada tinha perdido das suas habilidades, durante os 15 anos que estivera com os índios.



A vida corria tranqüila, quando o Sr. Melo recebeu uma carta. Era do Zé. Grande contentamento da família que, reunida em peso, dava os parabéns ao nosso herói pela sua felicidade. A carta acrescentava que ele regressaria em tal dia, acompanhado de um tabelião do Rio.



À vista disso, o Sr. Melo foi mostrar a carta ao tabelião do lugar. Este mostrou-lhe outra, dizendo que breve teria de ir com outro tabelião do Rio para inventariar as terras. E concluiu: – Que felicidade a do nosso Zé! E dizem que é caipora...



Vistos os autos, D. Matilde e Inaiá trataram de preparar tudo muito bem, para os novos hóspedes. Cham-Kam ajudava o que podia, varrendo a casa a valer.



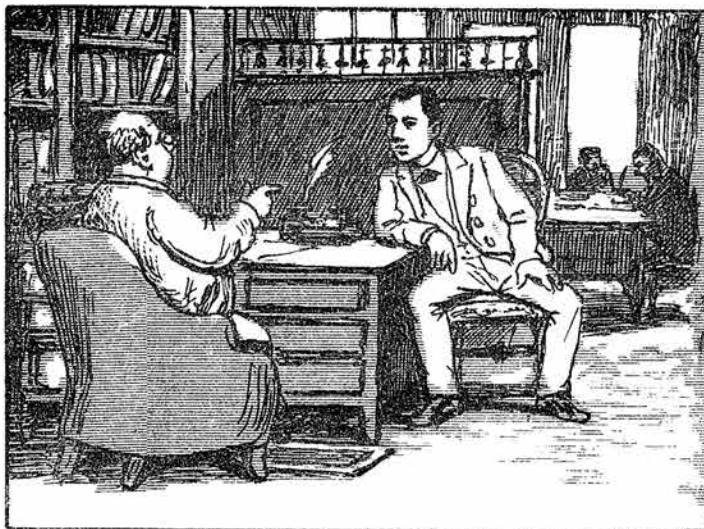
A cozinha entrou em grandes assados: havia pratos especiais e doces de regalar, tudo feito pela fazendeira, ajudada pela valente cabocla. A velha cozinheira estava de boca aberta. Ah! Os hóspedes haviam de ver o que era trato!



# AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

## O Zé, o tabelião e o preto

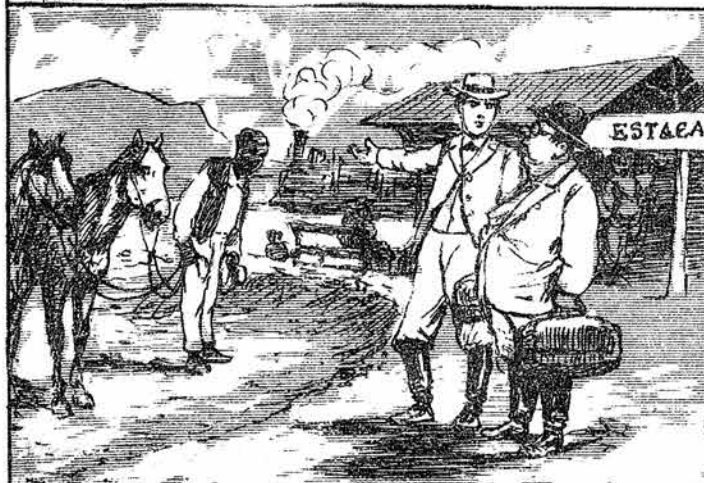
Capítulo LXIII



O Tabelião – Pois Sr. Zé: aproveito os três dias de férias para ir consigo ao meu colega, afim de vermos o que se pode decidir sobre o inventário de terreno e valores em dinheiro...  
Zé Caipora – Muito bem: era isso justamente que eu queria... Podemos partir amanhã.



No dia seguinte encontraram-se na estação. Zé contou ao tabelião as suas intenções de liquidar tudo quanto antes.  
– Bem pensando, mas para tudo isso é preciso um advogado... Nisto, o trem apitou e os dois embarcaram.



Quando chegaram à estação viram logo o preto Joaquim que os esperava com os cavalos.  
– É um camarada precioso, aquele preto, disse o Zé. Quem dera que muitos brancos fossem como ele...



O tabelião e o Zé montaram e seguiram na frente. O Joaquim ia dizendo atrás:  
– Eu ensinei este caminho por ser mais curto, mas há muito tempo que não passo por aqui... Seu Zé está cada vez mais catita, mas o tá tabelião, chi, que pançudo! Pobre do bicho!...



Continuava a viagem por montes e vales, atravessando florestas e campos. Zé Caipora, todo prosa, explicava ao gordo tabelião as espécies vegetais, a lavoura, as melhores frutas do lugar, as nascentes da bela água...



...quando uma cobra enorme, espécie de surucucu, erguia-se terrível em frente ao cavalo do tabelião. O bicho espantou-se e empinou-se de repente. O tabelião virou de catrambias. Zé puxou o revólver e fez fogo...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

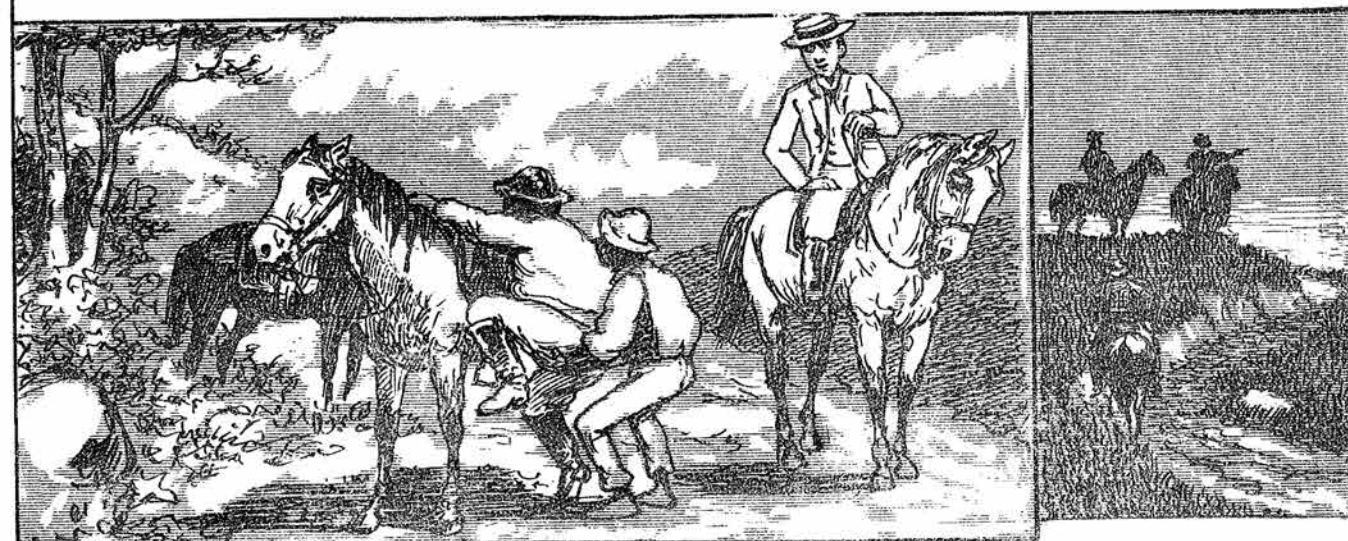
Continuação da  
primeira página



O tabelião estorcia-se no chão, gritando mais de medo do que pela dor que sentia. O cavalo disparou, mas o Joaquim fez-lhe logo o cerco. Zé procurou conter o seu animal também assarapantado, e não cessava de disparar tiros contra a feia surucucu.



Afinal socorreram o pobre homem, procurando a muito custo levantá-lo. O tabelião estava apavorado com a surucucu e só quando o Zé jurou por Deus que tinha matado o bicho, é que o medroso funcionário respirou exclamando:  
- Arre! Nunca vi cobra tão feia! Que susto... que susto!...

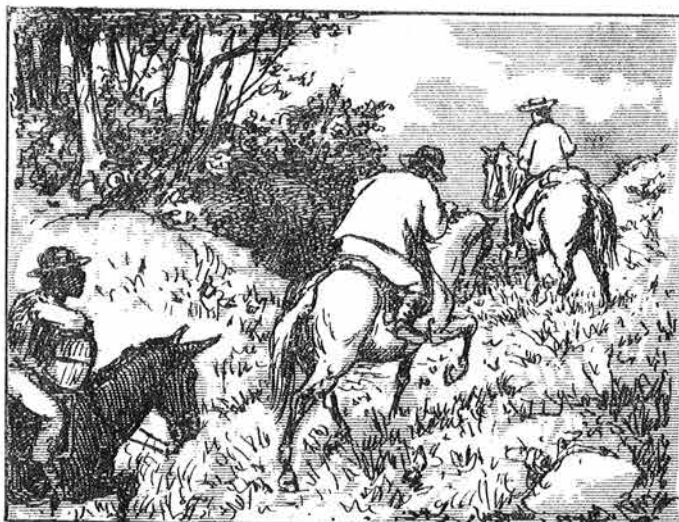


Depois foi uma campanha para o tabelião trepar no lombo do cavalo. O homem estava todo trêmulo, sem força nas pernas, e o seu peso fez com que o Joaquim suasse o topete.  
- Arriba, Nhônhô! Arriba! Upa! gemia o pobre preto.

Por fim, puseram-se a caminho e daí a pouco, sobre um ponto alto, avistaram a fazenda, ao longe.  
- Ora, graças!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

Capítulo LXIV  
Por montes e vales

O tabelião que criara alma nova quando enxergou a fazenda começou a desanimar quando entraram a subir uma montanha que nunca mais acabava...



Daí a pouco tiveram de descer.

– Ora, sebo! exclamava o honrado homem! Escapei da cobra mas não escapei de rolar por aqui abaixo! Nunca mais!



Vendo aquela atrapalhão, o pajem deixou o seu burro e veio segurar no cavalo do tabelião, para que o pobre homem não desanimasse...



Por fim chegaram a um ponto, de onde avistaram a casa da fazenda já muito perto.

– Ora graças, seu Zé! Pensei que ainda tínhamos de gramar algumas léguas de beixo...



Apenas desceram a montanha, subiram ao ar centenas de foguetes e quatro cavaleiros em disparada vieram saudá-los. Zé Caipora corria aos vivas, mas o tabelião, meio enfiado, ainda não havia recobrado o sangue-frio e tomou o fato como investida de selvagens a saudar uma caçada de gente para a fogueira...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

Capítulo LXV  
A festa na fazenda

Penetraram no terreiro da fazenda. O gordo tabelião criou alma nova quando viu o seu colega.  
 – Ora, graças que encontro uma cara conhecida e civilizada pelo ramerrão das escrituras...  
 Zé Caipora distribuiu abraços, a torto e a direito, a começar por Inaiá, a quem estreitou muito comovido. D. Matilde, o Melo, o Alberto, as crianças e Cham-Kam, todos foram abraçados pelo nosso Zé.



Pouco tempo depois entraram no suculento jantar ao ar livre. Os patos, os perus e os leitões; os doces de todos os feitios e os vinhos foram atacados com alma e apetite. Ao *champagne* Zé Caipora fez o brinde aos donos da casa, terminando entusiasmado:

– Saúdo, enfim, a Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> D. Matilde, pela bondade de seu coração, grande, imenso, como esta natureza que nos rodeia!

As últimas palavras do orador tiveram um coro de – *muito bem, muito bem* – no qual tomaram parte as pretas velhas e moleques que, como a natureza, rodeavam os convivas.



Findo o jantar, armou-se um baile, dançando-se a valer.

Inaiá, que aprendera a valsar quando esteve com os colonos, fazia brilhaturas de elegância com Zé Caipora.

Em compensação, pouco habituado a dançatas, o gordo tabelião do Rio deu tamanha barrigada no tabelião da roça que os dois caíram, arrastando na queda as senhoras com quem dançavam e que ficaram furiosas da vida pela gargalhada geral que o tombo provocou. Uma pândega!

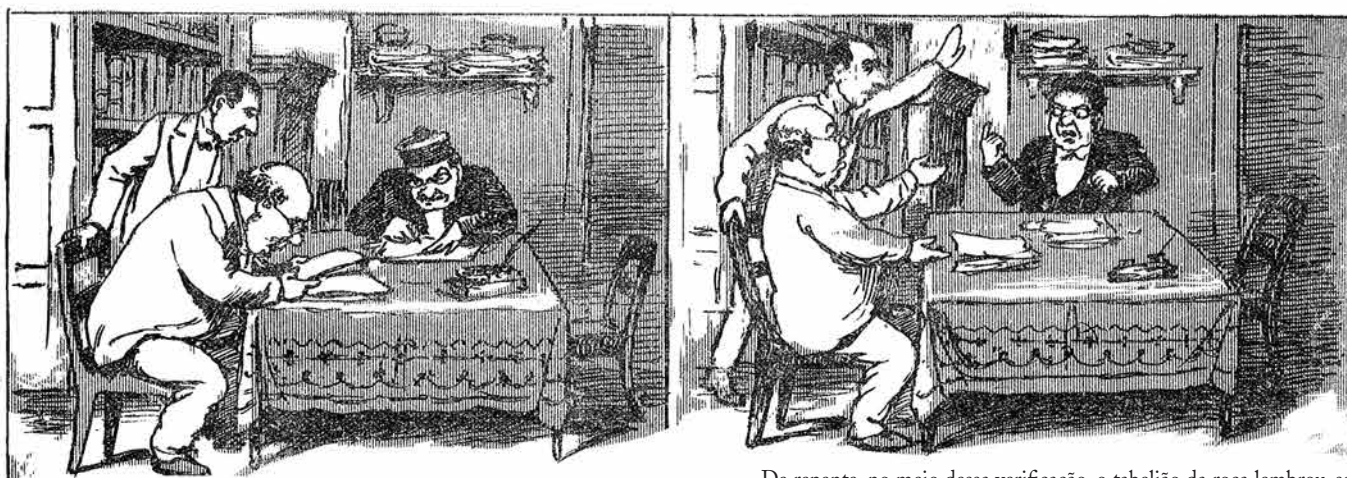


## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

Capítulo LXVI  
Os dois tabeliães

No dia seguinte, os hóspedes foram muito cumprimentados.  
 – Como passou a noite? perguntou o Melo ao tabelião.  
 – Oh! muito bem! Nunca na minha vida de homem sério me deitei tão cansado. Foi um sono só.

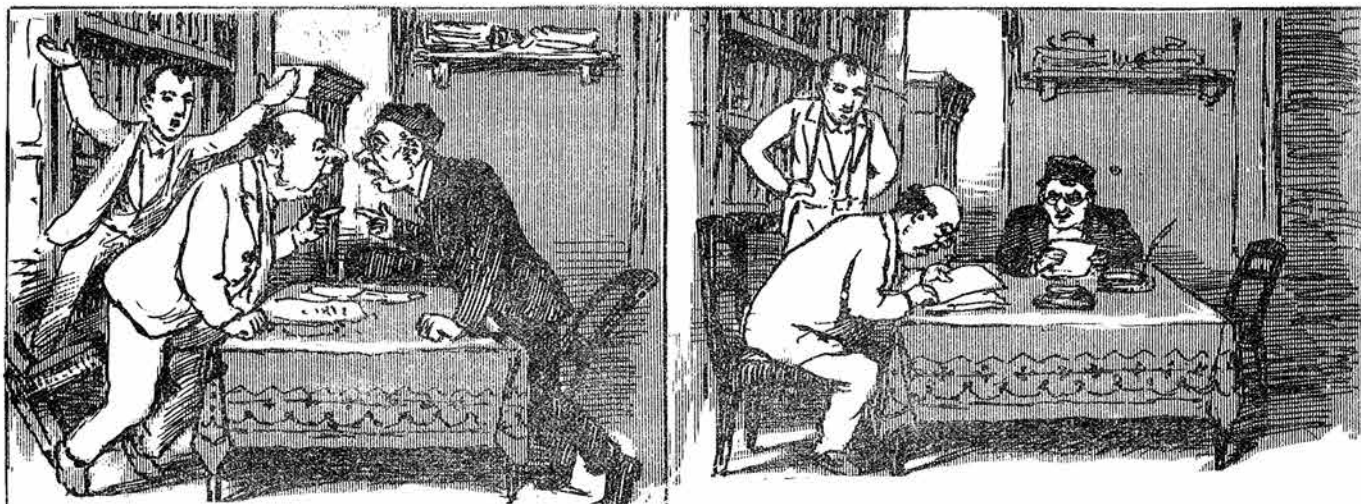
Zé Caipora, ao saber que Inaiá dava lições a Cham-Kam, disse para o índio:  
 – Ainda hás de ser meu guarda-livros.  
 D. Matilde confessou que estava contentíssima com os dois.



Mas era preciso agir no grande negócio.  
 Zé e o tabelião foram ao cartório do notário da roça, e pelos documentos examinados verificaram que o nosso herói era de fato o herdeiro de uma grande fortuna.

De repente, no meio dessa verificação, o tabelião da roça lembrou-se da barrigada que levava do seu colega do Rio, e atirou-lhe uma indireta, que foi repelida no mesmo tom de azedume.

Zé viu o perigo da coisa e interveio:  
 – Ora, meus amigos, acabem com isso!



– Fique sabendo que o senhor é um brutamontes!  
 – E o senhor é um pedaço d'asno!  
 – Asno é ele, seu atrevido! Pensa que por ser do Rio é melhor do que sapo? Está enganado!  
 – Adeus, adeus! disse aflito o Zé Caipora. Se os senhores continuam assim, eu não pago o serviço!

Diante desta ameaça, os dois tabeliães voltaram a mergulhar o nariz na papelada, não sem, de vez em quando, se descomprearem em voz baixa, ouvindo-se frases como estas: – Peste do diabo! – Tabelião burro! – Esfrego-te essa focinheira!

Zé Caipora dizia lá consigo: E esta! Não é que estes dois tipos, que eu julgava homens sérios, são dois cafajestes de arrelia?...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

Capítulo LXVII  
Outra carta

Concluído o exame em que ficou provado que o Zé Caipora era o herdeiro da grande fortuna do tio, os dois tabeliães despediram-se:

- Está muito zangado comigo?
- Homem... nem por isso! A coisa rendeu...
- Então, venha de lá um abraço!
- Ainda bem que não são cafajestes, como eu pensava, concluiu o Zé.



Daí a três dias o tabelião do Rio saiu da fazenda, acompanhado do preto Joaquim. Toda a família do fazendeiro e o Zé foram despedir-se do excelente homem, cuja gordura produzira tanta hilaridade.

E acenavam com lenços e chapéus para o tabelião, que mal se podia voltar para agradecer.



- Sim senhor, refletiu o Zé quando ficou só. Estou metido numa cobreira onça! Sou um homem riquíssimo, graças à bondade do meu pobre tio... Por sinal que o seu cadáver está no mato, muito mal-enterrado. Preciso ir buscá-lo ou dar-lhe uma sepultura digna.



Foi consultar o fazendeiro:

- Não acha, Sr. Melo, que o meu primeiro dever é fazer um mausoléu para meu tio?

- Muito bem! Nem eu esperava outra coisa da sua parte. Quanto antes deve pagar essa dívida de gratidão.



Zé foi logo comunicar a idéia a toda gente, idéia que mereceu geral aprovação.

- Mas, onde está seu tio enterrado? perguntaram.

- Só eu o sei. Estava sozinho quando o encontrei morto pelos selvagens. Inaiá e Cham-Kam estavam presos pelos índios; nada viram. Mas não tem dúvida: eu descobrirei o lugar onde estão os restos do meu querido tio. E vou já meter mãos à obra.



Nisto, aparece o homem do correio que trazia cartas e jornais para o fazendeiro. Antes, porém, de fazer essa entrega, o estafeta havia dado uma carta a Zé Caipora, que imediatamente a abriu. Era de Memê, a noiva.

- Oh! que será isto? Deixa-me ler bem: "Venha quanto antes para evitar uma desgraça".

- Por essa é que eu não esperava!... Mas que desgraça será essa!



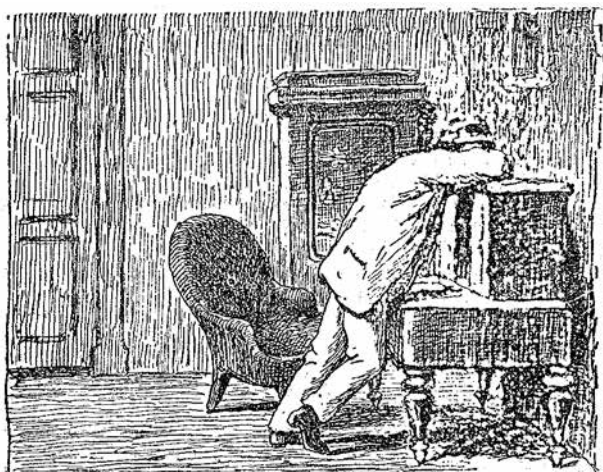
## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

Capítulo LXVIII  
Em casa do Barão - O motivo da carta

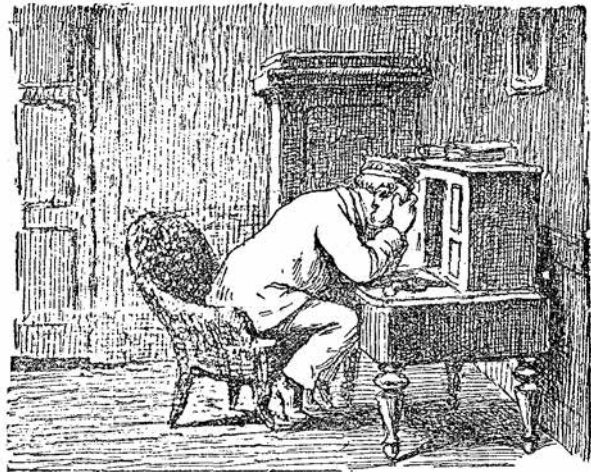
- As coisas vão muito mal, minha filha. Teu pai anda muito triste e não sabe o que há de fazer para pagar o que deve.  
- Eu bem vejo isso, mamãe... foi uma desgraça papai ter se fiado nos conselhos de meu primo... O tal jogo da bolsa...  
- É exato! Que dinheirão perdido nessa papelada que não vale um vintém! Que desgraça minha filha!



O barão, no seu gabinete de trabalho, passeava de um lado para o outro, numa agitação tremenda. Por mais que pensasse não via meio de solver os seus compromissos, de pagar... o que não devia!...  
- Sim... sim... em consciência não devo nada! Mas tenho o meu nome comprometido... a minha honra... Impossível pagar tudo em tão pouco tempo... Impossível.



E o pobre barão atirou-se, soluçando, sobre a sua secretária.  
- E dizer-se que o patife que me embrulhou queria casar com minha filha! Bandido! Desonrou um homem de bem e ainda queria desonrar a meu lar doméstico.



Mais calmo, o barão pôde medir toda a extensão do seu infortúnio, e como único meio de resolver tudo, pensou no suicídio.

- Sim... antes morto que enovelhado e talvez posto a ferros na Correção!

E, entre lágrimas, o infeliz barão escreveu uma carta para o chefe de polícia e outra para sua mulher e sua filha. Feito isso, caiu em profunda meditação.



Súbito, agarrou o revólver para dispará-lo no ouvido. Nesse instante, porém, a porta do gabinete abriu-se, e um grito de Memê ressoou pela casa:

- Meu pai! Meu pai!



Memê correu para o pobre barão, e segurou-lhe no braço. Aos gritos da filha, acudiu a baronesa, e ambas, a uma voz, movidas pelo mesmo sentimento, exclamaram:

- Mas que é isto! Com um revólver na mão?!...



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

Capítulo LXIX  
Não há tempo a perder

João, o criado do Zé Caipora, ocupava-se com a limpeza da casa, quando ouviu:

- Dá licença?
- Pode entrar! respondeu ele.



E ao dar com a criada de Memê:

- Uê!! Você por aqui? Temos turumbamba...
- Não sei, não! Mande entregar já esta carta a seu patrão!
- E raspou-se.



Como já vimos, Zé recebeu a carta. Pediu o melhor cavalo ao fazendeiro Melo e voou para a estação da estrada de ferro, a fim de tomar o trem.



Chegado que foi, dirigiu-se apressadamente para sua casa, onde entrou, com grande espanto de João que não contava com isso tão cedo.



Zé pediu o papel e tinta e escreveu:  
"Memê:

*Acabo de chegar aqui. Estou pronto para tudo que for preciso e principalmente para evitar desgraças. Diga o que há e conte comigo."*



Fechou a carta, deu-a ao João, dizendo-lhe:

- Entregue esta carta em mão. É para D. Amélia. Ouça bem o que ela disser para me repetir tintim por tintim!
- Sim, senhô!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

Capítulo LXX  
O cheque

Em três tempos o criado do Zé Caipora chegou à casa do barão e fez-se conduzir à presença da filha: - Tá qui, nhá-nhá! É uma carta do patrão...  
- Deixe-me ver! Estava afrita por ela.



E Amélia leu-a toda de um fôlego, ficando muito satisfeita.  
- Bem, João. Diga ao Sr. Zé que venha já aqui. Eu o espero para conversarmos sobre negócio urgente.



Zé, muito nervoso, tinha saído de sua casa e caminhara até perto da residência da sua querida Memê. Avistando o João chamou-o, soube do que se passara e tratou de acudir ao convite. Ao ver Memê, sentiu-se comovido e, no aperto de mão, ela lhe disse:

- Contava contigo, porque sei o coração que tens.



A moça contou tudo ao Zé Caipora, e ao concluir a narração da tentativa de suicídio do barão, acrescentou:

- Meu pai deve 70 contos que tem de pagar depois de amanhã. Fora o resto...

- E é só por isso que você está acabrunhada?

- Pois acha pouco? Papai está sem nada...



Zé levantou-se, tirou do bolso um talão de cheques e assinou um de cem contos de réis.

Memê, estupefata, quase desmaiou de alegria, ao ver esse ato do nosso grande herói.



- Bem, não há tempo a perder! Vou prevenir a homens do banco de que terão de pagar amanhã estes cem contos... que eu devo ao barão...

- Como assim?! Interpelou Memê.

- Isto é para não desconfiarem da verdadeira situação...

- Oh! meu querido José! Como és bom! Como tens um coração nobre!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

Capítulo LXXI  
A nobreza do Zé

O barão e a baronesa voltaram afinal da excursão financeira que haviam feito. Vinham profundamente acabrunhados. Por três casas que lhes haviam custado cento e tantos contos apenas tiveram a oferta de trinta e oito! Que horror!



– Não temos remédio senão vender também esta, disse o barão. E, mesmo assim não teremos o dinheiro de que precisamos.

Memê entrava nessa ocasião.

A baronesa dirigiu-se logo a sua filha:

– Sabes, menina? Temos de deixar esta casa!



– Que é que está dizendo, mamãe? Não, não é possível! Isso seria pior do que a morte! E por quê? Por causa da dívida? Aqui está: papai, tem aqui o dinheiro!

E apresentou o *cheque*.



– Quê?! exclamou o barão. Uma letra de cem contos assinada pelo Zé?! Por um moço que eu expulsei de minha casa?! Não posso, não quero valer-me desse auxílio!... Além disso, a gente do banco espalhará que eu paguei o que devo com o dinheiro alheio.



E continuou:

– Não, não quero! Um cheque do Zé!... Agradeço muito. Entreguem-lhe esse papel ou rasguem-no! E não digam nada a ninguém!



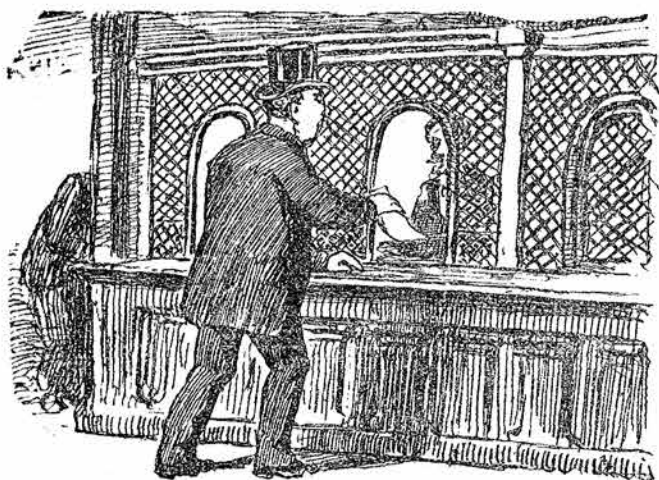
– Calma, papai! O Sr. José foi dizer ao banco que devia cem contos a papai!...

– Deveras, Memê? Ele praticou essa nobre ação? Então... estou salvo! E Memê entregou de novo a seu pai o *cheque* do Zé.



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

### Capítulo LXXII Zé rejubila-se



Tendo, enfim, aceitado o cheque das mãos de sua filha, o barão foi no dia seguinte apresentá-lo ao banco.

Os homens estavam prevenidos pelo Zé, aceitaram e pagaram imediatamente os 100 contos.

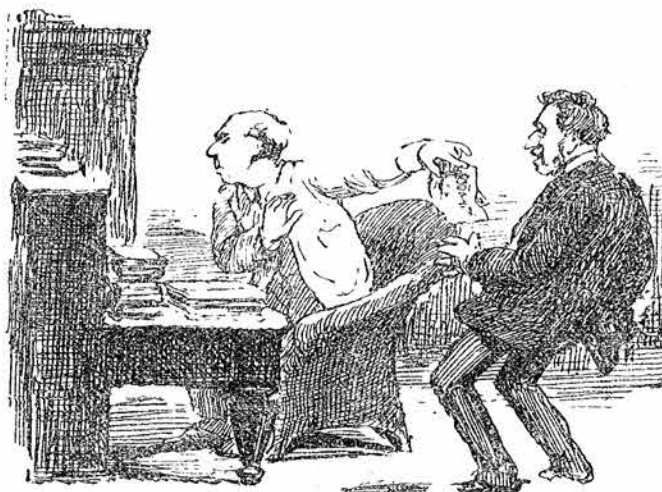


De posse da grossa bolada, o barão saiu do banco e dirigiu-se para o carro em que tinha vindo e a cuja portinhola se perfilava respeitosamente um contínuo. Parecia-lhe um senhor!



No dia seguinte apareceram os terríveis credores:

- Então já recebeu a sua letra?
- Felizmente! O barão está endinheirado: pacotes e mais pacotes de contos de réis! Entretanto, diziam que...
- Histórias! O barão é rico, riquíssimo!



Chegou a vez de pagar as despesas do casamento gorado:

- Quanto é? perguntou o barão.
- Homem: o total da conta é um conto e duzentos... Pode verificar.
- Pois tome! Leve o dinheiro e a conta... Não quero vê-la mais! Arre!



Pagando tudo quanto devia, o barão criou alma nova. Vestiu-se corretamente e foi à casa do Zé, para agradecer-lhe e passar-lhe um documento.

- Sinhô Zuzé não tá, não sinhô; tomou o trem logo de manhã, cedito.



Efetivamente Zé Caipora resolvera dar um giro. Estava radiante de satisfação por ter salvo o pai da sua querida Memê. E dizia consigo:

- Que diferença entre mim e o teu primo Juca que foi para a Europa esbodegar o cobre...!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

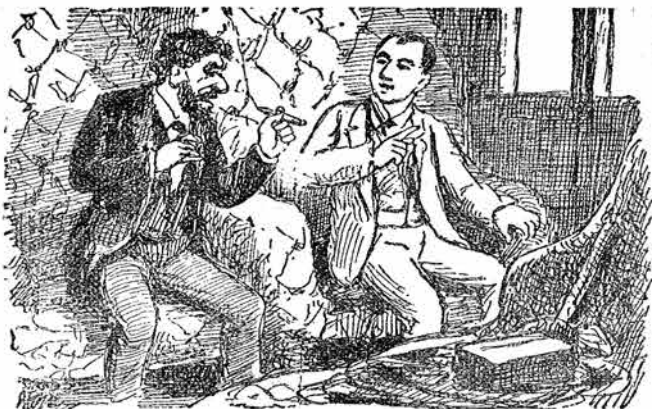
Capítulo LXXIII  
Onde está o homem está o perigo

Refestelado na poltrona do vagão que o havia de levar à fazenda do Melo, Zé entregava-se a felizes cogitações. Pensava no seu casamento com a filha do barão, por ele socorrido.

— No mesmo dia, concluiu, Inaiá e Cham-Kam deverão casar-se também e ficarão comigo...



Ao chegar o trem a uma estação entrou um senhor com cara de poucos amigos. Zé saudou-o amavelmente, mas teve um mau pressentimento.



O sujeito sentou-se a seu lado e puxou um grande charuto.

— Fuma? Perguntou ele ao Zé. E tendo uma resposta negativa, acrescentou:

— Mas consente que eu fume?

— Pois não! À vontade!...



— Vai para muito longe? Continuou o tipo.

Zé disse-lhe para onde ia. O sujeito pareceu ficar contente.

— Nesse caso podemos jogar uma partida de bisca.

— Jogo? Nem me fale nisso: tenho-lhe horror!

O tipo ergueu-se e Zé fez o mesmo.



— Homem?! Então eu sou um homem horroroso!

— Perdão, eu não disse tal.

— Disse, disse, disse! O senhor é um insolente!

— E o senhor é um bandido que me quer arrastar à vermelhinha!



E atacam-se à unha, numa luta feroz! O tipo mal-encarado era valente, mas Zé Caipora, mais ágil, pôde enfim subjugar-lo.

Estava já todo roto, como o seu agressor, e procurava defender-se da sua fúria, quando o trem, parando na estação, permitiu que o chefe e outros empregados ouvissem o barulho e viessem acudir...



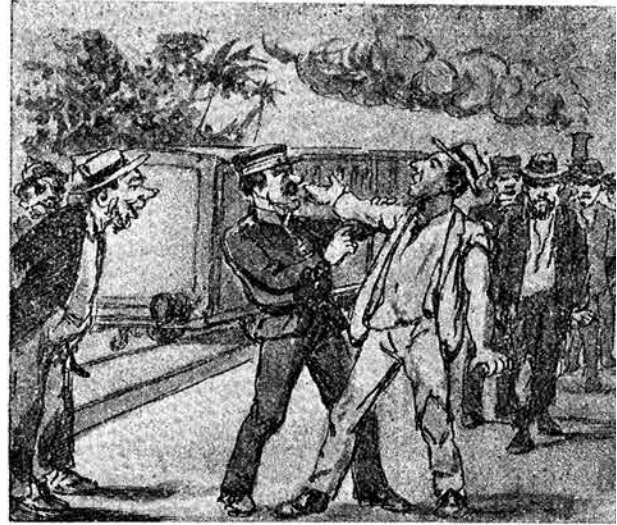
## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

### Capítulo LXXIV Zé no calabouço



O Zé: – Mas eu não fiz mal a ninguém, não cometi crime algum! Este sujeito ficou furioso só porque eu não quis jogar com ele. Insultou-me, eu reagi, atacamo-nos.

O chefe da estação: – Não duvido de nada disso, mas não posso resolver o caso. O senhor tem de acompanhar o guarda e expor o caso ao delegado de polícia.



O Zé: – Então eu vou preso! Sou agredido e ainda por cima vou preso e perco o trem! Isto é uma pouca vergonha!

E o Zé Povinho ainda achava graça na situação do pobre Zé e ria-se dele.

Mas não houve remédio. O Zé teve de seguir para a delegacia.



O Soldado: – Olhe seu sargento, esse homem é levado dos diabos. Fez um barulho danado no trem. O Dr. delegado está aí?

O Sargento: – Não, foi a um batizado.

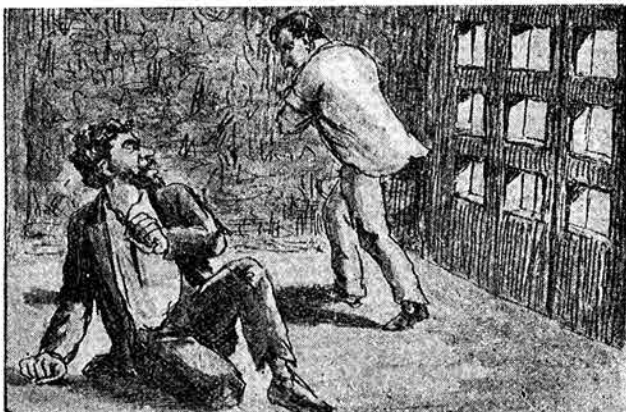
O Soldado: – Então que se há de fazer do preso?

O Sargento: – Meta-o no xadrez.



E lá foi o Zé trancafiado. Para cúmulo do caiporismo, o outro sujeito, que também fora preso, foi metido no mesmo xadrez.

O Zé: – Bonito! Ainda por cima trazem para cá aquele bandido.



E os receios do Zé não eram vãos. O sujeito, ainda furioso, voltou a insultar o Zé, que depois de muito se conter...



... teve um ímpeto de raiva e atracou-se de novo com o seu adversário. Houve ali uma pancadaria de criar bicho!



## AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA Capítulo LXXV Zé acusado de um grande crime



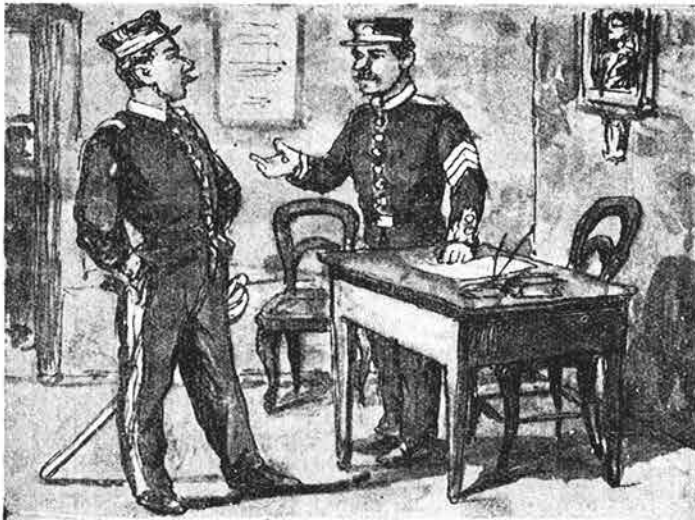
Foi tal o barulho da luta que os guardas acudiram espantados e seguraram os lutadores.

- Larguem-me! Larguem-me! dizia Zé Caipora; quero reduzir aquele traste a uma...
- Fique manso, moço! O xadrez não é lugar de brigas...



E como o Zé não se acomodasse, atiraram com ele no fundo de uma solitária!

- Esta é muito boa! Eu viajava tão contente e sossegado, para a fazenda do Melo... E eis-me aqui atirado como um grande criminoso!



Que há de novo? perguntou o alferes da estação.

- O diabo! dois tipos que brigaram dentro do trem e que, presos e postos no xadrez, tornaram a brigar furiosamente!
- Traziam bagagem?



À resposta afirmativa, o alferes mandou abrir uma bolsa. O guarda abriu e deu com um pacote de dinheiro.

- Esta nota é falsa! exclamou o alferes. E ordenou logo:
- Tragam os presos à minha presença.



Chegou primeiro o sujeito que provocara o Zé Caipora.

- Este dinheiro é seu? perguntou o alferes, mostrando-lhe uma nota de 50\$000.
- Não, senhor! Eu apenas tinha 15\$000... Sou um homem honesto; não quero o que é dos outros...



Em seguida chegou o Zé muito envergonhado de se ver daquela maneira. O alferes mediu-o de alto a baixo e disse:

- Parece incrível que sendo tão moço já seja um moedeiro falso!
- E o pobre do Zé, dizendo lá consigo - estou perdido -, aproximou-se da mesa.



## GLOSSÁRIO

Devido ao desuso de várias palavras e expressões, inclusive em francês, existentes no texto, providenciou-se esse pequeno glossário.

**À fresca** – em trajes leves.

**Ajaezado** – enfeitado, adornado.

**A matar** – condizendo, combinando.

**Aparte** – (teatro) aquilo que o ator diz em cena como se fosse unicamente para si.

**Arrelia** – zanga, quizila.

**Bizarre** – (francês) bizarro, estranho, no caso expressão de surpresa.

**Chalaça** – gracejo de mau gosto ou insolente, caçoada, zombaria.

**Cinegética** – arte da caça, relativo a caça.

**Carcamano** – no Sul, alcunha jocosa que se dá aos italianos.

**Circunstante** – que está à volta, pessoa que está presente.

**Conto** – dez vezes cem mil-réis.

**Cordial** – bebida ou medicamento que fortalece e conforta.

**Correspondente** – pessoa que trata de negócios de outro fora da terra deste.

**De alcatéia** – à espera.

**Debicar** – zombar, escarnear.

**Deveras** – realmente, muito, de fato.

**Dr. Semana** – personagem de Henrique Fleiuss, jornalista e caricaturista, publicado na capa da *Semana Ilustrada*, revista de sua propriedade. Fleiuss teve várias contendas jornalísticas com Agostini.

**Encalistração** – vergonha, vexame.



**Encavacar** – dar cavaco, amuar-se, embaraçar-se, envergonhar-se.

**Encordoar** – zangar-se, amuar-se, encavacar-se.

**Encabular** – encafifar, encavacar, envergonhar-se.

**Escamada** – irritada, zangada, amuada.

**Espórtula** – gratificação pecuniária, gorjeta.

**Estopada** – coisa enfadonha, maçada.

**Estadão** – pompa, luxo, fausto, magnificência.

**Faisandê** – diz-se de carne de caça que se deixa chegar ao começo da decomposição.

**Flaneur** – transeunte distraído, pessoa que passeia.

**Fósforo** – usado para designar o eleitor sem importância.

**Mona** – bebedeira.

**Munsiú** – corruptela de *monsieur*, “senhor”, em francês.

**Não estar pelos autos** – não concordar.

**Negro de ganho** – escravo que trabalhava em ofício ou no comércio e sustentava o dono.

**Obus** – granada de canhão.

**Page** – corruptela de *pagen*, pagem em francês.

**Pero** – designação dada pelos índios aos portugueses nos tempos colonias.

**Pensar** – tratar convenientemente, fazer curativo.

**Pôr-se ao fresco** – fugir.

**Pudibunda** – que tem ou revela pudor; casta; recatada; pudica.

**Réis** – padrão monetário do tempo do Império.

**Resolver** – decidir, no caso convencer.

**Ratão** – indivíduo excêntrico, extravagante.

**Ruçó** – pêlo de cor castanho claro.

**Sobrevir** – vir em seguida ou depois.



**Sor** – corruptela de senhor.

**Tableau** – interjeição francesa usada após o relato de um incidente, no sentido de: imagine(m) a cena .

**Tomo** – parte.

**Tornas** – voltas.

**Turumbamba** – briga, conflito, desordem, rolo.

**Urbano** – policial.

**Vermelhinha** – espécie de jogo.

**Inspetor** – na época, a cidade, era dividida por quarteirões subordinados a um inspetor, para fins de policiamento.

**X.P.T.O** – Cristo. Esta abreviatura medieval serve, hoje, para designar coisa ou qualidade excelente, magnífica.

**Zangão** – operador não credenciado da bolsa de valores.



# FONTES E BIBLIOGRAFIA

## 1. Fontes Primárias

### 1.1 Periódicos

“O CABRIÃO” – São Paulo, 1866 –1867

“DON QUIXOTE” – Rio de Janeiro, jun .1901 a jan. 1903

LE COLLECTIONNEUR DE BANDES DESSINÉE – Hors Série – **Les Origines de la Bande Dessinée** – Paris: Association de la Revue le Collectionneur de Bandes Dessinée, 1996.

“O MALHO” – Rio de Janeiro, out. 1905 a dez. 1907

“REVISTA ILUSTRADA” – Rio de Janeiro, jun. 1882 a dez. 1888

“VIDA FLUMINENSE” – Rio de Janeiro, jan. 1868 a out. 1872

## 2. Bibliografia

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura no Brasil**. São Paulo: Martins, 1971.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo: Itatiaia, 1983.

HARVEY, Robert C. **The Art of Funnies. An Aesthetic History**. Jackson: University Press of Mississippi, 1994.

KANE, Brian M. **Hal Foster. Prince of Illustrators, Father of the Adventure Strip**.

New Jersey: Vanguard Productions, 2001



KUNZLE, David. **The Comic Strip. The Nineteenth Century.** California: University California Press, 1990.

LIMA, Herman. **História da Caricatura Brasileira.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963.

LOBATO, Monteiro. **Idéias de Jeca Tatu.** São Paulo: Brasiliense, 1959.

MARNY, Jacques. **Sociologia das Histórias aos Quadrinhos.** Barcelos: Editora do Minho, 1970.

SCHWARTZ, Roberto. **Que Horas São?** São Paulo: Companhia de Letras, 1967.

SODRÉ, Muniz. **Teoria da Literatura de Massa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.





*Professor Athos Eichler Cardoso com o troféu HQ MIX 202*

### **Athos Eichler Cardoso**

O autor do ensaio e organizador deste álbum é natural de Santa Maria – RS e radicou-se em Brasília, onde morou pela primeira vez em 1962. Tem 67 anos, é casado e pai de dois filhos. Pesquisador de Literatura de Massa, História e Cultura Brasileira. Doutor em Aplicações, Planejamento e Estudos Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – RJ e Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília – DF.

Recebeu o prêmio Melhor Roteiro Cinematográfico na I Amostra Internacional de Filme Super 8 em Curitiba, 1974, e o Trófeu Candango de Literatura, categoria ensaio, no concurso de melhores livros de autores brasileiros de 1987.

É membro do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF, Sindicato dos Escritores do DF e sócio da Intercom, São Paulo-SP.



*As Aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora* – os primeiros quadrinhos brasileiros (1869-1883), de Angelo Agostini, com pesquisa, organização e introdução de Athos Eichler Cardoso -- foi composto em Garamond, corpos 8, 9 e 13, e impresso em papel *cuchê* fosco 120 g/m<sup>2</sup>, nas oficinas da Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAE, em Brasília. Acabou-se de imprimir em julho de 2013, de acordo com o programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.









*Angelo Agostini*

Ângelo Agostini (1843-1910), jornalista e caricaturista ítalo-brasileiro, passou a história como um campeão dos direitos humanos e da cidadania. Foi um dos maiores defensores da Abolição e as caricaturas com que atacou os escravagistas são antológicas. O lado lúdico desse desenhista e narrador genial deixou para o mundo duas narrativas de quadrinhos, *As Aventuras de Nho-Quim* e *As Aventuras de Zé Caipora* que não é uma história comum. Com ela, entre 1883 e 1906, Agostini revolucionou de maneira extraordinária a apresentação gráfica e a temática do gênero criando herói e heroína com traços acadêmicos mergulhados em narrativa dramática de aventura.

*Zé Caipora* antecipou-se quase meio século ao *Tarzan* de Hal Foster e *Inaiá*, a índia brasileira de seios nus, surgiu mais de setenta anos antes da erótica *Barbarella* de Jean Claude Forest.

O enquadramento e o roteiro da narrativa em *Zé Caipora* utilizaram técnicas cinematográficas bem antes da 7ª arte ser projetada em Paris. Além do uso de bucólicos panoramas, planos gerais e médios, ele utilizou um antológico plano de detalhe. Há na história pelo menos uma dúzia de excelentes mudanças de angulação de ponto de vista e na narrativa são identificadas ações paralelas e retornos. Outra especialidade do autor é a criação sistemática de suspense ao final de cada capítulo.

Credite-se, ainda a Agostini, a publicação do primeiro álbum de histórias em quadrinhos no final dos anos 80 do século XIX.

*Zé Caipora* e *Nhô-Quim*, sem influência estrangeira são heróis brasileiros em estado puro. Nesta época de globalização, quando nossos artistas desenhavam para os sindicatos americanos de quadrinhos, todos precisam conhecê-los.

